

n

332

3

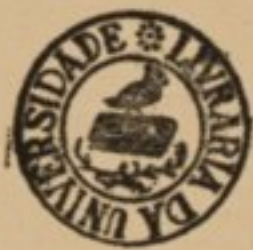
6

28

Memorias

Diario ao correr da pena:

Vol. . . .



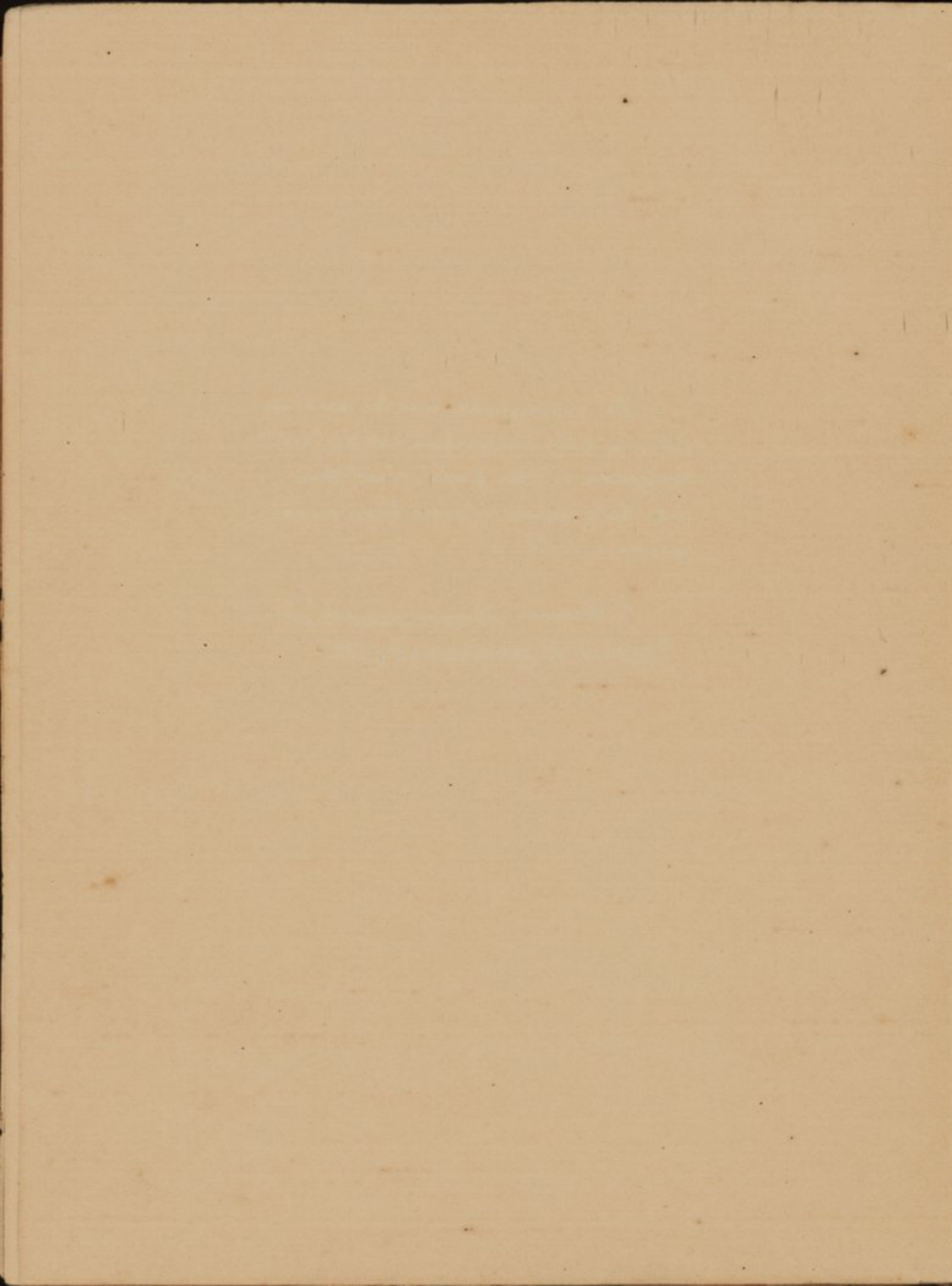
1891

~ 1928-1932 ~

7

« S'imaginer que les menus
détails sur sa propre vie valent
la peine d'être fixés, c'est don-
ner la preuve d'une bien mes-
quine vanité. »

E. Renan: Souvenirs d'en-
fance et de jeunesse, pag. III.



- 1928 -

Aleil : 23.

Procurei hoje o juiz Gilberto de Arapão, do juízo criminal, a quem expuz os casos que se têm dado com o Antonio Vianna e a necessidade de uma intervenção da Justiça.

Ele disse-me que sim, que tudo o que expuz poderia ser base dum processo e animou-me a prosseguir.

Aleil : 25.

Encontrei hoje o Tomás da Fonseca que me disse que o advogado Humberto de Araújo me queria procurar para falar ácerca do Ant.º Vianna. Vi logo que a me.ª visita de ante-ontem deu o "alerta"; o inspector Eurico de Campos viu-me, preveniu o Vianna — e daí a intervenção do advogado.

Talpei-me com o Tomás porque este, ingénuo como é, meteu-me mêdo com o Gonçalves, com as complicações que para este visiam de qualquer procedimento, etc. etc.

Mais: 10.

Fui hoje abordado pelo advogado Humberto de Araújo. Mostrou-me como o estado com a situação do Antonio Viana e disse-me que este o constituiria advogado.

Perguntei-lhe se ele tinha algum processo pendente...

— Eu não (respondeu); mas enfim... para resolver a situação... como amigo...

É cheguei a oferecer a demissão do lugar para se acabar com a má situação criada. Eu achei bem que o homem pedisse a demissão e disse-lhe essa atitude poderia resolver o problema; e disse-me mais que advogaria no Conselho a suspensão de qualquer procedimento etc. etc. Expus-lhe o que havia sobre o assunto com as cautelas devidas, pois falava com advogado.

Mais: 18.

Tive conversa com o advogado Humberto de Araújo.

Palavras amáveis de parte a parte mas nada se adiantou.

Julho : 18.

O Antonio Augusto Gonçalves recebeu ante-ontem uma carta anonima muito curiosa que me deixou copiar e que vai adiante, no fim do volume.

Varias hipoteses se fizeram acerca do autor. A maioria vai para o advogado do Humberto de Araújo; mas é possível que seja tambem do Paul Miranda. Para mim, é a hipotesis mais provavel.

Agosto : 12.

Finalmente, fui entregar a participação ao Dr. Gilberto de Bessa Araújo.

Fui a casa dele para que, na policia, não me vissem e fossem prevenir o Antonio Viana.

O juiz pediu algumas ligeiras alterações por causa de formalidades burocraticas e, neste caso, necessarias porq. os advogados servem-se de tudo para fazer chicana.

A participação foi em papel selado com o selo do Conselho de Arte e Arqueologia; e é bom aqui notar que esta resolução foi tomada por mim sem o conhecimento do Conselho.

Quando reletter a bomba é que eu direi, em pessoa, de minha justiça — e estou convencido de que não agrada-rá o meu procedimento.

A participação vai adiante, no fim do volume, como documento.

Agosto : 31.

A igreja de S. Bento parece que sempre vai a terra.

Mais uma destruição inútil que ficará á conta da ^{ma} Pol. Política.

Resumindo :

Em meados de julho ultimo veio a Coimbra o professor Duarte Pacheco, ministro da Instrução que visitou, muito naturalmente, o Liceu José Falcão.

Nesta visita foi acompanhado pelo illustre Dias Pereira, seu antigo professor, que sempre surge quando ha gente grãda a quem fazer zumbaios. Ao entrarem na desmantelada igreja de S. Bento o Dias Pereira insinuou que aquilo deveria ir abaixo, que estava o desenvolvimento do Liceu, o acabamento da sua frontaria, etc. etc. e acrescentou que só catarrices de argues topos é que tem o estado á demolição. Ora o ministro parece que percebe qualquer coisa de arte

e com este lamiré do cicerone, olhou com atenção a abobada, considerou um pouco e disse:

— Mas isto é muito bom! Isto não pode ir abaixo!

Flores com certo espanto e certo desajon-
taamento nos circunstantes interessados;
mas o Dias Pereira distancou e lá conse-
guiu dizer que o melhor seria mandar es-
tudar o assunto por gente competente
para o caso ficar bem resolvido; e quan-
do apauzou o ministro a ceder, pediu
da carteira e apresentou-lhe logo a co-
missão que poderia ser nomeada...

Como se vê, perfeito.

O ministro não teve cara para di-
zer que não e levou a nota dos nomes.

Em 25 do mesmo mês de julho pas-
sado, foi assinada a portaria que adean-
te deixarei arquivada e que veio pu-
blicada nos jornais tempo depois da
primeira reunião da comissão nomea-
da — a qual foi fixada para o dia 29 do
dito mês.

Como se vê, tudo á capuxa, á ma-
troca, mas dentro do plano.

Quando tive conhecimento do caso,
fiz uma nota officiosa para os jornais
da terra ao mesmo tempo que recebi

uma carta do secretario do Conselho, escrita de Tondela, pedindo orientação sobre o assunto, pois que sendo um dos vogais da comissão julgava que assim representava o Conselho. ⁽¹⁾

A nota officiosa era a seguinte:

« Igreja de S. Bento. — O Conselho de Arte e Arqueologia da 2.^a Circumscricão, dá conhecimento de que não foi ouvido nem teve a menor interperencia na escolha e nomeação de uma comissão que, ha dias se reuniu em Coimbra para decidir acerca da igreja de S. Bento. Os dois vogais que dela fizeram parte não representaram, por consequencia, o Conselho.

Inferna ainda o Conselho de que, a respeito da referida igreja já por nêses e por unanimidade, tem formulado o seu voto, bem claro, pela conservação da mesma. »

Mas o interessante é que os jornais não a publicaram porque a censura a cortou !...

Paralelamente, o Tomas da Fonseca levantava o alerta no jornal O Desper-

⁽¹⁾ A carta está na collecção.

Car, em 11 do corrente com um artigo
pequeno, muito curioso, cheio de ironia
fina e algum tanto cortante — mas que
mereceria a troca do illustre Dias Pereira.
E de facto este sr. respondeu na Gazeta
de Coimbra com uma noticia que parece
da redacção, em 14 tambem do corrente,
mas que eu sei ser da sua autoria.

Uma e outro ficaram arquivados, no
fim do volume á laia de documentos.⁽¹⁾

Tudo isto me revoltou.

E' claro que respondi logo á carta de
Ferreaz do Carv.º dizendo que o Conselho
nada tinha com o assunto e que fizesse
ele o que quizesse; e chamando o Tomás
da Fonseca convidai-o a ir comigo ao
Governo Civil protestar contra a má pu-
blicação da nota officiosa.

Isto foi combinado em 15, dia em q.
escrevi a seguinte carta ao José Antonio
Madeira, Tenente de Artilh.ª, Doutor em
matematica e secretario do ministro Pe-
checo.

« Meu caro Madeira:

« Desculpe a meação desta carta; é
"possivel que seja catunice, mas vai.

⁽¹⁾ A pag.º 387, e 388.

« Ha dias esteve aqui o sr. ministro
 " da Instrução (por sinal que reingereu de
 " importancia ao Conselho de Arte e Arqueos-
 " logia para lhe mandar qualquer comite
 " ou mesmo simples aviso) e visitou a
 " igreja de S. Bento .

« Dessa visita resultou uma portaria
 " que nomeou uma comissao em que apa-
 " rece o « secretario do Cons.º de Arte » ; da
 " portaria veio a reuniao da comissao ha
 " uns dias ; da reuniao saiu o parecer de
 " que a igreja e monumento de valor
 " mas que deve ir a terra ! ...

« Ora o que eu queria que o meu Am.º
 " poubesse era o seguinte :

« 1) A comissao foi arranjada pelo dr.
 " Dias Pereira que quer, ha muito, a igre-
 " ja demolida ;

« 2) A igreja e um monumento de
 " raro valor e não pode ser demolida só
 " com duas razoes ;

« 3) O Conselho de Arte e Arqueologia
 " e a Inspeccao dos Monumentos são as uni-
 " das entidades que tem opiniao sobre o
 " assunto e não foram ouvidas nem
 " achadas acerca do caso presente ;

« 4) O secretario do Conselho foi in-
 " cluido na portaria para impedir o publi-
 " co que assim ficaria com a impressao

"de que o Conselho o nomeou seu repre-
 "sentante — quando o representante natu-
 "ral é o presidente;

"« 5.º) A secção de Arqueologia de "O Pres
 "diário", a que se refere a nota officiosa da co-
 "missão é coisa que desapareceu há uns
 "vinte annos; e

"« 6.º) Tratando-se de monumento de
 "raro valor não foi chamado um archite-
 "cto . . .

"« O sr. ministro foi informado de tudo
 "isto? Sabe bem do que se trata? Não teria
 "sido iludido por informadores interessados
 "apenas em demolir a igreja?

"« Enfim, em tudo isto há tanta irregu-
 "laridade e tanta contradicção; tanto des-
 "respeito pelas memórias mais communi-
 "cadas que eu não posso acreditar que o
 "ministro saiba do que se trata e quero
 "crer que pormente fundamentou a sua
 "decisão na boa-fé de que o não enega-
 "riam. Estarei em supellido e comi-
 "go todo o Conselho a que presido?

"« Ora o meu Am.º, como está dentro
 "do Gabinete e como conhece a terra e os
 "seus homens, se procurará infer-
 "mar-se melhor p.º melhor informar o
 "seu ministro ou estado, sendo que é ca-
 "harrice de quem passa a vida com papéis

"bolorentos, rasgue a carta e não pense
" mais no caso ...

« E desculpe o que é, etc. etc. »

Em 16, anunciei-me ao Governo Civil como presidente do Conselho de Arte e Arqueologia, levando consigo o vice-presidente Tomás da Fonseca. Ambos recebidos optimamente pelo governador e voltou o major Sergio de Castro — lexija de vaidade que nem ao menos tem dentro.

Depois dos cumprimentos da praxe fez-me a questão ruia e crua:

— O Cons.º de Arte e Arqueologia está impossibilitado de publicar notas officias?

Ele disse que ia averiguar. Foi lá dentro. Voltou pouco depois com um sorriso nos labios e disse que a ultima nota officiosa não fora publicada, segundo inferuáram os officiais da censura, porque o dr. Dias Pereira lhes pedira para a não deixarem publicar por conter materia anti-ditatorial!...

Eu fiquei a olhar com pouco para ele; quasi não acreditei; mas depois, re-
verentemente, com grande regozijo do Tomás da Fonseca, disse para o Sergio de Castro que, verdade, verdade, enviou

impassível se tem que recessos, certamente, de alguma das minhas:

— Sr. Governador civil: antes de 28 de Maio, quando alguns camaradas nossos (e entre eles U. L. e. a.) me procuravam para me aliciarem para o movimento "regenerador" que preparavam, um dos muitos citados casos mais nefastos para o País e que era necessario escovar duma vez para sempre, era precisamente o dr. Dias Pereira. Suasi á volta do seu nome se fazia a propaganda do movimento salvador. Ora como é q. agora esse senhor tem o arrojo de dar adeus á censura e U. L. e. a fragueira de as tolerar?

O Sergio de Castro como o caso era novo para ele, sentiu-se atrapalhado e titubou. Disse banalidades, que não sabia, que eu tinha razão e terminou por afirmar que a nota officiosa seria publicada.

Levamos-nos, despedimos-nos e mais nada!

O Tomás da Fonseca, na escada, esfregou as mãos, de satisfeito. E a nota officiosa lá foi publicada, mas para do tempo e seu dar o efeito que, na occasião, devia dar — e que seria justo e necessario que desse.

Nesse dia, na Gazeta de Coimbra, o Dias Pereira fez publicar, á pais de ar-
tizo de redacção, a noticia que quando no
fim do volume, para documentar este sin-
gular episodio da historia da arte em
Coimbra; por ela quiz encerrar a ques-
tão e dar explicações ao publico. Vê-se
bem como elle torce o assumto e como
pretende envolver o Conselho de Arte e
Arqueologia, não lhe ligando, ao mes-
mo tempo, nenhuma importancia. (")

A noticia mostra bem o seu autor
e estar convencido de que foi causada
pelo artigo que, na vespera, o Antonio
Augusto Goncalves publicou em O Des-
pertar (n.º de 15 do mes corrente) e que
é modelo de polemica e de ironia con-
tudente, como elle sabe escrever.

Fosse como fosse, o Dias Pereira quiz
encerrar o diz-tu-dizei-em; e na ver-
dade o caso ficou por aqui e até com cha-
me de ouro com a noticia que em 17 o
Seculo, de Lx.º publicou:

« Quinta-feira, 16 de Agosto. — Igreja
de S. Bento. — Foi posta de parte a ideia de
solicitar um requerito ao destino que si-

(") "A pag." 389. .

veram as preciosidades artisticas da igreja de S. Bento, por se ter considerado que não só o sr. governador civil como o Conselho de Arte e Arqueologia se poderiam metter com essa iniciativa e os promotores dela estarem convictos de que aquellas entidades não deixarão de seguir o caminho conveniente para acautelar os interesses do Estado e fizeram expressar no Museu Machado de Castro aquellas objectos que, criminosam.^{te} foram retirados do templo do velho mosteiro beneditino. »

Esta noticia tem uma explicação.

Em mil oitocentos e noventa e tantos, quando o dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcelos foi reitor do Liceu de Coimbra, este, aproveitando as obras de transformação do edificio, tirou da Igreja azulejos, incruços e um retabelo que levou para a sua capella-jazigo de S. Paio de Graças.

Como ele fez isso, não sei; mas os processos não seriam muito legais — e embora isto seja duro de dizer, a verdade é que a capella-jazigo lá está para o atestar sem dificuldade de maior.

É claro que o dr. Vasconcelos, como bom teólogo, pensou que melhor seria

apagar os traços dessa sua lipseira; e conseguiu um parecer da Secção de Arqueologia do Instituto de Coimbra, favoravel á demolição da igreja.

Desaparecendo o templo desapareciam, naturalmente, os reparos que se fariam ás faltas de tanta coisa.

E aí está como este caso ilegal e immoral serve ao Dias Pereira para justificar o seu proposito. Veiu á discussão com um parecer de ha 30 annos, arrancado com alguma teologia — e despresas todas as opiniões de técnicos, de criticos, de artistas e de pareceres seguidos do Cons. de Arte e Arqueologia de ha quasi 20 annos, simplesmente porque aquelle lhe serve!

De sorte que esta noticia do Seculo fechou a prescripção com chave de ouro. Quem quer que a deu ou fez dar teve génio e... ronha!

Ignoro o autor; a redacção parece e' q. a noticia teve sobrescrita.

E com isto se pôz ponto final.

Novembro: 5.

Fui hoje procurado por um agente da policia de investigações criminal, de nome Arthur Pereira Pinto; e' o encarregado das averiguações no caso do Antonio Via

na e recebeu ordem do juiz para guardar o máximo segredo.

Dize-me que voltasse a manhã que cá estaria o Chaves de Almeida para deixar também.

Novembro: 6.

Hoje, á noite, aqui em casa, o agente Pereira Pinto ouviu o meu depoimento e o do Laurencio Chaves de Almeida. Foi mais a confirmação da participação do 9. outra coisa:

«... Sua confirmação a participação que
 "apresentou nesta Directoria, na qualidade
 "de Presidente do Com.º de Arte e Arqueolo-
 "gia da segunda Circunscriçãõ. Sua ordem
 "dejar como testemunhas os senhores Lau-
 "rencio Chaves Almeida, residente em To-
 "rre de Baixo, Jacinto Tito da Silva Lizar-
 "do, Antonio Neves, Luis Ramos e Maria
 "da Silva, todos empregados do Museu
 "Machado de Castro. Quanto ao constante
 "da alinea D. da participação pode já esclare-
 "cer que a sobrinha da amante do argui-
 "do a que allude, se chama Laura da Con-
 "ceição e reside na rua João Jacinto desta
 "cidade. Sua presentemente não tem mais
 "esclarecimentos a prestar e que está

"prontó a auxiliar a accção da justiça sem
 "pre que o possa fazer. Que nada mais ti-
 "nhia a declarar pelo que elle juiz deu este
 "auto por concluido e vai assinar com o
 "declarante e como agente que o escrevi
 "á minha. »

Contamos varias coisas a respeito de
 Vianna ao agente Pinto. Disse este, no fim,
 que o homem era "de colúmbio".

Novembro: 8.

Hoje fizeram-se buscas em casa do
 António Vianna. Relembrou, pois, a bomba.

É claro que as buscas não deram o
 resultado que poderiam dar se fossem
 feitas há mais tempo, antes dele se joga-
 ver. Contudo ainda appareceu na casa de
 polvinha da amante um reposteiro e ou-
 tros objectos do Museu.

Hoje, porém, um qui-pro-quo que
 até certo ponto complicou o caso e me deu
 má impressão.

O juiz atrapalhou confundindo os nomes
 de Laurenceo Chaves de Almeida com o do
 Dr. Alfredo Matos Chaves — e citou este úl-
 timo para acompanhar a busca assim
 como me pediu q. eu fazer a mesma
 coisa. Eu lembri-me um pouco vexado
 com o pedido e disse-lho amavelmente

que não devia ir, mas o Matos Chaves foi.

Quando este saiu do gabinete perguntei ao juiz porque razão ia o medico para a casa do Viana e ele respondeu:

— Foi V... que o deu por conhecedor dos roubos!

— Eu?...

Ficámos ambos admirados. Só depois é que elle reconheceu que o apelido Chaves dá azo á confusão; e ficou aborrecido quando eu lhe disse:

— É este medico é amigo do Viana...

Onde diabo tem este juiz a cabeça?

Parece que o caso começa mal.

Novembro: 10.

Receli ontem um cartão do juiz Argão em que me diz: "foram apreendidos alguns objectos que é necessario fazer reconhecer. Convidaria, por isso, que V... e o ^{meu} Sr. Chaves de Almeida me procurassem." La fei hoje com o Lourenço ver o que elle queria.

Mostrou os objectos apreendidos, e pareceu-me que a delizancia não foi dirigida com a habilidade precisa. O juiz preoccupou-se mais com as formulas para evitar que no Tribunal a chicana dos advogados complicasse o andamento do pro-

cesso; mas fiquei com a impressão de q.
o processo não está em bom caminho.
Veremos.

Novembro: 14.

O António Augusto Gonçalves publi-
cou uma folha solta acerca do caso do Antó-
nio Viana — que melhor seria não ter
publicado.

Fica anexa, p.^a memorias.

Novembro: 18.

O Laurenceo Chaves Almeida rean-
dou-me hoje uma carta em que me diz
que o juiz Arapão quer falar comigo e
com ele, hoje, ás 8 h. da noite.

O juiz Arapão é serio, segundo creio;
mas uma parte do seu interesse vem
de querer chegar ao Viana que se alinha
de republicano e se sente defendido por
republicanos de certa importancia.

Será? não será?

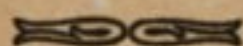
Novembro: 20.

Receli hoje, como presidente do Con-
selho de Arte um officio do juiz Arapão no
qual me pedia certos objectos do Museu
Machado de Castro para « servir de me-
» delo para confronto » no processo.

(3)

SINDICANCIA AO PSEUDO - SECRETARIO DO MUSEU MACHADO DE CASTRO

O meu depoimento, que conveniente seria fosse detalhado e extenso, vou sumariamente resumil'o no laconismo de alguns topicos.

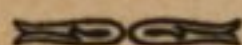


Depois de proclamada a Republica e decretada a extinção das congregações femininas, fui encarregado de proceder á escolha dos artefactos, que, adicionados aos do *Museu do Instituto*, constituiriam o *Museu Machado de Castro*, em projecto.

De Lisboa advertiram-me que, para a realização desta empresa, nenhuns subsídios pecuniarios seriam fornecidos.

Nesta situação embaraçosa um unico homem encontrei, que expontaneamente se prestou a auxiliar-me, com a mais desinteressada e louvavel abnegação. A solicitude deste prestimoso companheiro ia além de todos os limites. Abandonava a sua officina dias consecutivos, e trabalhava com actividade incansavel.

E estes bons serviços despertavam em mim o affectuoso reconhecimento, que lhe não era regateado em manifestações de simpatia e familiaridade. Porque, em troca da sua colaboração, nenhuma compensação lhe podia oferecer. Almoçava comigo; e todas as despesas de viagens e excursões, que repetidas vezes tivemos de fazer para fora de Coimbra, corriam por minha conta.

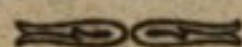


Com reclamações e instancias reiteradas pude conseguir pequenas verbas, que permitiram obras de reforma no edificio e de adaptação apropriada e decente ás instalações.

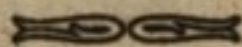
E ao cabo de alguns meses, em 1913, foi o Museu aberto ao publico.

Mais tarde uma escassa dotação lhe foi atribuida.

Como era de elementar justiça, ao admitir provisoriamente um empregado, foi — Antonio Viana — o proferido, com modesto salario, para que continuasse em exercicio dos seus bons serviços anteriores.



Nos anos que se seguiram o organismo e funcionamento ia-se fortalecendo e firmando: e a vida do Museu corria, se não isenta inteiramente de descuidos e abusos, pelo menos, com regularidade aparente e satisfatoria.



Um facto porem sobreveiu, que acordou ambições desmoralizadoras.

Em meados de 1921 teve lugar o leilão das colecções artisticas do conde do Ameal. Reuniram-se aqui negociantes de Lisboa e Porto. O empregado do Museu, já a esse tempo *secretario*, com eles travou relações.

Instigado pelos exemplos, abertamente licitava e entrava em conluios, que, na giria do negocio, tem o nome de *cambão*. E atirou com todas as reservas e disfarces de compostura e decoro ás ortigas!...

Etc., etc.

A transformação moral foi completa e escandalosa.

Leviano e atrevido, o Museu convertia-se para ele, em agencia comercial.

Era a indisciplina audaz e bruta! Nenhuma consideração de pragmatica a gradações de categoria oficial. O director era deprimido constantemente, em insinuações e blagues acintosas!...

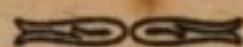
Por actos de rebelião e indisciplina, = impetos violentos e insolentes de fanfarrão = comprazia-se em alardear a sua independencia. Na sua inepecia, esses conflitos eram trofeus de gloria! Etc.

Esta situação durou anos! Pedir providencias ás entidades administrativas, seria ingenuidade. Foram os politicos que o alçapremaram a secretario do Museu, em cujo quadro tal cargo não existia!...

Achava-me no dilema de Gambeta, asstado contra Mac-Mahon: = "Sujeição ou demissão".

Apelei então para o *Conselho de Arte e Arqueologia*, decidido a alijar o ingrato cargo e retirar-me em paz!...

.....



O ministro ordenou a sindicancia, que desde um ano se vem protraindo, em interrupções inexplicaveis.

A fim de obstar a estes sucessivos e occultos embargos, o Conselho recorreu á acção decisiva do Juizo de Investigaçào Criminal.

Esta mediação poderá parecer antipatica, porque é de natureza hirta e opressiva. Mas era forçoso pôr termo a insidias e bravatas provocantes, sacudidas á porta dos Cafés, em espectaculos de arenga publica.

De resto,....abalada a confiança, ha motivos para suspeições graves de infidelidade, posto que não seja facil achar provas irrefutaveis e juridicas.

A favorecer os desmandos da improbidade sagaz, quando praticados com astucia e metodo, o tempo esconde-os, como se fossem sepultados em areia...

E' de atender, porem, a que se o equilibrio da ordem social exige não fiquem impunes delitos de certa qualidade, razão de mais para que as acusações (se acusações houver), sejam cautelosas e sensatamente comedidas, = não suscitadas em pruridos de affectadas virtudes, ou apparencias illusorias, = mas intrinsecamente justificaveis em demonstração facil de serena e incontestavel evidencia.

A. Gonçalves.

Coimbra, 8 de Novembro de 1928,

Nota — Isto é apenas o indice benevolo, o extracto atenuado dum interminavel libélo de fraudes e petulancias.

DO MUSEU MACHADO DE G
SINDICANCIA AO PSEUDO - SEGRE

A transformação moral foi escandalosa.
Leviano e atrevido, o Museu se para ele, em agência comercial. Era a indisciplina anax e b nenhuma consideração de pragmas duções de categoria oficial. O deprimido constantemente, em i e plagas acintosas!...

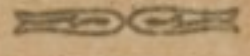
Por actos de rebelião e indi impetos violentos e insolentes rão = compaixão-se em alarde dependência. Na sua inspec, esse eram troços de gloria! Etc.

Esta situação durou anos! P denças ás entidades administrat ingenuidade. Foram os politico capitamam a secretario do cujo quadro tal cargo não exist Achara-me no dilema de Q estado contra Mac-Nahan: = ou demissão.

Apelci então para o Conselho Aparente, decidido a alistar o i go e retirar-me em paz!

O ministro ordenou a stadi desde um ano se vem protain tentações inexplicáveis.
A fim de obstar a estes si ocultos embargos, o Conselho acção decisiva do Juizo de Criminal.
Esta mediação poderá parece porque é de natureza hita e Mas era torçoso por termo a bravatas provocantes, sacudidas Cales, em espectaculos de steni De resto... abalada a contra

O meu depoimento, que conveniente se- ris fosse detalhado e extenso, vou summa- tivamente resumir, o no laconismo de alguns topicos.

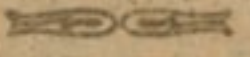


Depois de proclamada a Republica e decretada a extinção das congregações te- mininas, fui encarregado de proceder á es- colha dos artefactos, que, adicionados aos do Museu do Instituto, constituiriam o Museu Machado de Castro, em projecto.

De Lisboa advertiram-me que, para a realização desta empresa, nenhum subs- dios pecuniarios seriam fornecidos.

Nesta situação cubatçosa um unico homem encontrei, que espontaneamente se prestou a auxiliar-me, com a mais destine- resada e loizavel abnegação. A solicitude deste prestimoso companheiro in além de todos os limites. Abandonava a sua offici- na dias consecutivos, e trabalhava com actividade incansavel.

E estes bons serviços despertavam em mim o atencioso reconhecimento, que lhe não era regalado em manifestações de simpatia e familiaridade. Porque, em tro- ca da sua colaboração, nenhuma compen- sação lhe podia oferecer. Almoçava com- re; e todas as despesas de viagens e excu- sões, que repetidas vezes tiveinos de laxer para fora de Coimbra, corriam por minha conta.



Com reclamações e instancias reiteradas pude conseguir pequenas verbas, que per- mittiam obras de reforma no edificio e de adaptação apropriada e decente ás instala- ções.
E ao cabo de alguns meses, em 1913, foi o Museu aberto ao publico.
Mas tarde uma escassa dotação lhe foi

Tras hoje meusos. O officio guardei-o na m.^a collecção particular.

Novembro: 21.

Em um dos ultimos Diarios do Go-
verno veio uma portaria (a n.^o 5742 de
17 do corrente) que manda entregar á
comissão do culto da freguesia de Santa
Cruz certo numero de objectos que estão
no chamado Museu da Junta da Fregue-
sia e recolher o resto que tenha valor ar-
tístico ao Museu Machado de Castro.

Ora isto vem já de longe e teve a
sua origem numa questão entre o Prior
e a Junta que é republicana e que aque-
le quiz substituir por outra de feição ca-
tólica e mais a seu gosto.

Da questão resultou uma denuncia-
cia que foi feita pelo tenente Antonio de
Campos Pego, na qual este deu vazão a
todo o seu odio contra a Junta. O Sergio
de Castro, Governador Civil, não quiz ce-
der ao padre e sob inspiração do Secre-
tario Geral, recorreu para o Ministerio
da Justiça lembrando que se tratava de
objectos de arte e que ainda não fora ou-
vida a opiniao do Conselho de Arte e Ar-
queologia da circumscricão. Do Ministe-
rio da Justiça veio, em consequencia,

uma consulta para o Conselho responder.

Ors aqui comecei dizer que o Sargio de Castro mandou-me dois emissarios e veiu pessoalmente a minha casa por causa do assunto.

Quer ele quer os dois emissarios que foram o secretario geral Costa Rodrigues e o capitão reformado Eduardo da Cunha Oliveira, seu braço direito no Governo Civil, diziam que se não entendiam com os padres, que estes queriam tudo e ainda mais a substituição da Junta; e como o Governador Civil já se não aguentava com a pressão do Seminario e dos Bispos, esperavam que eu desse uma opinião desfavoravel ás pretensões ecclesiasticas e fizesse resistencia que o ajudasse a aguentar.

Eu respondi sempre que, como Presidente do Cons.º de Arte não podia ser anti-clerical e que só daria opinião ou informações causante as imposições do cargo, etc. etc. — embora, infortunadamente, não desgostasse de contrariar as exigencias dos senhores ecclesiasticos.

O mais interessante e instructivo, visto, é a attitude do Sargio de Castro — polve diabo enfatuado que, não se aguen-

tando com os clericais que descarregar as responsabilidades para cima de mim que posso vir a pagar qualquer resistência dentro das obrigações e preceitos.

Ora quando veio a consulta enviada pelo Minist.^o da Justiça, fomos ver o Museu da Junta e de tudo se deu informação favorável á transferencia de tudo p.^o o Museu Machado de Castro com o parecer de que depois de reunidos neste Museu todos os objectos se faria a escolha conscienciosamente conforme os intuitos da portaria.

A informação e o parecer não agradaram; mas o ministro que era um juiz velhote não quiz questões e disse ao Sergio de Castro amavelmente:

— Meu caro: deixe passar o tempo! vá demorando!

E assim o tempo foi passando até que o homem caiu e subiu o Mario de Figueiredo, um dos mais illustres reaccionarios da Faculd. de Direito e companheiro no 1.^o seminario de Vizeu do Salazar, segundo dizem.

Como levei daqui instruções para liquidar a questão, ~~com~~ mandei publicar a portaria de 17 do corrente que manda entregar á comissão do culto da

freguesias de S.^{ta} Cruz o que não tiver na-
lar artístico.

Orá esta portaria tem sido discutida
e é interessante que não agrada a ninguem.
E' vaga, imprecisa, feita com je-
suitismo; não quer saltar por cima da
informação do Conselho de Arte mas tam-
bem não quer desagradar aos bispos e
meus padres — e assim vai deixando
as coisas ao saber da boa vontade de todos.
E' como quem diz:

— Vamos a ver o q. sai ... Não re-
jucos desde já ditadores ...

Porque e' claro que, se for necessario,
ele tem a faca e o queijo na mão e talha-
rá á sua vontade.

Contudo, vamos resistindo. O Ser-
gio de Castro já me mandou outra vez
o secretario geral a pedir socorro!

O estáfermo! Meu governador civil
a pedir socorro contra o clero, seu aliado,
a uma creatura, como eu, geralmente
conhecida como anti-clerical...

Que miseria de ditadores!

Novembro: 25.

Outem, novo bilhetê do juiz dragão
a pedir para eu aparecer, com o Laure-
ço Chaves de Alencida, em sua casa, logo

que possa ser. Lá fui com o Lourenço,
hoje, conferenciar o pedido.

Nesta, como na anterior conferen-
cia, o juiz mostrou, sem reservas, o pro-
cesso; fez perguntas, entrou em minu-
cias, contou particularidades da sua
acção como magistrado, mostrou receio
de que o processo não seja entregue ao dele-
gado Manuel Ribeiro (em quem confia)
e teve certas reticencias ao falar dos ju-
zes do civil.

La interesse mostra ele; mas não per-
cebo bem as hesitações, os commentarios
e reticencias. O que haverá por detrás
de tudo isto?

Novembro: 29.

Fui hoje destituído do meu lugar de
director da carreira de Tiro.

O alferes Soares, encarregado do ser-
vico de informações politicas, veio au-
tem de Lisboa. Hoje foram presos varios
individuos entre os quais o Tomás da Fou-
reca — e eu fiquei sem o lugar.

Fui passado ao Quadro da arma.

Deve andar muito o Pedro de Azevedo
braz, major como eu que he muito me-
cubica o cargo e que alega grandes servi-
ços á situação politica actual.

Ver-se-ha.

No Quartel-general, onde fui chamado por nota, o pessoal das secretarias recebeu-me bem, com ar de piedade; o chefe e sub-chefe do estado-maior, com ar de desdém...

Disse-me o Pereira de Brito que, quando mostrou a nota que me mandava passar ao quadro ao chefe do estº-maior, Antonio Bernardes de Miranda e lhe perguntou se queria fazer, superiormente, qualquer observação antes de me dar conhecimento da ordem, respondeu com um gesto de certo desdém:

— Não ha nada que observar... As ordens cumprem-se.

Seu alívio, seu júbilo.

Estou, pois, sem emprego e com o soldo reduzido.

Novembro: 30.

Hoje, novo aviso para ir ao gabinete do juiz Aragoã. Lá fui, ás 11 h. e para deitar.

Tive a impressão de que o juiz tam-
bem quer comprometer o Tomas de Fou-
seca; não é de hoje esta impressão, já vem
de ha dias e por isso hoje, no meu depoi-
mento tive o cuidado de deixar bem claras

a minha estima e consideração pelo Tomás.

O Vianna, abocanhando toda a gente quiz também acusar o Tomás de ladrão — "tant court" — embora lá vá a casa, quasi todos os dias, pedir misericórdia.

O Laurencço de Almeida que não gosta do Tomás da Fouseca, deixa sempre ficar no ar a duvida sobre a honradez deste; e o juiz que é monarchico e bom catolico deve sentir certa inclinação para deixar, pelo menos, um ponto de interrogação.

Por isso, no meu depoimento, fiz declarações terminantes que talvez fossem um pouco além do que deviam ir; ao menos, porém, não darei o gosto de fazer còmo com a realaudaçãe clerical e seus adeptos.

Dezembro: 25.

Ontem, vespera do Natal, fez-se a delibencia necessaria p.^a a entrega dos objectos de culto do museu da Junta de Santa Cruz a comissão de culto nos termos da portaria 5742 de que já falei.

O prior, entusoso, de falas meigas, tinha-me procurado com o fim de me pedir para ultimar o caso — pois ao fim de 60 dias a concessão caducava.

E pelo rim e pelo não fez com que o conego Campos Neves me escrevesse uma carta de empêcho.

Ora eu dei o cavaco com a carta por que me diz que no Seminario quando constou que eu era a pessoa encarregada de dirimir a deliberação ficaram contentes e acrescenta que «nem todos os membros do Conselho seriam da mesma isenção e imparcialidade.»

Ora o maroto!

Já eu sou elogiado no Seminario e considerado modelo de isenção!

Com esta minha disposição fui ontem para a cerimonia. Compareceram membros da Junta, da Comissão do culto e do Conselho appareceram o Ant. Augusto Goucalves, o Tomás da Fonseca, o Laurencio Chaves de Almeida e o chefe da Secretaria, o dr. Domingos Miranda.

Logo de entrada viu-se que o padre queria tudo, objectos bons e máos, e da na á portaria uma interpretação diferente; de modo que até aí parecia, passou a argucioso e certa altivez nos modos. Quiz demonstrar-me que a portaria foi feita para lhe ser entregue o museu todo! Sentia, como é natural, as costas bem quentes.

Eu esgotei a diplomacia... Arran-
jei-lhe quantas plataformas podia inven-
tar; mas o padre não queria ficar depen-
dente da Junta e percebeu de certo que eu
não propunha soluções em q. ele pudesse
ficar com qualquer predomínio sobre a
Junta.

O Gouvesaes, coitado, não só por estar
velho mas também porque só o proble-
ma da arte, estêve a ceder... Eu acudi
logo pondo a questão nua e crua:

— Estes objectos veem eu não valer
artísticos?

Os rapais do Conselho tiveram que
dizer que sim. Logo, os objectos não re-
riam entregues á Commissão do culto e
dariam entrada no Museu Machado de
Castro. Ainda quiz conciliar: o padre
levaria um terço ou metade dos parame-
tos que lá havia e o resto ficava, e per-
the-ia cedido para as festas em que ele
necessitasse de melhores adornos.

Mas o padre recusou. Se assim se
fizesse a Junta continuava depositaria
do Museu e ele teria que se lhe dirigir e
solicitar.

Porfim, a bomba estourou quando eu,
depois de esgotar todos os recursos para
conciliação, lhe disse:

— Pois sr. prior : não sei como conciliar a portaria com os desejos de V. Ex.^a. Como não aceita nenhuma destas nossas transigências e não reconhece a nossa boa vontade, o Conselho tomará posse de tudo e depois estudará o assunto com as estações superiores.

O prior, um pouco afagueado, respondeu apenas:

— Pois V. Ex.^a? não me dão nada? Passem V. Ex.^a muito bem!

É nervoso, largou porta fora, com os vogais da Comissão do culto.

Nós ficámos a olhar uns para os outros. Resolvêmos tomar posse de tudo e encerrou-se a sessão.

A despedida, disse eu ao Tomás:

— Ora vamos lá a ver que bordada é que vem!

Dezembro : 30.

O Sergio de Castro, governador civil, mandou pedir ao Ant.^o Augusto Gouveias e a mim para irmos ao Gov.^o civil falar com ele.

Lá fomos.

Recebeu-nos cortemente, com um to acanhamento, como quem já sabia de antemão que a deliberação lhe sairia

frustrada. Depois de amabilidades e circumloquios chegou ao ponto: confessou q. o bispo auxiliar (Ant. Antunes) fora ter com ele reclamar contra o nosso procedimento; e ele, governador civil, pediu para nós reconsiderarmos e ver se dávamos uma volta qualquer ao assunto de modo a agradar aos padres sem prejuizo da nossa attitude nem dos interesses da Arta!...

É claro que nós, amavelmente, fomos dizendo o que nos parecia, contámos o caso como ele se deu e que ele, afinal, não conhecia e concluimos que o que estava feito estava feito.

O pobre diabo mostrou-se contrariado, moveu-se na cadeira como quem sentia nela alfinetes e não teve outro remedio senão aguentar e ... cara alegre.

Nós saímos e o Gonçalves disse-me á porta:

— Afinal, o que é que ele nos queria?

E depois de uma pequena pausa:

— Se ele queria que nós mudássemos de opiniao é um biltre.

E reparámos-nos, com esta conclusao que na verdade tem grande base de justica. O Sergio, com effeito, queria que nós mudássemos de opiniao.

— 1929 —

Janeiro: 9.

As coisas me apparecia sem importancia mas que, no verd.^o, tem muito que se lhes diga e perante as quaes nos te mos de curvar.

Montem, no electrico sem que eu vi nha para casa, estava o Antonio Viana um pouco mais adiante do lugar em que me sentei. A certa altura entrou o medico Matos Chaves, tambem professor do Lyceu, a que ja aqui me referi em 8 de Novembro passado; como me nao viu ao entrar voude fazer ao Viana um cumprimento caloroso, com vivacidade, com muitas festas e palmadas nos ombros — e o Viana, sentado, recebeu, como gente honrada, todas essas homenagemes.

Hoje, na Praça da Republica, vi o Dr. Rocha Brito, professor da Universidade. Dirigi-me-lhe com os braços abertos, e fiz-lhe cumprimentos de grande affectuosidade que o outro recebeu, de chapem na cabeça, com ares de creatura superior. O Rocha Brito depois de falar com ele deuan-

te um boceado, despediu-se espectralmente, com abraços e gestos de amizade.

Fica-se a pensar...

Estes dois indivíduos, com a atitude perante o Ant.º Viana, tal como a observei, queriam certamente significar-lhe o seu desagrado ou a sua reprobção ao processo que eu lhe movi e que chamarão provavelmente uma perseguição.

E se eu lhes fosse pedir para desforarem a meu favor, negar-se-iam, com certeza. De mim não temem eles medo e com o Viana sempre é necessário ter alguma cautela.

Janeiro : 10

Desde Setembro ultimo, o José Maria Correia Cardoso, capitão sub-director da Carreira de Tiro e professor do Liceu, anda a fazer, por conta do Ministério da Instrução, uma perseguição aos actos do Ant.º Viana, secretario do Museu Machado de Castro.

O Cardoso quiz excusar-se alegando que era meu subordinado na Carreira de Tiro como, ao tempo, de facto, era. Não lhe aceitaram as razões e tenho a vaga impressão de que andaria misto manigancieira do illustre Dias Pereira que pensaria

assim, afirmando ainda o seu poder politico, poder ajudar a salvar o malandré.

O Laurenceo Chaves Almeida anda a sucher-me os ouvidos com desconfianças do Cardoso; mas tipo muito quando eu lhe digo que o Cardoso é sério e não terá a missão de que o encarejávamos. O Laurenceo é danado para desconfiar de todos e cita uma conversa que teve com o juiz Aragão que também mostrou duvidas acerca da imparcialid. do Cardoso.

É certo que ha dias o fotografo Afonso Basteiros e de outra vez o encadernador Ant.º Maria Correia me deixaram algumas duvidas no espirito; mas eu ainda resisto ás duvidas e vou esperando seriedade — até provas em contrario.

Ora eu esperei sempre que ele me ouvisse em primeiro lugar como presidente do Cons.º de Arte. Mas o entendeu assim e lá teria razões que não discutio; mas hoje preveniu-me que me ia ouvir e para me não incomodar viera a minha casa, á noite, com o escrivão da priedicancia, o tenente Carlos Amaral, bacharel em direito.

Cá os espero.

Janeiro: 11.

O depoimento foi longo e contun-
dente. Durou até á 9 hora da manhã.

Eu ia ditando e escrevendo — por
isso aqui fica para memoria deste desgra-
cado caso minimo mas que, possivel-
mente no futuro poderá ser apreciado
como modelo ou padrão curioso dos cos-
tumes e moralid.^{de} contemporaneos.

«... interrogado acerca da pontualida-
de e assiduidade de Antonio Vianna no ser-
viço do Museu Mach.^o de Castro, respondeu
que antes de ser presidente do Conselho de
Arte e Arqueologia não prestava atenção
ás obrigações dos empregados do Museu
porque quasi nada tinha com isso; no en-
tanto lembra-se de q. uma das causas que
motivaram a sindicancia foi a irregula-
riedade do seu comportamento como em-
pleado, não só quanto a assiduid.^{de} e pon-
tualidade como tambem ao negocio que
fazia de objectos antigos o que era conhe-
cido de toda a gente e que era contrario
ao espirito da lei que regula estes estabe-
lecimentos; e mesmo que ela testemu-
nha estivesse convencida da honorabili-
do sindicado, bastaria, a seu ver, esta ul-

tima razão (o ser negociante de antigui-
 dades) para não poder estar dentro dum
 museu como o Machado de Castro e de
 mais a mais em cargo de confiança. E
 perpetuado sobre os bons serviços presta-
 dos pelo Ant.º Silva ao Museu, deixe que,
 realmente, no começo da sua instalação
 prestou serviços tais como o de dirigir
 transportes de objectos dos conventos para
 este edificio, o de ele receber, no edificio,
 transportar objectos pesados; o de se in-
 cumbrir de arranjar transportes ou, re-
 sumindo, de arrear recados que o sr. di-
 rector do Museu lhe determinava; servi-
 ços de outra especie não os prestou nem
 os podia prestar porque é quasi analfa-
 beto e não tem o menor conhecimento
 de assuntos de arte e Arqueologia nem os
 mais não seria possível ser um auxi-
 liar do sr. Director do Museu na organiza-
 ção e instalação do museum; e só a me-
 ta coincidência com o sr. Antonio Augus-
 to Gonçalves, architecto Silva Pinto (que
 foi um grande auxiliar) e o ex-conserva-
 dor dr. João Couto (actualmente em Lis-
 boa) que lhe dava conselho a ouvir opi-
 niões e commentarios sobre as obras de ar-
 te expostas, é que o tornava apparentem-
 te conhecedor daquelles assuntos quando, afi-

mal o que dizia era apauhado de ouvido e pene a pueuar base; e como no mes-
 po País a cultura artistica é quasi nula,
 daua-se o caso de no país dos cegos ser
 rei quem tem um olho. A este respeito
 nunca ouvia dizer ao sr. Director do Mu-
 seu coisa que contrarie o que acaba de
 depôr e mesmo bastava o conhecimento
 que tem do sindicato para somente o
 clarificar de ignorante em tais assun-
 tos. Interrogado acerca das faltas de res-
 peito manifestado pelo Viana para com
 o Director Sr. Gonçalves disse que, embo-
 ra cautelosamente, varias vezes o sindi-
 cado, arranjando pretextos para lhe falar,
 dizia uma ou outra coisa em desabono
 do sr. Director do Museu, de fazer mais
 ou menos insidiosa mas a que ella, tes-
 temunha nunca ligou importancia porq̃.
 de mais sabia a falta de caracter do sindi-
 cado; sabe que, com outras pessoas, as
 referencias insultuosas ao sr. Director
 eram claras, como por ex.º, dizia no es-
 tabelecimento de encadernação de Anto-
 nio Maria Correia (Largo de S. João) re-
 ferencias que eram extensivas a outros
 vogais do Conselho; e ultimamente o
 sr. Director queixava-se de continuas
 faltas de atenção e das maneiras grossei

ras com que era sempre tratado, factos
 que constituiram tambem uma das ba-
 ses do pedido de rescisao. Interrogado
 acerca da falta de competencia manifes-
 tada pelo Ant.° Viana no exercicio do cargo
 de secretario do Museu Mach.° de Castro,
 disse que só a muita benevolencia de
 quem lhe conseguiu o lugar é que pô-
 de justificar a nomeação dum quasi
 analfabeto para secretario dum museu
 da importancia deste; o rescisado não
 sabe redigir e assim quem fazia as fo-
 lhas ou quaisquer documentos da secre-
 taria do Museu não era o secretario
 mas sim o chefe dos guardas (hoje apo-
 sentado) Manuel Pedro. Estes factos e os
 apontados acima, deueu dar bem a im-
 pressão do valor de tal empregado, jul-
 gando ser desnecessario esclarecer mais
 o assunto deste ponto. Interrogado acer-
 ca da intriga preparada pelo Viana en-
 tre os presidentes do Cons.° de Arte, Direc-
 tor do Museu e vogais do referido Con-
 selho, disse que o Viana procurou sem-
 pre separar o sr. Director dos presiden-
 tes do Conselho imaginando que assim
 poderia dominar o animo do sr. Ant.°
 Augusto Gonçalves para ter sempre o
 dominio dentro do Museu; e assim se

lembrava de uns real-entendidos com o
 presidente Dr. Teixeira de Carvalho, - com o
 vogal João Machado infelizmente já fa-
 lecidos ; com o sr. Tomás da Fonseca de
 quem ele, Vianna, disse o pior possível,
 com o vogal sr. Pereira Dias e outros,
 sempre no propósito de reparar e dissol-
 ver o Conselho para evitar, evidentemente,
 toda e qualquer fiscalização que nos ter-
 mos da lei se poderia exercer sobre os
 serviços do Museu e, por consequência,
 sobre os dele. Esta intriga pode dizer-se
 que foi permanente e teve um período
 de certa gravidade quando em Fevereiro
 de 1927 o sr. Director foi acometido de
 doença súbita, sem domínio, á saída
 do Museu ; no dia imediato, de manhã,
 o sr. Tomás da Fonseca, então presidente
 do Conselho em exercício, lembrando-se
 de que o sindicato poderia ir tirar as
 chaves do Museu á esquadra policial e
 aproveitar-se do impossibilit.º do Director
 foi logo prevenir para que as chaves não
 fossem entregues senão á pessoa ou pes-
 soas que o Conselho indicasse depois de
 uma reunião que ia convocar e que ~~se~~
 realmente convocou para uma sala do
 Instituto, se a memoria lhe não falha,
 na 3.ª feira seguinte ; este facto serviu de

pretexto para o syndicado insinuar no
 animo do sr. Director, nos primeiros
 dias em q. lhe pude falar, que o sr. To-
 más da Fonseca queria apoderar-se das
 chaves para reabrir o Museu; e não se
 estranhe o emprego deste termo porque,
 nessa altura, o syndicado classificava o
 sr. Tomás da Fonseca de ladrão, como pu-
 de atestar o já citado Antonio Maria Car-
 reia. Estes factos fizeram com que as re-
 lações entre aqueles dois senhores esfrias-
 sem a tal ponto que o sr. Tomás da Foun-
 ca chegou a afastar-se dos trabalhos do
 Conselho e só depois de tudo esclarecido
 especialmente pelos esforços do falecido
 vogal Albino Bastano da Silva e de La Ter-
 Vermunha e, se não se esqueça, de Louren-
 ço Chaves Almeida, é que os trabalhos do
 Conselho prosseguiram normalmente
 e as relações entre os dois se restabeleceram.
 Diz mais a testem.^a que, quando se tra-
 tava de eleger um presidente, especialm.^{te}
 depois do falecimento do dr. Teixeira de
 Carvalho, o syndicado tinha a pretensão
 de influir na escolha e assim o dizia
 em pontos de reunião na Baixa; mas de-
 se esclarecer que a unica coisa que ele
 pretendia era evitar a eleição pois que a
 interinidade se lhe apresentava mais fa-

varavel, mas, evidentemente, por quem
 a exercia mas porque um presidente in-
 terino nunca exerce uma accão tão cons-
 tante como um efectivo. Deste feitis in-
 tripucta e insidioso do sindicato veio
 tambem a necessidade, antes de se recorrer
 a sindicancia, de chamar p.^o o lado do sr.
 Goncalves um homem que fosse energi-
 co, honrado e conhecedor dos assuntos
 de arte e archeologia, para ser o verda-
 deiro auxiliar daq.^{ue} seither e, ao mes-
 mo tempo, uma defesa contra os maus
 tratos e grosserias que o sindicato usa-
 va; tratando-se deste assunto no Con-
 selho e particularmente entre os seus
 vogais, occorreu a alguns o nome de
 Laurencio Chaves Almeida que reunia
 aquellas condições a de uma grande esti-
 ma e admiracao pelo sr. Director; e as-
 sim foi que um dia a proposta para vo-
 gal do Conselho surgiu numa sessao,
 mas como representante da Escola Livre
 das Artes do Desenho (como alguns lem-
 braram) para a vaga de Joao Machado,
 mas sim directamente pelos seus me-
 recimentos de artista. E em tao boa hora
 o Conselho o accitou para vogal e o no-
 me seu adjunto da direcção do Museu que
 dentro em pouco se comecou a remodelar

lar o inventário, a fiscalizar mais rigorosamente os serviços e a descobrirem-se factos que leváram o Conselho ao pedido de sindicancia. E interrogado sobre actos, irregularidades, abusos de qualquer natureza ou qualquer assunto relacionado com esta sindicancia de que tenho conhecimento além do q. ficou anteriormente referido neste meu depoimento, disse que já ha muito, podendo dizer mesmo que desde os seus tempos de rapaz, ela testemunha ouvia dizer que o sindicado era creatura de baixa moral; e ouvia dizer tambem que poucas pessoas lhe davam consideração; estas impressões confirmáram-se por varios factos de que se não lembra já mas que mantiveram o seu juizo tal como diz, recordando-se neste momento, por ex.º, de uma campanha jornalística aí por 1914, no periodico chamado O Povo de Santa Clara dirigido por um tipografo chamado Mario Pio já falecido, e onde escrevia muito o actual advogado nesta comarca, dr. Octaviano de Sá que poderia, melhor do que ela testemunha, inferir, contra o sindicado, na qual era acusado de factos graves; este juizo a respeito do sindicado não se modificou durante o tempo

em que foi auxiliar do sr. director do
 Museu e depois secretario do mesmo
 Museu; e augmentou este meu juizo
 quando ha pouco tempo relativamente
 comecei a ouvir dizer a Laurenceo Cha-
 nes Almeida que o professor dr. Bissain
 Barreto fazia graves accusações ao sindi-
 cado relativamente a desvio de objectos do
 Museu para os vender a particulares; e co-
 mo estas affirmações parbiam de uma pes-
 soa da categoria moral daquelle professor
 e la testemunha comecei a ver que mais
 cedo ou mais tarde seria necessario to-
 mar providencias a tal respeito; pois isto
 coincidiu com o conhecimento de faltas
 de atençaes e grosserias que o syndicado
 tinha para com o sr. Antonio Augusto
 Gonçalves. Mais disse a testemunha que
 quando tomou posse do cargo de presiden-
 te do Conselho de Arte e Arqueologia encon-
 trou pendente o pedido de syndicaucia;
 e como viu que havia difficuldade na no-
 meação do syndicante, porque os nomes
 dos se recusavam; e sabendo que o sin-
 dicado pedia a varias pessoas para evi-
 tar a syndicaucia, ao mesmo tempo que
 mandava pedir, e la testemunha, por
 intermédio dum advogado para se con-
 seguir uma plataforma favoravel, e la

Testemunha resolveu recorrer ao m.^{mo}
 juiz director da investigação criminal pa-
 ra se apurarem responsabilidades, como
 de facto fez — pois sendo intenções do Con-
 selho apenas, de começo, afastar o sindi-
 cado por qualquer forma do Museu, foi
 ele, sindicado, pelo seu procedimento,
 insidias, cartas anónimas insultuosas
 e actos culposos que se iam apurando su-
 cessivamente, que levou o Conselho re-
 presentado, por ela, testemunha, a proce-
 der com mais energia. Disse mais a
 testem.^a que o Conselho confia segura-
 mente no resultado da sindicancia,
 sem intenções de perseguição mas ape-
 nas de justiça; e ela testemunha que, com
 os seus colegas do Conselho também tem
 a mesma confiança, só lastima que (pe-
 lo que tem sabido) o sindicado tenha con-
 seguido a solidariedade de tanta gente de
 categoria, como ele afirma, e que assim
 não prestar o seu serviço de obscure-
 cer um certo numero de factos a que au-
 dam alheios e que só por culposa bene-
 volencia ficam impunes; e também las-
 tima que á volta da defesa do sindicado
 (segundo elle e seus amigos constantemente afirmam) se tenha saído um
 pouco do direito de defesa livre para tibi

dos e tenha havido uma ou outra intenção de ataque a quem está mais do que acima de qualquer suspeita e tem um carácter de uma firmeza tal que incomoda muita gente. E mais não disse... etc. etc. etc. »

Este depoimento, com a girandola final dirigida ao Gonçalves, creio que fará certo efeito. O próprio Cardoso o confessou.

O pior é que o Viana tem por seu lado muita gente — e isto é tão estranho que até o Almeida Ribeiro, professor de medicina e ex-reitor da Universidade, foi voluntariamente depar na medicina e declarou que o acusado era « honestissimo ». Nem mais nem menos. Assim me contou o Cardoso, confidencialmente.

O próprio Bissaya Barreto, o primeiro que revelou as roubações do Viana, agora também se acotche...

Final, mais nem malandro.

Janeiro: 21.

Um pouco empurrado pelo Lourenço Chaves Almeida, fui hoje procurar o delegado do Procurador da República, por cujas mãos passa o processo que o juiz

Arapão já completou e enviou para juizo. Chama-se ele Manuel Ribeiro; é amavel, sem prejuizo de certa dureza de expressões.

Disse-me que o processo tem base sufficiente p.^a a condemnacão; que está bem organizado e espera tê-lo pronto dentro de pouco para pronuncia. Contudo vi-the certas reticencias na conversação.

Que diabo será?

Recorria ele o juiz Dires (José Cupertino de Oliveira Dires) a quem o processo vai parar? Já me cheparam aos ouvidos certas duvidas acerca da inflexibilid.^e deste magistrado — pois dizem que mesmo trahida qualquer em que esteja para ser punido, valeu-the o Almeida ~~Marcelo~~ Moreira, do Vizeu, seu íntimo amigo.

É precisamente por coincidência curiosa, o Almeida Moreira veio visitá-lo ha pouco; e por coincidência não menos curiosa, o Ant.^o Viana é o testá de ferro do Almeida Moreira em todas as campas e albergues que este arranja com objectos de bric-a-brac quer para si quer para o Museu Grão-Vasco.

Isto é tremendo, mas explica as vagas reticencias que percebi durante a conversação com o dr. Manuel Ribeiro.

O que ainda poderá valer nisto tudo
é o processo estar bem feito.
Vamos a ver.

Janeiro : 22.

Hoje na Gazeta de Coimbra vem a re-
quinte local que merece arquivada (n.º
2295 de 22-janeiro-1929):

« Coisas de Coimbra. — A Escola In-
dustrial da Figueira da Foz foram concedi-
dos 100 contos. As oficinas da nossa Escola
Industrial jazem em ruínas no jardim
da Moura. — O jardim da Moura podia
ser um recanto artístico de Coimbra se o
Cens.º de Arte e Arqueologia viesse para
ele os seus olhos. Mas o Cens.º de Arte e
Arqueolop. não se preocupa com estes as-
suntos de pomeros. — Nem tão pouco o
Cens.º de Arte faz a propagação daquella
valioso Museu onde há 14 meses se an-
rasta uma piudicancia, por determinação
do Cens.º, ao seu secretário e aos seus per-
rícios sem q. até hoje, alguma coisa esteja
resolvido. — As oficinas da Escola Bruto
não se mudam daquella jardim? A Escola
Bruto não terá uma dotação? — Enfim,
coisas de Coimbra... »

Isso, sabe-se, é obra do Paul Miranda, filho do Domingos de Miranda, chefe da secretaria do Conselho.

Seu pai e seu filho são despeitados e fizeram-se amigos do Ant.º Vieira.
Adeante.

x

ora o caso do prior de S.º Cruz teve hoje o seu natural e logico desfecho.

Reatando:

No proprio dia 24 de Dezembro, depois da sêma que aqui contei no dia proprio, o prior foi visto pelo Chaves Almeida a ir, apressado, para o Seminario. Já, evidentemente, queixar-se.

Dessa queixa veio o Bispo auxiliar D. Ant.º Antunes, correr a casa do dr. Ferraud de ~~Almeida~~ Almeida, professor de Letras e actualmente chefe de gabinete do ministro da Instrucção, fazer a sua reclamação e as consequentes instanciaes se não foram pressões. Nesse dia o Ferraud estava em Coimbra onde manteve a familia que é numerosa.

Desta conversação com o Bispo saiu a resolução de o Ferraud procurar o dr. Joaquim de Carvalho para o ponderar e ver se este seria capaz de entrar a minha accção; através da conversação, o Ferraud

deixou claramente expressa a opinião de que se o Conselho não cedesse iria para a violencia de que eles (Ministros e Ferraud) não queriam usar!... O dr. Joaquim de Carvalho contou-me isto, mostrou-se afreusivo, num encontro que teve comigo em 19 deste mês e aconselhou-me vagarmente, com a maneira subtil que usa em tais casos, em pouco de transigencia, a possível transigencia.

Eu ri-me para dentro. Conheço as subtilidades, para não dizer manhas, do dr. Joaquim de Carvalho.

Para transigencias, mesmo que as tivesse, era já tarde. Neste extremamente recebi um officio da Direcção Geral das Belas-Artes do Ministério da Instrucção que apontando em que altura ia a entrega dos objectos do Museu da Junta e informando de que o ex.^{mo} ministro desejava o caso arremado.

Eu respondi a este officio com outro em 14 de Janeiro corrente, só expedido em 15; de modo que, em 19, a transigencia aconselhada pelo dr. Carvalho não era já possível, mesmo na hipóte de a querer ter. Resumi ao dr. Joaquim de Carvalho o teor do officio, com o que ele me mostrou mais afreusivo ainda.

Este professor, incantavelmente illustre e de largo futuro, tem muito medo e preoccupa-se sempre em procurar nada entre duas aguas.

Ora aqui vai o officio:

« Accus a recepção do officio de V. n.º 263 (Livro 10) de 8 do corrente e inferno, para conhecimento do Ex.^{mo} Ministro de G. este Cons.^o com o director do Museu Machado de Castro foi de parecer que os objectos expostos no Museu da Junta da Freguesia de S.^{ta} Cruz e mais alguns confiados á sua guarda, eram dignos de serem exemplares no Museu Machado de Castro e G. depois de terem vindo para este ultimo, seriam escolhidos aquelles que, pelo seu inferior valor artistico, historico e archeologico, poderiam ser entregues á Comiss.^{ão} do Culto.

« Com este parecer se conformou o Ex.^{mo} Ministro da Justica que, com a portaria n.º 5742 de 17 de Novembro ultimo veio muito benevolmente salvaguardar os interesses da Arte e Archeologia; e tanto isto pareceu a este Conselho que está pendente dele uma proposta para que o mesmo Ex.^{mo} Ministro determine a conservação do Paueuario do Convento de

Santa Cruz, tal como existia. Ora quando este Conselho pretendia, de accordo com a autêntica administrativa dar cumprimento ás determinações da portaria citada, encontrou o paroco da Igreja de Santa Cruz interpretando diferentemente a determinação ministerial e querendo receber todos os paramentos e a maior parte das alfaias expostas no Museu da Junta independentemente do seu valor artistico ou archeologico.

« Desta estranha interpretação resultou o referido ecclesiastico abandonar a sala, no dia 24 de Dezembro p.p. quando eu, como presidente deste Conselho lhe declarei formalmente, para evitar discussões que se prolongavam, que as determinações da portaria tinham de ser cumpridas.

« Chameo, pois, a atenção de V. (em virtude do que exponho) para a famosa causa o officio n.º 263 a q. me reporto, se refere ao assunto: pois parece inferir-se que o ^{meo} Sr. Ministro da Instrução informado extra-officialmente (pois por este Cons.º e' que não foi) sobreposo os interesses do Culto aos interesses da Arte e da Archeologia e altera a cravatura do valor dos objectos a que a mesma portaria se

refere — o que, com certeza, d. L. não deseja e simplesmente um lapso de redacção traiu as suas intenções.

« Saude e Fraternid. etc. »

Mostrei este officio em 15 de manhã ao Ant.º Augusto Gonçalves, ao Chaves Almeida e ao João Gaspar Simões que o aprovaram; o Gonçalves até declarou que estava excelente...

E lá foi para o correio.

Ora hoje, 22, chegou um officio da Direcção Geral das Belas-Artes, dirigido ao Vice-Presidente do Conselho, comunicando que o Ministro me destituiu das funções de presidente, ordenando que remittesse o Conselho para dar conhecimento disso e para eleger novo presidente — tudo immediatamente!

Pronto.

A questão ficou resolvida.

Janeiro: 23.

Fui hoje ao Museu com o Tomas da Fonseca e entreguei-lhe todas as coisas que estavam pendentes, as chaves das gavetas, as das estantes e o selo branco.

Tudo ficou em ordem.

Janeiro: 25.

A minha destituição de presidente do Conselho, da maneira como foi feita, causou entre os vogais do Conselho impressões desagradáveis. Saíram-se, naturalmente atônitos e parece que não gostaram.

Diz-me hoje o ~~meu~~ Tomás da Fouseca que o dr. Joaquim de Carvalho é de opinião que o Conselho se devia demitir para responder á violência; e que o architecto Camara e Silva diz o mesmo... Mas duvido muito que mantenham a opinião, o primeiro porque ha-de pensar no caso e depois muda; e o segundo porque é monarchico e catolico e acabará por se convencer que passou mal.

O Ant.º Sup.º Gonçalves e o Chaves de Almeida é que querem uma attitude firme — e nisso creio eu. Mas dos outros, quasi todos, vacillamos.

Diz-me o Tomás da Fouseca que não eleger o Abel Urbano. Não é mal achado e é a unica saída, talvez. De mais a mais é agora presidente da Camara.

Os jornais, é claro, deram a noticia a medo. No Seculo de 23 vieste a seguinte local no corpo do periodico, na secção das Informações:

Ontem, a folha official inseriu o despacho, destituindo o sr. Belizario Pimenta das funções de presidente do Conselho de Arte e Arqueologia da 2.^a circunscricção, devendo o mesmo Conselho proceder, no prazo de quinze dias, a nova eleição.

Na Gazeta de Coimbra, centro da maioria dos correspondentes, veio uma pequena local, como de quem não quer a coisa [n.^o 2296 de 24 do corrente]:

« Foi exonerado do presidente do Conselho de Arte e Arqueologia de Coimbra, o major sr. B. P. O Conselho vai reunir para a eleição de novo presidente. »

Só O Primeiro de Janeiro e' que deu noticia mais clara e se assim saiu foi porque assim a dei ao correspondente:

« Conselho de Arte e Arqueologia.

« O sr. ministro da Instrucção acaba de destituir do cargo de presidente do Conselho de Arte e Arqueologia da 2.^a Circunscricção, o major sr. B. P.

« Parece-nos que ao caso não são estranhas as exigencias do paroco de S.^{ta} Cruz acerca da entrega ao Museu Machado de Castro das alfaias e varios objectos existentes no Museu da respectiva junta de freguesia.

« O Conselho de Arte vai reunir para

eleger o novo presidente. » { N.º de ou-
tubro, correspond. de Coimbra }.

Januario: 27.

O Conselho reuniu hoje. até 3 horas
e meia da tarde bateram-me á porta oito
dos seus vogais que vieram manifestar-
me o seu pesar pela resolução e signifi-
car toda a consideração, etc. etc.

Foram eles: Ant.º Augusto Gonçalves,
o architecto Silva Pinto, o Tomás da Fouca-
ca, o Vergilio Correia, o Carneiro e Silva, o
Chaves Almeida, o Ferraz de Carvalho, e o
Viana de Leões, além do João Garças Pi-
nhes, conservador do Museu.

O Tomás, como presidente em exer-
cicio fez o seu discurso e communicou-
me que fôra eleito o Abel Urbanez com
a condição de seguir a orientação autê-
rica do Cons.º e que se resolveu recorrer
para o ministerio da Justiça acerca da so-
lução dada ao caso do Museu da Junta de
Santa Cruz.

Fiquei evidentemente grato pela vi-
sita e pela deferencia; mas pareceu-me
que malgastes a manifestação soave e
ôco e que, a respeito de solidariedade efec-
tiva, concreta, figurar, do mesmo mes-
meira, só.

O proprio Goncalves me disse ao sair de casa:

— Isto não devia ficar assim... Mas não pôde ser...

E escolheu os ombros.

E eu já calculava que os impetos do momento alterariam e quasi todos se conformariam com as circunstancias. E é melhor assim.

A noite, em casa de meu Pai, ha pouco, appareceu o secret.º geral Costa Rodrigues que fôra á sessão mas não pôde vir a me.ª casa com os outros. Que-ria cumprimentar-me; e pela conversa sa vi que ele teria sido um dos que mais moderação aconselharam e que justificaram a attitude com receios de complicações, etc. etc.

Era natural. E quando lhe perguntei o que disse e o que fez o Sergio de Castro, governador civil, respondeu-me com ar de quem me queria convencer:

— Fiquem arreliados, creia, fiquei arreliado.

A autoridade representante do Estado dignou-se ficar arreliado.

Vá lá, já não foi mau.

E ponto final.

Janeiro : 31.

O dr. Joaquim de Carvalho veio pro-
curar-me a casa p.^a me dizer que não
foi á sessão do Conselho em 27 e por isso
não acompanhou os acciões que aqui vie-
ram cumprimentar-me. Disse-me que
o seu prim.^o pensamento foi aconselhar
a demissão colectiva do Conselho; mas de-
pois pensou que isso daria azo a que eles
nomeassem um Conselho de padres e
militares e não convinha fazer-lhes a
vontade.

Alem disso o Governador Civil fize-
ra constar pelo secretario geral Costa Ro-
drigues que se houvesse resistencia o Go-
verno demittiria os membros do Conse-
lho dos lugares que exerciam.

E assim ele, Jaq.^o de Carvalho, pen-
sando no caso, achou que era melhor dei-
xar passar a trovada e esperar por dias
melhores.

Fiquei sabendo que foi ele, dr. Carva-
lho e Costa Rodrigues que metteram medo;
e que o Governador Civil que me pedia q.
o aguentasse e fosse resistindo, agora
aconselha que não resistam e que se re-
sistirem poderão ser demittidos...

E' assim que o Sergio de Castro cum-
prede o seu papel.

Ora ...

Entfim, para haueu uma nota alegre no meio de toda esta miseria moral, disse que ha dias o Tomás da Fausseca lá foi entregar tudo ao padre de Santa Cruz, como este queria; disse-me que teve um protesto platónico, ou simbólico como hoje se diz, para heurar a firma, mas entregou tudo...

Mas a nota alegre foi dada pelo Comissario da policia que ao abrir a sessão da entrega, disse esfregando as mãos:

— Ora vamos lá ver essa perseguida!

Este Comissario, capitão de artilharia António Marques da Costa, tambem me pediu sempre para eu os aguentar porq. os padres estauam a deitar os braços de fóra...

E aqui está no que decaem todas as delibencias para o Conselho aguentar as autoridades constituídas contra os padres que deitauam os braços de fóra: nemma perseguida!

Grande gente, afinal!

O Governador civil, coitado, ficou arreliado; e o comissario da policia esfregou as mãos com a perseguida...

Fevereiro: 11.

Escrevi hoje uma carta ao João Couto que de Lisboa ~~me~~ apresenta com certa ansiedade o que houve com o Conselho:

« Caro e bom Amigo:

« Há pouco, na casa do Lourenço, no Tozim, li a sua última carta, toda cheia de interrogações acerca do que por aqui tem vindo — neste malfadado Conselho de Arte e Arqueologia.

« Ora eu já há muito lhe queria contar as varias contrariedades que tenho encontrado nesta aventura da presidência em q. impensadamente me meti; perante as suas duvidas, parem, tenho que esclarece-lo rapidamente.

E aqui vai...

Logo de entrada, procurei dar prestigio ao Conselho fazendo com que elle apparecesse em publico com certas obras; e assim, pensei: reunir Revista; em promover Conferencias; em uma homenagem ao Luiz Martins; na propaganda do Museu por fotografias, bilhetes postais, e por um catalogo actualizado; — pensei em limpar o Museu do meu pessoal; disciplinei um pouco as sessões do Conselho e fiz eleger e trabalhar a Commissão

executiva que não existia; chamei ao bom caminho os directores dos museus da circumscrição quanto a exagerada autonomia; fiz regularizar a escrituração do tesaureiro que também não havia, etc. etc. Não é correcto falar em tempo proprio; mas em tempo a certeza de q. ia conseguindo alguma coisa, apesar de sentir que era torpedeado em todas as boas iniciativas. Quero crer, parecer, que no fim do meu triénio algum resultado se veria.

«Andava neste espaço de tempo quando um dia o Governador Civil que, não se aguentando com as exigências dos padres que queriam o Museu de S.^{ta} Cruz, todo, para eles, veio pedir o nosso auxilio fundado, aliás, na lei — mas lei q. só viu quando se sentiu impotente perante a investida clerical.

«Apareceu-me um officio pedindo o parecer do Conselho sobre os valores expostos no Museu; a resposta foi (sob proposta do Abel Urbano) que era quasi tudo digno de ser incorporado no Machado de Castro e que tudo deveria vir para este onde se faria a escolha.

«Fundado neste parecer o Ministério ~~da~~ da Justiça fez uma portaria que mandava entregar á Commissão do culto todos os

objectos que não tivessem alto valor artistico; os padres, porém, queriam tudo...

« Eu resisti com firmeza podia — não só como presidente do Curso: ao qual está incumbida a missão de salvar e proteger os objectos de valor artistico (e não só os de alto valor) mas também como liberal q. via toda esta questão fundada numa exigencia clerical que o Governador civil não se lhe ceder seu respeito como devia.

« Perifecias secundarias não vale a pena contar; basta q. lhe diga que em certa altura, suppe-me com officio do Ministerio da Instrução informando de que o respectivo ministro queria apressar a entrega dos objectos do Museu de S.^{ta} Cruz, de alto valor artistico, etc. sem prejuizo das necessidades do culto, e terminava por pedir a opiniao do Curso: e do Director do Museu...

« Ora isto tem uma explicação que eu já conheço e falo veracid.^{te} da qual posso ficar: o Seminario sabendo da m.^{te} resistencia enviou o bispo auxiliar ao dr. Ferraud num dia em que ele veio a Coimbra dar as aulas e exigiu a entrega de tudo fosse como fosse.

« Daí a 3 dias recebi eu o officio. A este officio respondi com um outro de que

envio copia para o meu caro etm.^o não só sabereas a m.^a grossa official mas tam-
bem para saber que, enquanto andei fe-
to arquivo do Seminario, e em pesquisas
historicas, apaguei certa dose de rônha
canonica...

« A consequencia foi que, uns dias
depois, o Tomas da Fonseca, vice-presid.^{te}
recebia um officio communicando que o
Ministro, por seu despacho, attendendo
aos termos inconvenientes em que eu res-
pondera, me destituiu das m.^{as} funções
e ordenando que reunisse o Conselho pa-
ra nova eleição!

« O Tomás reuniu o Cons.^o; a maio-
ria, medrosa, consiprou na acta a mui-
ta consideração por mim, mas fugiu
á solidiedade que seria de esperar; e
elegem o Abel Urbano, como homem da
situação e como autor da proposta ini-
cial. O Abel Urbano, é claro, percebeu
muito bem o liço em que se ia metter
e recusou; o Conselho, no entretanto,
expoz de novo para o ministro a discor-
dancia q. havia entre a lei, a portaria do
ministerio de Justiça e as ordens do mi-
nistro da Instrução — e expoz, para não
levar pancada, por causa dos medrosos,
muito comedidom.^{te}, de chapéu na mão.

«Mas ontem, no Diário, vem o caso re-
solvido. O ministro da Justiça, por nova
portaria, ordenou a subreza de tudo, que
com valor artístico quer sem ele...

«E aqui vem o final da festa.

«O Tomás foi para Montagua reunir
pinheiros; o sr. Gonçalves está com 80 e tal
anos e a decair dia para dia; a maioria
do Conselho encolhe-se com medo; alguns,
mesmo, fazem festas ao Ferraud de Al-
meida; e eu...

«E eu aqui estou a meça-lo com todo
este rosario de misérias, a final satisfeito
por me libertar de incomodos e arrelias q.
me prejudicavam a saúde e trabalhos que
me tiravam o tempo e me davam despe-
ras.

«E agora... o n.º 1 da Revista está qua-
si pronto e quero ver se vem para a sua
terceira; quanto ao resto... não é já con-
go. Creio q. o Conselho atravessa um pe-
riodo muito grave e que afecta, de facto,
a sua existencia. Mas a culpa não é mi-
nha.

«Defendi as atribuições do Cons.º e a pu-
prevacia do poder civil dum Estado repu-
blicano a que o Conselho não pode ser in-
diferente; os padres exipiram, o Ferraud
cumpriu, os colegas encolheram-se quasi

todos... Pronto! nada feito! É a prova de
uma afirmação de Passos Manuel: é mais
difícil governar com as leis de que com o
arbitrário.

«E com isto não enfado mais. Para
maçada basta e para miséria ainda mais.

«Vivo agora possesso. Tiráram-me o
lugar no exercito sem explicações; a pre-
sidencia do Conselho por inconveniente;
daqui a pouco estou cadastrado...

«Os meus cumprimentos, etc. etc.

A carta resume, mais ou menos, o
caso. Quanto á pu.^a acção na presidencia
do Conselho ficará para qualquer dia, com
rapar e paciencia.

Fevereiro: 11.

Ora com a reunião de demissão da presi-
dencia do Cons.^o de Arte e Arqueologia, ter-
minei, tambem, a minha missão jun-
to da Comissão do Monumento aos mar-
tes da Guerra em Coimbra.

Isto tem uma historia rapida.

O Conselho foi convidado para uma
grande reunião de forças vivas, militares,
funcionarios civis, etc. que se realizou
no Quartel-General sob a presidencia do
Comand.^{te} da Região, o coronel Jacinto

dos Reis Fischer. Desta reunião saiu uma comissão executiva á qual fiquei pertencendo porque o Conselho ficou representado pela e, na mesma noite de dezembro do ano passado em que a reunião se realizou, a comissão executiva entrou logo em funções.

Passado algum tempo abriu-se concurso para o monumento. Na discussão das cláusulas, foi o bom e o bonito!

Tive de me bater com a basofia baloia do representante do Turismo, o dr. Manuel Braga e com o dr. Mario de Almeida, presidente da Câmara; queriam elles q. a comissão executiva fosse o júri do concurso, isto é, que a comissão escolhesse o projecto entre os apresentados. Consegui, porém, que se nomeasse um júri e dei os nomes que me pareceram bons; mas queriam elles que, depois da decisão do júri, a comissão escolhesse o projecto que melhor couvesse!

As discussões eram intermináveis e tive de me bater com o rábula do Mario de Almeida — que é advogado. Consegui, porém, que o júri fosse a entidade que escolhesse e que a sua decisão fosse respeitada.

Outro ponto discutido: o local. Eu sustentei que na Praça da Republica, local

escolhido pela maioria exigia verba
 muito alta para monumento condigno;
 e se abrissem concurso sem fixar ver-
 ba, cairiam no dilema: ou o monum.
 se não levantava porq. não chegas o
 dinheiro ou os artistas propunham mo-
 numento dentro da verba possível e,
 neste caso, não poderia ser levantado
 em tal praça.

Não conseguí convencer os homens
 e o concurso lá foi aberto para a Praça da
 Republica, tendo a comissão em caixa
 uns 70 ou 80 contos!

Se me não expauro, o prazo para
 o concurso terminou em 31 de Maio do
 anno passado e então se tratou do juri.

Felizmente foi aceite o juri que eu
 propuz e que era composto por: Anto-
 nio Augusto Gouveias, Manuel da Sil-
 va Gais, Antonio Carvalho da S. Pinto,
 Antonio da Costa Mota (S. Lúcio), José Ca-
 mara Carvalho e Silva e Vergilio Carneiro
 além dum membro da comissão que eu
 propuz fosse o coronel Fischer.

Este, porém, recusou e quiz que fo-
 se eu o representante

Ora o juri reuniu em um dos pri-
 meiros dias de julho e reprovou tudo!
 Errou uns 8 os concorrentes.

Esta reprovação trazia complicações para a comissão, pois via-se obrigada a novo concurso e mais trabalhos e segues. Propuz eu então que se estudasse uma variante: como para a Praça da Republica nenhum dos projectos servia, o juri prepararia uma solução á comissão e vinha a ser: escolher um dos projectos que fosse applicavel a outro ponto da cidade estudado convenientemente.

— Isso é subtil... disse-me o Costa Mota, Solerinho, logo que eu fiz a exposição da variante.

O juri ficou a olhar para mim, um bocado; mas por fim acedeu e aprovou a ideia. E nestes termos fez-se a escolha do projecto do escultor Luis Fernandes e do architecto Ant.º Varela, rapazes novos de Leiria, para um dos novos trabalhos ajardinados da esplanada Sá da Bandeira.

Laureou-se uma acta (que eu fiz) e communicou-se tudo a comissão que concordou sem relutancia.

Tudo isto foi o resultado do concurso por aberto sem condições de preço, como acima deixei dito — e que se teve de remediar com a me.^a subtilera...

Eu 8 recebia as duas cartas do Julio Vaz, uma dos concorrentes; carta em que eu viva, desajustado por não ter sido classificado.

O projecto deste era inexpressivel para uma praça de cidade; interessante para jardim, ou para recanto de avenida, apenas. Mas que fazer? Não lá dizer ao Pai que o Filho é feio!

Depois, daí a dias, vieram cá os autores do projecto classificados — dois rapazes simpáticos, modernos, desenfreados. Tivemos uma reunião com eles e com a Câmara e a infatigável Comissão de Urbanismo representada pela pessoa do Manuel Braga — o tremendo Manuel Braga!

Tudo ia falhando!

O jardineiro do Porto, Jacinto de Matos, que ajuda a fazer os jardins da Avenida da Sá da Bandeira não queria escaupalhar os talhões nem os reflexos e chegou a dizer q. a população de Coimbra estava ansiosa por ver romper os "jogos de agua" que ele ajudava a preparar, etc. etc.

Eu e o architecto Silva Pinto, com bons modos misturados com bom humor lá tivemos artes de os convencer; e ficou assente que o monumento fica-

ria a meio da Averrida, entre os trabalhos médios.

Mas... Coimbra é uma terra unica! ao mesmo tempo que isto assim ia passando o jornal O Despertar publicava um artigo anónimo no seu numero de 18 de julho; esse artigo que censes no como documento ⁽¹⁾ discorda da colocação e prefere - a ao fundo, quasi em frente da Escola Primaria. A Gazeta de Coimbra no seu n.º 2219 de 19 do mesmo mês, publicava quasi em lugar de honra, uma noticia que se vê logo ser feita pelo dr. Manuel Braga, com insinuações acerca da escolha do local — isto é, uma questão de estetica subordinada ao jardim publico Jacinto de Matos, hoje arbitro em Coimbra em materia de urbanização. A noticia é curiosa e por isso tambem a quando como documento ⁽²⁾

Confirmação ao largo.

Os autores, dias depois, agradeceram-me, por carta, o que lhes fiz — e tudo parecia indicar que o monumento iria ser levantado sem novidade.

Mas não aconteceu assim.

(1) Adeante a pag. ...

(2) Adeante a pag. ...

A politica da ditadura, ou antes, a politica dos tenentes do quartelão, fez cair a Câmara presidida pelo Mario de Almeida; foi nomeada uma outra presidida pelo coronel Abel Urbaneas, vogal do Conselho de Arte e Arqueologia. Este coronel é um espirito caterra e essencialmente de contradição; poucos dias depois da sua posse constava que ele não queria o monumento no local escolhido e o capitão Barros e Cunha que é o secretario da comissão do monumento disse-me que, falando-lhe sobre o assunto e dizendo-lhe que a Câmara antes já aprovara definitivamente o ~~local~~ local, ele, coronel, respondeu:

— Que me importa?... A Câmara agora não eu! E eu não autorizo!

E assim se chegou ao dia 12 de Novembro em que a comissão se reuniu e á qual, pela 1.^a vez, compareceu o Abel Urbaneas. A comissão confiava em mim, unica pessoa para se bater com o superheiro; e realmente fui a unica pessoa que se opoz á proposta dele: o monumento ficaria em frente do Teatro Avenida, no fundo da Avenida Sá da Bandeira — o q. faz supôr que seria ele o autor do artigo anónimo do

journal O Despertar a que acima me refiro.

Na discussão do assunto, mostrei que o local não comportava o monumento; que o espaço era inferior á base; aleguei razões de ardeur estética e até de disciplina do Conselho de Arte onde o caso ficára arrumado.

Mas nada! O casmurro teimou e ninguém me ajudou a vencer o homem; todos tinham medo dele.

Por fim, o Luis José da Mota, para dar tempo, propoz que se consultassem de novo, os membros do júri acerca de mudanças do local; eu procurei opôr-me, mas como todos viram que era a maneira airosa de sair da sessão sem questões, todos aceitaram a ideia do Mota. E o Fischer, que previdia e que esteve sempre calado, como do costume, disse que eu era a pessoa indicada para ouvir o júri visto que já dele fizera parte. Todos aprovaram e respiraram! A questão estava adiada!...

E sem violências.

Desta sessão, o dr. Manuel Braga deu noticia, no dia immediato na Gazeta de Coimbra, noticia breve, sem comentarios, á maneira de nota officiosa.

Não dizia tudo, mas estava exacta o que meem sempre acontece com as notici-
cias feitas pelo Manuel Braga.

Comuniquiei tudo isto aos artistas e resolvi não ter pressa na consulta ao ju-
ri — para dar tempo a que o Abel Urbano saia da Camara, pois não deve lá es-
tar por muito tempo.

Os artistas responderam-me em carta de 4 de Dezembro; e só em 31 de de-
zembro é que recebi o novo projecto de
colocação do monumento mandado fa-
zer pelo Abel Urbano. Por isso só em
Janeiro é que comecei, vagarosa-
mente, com as consultas, para dar tempo
ao tempo...

Comecei pelo architecto Silva Pinto
com o qual me ri de tudo isto. A sua
opinião era clara-^{te} contraria á meu-
dança de local.

E quando me dispunha a procu-
rar um outro qualquer vapor do ju-
ri surgiu o incidente que me expulsou
da presidencia do Conselho de Arte e, por
consequencia, da representação do meu
nome na comissão do monumento.

Escrevi, pois, ao coronel Fischer, a
25 de Janeiro, a seguinte carta:

« ^{meu} Sr. Presidente da Comissão
Executiva do Monum.^{to} aos Martos Comin-
vencidos na Grande Guerra:

« Como fui despedido das funções de
Presid.^{te} do C. A. A. pelo ^{meu} Sr. Ministro da In-
strução, venho informar V... de que deixo
de fazer parte da Comissão a q. V... tal
dignamente preside.

« Aproveito a oportunid.^{de} para agra-
decer a V... e a todos os vogais da Co-
missão, as m.^{as} despedidas e para agra-
decer a todos, muito affectuosam.^{te}, as
atencões com que sempre fui tratado.

« E com a affirmação da m.^a muito
consideração, etc. etc. »

Sei que o Fischer se referiu, a meu
respeito, com palavras m.^{as} atenciosas
na sessão em q. a carta foi lida e propoz
que na acta ficasse com voto de pesar pela
m.^a saída. O secretario, porém, ~~com~~
~~o~~, não me communicou o voto; até
hoje não sei oficialmente de nada.

Os autores do projecto do monu-
mento, a quem escrevi sobre o assun-
to, escreveram - me em 31 de Janeiro
mapados com tudo o que tem acontecido
e pedindo - me esclarecimentos para
seu governo.

Eu respondi - lhes ainda em 6 deste
mês com a seguinte carta:

« Não respondi logo, a agradecer a
amável carta de V. V... porq. queria
dar-lhes conhecimento de mais alguma
resolução da comissão do monumento.
Agradeço-lhes muito as boas palavras
que me dirigiram e que são exageradas; eu
só fiz o que devia perante a simpatia que
o caso de V. V... logo de começo me mere-
ceu — e poderia V. V... continuar a contar
como me pouco q. posso, para, fazer.

« O caso, porém, está, neste momen-
to mais embolhado... Depois de duas
reuniões da Comissão executiva, chegan-
do a conclusão de que o coronel Abel Ur-
bano, presidente da Comissão executiva
da Câmara não quer o monumento no
local escolhido.

« A expressão é esta: não quer!

« Esta comissão do monumento rein-
quire por a questão como devia ser pos-
ta; isto é: que em assuntos desta nature-
za não há absolutismos pessoais; e fran-
camente sem querer entrar no campo de
defeciação do nosso País, eu creio que
em nenhum outro as coisas teriam cor-
rido como correram.

« Mas, enfim, medida neste beco sem saída, a comissão do monumento resolveu recorrer para a "Grande comissão," — á qual vai entregar o problema da escolha do local...

« E aqui vem U.U. ... como o caso está posto: um assunto que só técnicos deveriam resolver tranquilamente, vai ser debatido numa assembleia heterogênea (forças vivas, imprensa, guarnição militar, et alii) que não tem a menor preparação e na qual, provavelmente, não haverá um artista.

« Vou ver, porém, se desta reunião (6.ª feira ou sábado) saí uma consulta a U.U. ...; pelo menos vou insinuar isso a um ou outro vogal de maior predomínio — já que lá não tenho voz — e se reconhecerem que os autores do monum.^{to} têm um bocadinho de direito a uma consulta...

« Repito: tenho o maior desejo de lhes ser útil e não esqueço que são dois artistas novos, cheios de vontade, e dignos de toda a simpatia. Não tenham receio pois de se me dirigirem e contarem com o pouco que vale o que é, afectuosamente, de U.U. ... etc. etc. »

E a questão está neste facto já eu que a esmurrice do Abel Urbano a colocou e a covardia dos vogais da comissão ajudou a colocar.

O que fôr poará.

Sua alma, sua palavra. Eu estou fãra da baralha — e ainda bem.

Fevereiro: 12.

Ainda a propósito da minha destituição do presidente do Cons.º de Arte e Arqueologia, devo acrescentar mais coisas, como elementos futuros para avaliação destes episodios camesinhos — mas requeramente elucidativos.

E para melhor clareza, vou dividir em capitulos.

I

A revista - boletim

Ao querer pôr em pratica a ideia de uma revista, boletim ou organo do Conselho de Arte, consegui reunir varias vezes os seguintes vogais: Tomás da Fonseca, Alberto Cupertino Pessoa e Vergilio Correia.

Depois de muita discussão e, ás vezes, de baralha (principalmente da par-

te do Pessoa) assentou-se em que a revista teria, periodicamente, em cada numero, a seguinte composição:

- a) tres artigos sobre arte ou arqueologia, assento serio e de bons autores;
- b) Um artigo acerca dos museus da circumscriçao ou de parcelas dos museus;
- c) Documentos;
- d) Noticias locais (Cidades e circumscriçao) a respeito de monumentos;
- e) Noticias do estrangeiro (acontecimentos mais notaveis);
- f) Bibliografia;
- g) Boletim do Conselho em que se fizesse publico o que nele se passava e o que nele se teve feito; e
- h) Resumos em francês e iuglês.

Seria, pelo plano que aqui fica, coisa de certo geito e que, estare certo, não em reponharia.

Contávamos com colaboração, além dos vogais do Cons.^o, dos seguintes: Joaquim de Vasconcelos — Araújo de Lacerda — Korrodi — Mergueta de Figueiredo — Dr. Paraisa, de Leiria — Alfredo Guimaraes — Afonso Duarte — Archer de Lima — Manuel Monteiro, Braga — João Couto — Eurico Sales Vianna — etc.

etc. além dos directores dos museus da
da circumscriçãõ.

Cheguei a escrever a varios dos
quais tive resposta afirmativa.

Consegui um artigo de abertura do
Ant.º Augusto Gonçalves, muito curio-
so por si mal; e comecei a trabalhar logo
em Fevereiro do ano passado — ha um
ano!

E a certa altura contava organizar
o numero da seguinte forma:

Para a alinea a): o artigo do Gonçal-
ves; metade dum estudo inédito do dr.
Teix.º de Carvalho sobre artistas do Renas-
cimento; e um artigo do Verpilio Carrêa
sobre esculptura da mesma época que
eu lhe arraquei com um ultimatum
porque, com pretextos futeis, chegou a
negar colaboração.

Despreitos?... O Verpilio é para mim
ainda um ponto de interrogação.

Para a alinea b): artigo do Almeida
da Moreira sobre o museu de Vizeu, com
gravuras.

Para a alinea d) noticia sobre o pa-
lacio Municipal transformado em Palacio
de Justica, feito pelo architecto Camara
& Silva; sobre o monumento aos mortos
da G.ª Guerra, feito por mim; sobre a

a igreja de S. Bento, pelo Tomás da Fonseca; e sobre a capela do Tesoureiro, a Sofia, pelo Ant.º Augusto Gouveias.

Para a alínea g) : o quadro do Conselho em 1 de Janeiro de 1928; e as actas, em resumo, até á data da publicação do numero.

Ficaria coisa em termos, creio eu, e daria, de certo, boas impressões.

Mas... começa aqui a tragedia de quem, em Coimbra, não é Doutor...

Promessas, boas palavras, mas nada mais; e o numero que se começára a compôr na Imprensa da Universidade e a que se deu (por combinação minha com o Dr. Joaquim de Carvalho) o nome de Arte e Arqueologia. Revista do Conselho de Arte e Arqueologia da 2.ª Circunscriçãõ, foi ficando emperrado como máquina a que faltasse o oleo.

O architecto Camarã e Silva parecia-me fugir de mim; o Tomás da Fonseca, não sei por que razão, nunca mais me falou no artigo sobre S. Bento; havia, em todos, uma especie de afastamento que me fazia aguentar só com a revista. Talvez que, recordando o pouco exito da publicação todos fizessem á responsabilidade — o q. não era de admirar.

Contudo, enchi-me de terros e quiz ao mesmo, fazer sair o 1.º numero embora cu.º inferior ao que se projectava.

Mandeí fazer as gravuras ao Marques Alencar, do Porto, que me prometeu o abatimento de 30% — que foi importante. E as coisas estavam a caminho quando saí da presidencia e resolvi abandonar a revista á sua parte.

He um anno que se arrasta sem se ter maneira de fazer andar tudo como queria e, diga-se, como se combinou.

O Vergilio Correia disse-me que se devia continuar com a direcção da revista... tive vontade de o mandar á sua da. Pareceu-me sempre que ele continuaria, á sua da, a escrever — e nem agora com a availability.

O Vergilio, debaixo da capa amavel que sempre escreva, deve ser um grande gajo.

Enfim, deixo á mercê da parte a publicação, afinal, a mais de seis. Mas que se aquentem. Eu não quero mais, não me entendo com esta gente.

O Vergilio, então, só tem a lucrar com a revista; ele que a aquente, que se rá para seu proveito.

As notas officinas

Uma coisa que sempre no Conselho se desprezou foi o contacto com o publico; e assim, este ignorava o que se fazia e muitas vezes censurava o silencio.

Tomei a iniciativa de, a seguir a todas as sessões, ou quando houvesse caso de maior monta, fazer uma nota p.^a os jornais.

Arqueiro agui todas as que mandei para a Imprensa — resumo, afinal, do q. se fez durante a p.^a presidencia e que podesse ir ao conhecimento do respeitavel publico.

Bem sei que é medocora, mas não faz mal a ninguém.

Até ficarem.

« Conselho de Arte e Arqueologia. — Na sua sessão de 5 de Fevereiro (1928) o C. de A. e A. da 2.^a Circunscriçã (Coimbra), tomou conhecimento das deliquencias feitas pelo seu presidente e por alguns vogais a respeito de monumentos nacionaes da sua area.

« Resolven chamar a atençã das est^{as}

ções competentes p.^a o estado em que se acham alguns outros monumentos.

« Tomou-se duas comissões p.^a estudar entre tantas propostas apresentadas, com o fim de intensificar e valorizar os trabalhos do mesmo Conselho. »

Da sessão de 26 de Fevereiro de 1928:

« C. de A. e A. — O C. de A. e A. da 2.^a circumscrição resolveu, entre outros assuntos promover uma serie de conferencias no Museu Machado de Castro e afirmar a sua solidariedade ao vogal Laureano Chaves de Almeida a propósito dum facto recente da sua vida official; tomou conhecimento dos trabalhos feitos pela comissão encarregada de estudar a possibilidade da publicação dum boletim; e tomou varias resoluções acerca de assuntos da sua competencia, especialmente acerca das obras de adaptação do Collegio de S.^{to} Tomás e Palacio de Justiça. »

Da sessão de 8 de Março de 1928:

« O C. de A. e A. da 2.^a C. officiou á Direcção das Belas Artes chamando a atenção do Sr. Ministro da Instrucção para

o facto das obras de adaptações da residência da família ducal a Palacio de Justicia não terem sido entregues a um architecto e au.^{to} especialmente ao sr. Silva Pinto que foi o autor do projecto em grande parte já executado; e procurando mostrar o inconveniente de obras de tal natureza e tal responsabilidade serem entregues muitas vezes a individuos q. (seubara dotados de intelligencia e boa vontade) não possuem titulos de competência tecnica ou qualquer obra de merito comprovado q. justifique a sua escolha. »

Esta ultima nota refere-se a um caso só possível em Portugal ou em países tão atrasados como o nosso em materia artistica.

O edificio do Colegio de S.^{to} Tomás foi entregue ao capitão de Infant.^{aria} Castello Branco, mestre de obras audacioso, para adaptar a Palacio de Justicia e completar a sua restauração.

Hei-de contar aqui o caso, que é interessante, se um dia estiver com paciencia para isso.

Mas vamos repellido com as notas officinas:

Da sessão de 1 de Abril de 1928:

«... O C. de A. e A. da 2.^a C., na sua sessão de 1 do corrente, tomou conhecimento do Dec. n.^o 15216 que reorganizou os serviços artísticos e arqueológicos e, em obediência a uma das suas disposições, elegeu o architecto sr. Silva Pinto para seu representante no Cons.^o Sup.^o de Belas Artes; tomou tambem conhecimento de que o architecto sr. Silva Pinto não aceita a nomeação para vogal da Comissão encarregada de adaptar o Collegio de S. Tomás a Palacio de Justiça em virtude das condições em q. a nomeação é feita; e tomou, entre outras resoluções, a de continuar o estudo já suscitado, acerca da redacção e conservação da capella de S. Domingos, chamada do Tesoureiro.»

Da sessão de 27 de Maio de 1928:

«... O C. de A. e A. da 2.^a C. na sua sessão de 27 do corrente prestou homenagem á memoria do seu 1.^o Presidente o sr. Dr. Julio Augusto Fleuryves e á do vogal effectivo Albino Caetano da Silva Pinto. Depois do Presidente e alguns vogais terem falado acerca dos dois quartos que do Conselho farão dedicados e valiosos auxilia-

res e depois de aprovado um voto de sincero e feroz reprobamento, a sessão foi encerrada. »

Da sessão de 3 de Junho de 1928:

«... O C. de A. e A. da 2.^a C. na sua sessão de 3 do corrente, resolveu admitir, por unanimid.^{de}, como vogal efectivo, o architecto sr. Joaquim Camara de Carvalho e Silva; tomou conhecimento de varios trabalhos da sua comissão executiva relativos á propaganda do Museu Machado de Castro e ao legado Camilo Pessanha; aprovou e laurou os esforços do director do Museu Regional de Lauro, feitos em defesa do edificio onde este se acha instalado, resolvendo expôr o assento ao sr. ministro de Instrucção; e tomou conhecimento de varios outros assuntos pendentes entre os quaes o da revista Arte e Arqueologia cujo 1.^o num.^o está muito adiantado. »

Da sessão de 1 de Julho de 1928:

«... O C. de A. e A. da 2.^a C. na sessão de 1 do corrente, tomou conhecimento (entre outros assuntos de expediente e de interesse mais restricto) das delibencias

feitas pela sua comissão executiva para a recepção do Lepado Carrillo Passanha o qual ainda se encontra a bordo de um navio de guerra; resolveu levar a Câmara de Laurogo pelo interesse e energia q. mostram ha pouco na defesa do edificio onde se acha instalado o Museu Regional, ameaçado de modificações prejudiciais não só á segurança do Museu como á estética do edificio; e resolveu tambem prestar, ainda no corrente anno uma homenagem á memoria do Dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho para a realização da qual foi nomeada uma comissão.»

Da sessão de 14 de Agosto de 1928: ⁽¹⁾

«... O C. de A. e A. da 2.ª C. dá conhecimento de que não foi ouvido nem teve a menor interferencia na escolha e nomeação de uma comissão que ha dias se reúne em Coimbra para decidir acerca da igreja de S. Bento. Os dois vogais que dela fizeram parte não representam, por consequencia, o Conselho. Informa ainda o Conselho de que a respeito da re-

⁽¹⁾ Ver, atrás, pag. 4-14.

ferida igreja já por neres (e por unanimi-
 dade) têm formulado o seu voto, bem
 claro, pela conservação da mesma. »

Da sessão de 11 de Novembro de 1928 :

« ... O C. de A. e A. de 2.ª C. na sua ses-
 são de 11 do corrente aprovou com voto de
 profundo pesar pelo falecim.º do seu vo-
 gal dr. José Rodrigues de Oliv.º; acurru ao
 seu presid.º a exposição da ultima tenta-
 tiva p.º fazer desaparecer a igreja de S. Ben-
 to e das delibencias q. se empregáram
 no sentido contrario; e depois de tomar
 conhecimento de varios assuntos penden-
 tes, resolveu q. a homenagem projectada
 á memoria do dr. Teixeira de Carvalho se
 realice no prox.º mês de Janeiro. »

Da sessão de 2 de Dezembro de 1928:

« ... O C. de A. e A. de 2.ª C. na sua ses-
 são de 2 de corrente depois de saudar o
 sr. Almeida Moreira, director do Museu
 de Viseu que se encontrava presente; e
 de lastimar a ausencia forçada do seu vi-
 ce-presid.º sr. Tomás de Fouseca⁽¹⁾, tomou

⁽¹⁾ Preso no forte de Mausauto.

conhecimento da resolução favoravel dada ás suas reclamações a respeito do Museu de Aveiro e tomou resoluções acerca da portaria n.º 5742 de 17 de Novembro relativamente aos objectos de valor artistico, historico e archeologico q. teve estado na posse da Junta da Freg.ª de S.ª Cruz; resolveu varios assuntos de expediente e ouviu a exposiçao do seu presidente a respeito dos trabalhos effectuados p.ª e publicaçao da revista e p.ª a homenagem ao Dr. Teixeira de Carvalho. »

Da sessão de 23 de Dezembro de 1928:

«... O C. de A. e A. da 2.ª C. na sua ultima sessão (23 do corrente) depois de resolver varios assuntos de expediente, tomou conhecimento de q. foi aprovada superiormente a sua proposta para que fosse nomeado vogal auxiliar, em Vizeu, o sr. dr. José Julius Cesar; e de que foi já entregue ao tribunal judicial desta comarca o processo levantado sob sua participação ao empregado António Vianna; resolveu dar a devida informação acerca de um projecto de ampliação e reforma do Museu Regional de Castelo-Branco e de tomar posse em 24 do corrente, de todos

os objectos de valor artistico, historico e archeologico pertencentes á Junta de Frequencia de S.^{ta} Cruz; e viriu a exposiçãõ feita pelo seu presidente acerca do que se passou numa reunião convocada para 22 do corrente no Governo Civil e a dos trabalhos effectuados para a projectada homenagem ao Dr. Teix.^{ra} de Carvalho para a qual se tem recebido realisações adesões»

Seu resumo e muito por alto se vê que algum trabalho houve e alguma coisa se fez. Pouco, pouco, ficou se se exceptuar a revista.

As actas falau por si e por mim; e seu falar das actas da comissãõ administrativa que eu fiz a funcionar e q. até á mi.^{ra} presidencia nunca reunira.

Esta alguma coisa deixou de utilidade e que provavelmente será aproveitada — se lhe derem essa importancia.

III

A homenagem ao Dr. Teixeira de Carvalho:

Uma das coisas em que pensei ao começar com a mi.^{ra} presidencia, foi em uma homenagem ao Dr. Teixeira de Car

válto não só por entender que seria da maior justiça, mas também para dar um chegado aos reaccionarios da terra e, especialmente, aos da Universidade.

Pensei no assunto e expuz o meu plano numa sessão do Conselho: far-se-hia uma sessão solene no Museu, rigorosa, com courentes passados á feira, presidida pelo velho Ant.º Augusto Gonçalves e em que falaria pessoas escolhidas mas que não fossem os cathedraes sempre chamados p.º todas as sessões solenes...

E assim lembrei que pelo Conselho deveris falar o Dr. Verpilio Correia, successor do haumenapeado na cadeira da Faculd.º de Letras; courentar-se-ia o Dr. Maximino Correia para falar do Teix.º de Carvalho como medico e especialmente como anatomista; e courentar-se-iam tambem o Dr. João de Barros para falar dele como homem de letras e o Dr. Aarão de Lacerda, colega na facult.º do Porto para tratar do ponto de vista de critico de arte e até do artista.

Tudo gente nova, como se vê.

E como estava em projecto a revista, o numero a seguir á sessão reuniria os discursos, e artigos de outras pessoas a quem se pedisse, á maneira de um

in memoriam, com retratos do homenageado em varias epochas, a casa em que nasceu, em Laurogo, a casa onde morreu, em Coimbra etc. etc.

Não ficaria mal e não deshonraria a memoria do pobre Severin Martins.

O meu plano foi aprovado e... nomeou-se uma comissão p.^a o effeito.

É claro que tudo isto levou tempo; mettem-se a morte de meu tio Albino da Silva, trabalhos varios que caíram em cima; mas ficou assente em sessão de 1 de Julho de 1888 que a homenagem se prestaria — e eu fui dando a noticia para o respeitavel publico em nota officiosa.

Calculava-se que a sessão fosse ainda dentro do anno passado; e logo que voltei de Caldelas, em Outubro, escrevi varias cartas sobre o assunto e officiei ao João de Barros e Araújo de Lacerda (officios q. foram acompanhados de cartas) e ao Verplis Correia prevenindo-o do que ficava resolvido.

Ato mesmo tempo procurei o Maximino Correia a quem comidei e que aceitou me.^{to} patifeito e creio mesmo que muito honrado. Só jadin que a sessão se não realizasse em novembro porque até-lá tinha muito que fazer.

Parecia, pois, estar tudo a caminhar
em ordem e sem novidade.

O João de Barros que foi amigo do Teixeira de Carvalho deveria aceitar; o Afonso
também m.^{to} amigo, quasi parente, acci-
taria com ambas as mãos; o Vergilio
teria occasião de fazer qualquer estudo em-
rroso sobre o Sermão Martiano e de lembrar
a successão na cadeira da Facult.^e; o Maxi-
miano Correia...

Mas...

Ora vamos lá aos meus.

O dr. Teix.^o de Carvalho foi muito com-
batido pelos reaccionarios da terra e em
especial pela Facult.^e de Letras. Polemicas
antigas. O odio canónico dos leutes de
theologia que o regime republicano dei-
xou integrar na nova Facult.^e de Letras,
não perdôou e estendeu-se aos outros
leutes... A primeira impressão, todos
os cuidados acharam bem que se fi-
zesse a homenagem; mas a verdade
é que, quem entrasse na homenagem,
desagradaria aos teolopos e adherentes.

Isto é logico e por ser logico é que eu
fui cuidadoso amigo do Sermão Martiano,
gente nova que eu julguei superior a
pequenos medos e que julguei até dese-
josa de marcar posições.

Emparei-me, como toda a gente se empava. Não fica mal a mim mesmo confessar que se empava.

Começou pelo Vergílio Correia.

Em 22 de dezembro recebi uma carta dele, escrita de Lisboa, dizendo que o muito trabalho que se lhe havia envolvido o obrigava a excusar-se da homenagem... «Um "discurso académico não me é possível fazer agora...» Etê. etê.

Primeiro golpe na minha boa ilusão. Mas respondi-lhe em 26: «... A carta de "V... desgostou-me. Pareceu o Conselho resolver "perante as razões apresentadas demorar "mais a pessoa q.^a que V... seja (como é de "direito) o orador do Conselho. V... dirá no "me os dois pontos o que entender e dará "as suas ordens, etê. etê.»

O Vergílio não quer, evidentemente, desagradar á Faculdade que poderia sentir-se com o real da homenagem.

No entretanto, para contrabater, fui anunciando em nota-officinas que se verificara grande numero de adesões...

Entrou o ano de 1929. No dia 1 recebi carta do João Couto apoiando a ideia da homenagem e prometendo vir; no dia 7, carta do João de Barros, queixando-se do seu estado de saúde mas acci-

tando « comovidamente o convite. » Foi o unico que não fez duvida! o unico que não receeu a Sagrada Teologia!

Depois, vem o Arão.

Em 14 de Janeiro mandou-me uma carta, depois de largo silencio, esculpando-me porque em 30 ou 31 teria que chegar ao Porto os jacobitas de Lisboa!

Podia arranjar melhor desculpa. Fiquei irritado e em 17 respondi reaveramente:

« ^{meu} Sr. Dr. A. de L.: agradeço muito a V... a carta que recebi em resposta ao meu officio; e informo de que, por varios motivos, a sessão de homenagem ao falecido Dr. G. de G. não se realizará este mês mas sim um pouco mais tarde.

« Por esta razão, em nome do Conselho e em meu nome (apesar de, pessoalmente, não ter a honra de conhecer V...) venho dizer q. não dispensamos a sua valiosa colaboração na homenagem projectada.

« O nome de V... acudiu logo por nos termos quanto V... apreciava o falecido professor e por sabermos tambem que tal colaboração vinha dar prestigio á homenagem: razões de polva para insistir e q. confiar em q. V... aceitará o nosso cau-

vite. Esperando uma resposta e com as
minhas saudações, recusero-me, etc.
etc. etc.»

Parece-me que a carta ia com amig
bilidade e que merecia resposta. Pois
até hoje nada recebi — e já agora não re-
ceberei.

O Barão não quiz desagradar aos
colegas de Coimbra; quem sabe se ele as-
pira ainda á cadeira do Vergílio desde que
esté já definitivam.^{te} para Lisboa como
deseja? Segredos insondáveis do coração
humano — como poderia dizer o Conse-
lheiro Acácio.

E assim as coisas se arrastaram até
á minha destituição da presidência do Con-
selho.

E agora, segue-se o Maximino...

Dias depois da m.^a destituição este pro-
curou-me e disse-me que sabia da ma-
neira como fui demittido, que sabia que
o Conselho não se solidarizou comigo co-
mo devia e que ele, Maximino Correia,
como protesto contra essa attitude se desli-
gava do compromisso tomado comigo pa-
ra falar na homenagem, procurando assim
a minha consideração que tinha por mim
etc. etc.

Debalde lhe disse que a m.^{te} padeira não implicava pseudanua; que o Conselho é que convidou e não eu; que o favor dele era ao Conselho e não a mim. Em vão. Não discutiu; e apertando-me a minha mão direita com as duas dele agradeceu-me com certa comocão e despediu-se rapidamente.

Ora de repente, confesso, senti-me um tanto ou quanto lisoupeado com o discurso. Mas dormindo sobre o caso (porque comecei a achar a esmola muito grande) procurei descontinuar os motivos de tal atitude.

Não quereria o Maximino desagradar á Facult.^{de} de Letras onde é professor auxiliar de psicologia experimental? Teria receio de desagradar aos reaccionários da Facult.^{de} de Medicina para a qual vai fazer concurso ou vai ser nomeado?

Com estas bases fiz um supposto — e com tal portê que vim a saber que não só eram verdadeiras aquelas miinhas duvidas como tambem que chegou a audácia dos reaccionarios ao ponto de lhe inquirirem que na Facult.^{de} de Medicina se operiam á sua entrada se ele fizesse o discurso laudatorio ao Guim Martins!... E ainda vim a saber que o encaregado

dessa deliquencia que era quasi intima-
ção fora o professor dr. Santos Viegas que
geralmente é considerado como excelente
pessoa.

É o Maximino Carneiro foi abaixo e
não teve a coragem de arrostar com tam-
tã guerra e de perder a occasião de entrar
para a Faculdade. É como a reunião des-
tuição lhe deu um pretexto, agarrou-se
a ele com unhas e dentes.

É aqui está como a homenagem fi-
cou aberta á nascença. É claro que se
eu continuasse na presidencia do Conselho
a homenagem fazia-se porque substitui-
ria os medrosos de qualquer maneira.
Mas com a mi.^a parte, o Conselho nada
resolve, mesmo porque a maioria dos vo-
gais tem medo dos Teólogos — e sempre
é bom andar bem com eles.

Esqueci-me de dizer que a familia
do dr. Teix.^a de Carvalho estava disposta
a colaborar; e até com dinheiro.

O coronel reform.^{do} de Eupentharis
Lacino de Gamba procurou-me para
me fazer essa declaração em nome da fe-
milia e pediu-me para o avisar do que
se fosse passando

Ficaram espantados, como eu.

IV
Varia

Um caso que se tem levantado varias vezes, desde que o Museu Machado de Castro se instalou no Paço do Bispo, é o da posse do edificio.

O Ant.^o Augusto Gouveas nunca tomou posse do casarão e nunca se importou com isso como nunca se importava com formalidades burocraticas.

E assim, quando ha uma qualquer reacção politica, os reaccionarios levantam sempre a questao.

Aconteceu o mesmo no ano passado. Foi apresentado superiormente ao director do Museu qual o titulo de posse que tinha relativamente ao paço episcopal.

O caso foi ao Conselho; o Gouveas, como de costume, fez trapalhada e disse que não respondia; os vogais do Conselho, tambem como de costume, disseram o que lhes pareceu e nada resolveram.

Resolvi estudar o assento e como o principal motivo de queixa era o não pagar renda, lembrei-me de propor a solução simples de a Camara e o Turismo se responsabilizarem pela renda futura

e a Comissão Jurisdicional dos Bens Eclesiásticos fechar os olhos á receda passada. É isto com o fim de esperar uma mudança de situação política que facilitasse uma espolija sobre tudo e entrepasse o edificio ao Museu.

Escrevi ao dr. Augusto da Cunha Oliveira, chefe de repartição no Ministério da Justiça e vogal do Conselho por onde estes assuntos passam. Respondeu-me em 29 de Dezembro do ano findo com carta satisfatória.

O caso ia resolver-se quando me mandaram embora.

É mais nada.

Com o intuito de fazer propaganda do Museu Mach.º de Castro, por meios de postais illustrados e de fotografias avulsas que se venderiam á entrada, contratei com o fotografo de Lisboa Octavio Bobone uma serie de trabalhos.

Veiu a Coimbra e fechámos contracto p.^o ele tirar um certo numero de fotografias de quadros, estatuaria e objectos considerados dignos de propaganda. O Conselho pareceu-me indiferente perante a iniciativa, mas eu fui por diante e o Bobone começou a executar o plano.

Entretanto fui destituído do cargo; o Bobone quiz continuar, pois o contrato não era pessoal mas sim ~~o~~ com o Conselho. O Verpilio Correia, porém, fez suspender o trabalho e anulou o contrato.

As fotografias já tiradas foram para o arquivo....

Do director do Museu de Lauego, João Stuaral que eu não conheço pessoalmente, recebi duas cartas que conservei na minha colecção: uma de 10 de Maio, e outra de 3 de Novembro, ambas de 1928.

Pela leitura perceberem-se bem os assuntos. Quando-as porque são curiosas.

Da 1.^a o Conselho nada resolveu; da segunda fez-se um pedido que não teve resposta.

Tudo assim.

Não me ocorreram, agora, mais episódios do meu período "presidencial" para aqui arquivar como illustração do tempo que corre. Se me lembrarem cá deixarei tudo escrito, para gaudis dos futuros investigadores — e também para que, se eu voltar em viver, possa gozar com tais recordações.

Fevereiro : 16.

Hoje recebi uma carta dos autores do monumento aos mortos, muito curiosa, e juntam.^{te} um protesto que dirigiram á Comissão respectiva.

O protesto tem carta violencia e está cheio de ironia dura; mas é justo. O coronel Fischer não irá gostar — e o Abel Urbano vai dar por pau e por pedras. ⁽¹⁾

Fevereiro : 20.

Disse-me hoje o Barros e Cunha, secretario da Comissão do monumento aos mortos que o coronel Fischer achou graça ao protesto dos artistas e está disposto a colocar a Câmara entre a espada e a parede.

Já o devia ter feito. O Fischer foi quem fez um presid.^{te} mudo, não abriu bocca, deixou q. as discussões se arrastassem, se complicassem e se exaltassem.

E ele ... muita. E no fim pediu os votos e pronto.

Não queria ter qualquer especie de intervenção; era "constitucional" de mais.

(1) Guardei carta e protesto na m.^a coleção de cartas.

Fevereiro : 26.

Contou-me hoje o Laureau, que o juiz Aragão o chamára para lhe dizer q. o juiz Oliveira Pires a que já me referi atrás, ⁽¹⁾ está a fazer a defesa do Antunes Viana na organização do processo; que na inquirição de testemunhas mostra accentuada parcialid.^{de}; que já quiz mandar archivar o processo, etc. etc.

O Aragão aconselhou que fosse eu procurar o Procurador da Republica junto da Relação e lhe dissesse qualquer coisa.

O caso era de prender.

Fevereiro : 27.

Pedi realmente audiência ao Procurador da Repub.^{ca}, Dr. Monteiro do Carvalho, no seu gabinete da Relação.

Recebeu-me muito bem; ouviu-me com atenção o que lhe disse e as vagas suspeitas que lhe apresentei sobre as protecções dispensadas ao Ant.^o Viana. Mostrou-se admirado com tal protecção e desgostoso com o procedim.^{to} do juiz Oliveira Pires não só na defesa que está tomando do culpado mas também na intenção de

(1) Em 21 de Janeiro, a pag. 44.

acarear o dito culpado com o advogado Augusto Gouveas Lues. Mostrou interesse, disse-me que ia ver o caso com cuidado e pediu-me para lá voltar daí a uns dias.

É terminou a palestra com uma apologia á ditadura Militar e ainda por chamar escoria, ralé, etc. aos homens que governáram o País, seu regime republicano, anteriormente a 28 de Maio — o que, diga-se de passagem, não vinha nada a propósito.

Foi desabafado como outro qualquer.

É ainda a propósito da revista do Conselho de Arte, recebi hoje as gravuras do Marques e lerei. Importaram em 505.90; com o desconto de 30% ficaram em os seguintes : 354.13.

No Conselho não tiveram importância as caso; eu é que agradei, como favor feito a mim; de lá meu uma palestra anual.

Março : 6.

Voltei ao Procurador da Republica na Relação. Disse-me que era improprio arguir o processo. Falara com o delegado e viu a "nova". Que ficassemos des-



causados que justiça seria feita, etc. etc.
palavras amáveis.

Procurei ainda o delegado, mas não
estava.

Dos autores do monumento aos mor-
tos da G. Guerra, recebi uma carta em q.
me dizem que a Comissão lhes comuni-
cára que não tomára conhecimento do
protesto que elles lhe dirigiram por causa
dos termos incorrectos e inconvenientes
com que estava escrito.

Fiquei um pouco surpreso; mas,
enfim... são razões de estado.

Março: 7.

Procurei o juiz drapão. Não estava no
seu gabinete.

Março: 8.

Procurei de novo o delegado do Procura-
dor da Republica. Estava em audiência
e não lhe falei.

Este trabalho todo por causa da justi-
ça é interessante...

Março: 10

Respondi hoje aos artistas do monu-
mento aos mortos com a seguinte carta:

« ^{meu} Sr.º : Surpreendeu-me muitô a carta de V.V. ... pois, como me deixei dizer, a Comissão havia vontade de pôr a Câmara num dilema e havia quem gostasse do protesto. Não conseguindo a reviravolta — e ainda não encontrei alguém q. me explicasse.

« Que querem V.V. ... ? As coisas são o que são e, como dizia Placido, ninguém foge aquilo que é ...

« A Comissão entendeu q. podia pôr e dispor do monumento sem dizer "agua vai" aos autores; e quando os autores, num legítimo movimento levantam um protesto, a Comissão nem, com o peso da espada que tem á cintura e grita: alto lá! não se admitem desconsiderações!

« Não será isto? Eu creio que é isto, pouco mais, pouco menos.

« Quero ver se sei o que se passou; mas ao mesmo tempo quero ver se sei, por acaso e não por interesse. Daqui a deusa em conhecer o desenvolver deste grande e horrivel crime.

« Tenham V.V. ... paciencia. Consolem-se com a certeza de q. não são os unicos a quem tais coisas sucedem; mas também com a certeza de que se não encontram não só.

« O que se debia, direi. E disponhamo
do que se assina, etc. etc. »

Março: 13.

Caeu a recente lei do limite de idade
o Ant.^o Augusto Goncalves deixou a direc-
ção do Museu Machado de Castro.

Hoje tive longa conversação com o Cha-
mes de Almeida acerca do successor.

Lá se vai por agua abaixo a obra do
velho Goncalves!

Março: 14.

Encontrei hoje o architecto Carvalho
e Silva. Mostrou-se atrapalhado com o
encontro; quiz explicar porque não es-
creveu o artigo que me prometera acerca
do monumento aos mortos e alegou que
o Amadeu Ferraz de Carvalho lhe dissera
que já não tinha oportunidade (sic) e que
falaria comigo.

Este Ferraz de Carvalho era o secreta-
rio (e creio q. ainda é) do Conselho e na-
da tinha que dar pareceres acerca da revís-
ta. Não me falei no assunto até agora
e é bom acrescentar que é muito ami-
go do Abel Urbano e o architecto foi no-
meado para a Câmara pelo mesmo Abel
Urbano... Coisas...

x

Recebi novas cartas dos autores do monumento. Elles escreveram com graça e as cartas que me têm mandado guardar na collecção, porque valeem como documentos.

Na recebida hoje dizem q. nãoem breve saente a Coimbra.

Marco: 15.

Os artistas do monumento aos mortos vieram hoje e procuráram ás 14 h. para agradecerem a defesa que tenho feito e o interesse manifestado.

Marco: 22.

Recebi carta do dr. João Couto a respeito do Conselho de Arte e Arqueologia. Fica arguinada como as outras porque também vale como documento.

Marco: 24.

O Antonio Aug.^o Gonçalves disse que foi intimado pelo juiz para uma acareação com o Antonio Vianna no prox.^o dia 8 de Abril. Sempre o Oliveira Pires leva a sua ávantê e vai rejeitar o velho Gonçalves á responsabilidade duma acareação com um gato e um réles.

Março : 28.

Na ultima carta, o João Couto dizia-me que no Ministerio da Instrucção se falava no Dr. Joaquim de Carvalho para futuro director do Museu Mach.^o de Castro. Eu repeti o dito em conversas, no Museu, ha dias, com a maior naturalid.^e

Ora hoje o Dr. Carvalho procurou-me muito exaltado, para se desmentir qualquer atôarda que se levantê a tal respeito; garantiu-me q. não queria o Typar nem falára em tal com qualquer pessoa, e que o seu voto seria para o Vergilio Carneia.

Eu respondi-lhe que nada tinha com o caso, apenas me limitara a reproduzir o dito do João Couto; e com franqueza não percebi o motivo da exaltação do homem.

Um pouco mais tranquillo, quiz explicar que o seu nome apparecera por influencia do José de Figueiredo para afastar a candidatura do Vergilio seu inimigo capital; fez um arauzel muito grande q. eu não comprehendí muito bem e acabou por pedir para eu escrever ao João Couto dando-lhe a informação verdadeira...

É possível, realmente, que o José de Figueiredo se intrometesse. Nunca perdaria que o Vergilio Carneia fosse nomea-

do director do Museu Machado de Castro, e o Dr. Joaquim de Carvalho seria uma excelente solução.

Santa gente!

Abril: 5.

Fui procurado pelo capitão Correia Cardoso que me mostrou o relatório da reindicação feita ao Ant.º Viana. É documento curioso pela forma metódica e arduada como está feito. Prova muitas irregularidades e faltas do supposto — e seu derrochamento.

Contou-me o Cardoso que fora chamado ao juiz Oliveira Pires o qual lhe esteve a insinuar a quasi innocencia do Ant.º Viana, e quasi lhe pediu para modificar o relatório no sentido contrario. O juiz Pires passou de julgado a advogado de defesa.

Na verd. já ha algum tempo o es-
crivaõ do processo dissera ao Ant.º
Sup.º Gonçalves que o processo não devia
cair que se visse.

Quanto á direcção do Museu...

Contou-me o Chaves de Almeida T.
o pintor Fausto Gonçalves ainda a dizer
que é ele que vai para director e levará

para conservar o Paol Miranda, filho do dr. Domingos Miranda, chefe da secretaria do Conselho. Diz mais o Fausto Gausathes que ha-de extinguir o Conselho de Arte e Arqueologia e termina sempre por dizer:

— Aquilo ha-de levar tudo grande volta...

Assim seja.

x

Compreei hoje um num.^o do jornal O Povo, de Lisboa que traz um artigo do dr. Vergilio Correia sobre o Mestre Gausathes a proposito do limite de idade que o atingiu ha pouco. Guardei-o porque nada deixa de ter interesse.

E a proposito, os reaccionarios indignam-se para director do Museu Machado de Castro o conego Joao da Silva Campos Neves — o meu am.^o Campos Neves!

Abril: 6.

A revista do Conselho parece que suspensa por falta de energia. Desde que eu abandonei o Conselho ninguem mais lhe pegou.

A unica esperanza que tenho e' que o Vergilio comeca a ver nela um meio de publicar os seus trabalhos e um pon-

to de apoio para a bordada nos seus adversarios e eu que e' eximio.

Então, sim. A revista sairá.

Não ha duvida de que eu Coimbra e' necessario ser doutor para se conseguir alguma coisa. Apesar de todas as boas palavras tive á minha volta, quasi sempre, a campanha do silencio.

Não seria?

Pelo menos pareceu-me. Não quero dar a impressao de que me julgo perseguido; mas se não e' assim, pelo menos pareceu-me.

Abril: 7.

Fui hoje ao Museu Machado de Castro. Com conversas disse-me o Lourenço Chaves de Alen.^{da} que o pintor Fausto Gonçalves já desistiu de ser Director do Museu e que cedeu em favor do patarata Raul Miranda o qual ainda a trabalhar nesse sentido com certo sucesso.

x

Disseram-me hoje que o Sergio de Castro largou o cargo de Governador Civil abandonando o edificio quando soube q. na substituição trimestral dos membros da comissao de Censura, o alferes Soares da policia de informacao tinha mandado

mais do q. ele e passado por cima das
suas ordens e das do commandante da
Região. Gaiu como devia...

Talis vita, finis ita. A terra the seja le-
ve...

Abril: 8.

Fui com o Laurencio Gh. de Almeida ao
Tribunal accusar o Ant.º Augusto
Gonçalves p.ª a hipótese de o Antonio Viana,
com as suas insolencias, provocar qual
quer incidente.

Aquilo foi uma coisa inaudita!

Em resumo se póde dizer que o juiz
Oliv.º Pires está a fazer a clara defesa do
acusado, como qualquer advogado.

Ouvia-se lá dentro, no gabinete, a
voz irritada do juiz contra o Gonçalves;
a voz de falsete, mas solene, do Viana,
acusando o Gonçalves; e a voz mais fr-
ca do Gonçalves repetindo as acusações,
sem ser atendida, como se ali ele fosse o
acusado e não se tratasse duma acarea-
ção entre um mataudrim de alto cotur-
no e um homem de bem na mais alta
acepção do termo.

Já o vexame da acareação me pa-
rece inqualificavel; mas o facto de o
juiz querer defender o arguido e exal-

tar-se com um dos acareados é que me parece esiza nova.

A exaltação começou logo que o Antonio D. Gonçalves leu, de entrada, a seguinte declaração:

« Não costumo mentir. Nunca menti. Não por virtude, mas por autêntica moral e afirmação de carácter, porque assumo sempre a plena responsabilidade dos meus actos e das minhas palavras. Posto isto, assevero, sob palavra de honra que não dei os azulejos nem a cortina de que se trata.

« Considero esta acareação exorbitante, absurda e vexatória. É protesto contra a hipótese, inverosímil e arbitrária, de se julgar que eu seja capaz de desmentir hoje um facto que ontem positivamente afirmei.

« Eis a razão porque terminantemente me recuso a sujeitar-me a um debate estéril e deprimente. »

O juiz não aceitou a declaração e, por consequência, não ficou exarada no depoimento.

Ora o Laureauço, que desmentiu ultimamente o Almeida Moreira, de Viseu,

veio a Coimbra, na altura em que o processo transitava da investigação para o Tribunal, disse-me que este viera pedir ao juiz Pires, de quem é íntimo amigo, a protecção para o Viana. Não quiz então, acreditar — mas apara mejo a possibilidade de tal afirmação.

Depois da cena inacreditavel que se presenciou bem através da porta entre-aberta, o juiz veio cá fora em serviço a qualquer cartorio; viu-me, e á volta abordou-me confidencialmente, pedindo-me para eu prestar um alto serviço ao Gonçalves como amigo que era dele. E começou a falar das contra-dições que atribue ao Gonçalves nos depoimentos e que reputa m.º graves; disse que acima de tudo quer esclarecer a verd. e por isso promoveu a acareação que ele sabe ter irritado muita gente (sic) mas que procedeu assim perf. não olha á categoria das pessoas no cumprimento dos seus deveres; quiz fazer ver que o Gonçalves está desmemoriado, capcioso; e que o que o Viana diz deve ser mais verdadeiro; enfim, uma argumentação cerrada (que eu tive de ouvir estado) para concluir que o melhor de tudo ainda é o processo ser ar-

quivado, pois como as coisas estão, o
nem pode ser absolvido.

Conseurou a demora da revidencia
e extranhou que o revidente diga que
tem provas, etc. etc.

A certa altura foi-se embora sem eu
ficar sabendo qual era o serviço que po-
deria prestar ao velho Gonçalves.

Eu pouco lhe disse. Lancei-lhe algu-
mas lascas narrativas de que ele, certá-
mente, não gostaria. A ultima foi:

— Olhe dr.: desde criança oigo dizer
que o Viana é a coisa mais real e mais
baixa que ha; se eu fosse juiz não exita-
ria em tomar como mentira o que ele
diz desde que fosse em opposição a pessoa
como o Gonçalves.

Passou 3 horas de tortura a que o juiz
rejeitou o velho artista — o que não é f.
admirar porque o gabinete está no edifi-
cio onde funcionou a Inquisição e nas
paredes ainda deve haver quaesquer em-
nações...

Nota curiosa: foi necessario a certa
altura o processo; quem o foi buscar ao
cartorio não foi o escrivão mas o Antonio
Viana, o rei! Passou por mim e pelo
Lourenço triumphante, com o processo
na mão, como quem diz: «Então?...»

Que dizem vocês a isto? Vejam a confiança que eu mereço!... »
 E tinha razão.

No Diário do Governo de ontem vem o afastamento do Ant.º Dep.º Gonçalves da direcção do Museu Machado de Castro em virtude da lei do limite de idade.

O Tomás da Fonseca só agora é que acordou e convocou o Conselho para amanhã. Eu não poderei ir mas escrevo carta p.^a ajsiar todas as homenagens q. se prestem ao velho Director.

E aproveitando a ocasião vou mandar a seguinte proposta — q. naturalmente vai melindrar os medrosos:

Proposta:

« Proponho que na acta da sessão de hoje fique exarado o protesto deste Conselho contra o vexame inqualificavel a que o juiz dr. José Cupertino de Oliveira Pires com o pretexto de esclarecimento da verdade rejeitou o Ex.^{mo} Ant.º Augusto Gonçalves intimando-o para uma acareação com um empregado do Museu arguido de culpas graves no desempenho das suas funções e causando que o arguido falasse com arrogancia e fizes-

re acusações contra o sr. Director do Museu Mach.º de Castro como se fosse o queixo e como se tivesse algum direito a falar perante gente honesta.

« Sala das sessões, 9 de Abril de 1929. »

Abril: 9.

Reconsiderando um pouco e para não meter o Conselho em novas carrapatas, reduzi a proposta anterior ao seguinte:

« Proposto que na acta da sessão de hoje figure exarado o protesto deste Conselho contra o vexame inqualificavel a que foi sujeito o ^o Sr. D. A. G. sob o disfarce duma acareação com um empregado do Museu arguido de culpas graves.

« Sala das sessões ... etc. » ⁽¹⁾

x

A' noite.

Li agora a noticia da morte do querido e velho amigo José Colaco Alves Sobral.

Mais um companh.º que vai embora. Era dos mais amigos que muito tempo vive e que ainda hoje se mantém na mesma, embora as nossas vidas, por occupações diferentes, se tivessem qd-

⁽¹⁾ Ver adiante: 12 de Novembro de 1930.

Tudo um pouco. Era rapaz leal, muito
 justo, trabalhador consciencioso; infeliz
 em todas as suas coisas; nunca come-
 çou a ver realizado qualquer desejo.

Quem sabe se, ao conhecer a morte,
 a desejou; e pela primeira vez sentiu
 que se realizava algum desejo!

Pobre rapaz, merecedor de melhor vi-
 da! E em que miséria ficaram os filhos?
 A vida é coisa tremenda.

Abril: 10.

Encontrei o Laurenceo Chaves de Al-
 meida que anda furioso por o Antônio
 Viana se gabar de que venceu a questão, de
 que tem excelentes padrinhos, etc. Quere
 queixar-se ao Procurador de Republica
 junto da Relação.

Procurei acalmá-lo e prometi-me ir
 ouvir o juiz Arapão.

Abril: 11.

Fui hoje procurar o dr. Gilberto de
 Arapão a quem contei todo o acontecido.

Ele ficou visivelmente incomodado
 com o caso de acareação e com a mar-
 cha do processo. Contou-me varios ca-
 sos sucedidos com o juiz Pires que pro-
 vau bem a sua falta de escrúpulos —

para não dizer mais claramente falta de carácter.

Dize-me que não estranhou, por isso, o seu procedimento principal. ^{re} porque sabe que tem sempre o fito de lhe ser desagradavel. E pela conversação vim a saber que se alguém se queixasse ao Cons. Superior Judiciario com fundamentos, esta entidade interviria no assunto. O Arapádo insistiu-me habilmente a pida...

E não ha outro remedio; teremos que recorrer ao Cons. Superior Judiciario.

Abril: 12

Fui procurar o Laurencço para lhe dizer que, se quizesse, poderia queixar-se para o Cons. Sup. Judiciario.

O engraçado é que ele mostrou-me logo a queixa já feita...

Deu-me p.^a em rever e emendar e dar-lhe nova forma.

Aqui está como ela ficou e foi enviada ao seu destino:

« Ex.^{mo} Sr. Presidente do C. S. J.:

« Laurencço Chaves Almeida, vogal do Cons. de Art. e Arqueol. do 2.º Circums-

criação e foi este nomeado para auxiliar na direcção do Museu Mach.º de Castro o sr. Director Ant. Dup. Gonçalves; e como tal participante ao mesmo Caus.º das irregularidades e faltas cometidas pelo chamado secretario do Museu, Ant.º Viana; nem junto de V. ... queixar-se de factos que lhe causam e de outros observados directamente que lhe causam estranheza e lhe parecem dignos de serem chegado ao conhecimento de V. ... e do duto Caus.º a que preside.

« Vai expor-las a V. ... o mais puziamente q. possa:

« § 1.º) Em Agosto do anno p.p. o Presidente do Caus. de Arte e Arqueolog.º participou para o Director da Policia de Investigação Criminal um certo numero de faltas e irregularidades praticadas no Museu e a suspeita de que havia roubos cometidos no mesmo; sobre esta participação o M.^{mo} Juiz arquivou um processo que em fins de Novembro foi enviado para o Tribunal Judicial, tendo este Magistrado a atenção de comunicar o facto p.º o Conselho com a informação de haver indicios bastantes de culpabilidade p.º o arguido.

« § 2.º) Nesta altura, por cartas anónimas (apenas com as iniciais A.M.) chegou-me a informação de que o arguido pedira

a protecção de um amigo de Vizeu a quem o sr. Juiz Pires (que teria de julgar o processo) devia favores; esse amigo era o sr. Almeida Moreira director do Museu Grão Vasco que efectivamente esteve em Coimbra em 1 e 2 de Dezembro e no mesmo hotel onde se achava hospedado o sr. Juiz.

« § 3.º) Pouco depois, quando o processo seguia os seus tramites, recebeu outro aviso de que o sr. Juiz Pires estava fazendo accões contraditórias a favor do arguido.

« § 4.º) Estes avisos que eram anónimos não teriam importância se não fossem os factos que se seguem:

« § 5.º) Em Fevereiro, salvo erro, o sr. A. A. Gonçalves foi iudimado para comparecer perante o sr. Juiz que o interrogou acerca de uns azulejos e uns tecidos que desapareceram do Museu e cujo desaparecimento se attribue ao arguido; o sr. Juiz disse q. o arguido affirmava que lhe foram dados pelo sr. Gonçalves e quando este, indignado, respondeu que nunca lhe deu nada do Museu e que era incapaz de mentir e que, além disso, o arguido lhe mandara algumas vezes a avançar e um sobrinho e um amigo pedir-lhe para di-

ver no seu desfoinamento que os objectos des-
aparecidos lhe foram dados, o sr. Juiz ter-
minou por dizer, contra o que parece lo-
gico, que em vista da discordancia, teria q.
fazer uma acareação...

« § 6.º) Em fins de Março, realmente,
o sr. A. A. Gonçalves foi intimado para
comparecer perante o Juiz — para ser
acareado com o arguido! Este facto foi
estranhado por todas as pessoas de bem
por ir sujeitar pessoa de tal categoria mo-
ral e intelectual a um debate com creatura
de tão baixo jaez como o acusado.

« § 7.º) Mas, levado pelo receio do q.
poderia produzir sobre o organismo doeu-
te do sr. A. A. Gonçalves o acto que se ia
passar, o sr. major Belisario Pimenta
(antigo Presidente do Cons. de Arte e Ar-
queologia e que, como tal, deu a participa-
ção p. Juizo) e ele signatario foram acom-
panhar aquelle sr. e enquanto esperavam
que terminasse a deligencia poderiam su-
vir algumas coisas e ver tambem en-
tras porque a porta do gabinete estava
quasi sempre entreaberta.

« § 8.º) Sem respeito pela avancada
idade, pela doença e pela categoria do sr.
Gonçalves, este sr. foi submetto a um mi-
nutaço de interrogatório a que se re-

queim uma altercação violenta em que o sr. Juiz falava exaltado e com ele o arguido, não sendo aceites pelo sr. Juiz as razões q. o sr. Gonçalves lhe apresentava de começo e por escrito p.^o evitar o vexame da acareação.

« § 9.º) Durante 2 horas e meia o sr. Juiz, abertamente a favor do arguido, deixou que este falasse alto, arrogantemente, permitindo que fizesse acusações entre as quaes a de ser o signatario desta autôr de uma injúria para colocar um seu polverinho no typano dele, arguido; da qual injúria resultou este processo. E assim a acareação se ia transformando num diz-tu-dizei-em inexplicavel, entre frases exaltadas que eram ouvidas por todos que andavam no corredor e que danavam, por vezes, a impressão de que lá dentro se ia passar a via de facto.

« § 10.º) A certa altura o sr. Juiz como soubesse que o sr. major B. P. estava cá fora chamou-o para lhe pedir q. prestasse um grande serviço ao sr. Gonçalves parq. via o processo pu.^o mal encarado, insinuando que melhor seria p.^o o Conselho e p.^o o sr. Gonçalves que o processo se arquivasse p.^o evitar uma absolvição; dessa conversação que terminou sem

se saber qual o serviço q. o sr. Major poderia prestar ao sr. Gonçalves, ficou naquelle sr. a impressão clara de que o sr. Juiz era abertamente favoravel ao arguido.

« § 11.º) Pelo sr. A. A. Gonçalves foi contado depois a ele signatario e ao sr. Major quando o acompanháramos a casa, que o arguido se propunha apresentar uma relação de serviços que prestou ao Museu; e como ele, Gonçalves, se opozesse abertamente a tal, mesmo parq. estava fora dos motivos da sua citação, e nesse projecto mostrasse certa exaltação, o sr. Juiz em voz baixa, aconselhou o arguido familiarmente: "Guarde isso para depois."

« § 12.º) Já ha algum tempo antes soube o signatario que o sr. Juiz pedira ao sr. dr. Correia Cardoso, juiz de direito, para comparecer ao Museu e preparar por ordem do Ministério da Instrução, para comparecer ao seu gabinete para o ouvir acerca da sentença; e quando aquelle professor lhe disse que ainda não fizera o seu relatório, o sr. Juiz respondeu-lhe: "Ainda bem! Vê. vai, de certo, modificar a sua opinião," e procurou demonstrar-lhe que o sr. A. A. Gonçalves estava capotico, de memoria, desdizendo-se constantemente.

mente; ao que o sr. Professor the objectou que tinha a opinião contraria e que na sua medicina encontrou graves faltas provas cometidas pelo arguido. Desta conversação parece deduzir-se que o sr. Juiz queria alterar o recto juizo formado pelo sr. Sindicante acerca dos factos apontados, intermido, por consequencia, em assumto alheio.

« § 13.º) E a protecção parece tão clara que num dado occasião, enquanto o sr. Major e ele signatario, esperavam no corredor do Tribunal, o arguido saiu do gabinete do sr. Juiz e foi ao cartorio do escrivão para pedir o respectivo processo que ele levou, triunfante, para o Gabinete onde se procedia á deliberação.

« § 14.º) Estes factos q. não resumidos desalinhamos. ^{te} levaram o sr. Major B. P. a propor na sessão do Cons.º de 9 do corrente um protesto contra a acareação e a forma por que foi feita como atentatoria do prestijio do Cons.º, das razões de ordem moral que obrigaram á participação e da alta consideração e profundo respeito que a honra de seu merece a grande figura de Ant.º Sup.º Gonçalves.

« § 15.º) E quando elle, signatario, contou ao illustre clinico dr. Dupelo da Fauce

ca, medico assistente do sr. Goncalves, o que lhe succedeu na acareação, aquelle sr. mostrou-se indignado dizendo que não se devia consentir em tal, que poderia ter custado a vida ao acareado que vive, ha cues dois annos num estado meliudrosissimo devido ao coração.

« § 16:º) Ora tudo isto levou o ripuatario a vir exprôr ao alto criterio e esclarecido espirito de V... Toda esta serie de irregularidades e atropellos sobre os quaes V... não deixará de prestar atenção — para o bom resumo da Magistratura á qual confiámos os interesses do Estado e para que a justiça seja feita com serenidade e com firmeza.

« Coimbra, 12 de Abril de 1929.

« (a) Lourenço Chaves Almeida. »

Vamos a ver o resultado de tudo isto. Ainda haverá juizes?

Abril: 15.

E agora uma fepida até Miranda do Corvo...

Dizse-me o Jorge Augusto Rajoso q. ontem conversando com o dr. Carlos Sacadura, da Lourença, este lhe contára que, actualmente, numma interinidade, o juiz

substituto na Laura é o seu filho, o dr. Pedro de Mascarenhas Sacadura Botte. Ora nesta altura corre na comarca um processo contra o Cesar da Cunha Santos ex-presidente da Camara de Miranda do C.º e cidadão honorario do concelho.

É ele acusado de ter trocado seu falsado um documento num processo movido contra um medico municipal — caso q. não conheço.

Pois bem: como o Cesar terá de ser condenado porque se prova a falsaria e é monarchico e catolico e servidor da situação politica actual, o dito juiz substituto tem procurado dilacções q. não julgar o grande homem pois não quer condemnar o correlegionario.

Episodio vulgar na politica.

Mais: 4.

Encontrei hoje o Correia Cardoso. Disse-me que tem estado em Lisboa em serviço de exames e foi ao Minist.º da Instrução saber se a pendencia q. ele levantou foi ou não recebida.

Pela conversa com o chefe da repartição respectiva parece q. o ministro não quer metter no assunto...

Podra solve o caso.

Mais : 16

O Laurenceo Chaves de Almeida escreveu-me a dizer que vai a Lx.^a e que quer tratar do caso da reivindicação e que pediu ao dr. Abel Andrade para o atender.

Não pareceo bem que serviço está carnalheiro possa fazer suas o Laurenceo, neste caso, quer topor a tudo.

Vai barro a toda a parede.

Julho : 4.

Recebi uma carta do Laurenceo que me diz, entre entre outras coisas, q. descobriu os « motivos porque o Almeida Moreira, de Vizeu, defende o Viana... » e acrescenta : « Hoje está carta é para o informar de q. ao passar a tempo, hoje, a parte do inventario na secção de laucas, grupo "Brisso", se deu pela falta de muitas peças de laucas cujos numeros não appareceu... Quero ver se falo ao juiz Arapão a ver se isto ainda pode servir p.^a o processo. »

Ainda vai a tempo!... E para que está trabalho?

Se tudo proteje o homem!... O cuidado, agora, é para que nos não accusen, a nós, de ladrões do Museu...

Setembro : 10.

Em fins de Dezembro do anno passado vieram a m.^a casa, uma noite, o caravel Franc.^o Gomes e o geuro, o Vilãozinho Nemésio.

Conversa para aqui, conversa para acolá, o Nemésio veio a dizer que da Ilha Terceira lhe escreveram lembrando a conveniencia de celebrar o 4.^o Centenario da accção de 13 de Agosto de 1828 e insinuando-lhe que se poderia fazer um livro em que resumidas^{te} se falasse da historia do concelho da Praia e em especial da accção militar que ali se deu.

O Nemésio, depois de me expôr o seu plano da publicação de um Memo-rial, alludiu á difficild.^e da monografia militar e ao factô de não ser quem fosse capaz de a fazer com exito; de publicara em publicara, veio a descubrir o jogo que, com franqueza, eu já presentira: — o de per se o autor almejado para a monografia da accção memoravel.

Fez parecer esses "approches" com tal habilidade e tal finura que eu estava quasi encantado de o ouvir...

Se bem que me agradasse a incumbencia e, até certo ponto, me lisongeas.

se o acerete por vir de quem, segundo julgo, me costuma desdenhar e por isso meenté diminuir, cortei cerce e disse que não.

A minha recusa, vi que ficou contrariado; fez um gesto de desolação e disse vagamente:

— Então terá eu de a fazer... Vai ficar uma banalidade... Paciência.

Eu então expliquei: via adiante de mim pouco tempo, uns 4 ou 5 meses; conhecia tipicamente os acontecimentos; necessitava de uma investigação minuciosa e isso levaria muito tempo; eu não trabalho depressa nestes assuntos; só dispenha das noites e dos domingos; — o encargo era, pois, de responsabilidade e eu não queria sujeitar o meu nome a um desaire (o que seria pouco) e a comemoração a um desastre (o que era tudo).

O Nemesio, com o seu ar acanhado, parecia resignar-se; olhava f.º o chão e f.º os lados para destruir os meus argumentos ou as m.ºs desculpas. O coronel Francisco Gomes, porém, mais jovial e mais Portugal-Velho, calado até aí, servindo apenas os dois, nesta altura tomou a palavra, quasi bruscamente,

e com a franqueza que lhe é peculiar diz-me:

— Ora adeus!... Tudo isso tem remé-
dio. O Pimenta gode muito bem fazer
a memoria. E' querer!

Achei graça ao tom de sinceridade e
boa amizade com que o coronel certou a
discussão. Eu quiz então explicar me-
lhor as m.^{as} duvidas, mas ele atalhou
logo, ao fazer menção de se levantar:

— Você faz isso com umas pernas ás
costas!

E voltando-se para o genro:

— Deixa-o falar. Ele vai fazer o ca-
pitulo que tu queres... O Pimenta faz is-
so num instante.

Rimos-nos todos. Eu, de momento,
não encontrei mais objecções. Tive de
transpirar porque compreendi então que o
coronel acompanhára o genro para o
apoiar em caso de recusa.

Para dar, porém, tempo, disse-lhes:

— Desejo provar que não é por não
querer fazer a memoria que me estão a
recusar; vou ver o que tenho aí sobre o
acontecimento, o que ha na biblioteca da
Universid.^e e na da Camara; escrevo pa-
ra o Arquivo Militar para saber o que lá
ha — e depois direi de minha justiça.

O coronel ficou radiante. Apertou-me a mão com as duas dele e disse-me: — Pois é claro, homem! Você vai fazer isso num instante!

O Nemesio teve uma expressão de alívio e prometeu fotografias da baía da Vila da Praia, dos fortes da vila, etc. para eu fazer alguma ideia do cenário da acção; prometeu também deixar-me em casa com autorização do director da Bibliotheca universitaria, todos os livros que lá houvesse sobre o assunto; e tendo a delicadeza de me não insinuar qualquer especie de plano, agradeceu muito — e saiu com o sagro risivelm.^{te} patifeito.

Fiquei, pois, investido no cargo de promista da acção da Vila da Praia da Terceira em 11 de Agosto de 1829 — e devo confessar com certa satisfação.

Comecei, pois, por percorrer os meus vertetes e trazer p.^o cima da mesa de trabalho toda a litteraria e notas que encontrei; dai a dias o Nemesio trouxe-me os livros da Universid.^{de} onde li o que se passou nesse dia notavel; e quando recebi resposta do Ferreira Lima em que me diz haver coisas ineditas no Arquivo acerca da acção especialmente o diario de bordo do esquadro miguelista e o registro

da correspondência do almirante — eufado mergulhei de cabeça e corri a dizer ao Nemesio:

— Aceito a incumbência. Vou trabalhar na memoria. Pode contar com ela até abril.

E misto entrou este ano de 1929 que para mim começou bem mas está correndo o pior possível.

Aí por Janeiro vieram fotografias da Terceira e em especial da Ilha da Praia; com elas e com cartas topograficas que eucomprei em livros, comecei a fazer ideia do terreno em que se passou a acção. E depois de ter a documentação arranjada, lancei-me ao trabalho com certa vontade de fazer alguma coisa com jeito.

De vez em quando, o Nemesio apparecia por minha casa e eu tinha a impressão de que tinha cheirar, isto é, tinha ver se podia perceber como ia a obra.

É claro que falávamos no assunto mas eu nunca lhe mostrei o que estava feito: não admiti a hipótese de uma fiscalização. E com o andar do tempo eu derivava nele certa inquietação pelo resultado, uma vaga duvida sobre o valor do capitulo que me confiou... E eu, francamente, deixei correr.

Depois, filho de Marco, o Ferreira Lima levou a auctilid. ao ponto de me trazer a Coimbra (numa viada por conta da Assoc.^{ta} dos Arqueólogos) os dois volumes inéditos do Arquivo a quem de copias de documentos soltos que ele me mandou tirar.

A pequena monografia crescia a olhos vistos e, contra o que normalmente me acontece, não des gostava do trabalho.

Foi feito aos poucos, pois só depois das 9 h. da noite é que me podia dedicar a isso; excepcionalm.^{te}, aos domingos á tarde, alguma coisa escrevia; e á noite o trabalho não ia m.^{to} adiante da meia noite porq. me tinha de levantar cedo para ir para a Tipografia.

Na verdade, foi uma tarefa em Africa e o eu conseguir, com a m.^{ta} ajuda intelectual, completá-la dentro do prazo marcado.

E não foi sem alegria que eu, em 8 de Maio, escrevi a ultima linha.

Era tempo. O Nemésio annunciou-me que era a altura de o original ir para a Imprensa; e a doença de meu Pai agravando-se e obrigando-me a perder noites, ia talvez impossibilitar o cumprimento da promessa. Mas, enfim, tudo se conseguiu e num dia de Maio dei

o original ao Nemezis; deixai-o em casa de meu Pai onde ele o foi pedir, numa manhã.

Contou-me ele depois que foi, ansioso, direito ao Jardim Botânico e sentou-se na alameda a ler; e contou-me o Sogro, passado certo tempo, que nesse dia, ao almoço, o Nemezis chegou radiante e dissera que o meu trabalho «estava muito beloso!» que eu fizera uma descrição da Vila da Praia e da Baía como se lá tivesse ido!... Etc. etc.

Atinda bem.

Foi depois disto que ele escreveu a carta com que abriu o Memorial e na qual me chamava mestre de historiografia local e militar.

É curioso que estranhando-me em o levar quando li umas poucas q. me mostrou em m.^a casa, ele fez um gesto vago que poderia ter varias interpretações e respondeu com ar despreendido e a olhar para o ar sem fixar os olhos:

— Também... repare que lhe não chamo grandes coisas...

Eu ri-me por. , na verdade, achei-me graça. Entendi ele, por consequencia, que a historiografia local e a militar eram coisas de tão pouco importantes.

cia que per-se puzeste pelas mãos seus.
 Visuiva motivo p.^a sobresalto.

Estes honreiros de letras veem a sua
 graça...

Em fins de Julho o volume estava
 pronto e lá foi para a Terceira no paquete
 a tempo de assistir á comemoração.

Ficou volume curioso e que não des-
 toa do facto comemorado; eu recebi um
 exemplar em papel de linho com uma
 vel dedicatória e o tirado de 25 exempla-
 res da separata da 1.^a monografia: 20
 em papel de algodão e 5 em linho.

Depois, a imprensa deu pinal.

Começou, em 10 de Agosto, pelo Diá-
 rio de Lisboa em cujo n.^o 2558, na pag.
 da frente, o Nemesio deixou um artigo
 tipico sobre o acontecim.^{to}

Em 11 de Agosto o Diario de Noticias,
 de Lx.^a, publicou uma typica noticia com
 o titulo o derrote da esquadra miquelis-
 ta, com o retrato do Duque da Terceira;
 transcreve um periodo de Oliveira Martins
 e nada diz acerca da comemoração...

O Seculo, porém, é que deixou pagi-
 na comemorativa com gravuras e lou-
 vores, da autoria do Jaime Brazil, natu-
 ral da Vila da Praia. Lá se veem duas noti-

eis circunstanciada sobre o Memorial em que se viu tratado com muita amabilidade.

El 12 de Agosto é que o Diario de Notícias, na secção Bibliographica, dá conta da saída do Memorial, mas laconicamente.

Creio que entre os dois jornais houve rivalidades suscitadas por o Jaime Brasil tomar a iniciativa, anteriormente, de fazer a comemoração.

Parcararias da nossa imprensa.

Paralelamente em Ponta Delgada o Correio dos Açores publicou em 9 de Agosto, no n.º 2667, um artigo do Luis da Silva Ribeiro em que se viu excelentemente tratado.

El 13 do mesmo mês, o Ferreira Lima conseguiu inaugurar uma exposição bibliographica relativa á accção de 11 de Agosto numa das salas do Museu de Artethoria.

Da comemoração foi esta exposição o que mais conhecido se tornou e isto porque o Ferreira Lima sabe mexer os cordelinhos da Imprensa, dessa grande abluanca do Progresso e da civilização, etc. etc.

De mais... creio que se impõem de par tal.

O Numerio ainda publicou em 16 de Agosto, no n.º 88 da Illustração, de Lisboa, um artigo de 2 pag.ºs, com gravuras, relativo á accção; mas é interessante que nem uma citação á mi.ª monografia apesar de se apoiar nela...

Lapsos dos homens de letras.

E aqui está como fiquei envolvido no centenario da accção de 11 de Agosto de 1827; e manda a verdade que se diga que, apesar de eu ter feito a parte mais importante do Memorial (importante não pelo seu valor mas porque era a monografia do facto que se comemorava); apesar de, neste capitulo, eu ter encarado o problema sob aspecto novo e ter dado novidades na propria narração dos successos; apesar (vá lá!...) de eu não ter ganhado nada com o trabalho que me custou uns quatro meses de attenção — o certo é que ninguém dentre as pessoas que podiam ou deviam dizer qualquer coisa, me disse ou directam.ª ou pela imprensa, a menor palavra de incitamento ou de aplauso...

A monografia passou perfeitamente despercebida dos mestres da historio-graphia militar.

Outubro: 4.

Fui hoje procurado pelo capitão Bor-
reis Cardoso. Mostrou-me o officio de re-
messa da sindicancia feita ao Vizeu, de-
volvido com um despacho do actual mi-
nistro que manda cumprir certo artigo
do Regulamento Disciplinar, o qual arti-
go obriga o sindicante a propor o casti-
go ao sindicado.

O Cardoso quiz ouvir a m.^a opinião
mas percebi logo que o seu desejo era q.
se não falasse em demissão.

Realmente não falei, mas como o
Regulam.^{to} é pouco razoavel para a apli-
cação deste caso, lá lhe superei a forma
de responder que elle acciden e que vai
estudar.

Será desta?

O Cardoso ficou de me procurar no
proximo dia 7, 2.^a feira, para me mostrar
a resposta.

Outubro: 5.

No Museu Machado de Castro, o Cha-
res de Almeida disse-me que tambem
que no Tribunal ha um processo contra
o Ant.^o Vizeu por causa de um roubo de
arulejas da Igreja de S. Pedro, mas que foi
arquivado por influencia de muitos em-

peuhos que ele arranijou para o estado sub-delegado em exercicio, Bettencourt. Não sabia a epoca mas ficou radiante com a descoberta — q. afinal vem a juizo.

Um dos que conhece o assunto é o Adriano do Nascimento creatura do mesmo jaez de Viana mas que agora quer parecer pessoa maturada.

Desviando o assunto (porque já me aborrece a insistencia do malfadado caso) o Laurencço fez-me grandes queixas do Tomas da Fonseca. Accusa-o, meus-mes, de faltas de honestidade.

É o demonio, a preocupação que o Laurencço tem da falta de honorabilidade do Tomás. Eu não creio nestas accusações, mas o Laurencço é insistente e é capaz de o accusar um dia em publico.

Disse-me mais que na prox. reunião do Cons. vai propor para que eu « continue no exercicio das minhas funções de presidente do Cons. de Arte e Ar. » « geologia » — e não houve meio de o convencer de que tal proposta era inaproveavel alem da circumstancia de eu, decididamente não aceitar.

Outubro : 7.

O Correia Cardoso não me apareceu.

Outubro : 17.

O Correia Cardoso sempre me proeu-
rou p.^o dizer que, ao ver melhor o Repu-
lamento disciplinar, optou por propor
como punição ao Ant.^o Viana, 40 dias de
suspensão porque tem como consequen-
cia imediata a transferência de local ou
cidade. Vá lá... Acudou por perto dos
nossos desejos — q. se resumiam em
afastar o homem do Museu e nada mais.

Outubro : 18.

Estive hoje aí o Alberto de Oliveira
— sempre manuseado da sua Torre de
Anto e da "Coimbra amada."

Acudí um bocadinho com ele e encon-
trei-o o mesmo, alegre, bem disposto,
homem, enfim, satisfeito com a vida.

Entrou nela com o pé direito e não
encontrou pela frente senão boas vontá-
des e atenções. É' dos felizes.

Outubro : 27.

Disse-me hoje o Laurenceo Chaves de
Almeida que o Ant.^o Viana tinha garan-
tida a paralisção da reivindicação; a pro-

posta do Cardoso não agradaria e daí, o silencio discreto que caiu...

O Lourenço vai a Lx.^a e diz que quer lá tratar do caso.

Não deve ganhar m.^{to} com isso.

Outubro: 31.

Morreu hoje o Dr. Antonio José de Almeida.

Sensibilizei-me com a noticia.

Revi, enternecido, as minhas poucas relações com ele.

Pobre visionario!

E que fim de vida cruel que sofreu, quer fisica quer moralmente!

Novembro: 3.

E p.^a variar, uma historia quasi comica...

Fui hoje visitar o general Lamith. Contou-me varias coisas acerca da sua temporada em Lisboa como Administrador Geral do Exercito.

Uma delas, que diz respeito ao brigadeiro Ant.^o Gomes de Sousa, commandante da Regia^o militar de Coimbra, quero-a deixar arquivada:

Estava o Lamith a despacho com o ministro, um dia, quando se annunciou

o commandante da 2.^a Regiaõ militar; o ministro, que talvez calculasse errado, disse:

— Meu general, se V... me dá licença eu vou ouvir o commandante da Regiaõ. Deve ser assunto importante.

O Lameith, commandante, disse que sim e o general de Sousa entrou. Depois dos cumprimentos, o brigadeiro pegou dum papel e disse que ia tratar de varios assuntos; e para começar informou de que no Regim.^{to} de Artilh.^a de Coimbra havia, em arrecadação, umas «caypalthas» que tinham ido do Arsenal desmanchadas e estavam ainda por armar; explicou no regim.^{to} o sabia fazer e tornava-se urgente que fosse um tecnico do Arsenal a Coimbra para proceder a esse serviço.

O ministro abriu os olhos e parece que não percebeu logo. Ainda perguntou, na duvida:

— Umas caypalthas?

— Sim, umas caypalthas...

— Mas não ha lá um sapento, ao menos, que seja capaz de as armar? Isso é uma coisa que qualquer quartaleiro deve saber!

É irónico, perguntou ainda ao brigadeiro:

— Então V... veio a Lisboa por causa das dumas campalhas?

O Gomes de Sousa G. percebeu a ironia, apontou vagam.^{te} para o papel:

— Tenho aqui uns outros casos...

— Pois bem, disse o ministro, como podem ser de pequena importância do primeiro, é melhor V... voltar por cá talvez amanhã...

O brigad.^{te} saiu; e o ministro voltou do-re para o Larmith concluiu:

— Veja V... a que esse ministro está sujeito! Vir de Coimbra com seu comandante de Regias por causa das dumas campalhas!

E continuou com o despacho.

Novembro: 24.

Hoje hoje sessão do Conselho de Arte. O Gomes de Almeida apresentou uma proposta (que foi redigida pelo Ant.^o Augusto Gonçalves) para que eu assumisse a presidência visto que cessaram as razões que me afastaram do cargo.

Todos queriam aceitar logo para se me remir livres do problema da presidência. Eu apresentei razões p.^{ra} não aceitar e pedi para o assunto ser adiado e ponderado.

Não queriam. Quasi fiz questão e só a custo de muito trabalho consegui que

o caso se adiasse para eu poder confe-
renciao com o Tomas de Fausseca acerca
do assunto.

Foi um expediente dilatorio.

O Laurencço, depois da peesão, dizia-
me com ares de convencido:

— U... tem que aceitar! Temos que com-
pletar a obra.

A obra!... a obra que temos que
completar é apauhar outro pontapé e
sentir que o Conselho nos deixa só.

Já dei as m.^{as} provas — e farão
más. Mas cáio neutro.

Deramuro: 5.

Hoje, o Tomas de Fausseca procurou-
me para insistir sobre a presidencia do
Conselho de Arte. Dizia que o Conselho me
deia essa reparação, etc.

Preocupando-me o que, a tal respeito,
dissera o dr. Joaquim de Carvalho, disse-
me que este se mostrara reservado, que
falara vagamente na necessid.^o de se pen-
sar bem no assunto...

Ainda bem! O medo delas é que me
ha-de salvar.

Eu posso lá voltar a presidir ao Con-
selho de Arte! Estão ~~se~~ a mais e não
me pinto lá bem.

Dezembro: 13.

O Tomas da Fonseca procurou-me para me dizer que se vai organizar aqui uma comissão para recundar a que se organizou em Lisboa p.^a eripir um monumento ao dr. António José de Almeida. E acrescentou que o meu nome foi lembrado e aceite.

No prox.^o domingo, 15, vêem cá, em nome da comissão de Lisboa o general Sá Cardoso e o advogado José Eypenio Dias Ferreira.

Polere António José de Almeida!

Não havia em Lisboa outros delegados além dum general muito parvo e de um advogado laudido!

E' claro que na comissão de Coimbr.^a está medido o Alberto Dias Pereira que se mette em tudo como p.^o por costuma. Basta isto p.^a se recusar, pois não quero qualquer solidaried.^e com tal especie de gente.

Refrão — polere António José de Almeida!

Dezembro: 18.

Desde o caso da rec.^a demissão do Conselho de Ant.^a, em uma ou outra vez em

que encontro o dr. Ferraud de Almeida,
voltô a cara para o lado.

Hoje encontrei-me com ele no arco
de Almeida, no ponto mais estreito; e
não estava resolvido a olhar. Ele, porém,
fez tão ostensivamente e tão largamente
um cumprimento de chapéu que eu, por
na mão ser malcreado, tirei o meu cha-
péu ao de leve, com ar superior, e deixei
passar o homem...

Que netão!



— 1930 —

Janeiro: 19.

Hoje tive sessão do Conselho de Arte e Arqueologia; e saí de lá com a convicção de que, na realidade, estou lá a mais.

Nesta terra de doutores quem não tem capelo e bolsa não paga nada... É ali, no Conselho, entre doutores e artistas, eu compreendo que não tenho lugar.

Não vale a pena registar os motivos destas amargas considerações; basta dizer que, na sessão, se resolveram assuntos que eu propuz quando fui presidente e para os quais não encontrei em tão apoio como que, antes, foram aceites com entusiasmo; as minhas intervenções na discussão de certos pontos eram recebidas com olhadelas furtivas; e quando eu disse, em voz baixa, ao meu vizinho de mesa, o dr. Alberto Pessoa que tudo aquilo que fora aprovado já o estava no recinto e que não era necessário voltar a discutir, ele respondeu-me com a sua maneira irónica e engraçada:

— É certo... mas isso fica para a História... fica para que um dia qualquer investigador ache o caso interessante... e apara... faz-se caso de novo!

Entendi que me devia calar para não parecer despeitado; mas compreendi que sou ali inútil. É como tal, sem barulho, deixarei de comparecer às sessões, aos jogos, para não dar nas vistas — até que sobre mim se faça o silêncio que eu, afinal, tenho procurado sempre.

Todas as vezes que me quiserem elevar eu fico admirado e resisto quanto posso; depois... prova-se que erraram no juízo que faziam, mas já se não evita o desgosto nem a inutilidade.

Audo a ler Marco Aurelio. Há lá muita coisa boa p.^a consolar.

Ora o Vergílio Correia apresentou-me a sessão o 1.^o numero da revista Arte e Arqueologia. Ficou um pouco diferente do que eu imaginei e do que ficou combinado; pareceu, mas ficou má.

O Vergílio teve palavras amáveis para mim, disse que eu merecia os louvores do Conselho pela iniciativa e pelo impulso dado. Todos fizeram sinais afirmativos com a cabeça que me pare-

eram pro-farum, e não sei se as palavras de laudar foram p.^a a acta.

Deu-se realmente o que eu pensei: o Vergilio tomou conta da revista porq.^e se convenceu de que lhe convinha; em Agosto passado recebi um lithete dele pedindo-me para mandas pagar aos Martão & C.^a o papel cauché que ele mandára vir para as estampas do seu artigo do qual queria tirar separata; e explica-me: « desculpe a interferencia mas em "necessitades do meu trabalho impres-"
"so.» assim se explica tudo...

O numero pouco mais traz daquilo que eu deixei; apenas um artigo sobre o Museu de Lamego que o Vergilio não quiz que ficasse atraz do de Ureu... e duas notas necrológicas: uma a respeito do dr. Julio Aug.^{to} Henriques e outra a respeito do meu tio Albino Caetano de Silva; esta ult.^a feita por Antonio Augusto Gonçalves.

Do menos, não se perdeu a iniciativa e oxalá ela não fique apenas neste numero primeiro.

Janeiro: 23.

A Universidade Livre de Coimbra convidou o dr. Manuel de Brito Camacho pa-

na fazer aqui uma conferencia. O Alvarado Viana de Lemos é q. me escreveu e combinou com ele.

O Camacho disse q. sim e deu o tema: Liberdade de pensar. Libertad^a de expressãõ do pensamento. O Viana de Lemos, porreu, achou o tema forte de mais para a occasião e pediu que fizesse antes uma conferencia de caracter pedagogico. Ele accedeu e mudou o novo tema: Direitos da creança e direitos do homem.

Assim ficou.

O Camacho veio ontem no Sud-express. Fui espera-lo com os membros da direcção da Univerid.^a Livre e alguns antigos unionistas. Estava tambem o dr. Pacheco de Azevedo, professor da Univerid.^a, catolico, monarchico e ultimam.^{te} envolvido no caso do banco "Ayola & Metropole". Pois bem: a chegada do camacho, o Brito Camacho, ao descer, caiu nos braços do Pacheco de Azevedo, com largas effusões, abraços, etc. — e para nós outros houve os cumprimentos, aliás affectuosos, mas simplesmente cerimoniaes.

Achei graça.

Para fazer horas, eu e o medico Costa Mota, demos um passeio de automovel pela estrada da Baieira e depois pelo Jardim

Municipal e por fim, por ele para lá se encaminhar, e levou contra minha vontade, pela Calçada, rua do Visconde da Luz e Sofia fora.

Foi quasi um acontecimento a passagem do Camacho pela parte concorrida da cidade e, de mais a mais, só com o Costa Mota e comigo.

Da conversa saíram anedotas, apreciações políticas, perguntas acerca do auditorio que iria ter, etc. etc. Ao parar em frente da Igreja de S.^{ta} Cruz e ao ver muita gente desculheria-se ao passar, teve comentários curiosos sobre esta moderna manifestação de religiosidade.

Depois, foi jantar e eu vim, também, jantar.

As 8 h. e mais lá estava no hotel Augusta para o acompanhar até à Associação dos Artistas, onde seria feita a conferência.

Um pouco antes de eu chegar, tinha ido ao hotel apresentar cumprimentos, o coronel reformado José da Silva Bandeira. Ainda bem que eu não estava presente; se o estivesse teria feito escandalo. O coronel Bandeira, noutros tempos, bastante accusou o Camacho, chegando ao ponto de dizer a quem queria ouvir que

ele receberia dinheiro dos alemães para fazer a campanha contra a guerra e para mandar deitar fogo ao depósito de documentos aí por 1916 ou 1917 salvo erro; e o que é mais curioso é que dizia isto convencido. Agora, veio cumprimentar esse traidor à pátria...

Coisas da vida.

Lá fomos para a Associação dos Artistas. Tudo é muito. Grande confusão de gente e atmosfera carregada.

A chegada, enorme ovacão e vivério. O auditório tirou o ventre de miséria...

Eu estive para não fazer a apresentação como ficou combinado; mas o Moura Pinto, que veio com o Camacho e o próprio Camacho me indicaram que seria conveniente. Avancei f.º a letra; li quatro ou seis períodos e dei a palavra ao conferente. Nova ovacão entusiástica quando o Camacho se aproximou.

A conferência levou mais de hora e meia seguida com atenção embora interrompida com ovacões em certos pontos.

Mas... o tema pedagógico que indiquei foi interfolado com anedotas fíricas e alguns comentários contra a ditadura que a ~~se~~ assembleia recebeu com enormes aplausos.

O Mauro Pinto, sentado ao meu lado logo atrás do conferente, exultava; mas a verd.^{de} é que eu não concordei. A Univ.^{rsid.} Livre não o convidára para um comício e a conferencia, de certa altura eu deante, ia descauchando eu comício.

A certa altura sei que o entusiasmo do auditorio se ouvia bem alto, vi entrar o commissario de policia seguido por um chefe e uns guardas. Concluí que vinha p.^{ra} suspender a sessão e isto concluíram as pessoas que estavam p.^{ra} esse lado, pois notei que fizeram tal pressão uns contra outros que, por mais que quizesse, o commissario não conseguiu furar e ficou-se a ouvir, de presença espiçada até que resolveu voltar p.^{ra} traz e desaparecer.

Foi mais pinal.

Da conferencia, meus pensamentos talvez a mais feliz pelo effeito sobre o auditorio, é a que aqui deixo resumida: censurava os detractores da formula revolucionaria "Liber.^{de}, Igualdade e Fraternidade", tão discutida e vilipendiada; contem que houve em França quem a quizesse alterar, perante a ameaça do de crescimento da população ou "Liber.^{de}, Igualdade e Maternidade"; lembrou que noutros paises a formula tem sofrido

evolução correspondente ás condições do ambiente social e político; e terminou por dizer que em Portugal, ultimamente, e 3.^a felicidade de nós todos, o problema estava resolvido pois em vez das tres palavras magicas da Revolução Francesa, havia esta outra formula sintetica mas verdadeiramente completa:

— Infantaria, Cavalaria e Artellaria!

É claro que se requiriu estrepitosa reacção com muitos risos.

Esplendida conferencia, e' certo, como são sempre as do Brito Camacho; mas a verd.^e é que descaubou em co-municio — o que não estava no programa. Eu, no fim, commentei para o Mauro Pinto:

— Ora vamos a ver agora que bondade é que vem!

O Mauro Pinto disse que não, que não se atreveriam a violencias; mas o certo é que o proprio Camacho quando eu lhe agradei em nome da Universidade Livre, respondeu apenas:

— Não tem que agradecer... Eu é' 3.^o peço desculpa se lhes faço passar algum máo tocado...

Notei a frase e, com franqueza, não gostei muito.

A' saída os estudantes, em certo numero e algum povo, fizeram manifestações; a policia não appareceu. O Camacho foi acompanhado até ao hotel por nós, os da Univ. de Liure, e por muita gente que caminhava em silencio.

A' porta do hotel despedimos-nos, todos se desculheram e pronto.

Hoje, o Camacho seguiu no Sud para Lisboa. A' despedida lá estava o dr. Pacheco de Avarim que teve palavras que os republicanos não tiveram.

Notei de novo e de novo achei graça...

Os jornais da terra resumem o caso naturalmente nos termos em que a censura autorizou. Guardo a noticia que veio no n.º de hoje da Gazeta de Coimbra.⁽¹⁾

Janeiro: 27.

Encontrei hoje o Secretario Geral do Gov. Civil, Costa Rodrigues, que me contou que no dia seguinte ao da conferencia do Brito Camacho foi procurado no seu gabinete pelo commissario de policia e pelo official chefe da Informaçao que lhe

(1) Ver adiante, pag. 394.

preguntaram, com certa arrogancia, por quem tinha autorizado a sessão.

Respondem q. a Universidade Livre tinha as suas conferencias autonomas e nunca houve q. ter qualquer intervenção.

— Mas a conferencia redundou em cornicio, observou o commissario.

— Isso era com V. Ex.^{as}... Se o conferen-
te saiu fóra do assunto ou o auditorio fó-
ra da ordem, a policia devia intervir...

— Temos crear um conflito...

— Mas com isso nada tenho... Es-
ses assuntos são com V. Ex.^{as}.

O commissario calou-se; mas o ho-
meme da Informação disse que ia fazer
um relatório.

Janeiro: 29.

Hoje houve sessão na Universidade
Livre com umas confer.^{as} sobre Boscage.
É claro que a autoridade não appareceu.

Fui lá prevenido de que o adminis-
trador do concelho de Mortágua, um ex-
oficial de Artémaria, de nome Valerio e
actualmente estudante, dissera ha dias
naquelle vila que a conferencia do Barão
Cavachos ainda havia de dar gristões.

Será simplesmente Casofia?

Janeiro: 30.

Fui hoje á Associação dos Artistas, onde havia reunião de direcção, para agradecer a cedência da sala p.^a a conferencia do Brito Camacho. Estavam já em sessão e precisavam de discutir o caso seguinte:

Outrem, 29, o presidente da assembleia geral foi chamado ao Governo Civil e induzido a não voltar a ceder a sala para qualquer especie de conferencias, dado o mau resultado que teve a ultima.

Os presentes estavam muito arreliados com o caso; eu, como não sabia verdadeiramente com quem falar, mantive-me um pouco á conselho de Acacio — e lá disse palavras amáveis de agradecimento e de consolação. O presidente da direcção pareceu-me, parecer, que se eu o desafiava a desabafa diria mais alguma coisa do que disse.

Enfim, será só este o procedimento dos ditadores? Se é só este é um tanto ou quanto comico porque afinal foram bater nos que menos culpas têm.

Janeiro: 31.

Estavam annunciadas p.^a hoje varias sessões de homenagem aos mortos de 31 de Janeiro.

A policia, porém, proibiu tudo. Cercou as casas onde se realizariam as sessões e mandou uma força para o cemitério dos Olivais p.^a impedir manifestações perante o túmulo do dr. José Balcão.

Fevereiro: 23.

Ha dias saiu uma portaria do Ministerio da Instrucção que nomeava uma comissão para se fazerem excavações em Candeixa-a-Velha.

Dessa comissão faz parte o Vergilio Correia, unico vogal do Conselho de Arte e Arqueologia ~~em~~ nela representado. Os outros membros da comissão são leutes da Universidade, um architecto e creio que um engenheiro.

Encontrando-me hoje com o Tomás de Sousa, este disse-me que procurára o dr. Vergilio Correia para saber como as coisas se passaram e que este se mostrára irritado com a intervenção ~~em~~ e declarára que o Conselho nada tinha ~~com~~ com o assunto!

O Tomás achou exquisita tal maneira de ver especialmente quando o Vergilio lhe disse que fôra ele quem promovera e fizera a portaria; e em vista disso já pôz a questão em Conselho e que se este não

fizesse caso pediria a demissão do cargo.

Eu dei-lhe razão pois não via justificação p.^a o procedimento do Vergílio — a não ser que este quizesse arranjar uma comissão submissa p.^a poder fazer o que quizesse sem pedir embargos.

No entanto procurei assegurar o Tomás e acusei-lhe o melhor que podia. Contra o meu costume disse-lhe que não reuam se contra a maré; que as coisas são o que são e que se ele quizesse o caso em Conselho não encontraria apoio porque ninguém iria contra o Vergílio e ele, Tomás, ficaria mal colocado e teria de se ir embora sozinho, etc. etc. Falei mais de 1 quarto de hora como velho de longa experiência...

Terminei por dizer que o melhor seria deixar correr, que não reunisse o Conselho, que se limitasse ao expediente marcial, que ~~se~~ respondesse só ás coisas a que não poderia deixar de responder; e concluí pela história dum homem que se propôs a ensinar a ler um burro...

Ele ouviu atentamente e, de certo, com alguma admiração; mas concordou ou, pelo menos, pareceu concordar.

O Conselho está morto. Faltá uma direcção forte que metta os vagais na ordem. Cada um puxa para seu lado. E

seu do assim para que se ha-de acudir a
reunir contra a maré?

E depois eu sei bem que o Tomás não
encontraria apoio; levá-lo um chegue e
isso seria um alívio para os reacciona-
rios todos.

Eu não voltarei lá muitas vezes se
é que lá voltar alguma; mas eu não me-
ia q. o Tomás fosse obrigado a sair nestá al-
tura eu q. as coisas estão como estão.
Creio, porém, que o Tomás mediu bem o q.
me disse e que aproveitará os meus po-
bres conselhos.

Março : 8.

Vejo nos jornais a seguinte noticia:

« A Comissão de Historia Militar. — O pr.
ministro de Guerra assinou a seguinte por-
taria: "Tendo falecido o gen.^{al} reform.^{do} José Ces.
Teófilo de Moraes Sarmento presid.^{te} da C. H.
M. creada pelo D. n.º 9290 de 12 de Dezembro
de 1920, manda o Gov.º da R. P. pelos minis-
tros de Guerra, de Marinha, das Colonias e
da Instrucção Publica nomear: o general na
situação de reserva Veteriano José Cesar que
já faz parte da mesma Comissão como vo-
gal p.º o cargo de presidente e o cidadão Dr.
Antônio Calveira para o cargo de vogal ci.

vil, em substituição do ten. car.º na situação de reforma deuy.º Botelho da Costa Veiga, representante do Ministério da Instrução Pública na referida Comissão que passa a ocupar a vaga deixada pelo general Vitoriano José Cesar. " » .

Vou ter, pois, na presidencia da Comissão o meestre de historiografia militar; e como vogal o grande e António Calveira.

Se não perdesse com isso a gratificação que ainda é importante e me fazia falta, pediria a demissão de vogal.

Assim, faço de conta — e vamos andando.

Março: 12.

Fui hoje procurado por dois estudantes da Direcção do Centro Republicano Académico que me convidaram para presidir á conferencia que em 14 do corrente o dr. Joaquim de Carvalho vai fazer como introdução a uma serie de conferencias subordinadas ao thema: Fundamentos da Democracia

Puz as m.ºs devidas por se tratar de um professor de capelo e barba; não quizesse o diabo que ele proprio (dr. Carvalho) leve a real tal convite.

Aceusei os rapazes a irem ponda-lo; e se vissem que ele aceitava de boamente o meu nome, então iria com m.^{ta} boa vontade.

Marco: 14.

Hoje, de tarde, disse-me um oficial que no Quartel-General da Região se disseram se se devia ou não deixar o dr. Joaquim de Carvalho fazer a sua conferencia de hoje. Um dos officiais da discussao teve esta frase:

— Falar de Democracia nestes tempos! A Democracia lhes dava eu!

Quem isto me contou não quiz dizer quem foi o autor da frase.

A noite sempre se realizou a conferencia na sala do Sport-Club Commercense, à Estrada da Beira.

Lá fui presidir, pois os rapazes me disseram que o dr. Carvalho aceitara bem a lembrança do meu nome. Li o meu discurso de desculpa... Poucas palavras justificaram a minha presidencia, amabilidade ao conferente e mais nada.

Fui secretariado por dois professores universitarios, o Adriano Vaz Serra, de direito e o Silvio Lima, de Letras. Não sei

se gostaram da posição subalterna, mas lá estiveram muito firmes nos seus lugares.

Março: 16.

Fui hoje visitar o general Tarnith, e conversar um pouco com ele. Falou-me em m.^{ta} coisa, mas o que quero fixar por que achei interessante foi o convite que o governador civil fez ao general, por intermédio do Luis José da Mota, para ser o presidente da Câmara de Coimbra.

Perante o espanto e a recusa do general, o Mota insistiu e chegou a propor para que, ao menos, aceitasse até á vinda do rei de Espanha. Depois, que passasse o cargo ~~se~~ se quizesse...

— Não que fosse até á vinda do rei do Inferno! respondeu o Tarnith.

Março: 18.

Hoje, na Gazeta de Coimbra, vem a seguinte noticia:

« Conferencias.

« O sr. dr. Joaquim de Carvalho realizou na ult.^a sexta-feira a sua primeira conferencia á convite do Centro Republicano Academico, sobre a Democracia, seu fun-

darmento e ualôr, á qual precediu o sr. Belis. Pimenta secretariado pelos srs. dr. Sílvio de Lima e Vaz Serra, professores respectivamente das Facult. de Letras e de Direito. A proxima confer. do sr. dr. Joaquim de Carvalho realiza-se no dia 21 do corrente e versará sobre Individualismo e Pessoa.»

Março : 21.

Fui na noite á Baixa, p.^o assistir á 2.^a conferencia do dr. Joaquim de Carvalho.

Dirigi-me ao "Sport-Club" e... tudo fechado! Vim á Calçada e aí disseram-me que a conferencia fôra adiada porque á ultima hora a direcção da casa suspendeu a autorização.

Pelas conversas vim a saber que alguns officiais que pertencem á direcção do "Club" foram os causadores da suspensão. Entre elles está o tenente chusdeu da Paz Olimpica, do Guardo N. Republicano que é creature absolutamente dedicada á actual situação politica.

Tudo assim se explica.

No jornal Alma Nova da Laurã, no seu n.^o 246 de ontem vem noticia da conferencia de 14 do corrente e chama-me «o velho e illustre republicano...»

«Vá lá!... Podiam ter-me chamado coisa pior. Ainda são amigos.»

abril: 3.

No Diário de Notícias, de 2.º, de hoje, vem com gravura que, por curiosidade aqui arquivar, a notícia da constituição da Comissão de História Militar a cuja presidência ascendeu o veterano José César para substituir o velho Morais Sarmento, falecido.

La ficou também o ilustre António Galveias a apadrinhar os comissionados e o Costa Veiga, o «Veiga das curvas» do meu tempo da Escola do Exército.

Que sejam felizes.

Eu cá vou fingindo que não dei pela remodelação.



Abril: 8.

Vi no Primeiro de Janeiro de hoje a transcrição da ordem do exercito ultima; lá vem, finalmente, a me.^a promoção a Tenente coronel. Ao chegar a casa recebia um bilhete do ten.^{te} João Pereira de Brito, da 1.^a Repartição do E. G. que me comunicava o facto e me dava os parabens.

Continuo no Quadro e peço comissão. Antes assim.

Em dezembro passado, procurei o general Larnith e pedi-lhe para ele perguntar ao ajudante-general Miguel Baptista da S.^a Cruz o que poderia acontecer-me quando fosse promovido. Da verdade, pouco depois, o Larnith procurou-me para me mostrar a resposta do general Silva Cruz a qual dizia que « enquanto o nosso ministro não determinar o contrario, o teu recommendo continuará na situação em q. se encontra. »

Vê-se q. continuo na mesma, e ora lá que sim.

Abril: 9.

Recebi hoje a comunicação official do Quartel-General, em nota n.^o 655 de ordem, de q. fui promovido. Consultei em seguida os meus sobre se devia ou não apresen-

tar-me no Quartel-General; como o actual regulamento, a esse respeito, nada diz, faço de conta e deixo correr.

Eles, tambem, pouco se importam com a m.^a pessoa.

O jornalico da terra O Despertar, de ontem, n.^o 1327, dá a noticia jubilosamente: « Foi promovido a ten. car.^o pelo que con-
"diamente o felicitamos, este nosso illus-
"tre patricio e distinto arquetipo.»

... distinto arquetipo...

Ele ha cada uma!

Abril: 21.

Hoje cheguei a Alma Nova da Lousã; lá recebi no seu n.^o 249 de ontem a seguinte noticia certamente feita pelo velho amigo dr. Jose' Cardoso:

« Promocão. — Foi promovido a ten. car.^o o nosso illustre amigo B. P. devotado republicano e escritor distinto, cuja colaboração já honrou as colunas do nosso jornal. Bemfiteiramente - lo affectuosamente. »

E com um ou outro bilhete de visita com parabens, o facto passou como a coisa mais natural deste mundo — co-

mas, no fim do contar, é. Mas a verdade é que com outros o caso seria diferente. É tudo questão de estar ou não nas boas graças.

Mais: 22.

Venho da cidade baixa onde assisti á chegada do poeta Correia de Oliveira que os estudantes da faculd.^a de Letras chamáram a Coimbra p.^a lhe prestarem homenagem.

Quando se começou a falar nisso perguntei a mim mesmo porque é que os estudantes queriam homenagear este poeta e não qualquer outro de mais valer e maior significação?

Já encontrei, parece, a explicação: a ideia veio dos reaccionarios por intermedio do C.A.D.C. (Centro Academico da Democracia Cristã) — pois que o Correia de Oliveira é o unico poeta contemporaneo catolico a valer e de espirito reaccionario. Pleneu até uma sessão no C.A.D.C. na qual ficou assente esse ponto e na qual se resolveu tratar duma manifestação de certo estreado.

Restamente a comissáo organizadora é de catolicos — e nas notas officiosas e nas entrevistas que tenho dado, falei e repeti tanto a afirmação de que na fes

ta não ha politica, que ficamos todos sa-
bendo que apenas não ha politica republi-
cana e liberal.

A recepção foi curiosa e deu-se tal-
vez impressionar estranhamente o poe-
ta que é homem serio e modesto: baldes
veneriauos na ponta de bexigas e bam-
buis, farto viverio e as canções vulga-
res dos arraiais:

Ora vai tu,
Ora vai tu,
Ora vai vai!...

E o poeta num automovel descubierto,
com a familia, com uma capa de estudan-
te aos ombros, em cabalo, com as de com-
prometido, sorria e olhava para todo aque-
le tumultuar como quem não comprehen-
dia o que via.

Que ideia iria a fazer o pobre homem?

De julgará ele que é assim que a Aca-
demia de Coimbra celebra as suas honre-
ragens?

Mais: 23.

Hoje de manhã recebi um telegrama
do Alberto de Oliveira, mandado de Bru-
xelas, em que me pedia para eu oferecer
ao poeta Correia de Oliveira a Torre de
Antão para sua residencia durante os fe-

tas academicas em sua honra. Lá fui procura-lo ao Hotel Astoria.

O porteiro annunciou-me pelo telefone e deu o nome e o posto; de modo que ao subir á sala, e ao entrar, dei com o poeta perfilado, com ar grave, como de quem dava recepção. O seu aspecto era de pessoa superior, certa frieza no todo, ar interrogativo de homem celebre que se puzesse para os seus botões:

— Que diabo quer de mim este polve
serenite-coronel?

Eu, logo para atallar e não lhe deixar duvidas, pezei pelo telegrama e disse-lhe ao que vinha. Ao pronunciar o nome do Alberto de Oliv., ele teve um gesto afavel e mudou de attitude; e ao ler o telegrama, eutão, exclamou enternecido para a esposa que estava ao lado:

— Ora né, Fulana (não fixei o nome) que gentilera!... que ideia tão bela! Que bom seria passar um tempo na Torre! Ah me! lua de mel de estudante de Coimbra!...

Etc. etc.

Eu ouvia e pensava que as manifestações lhe deram volta não direi já ao miolo mas á sua recolhida modestia, á sua humildade de poeta da Terra e

do Povo e á sua cristianíssima renun-
cia de glórias e vaidades...

Falava com vivacidade, com gestos
que me pareceram desproporcionados á
ideia que dele fazia e terminou por, com
delicadeza, por me pedir o Telegrama...

— Bem vê U...; os jornalistas são,
por vezes, tão indiscretos...

Eu pensei em lhe dizer, por ironia,
que se ninguém revelasse aos journalis-
tas a existencia do Telegrama, eles não
falariam em tal; mas... não quiz ma-
goa-lo e entreguei-lho logo.

Despedi-me dele e da esposa que esta-
va rodeada por outras senhoras; desci
a escada dizendo p.^a comigo:

— Estás pronto! Adeus humildade
cristã!... adeus renuncia!...

Junho: 1.

Disse-me ha pouco o Lourenço Cha-
ves Almeida que o juiz Gilberto de Bes-
sa Drapão o mandára chamar para lhe
dizer confidencialemente que, no fim de
contas, a queixa feita ao Conselho Superior
Judiciario (que atroz ficou copiada) contra
o juiz Oliveira Dires deu a para sinal.

O juiz Dires foi transferido para o
Porto para cargo de categoria inferior e o

Couselho vai mandar um outro juiz a Coimbra para rever certos processos despachados por ele e que deram azo a varias queixas.

Um ano p. resolver! Mas, enfim, sempre se resolveu.

Junho: 7.

Escrevi hoje ao Alberto de Oliveira. Entre varios assuntos falei no caso do poeta Correia de Oliveira nestes termos:

« Recibi o telegrama de U. relativo ao poeta C. de O.; mais-hora depois, cerca das 10 h. e mais, procurei-o no hotel e encontrei-o no momento em que ia sair: li-lhe o telegrama e juntei as ofrecimentos de U. o dos meus prestimos. Ele ficou encantado com a oferta e disse-me que a ia comunicar aos rapazes, mas porque aceitasse a hospedagem mas para não deixar de fazer uma visita á Torre; procuraria metter no programma esse paragrafo interessante.

« Em vista disto deixei tudo combinado no hotel para me prevenirem de hora a q. ele quizesse ou podesse ir á Torre; fui lá dar uns toques rapidos, colocar flores nas jarras, etc. Mas ao

fim de uns oito dias as flores murcháram e o Poeta não foi...

«Agora vem V... como me desempenehei da missão com q. me honrou e q. eu muito agradeço. É possível que não fosse só a falta de tempo q. evitasse a ida do Poeta à Torre, mas sim o facto de a homenagem ter nascido no C. A. D. C. e por consequencia os rapazes terem o cuidado de afastarem a ideia para não tratarem comigo.

«Quanto á manifestação, por muito que os jornais dizem, não esteve á altura do Poeta que se queris celebrar; viu-se claramente, e a tempo, que havia o propósito por parte dos reaccionarios de empolgar a festa — e daqui o afastamento dos Drs. Euzébio de Castro e Manuel Gaió, a fiera de uma parte da Academia e até o protesto semi-serio do grupo Presença de que envio um exemplar a V... como curiosidade.»

Estas informações, francas m. F., foram dadas com certa melancolia. Calculo que o Alberto de Oliv. não gostará muito dos commentarios; mas, enfim, é bom que eles não saibendo as coisas.

Junho: 10

Recabi hoje uma carta do Pires Monteiros em que me diz que, por um decreto recente, foi suprimida a Escola de Terras Antonia Augusto Gausques (que elle creára quando ministro) e anexada á Escola Industrial Gausques Benevides.

É' possível que haja qualquer motivo de ordem economica ou pedagogica para esta supressão; mas na base está a má vontade dos actuais detentores do poder para com o velho Gausques, o intransigente anti-clerical, o valente polemista que vanta bardoada tem dado em todas as ~~op~~ opressões e injustiças.

O caso é', na sua base, este e digam elles o que quizerem dizer.

Pede o Pires Mont.º para que em Coimbra se procure fazer um movimento de simpatia á volta do Gausques para ver se se consegue a anulação do decreto.

Bom Pires Mont.º! Não sabe elle que Coimbra esfrega ~~as~~ as mãos de satisfação no dia em que a noticia se espalhar.

Tem todo o caso vamos a ver como a campanha se poderá lançar — se isso for possível.

Mas não deve ser. Coimbra, de certo, exultará.

Junho: 15.

Veiu hoje nos jornaes que o Antonio Viana foi punido, por despacho do ministro da Instrucção, com 60 dias de suspensão e transferencia para a Inspeccão Municipal de Portalegre, como amanueuse.

Causa que ele vai reclamar.

E até que eu fim, terminou a es-
tada.

Junho: 18.

Escrevi hoje ao Pires Monteiro acer-
ca do caso da Escola de Ceramica. A car-
ta ficou copiada.

Junho: 22.

Em começo de Março feiz procura
do yelo dr. Domingos Lara que eu nome
da comissão do monum.^{to} ao dr. Antonio
José de Almeida me veio pedir para
eu fazer, em Miranda do C.^o a entrega
das listas de subscrições.

Eu não me podia escusar, mas
aconselhei que não pousassem eu far-
mar lá uma comissão porque, dada a
deserção das pessoas categorizadas,
seria pior a execução do que o ponto —
e assim resolveram.

Entendi, parem, que não devia fazer nada sem primeiro falar com o medico dr. Clemente Falcão — o mais velho e mais categorizado republicano do cavelho; e como não podia ir lá nestes dias, escrevi-lhe uma carta a que ele logo respondeu, em 18 do mesmo mês de Março, com outra muito interessante q. argüí que porque define bem o homem e a terra.

O tempo passou e só ontem é que consegui ir a Miranda entregar as listas, as quais, com espanto meu, foram bem accitadas e, pareceram-me até que com algum interesse.

Não tive occasião, parem, de procurar o dr. Clemente Falcão e por isso lhe escrevi hoje uma outra carta que aqui copio para documentar o caso — e também porque quero documentar a consideração que ele sempre me mereceu.

« ^{meu} Sr. dr. Clem. Falcão:

« Fui ontem a Miranda tratar de assuntos particulares e estava convencido de que teria tempo de procurar V... para agradecer a sua carta de 18 de Março ult. e explicar, pessoalmente, o que se passou a respeito do monumento ao dr.

Ant.º José de Almeida. Felizmente o intervalo de pouco mais de uma hora, qual deu tempo p.º tratar de uns casos de interesse particular e urgentes e tive, com tua vontade, de adiar a visita a U.º. — visita que projectava há mais de 2 meses e que, trabalhos continuos e falta de saúde me não tem deixado fazer.

« Não quero, porém, adiar por mais tempo os meus agradecimentos pela pronta e atenciosa resposta de U.º; compreendo m.º bem os comentários que U.º faz e, com franqueza, já os previa — pois conheço, sufficientem.ºo meus. Mas eu é que nada queria fazer, em tal assunto, sem ter, com U.º, as atenções a que tem direito — por tudo.

« Este o motivo desta m.º carta e da visita ~~de~~ que não desisto de fazer quando tiver um pouco de repouso.

« E até lá, continuo a afirmar a U.º a m.º consideração, etc. etc. »

Seteembro: 1.

Caldelas.

Há tres dias aqui! ... O Paraiso, meu mais meu meus.

E pensar que, passados uns desol.º dias me terei de ir embora!

O mundo é tão feio e tão ruim, visto deste cantoquinho, desta varanda do Hotel da Bela-Vista onde me estendo todo o dia, em frente dum cenário tão bello e tão doce!

O que se passa além destes montes q. circundam esta cachoeira de verdura — é um conjunto tão desagradavel!

Aqui, neste tempo, neste sossego ineffavel, me peço vagamente que o bom seria ficar sempre assim, olhando o tapete verde que se estende por esse vale do rio Plomeu, vendo a luz dar variações constantes ao cenário encantado que me absorve por completo, e sendo em baixo, murmurar brando ruído das aguas dos riachos pedregosos.

Lembrando-me do q. vai além desses montes que me rodeiam — que feliz o homem que aqui ficasse sempre preso pelo encanto desta tão grande e doce paisagem!

Mas não me é dado, ai de mim!, esse fim de vida. O mundo espera-me daqui a uns dezito dias e então voltarei á engrenagem do costume, engrenagem trituradora que me fará chorar estes dias tão bons...

Setembro : 29

Paz, Maфра.

No Diario de Noticias, de Leã. veeu ho-
je o relato duma festa que o Alexandre de
Almeida organizou no Buzaco para co-
memorar o anniversario da batalla.

Hojeu almoço de gala com minis-
tros e tudo; ao champagne o brigadeiro
Gomes de Sousa fez discursos repicando
os seus antigos pontos de vista sobre a
acção do exercito na politica. E já agora,
já que falei no assunto, deixo aqui, pa-
ra memoria, o seguinte recorte:

O sr. brigadeiro Gomes de Sousa, coman-
dante da região militar de Coimbra, que, se-
guidamente, usou da palavra, lastimou o
atrazo do nosso país em relação aos outros
povos da Europa, devido, como disse, á in-
diferença dos novos.

—Desaparece—prosseguiu—a pouco e pouco,
a energia que caracterizava a nossa raça.
Dizem que é do nosso feitio. Mas que melhor
exemplo qüerem do que o que o Exército está
dando?! É preciso aproveitar a nova gera-
ção, fazê-la despertar, porque não podemos
contar com outro apoio. Dos outros campos
nada virá. Energia não nos falta para levar-
mos a cabo a obra grandiosa de remoda-
mento de Portugal.

Ao concluir, o orador ergueu a sua taça,
brindando pelo sr. general Oscar Carmona.

Vale a pena, talvez, p.^a fazer ideia dos
tais pontos de vista do homem, aferrado
como ainda anda ás teias de aranha que
trouxe da Alemanha ha uns bons trinta
anos.

— E' homem de principios assentes,
dizis-me, ha tempo, subtilmente, o dr.
Joaquim de Carvalho.

Outubro: 13.

Coimbra.

Ca' estão outra vez em Coimbra, no inferno da vida...

É hoje no dia da S.^a de Fátima!

Resentei na terra com excelente mandrinha.

Outubro: 30.

Fui ontem abrir o novo ano escolar da Univ.^{de} Liure.

O Visua de Leuoa conseguiu que o dr. Carlos Santos, Filho, radiologista de Lisboa fizesse a 1.^a conferência; e conseguiu ainda que o dr. Alvaro de Matos, de Coimbra, presidisse á sessão.

Eu lá fui, como plastron da Univ.^{de} Liure fazer a abertura e lá conheci o Alvaro de Matos p.^o a presidência; este fez o seu discurso laudatório ao conferente mas não se dispôssem de mostrar q.^o era reaccionario e de dar a sua grada aos seus inimigos na Faculdade (Bissais & C.^o), etc. etc.

A sessão foi, pareceu m.^{to} boa e pareceu ter agradado muito. O Carlos Santos, é claro, como professor de Lx.^o, falou como se o auditorio fosse da aldeia; mas foi, sem duvida, com excelente lição.

Novembro: 12

Dois casos curiosos...

Em 8 de Abril de 1929, como deixei dito, mandei uma carta ao presidente do Cons.^o de Arte e Arqueol.^o acompanhada de uma proposta.

A proposta, deixei - a copiada mas a carta não.

Ora hoje, casualmente, vindo um maço de papéis metido no livro das actas do Cons.^o que aqui tenho em casa para escrever a acta da ultima sessão em que eu fiz de secretario, saltou - me aos olhos um sobrescrito com letra minha; abri - a por curiosid.^e para ver o que era e dei com a carta escrita em 8 e junto a ela a proposta já referida.

Também por curiosid.^e fui ver como na acta o caso foi mencionado; abri o livro e procurei - mas nada encontrei além da 1.^a parte da carta.

P.^a melhor compreensad copio aqui a carta:

« Casa de V. E. 8 - Abril - 1929.

« Ex.^{mo} Sr. Presid.^{te} do C. A. A.

« É possível que amanhã não possa comparecer na sessão 3.^a U... convoca para as 16 h. Comunico, porém, que me

associo á proposta q. V... deseja apresen-
tar a respeito do Ex.^{mo} Sr. Ant.^o Dep.^o Gon-
calves e aprovo todas as Resoluções que
se lhe prestem ou q. se promovam.

« Desejava, se estivesse presente, apre-
sentar uma proposta que requereio fique na
acta, relativa á tortura a que hoje foi sujei-
to o Ex.^{mo} Sr. Ant.^o Dep.^o Gonçalves como
das salas da Inquirição — onde funciona
uma das secções ou varas da Justiça. Se
V... assim o entender, fará o obsequio de
a mandar ler; vai inclusa.

« Renovando a afirmação de que o Con-
selho de Arte e Architectura deve dar toda a
solidariedade ao Ex.^{mo} Sr. Director do Museu
Mach.^o de Castro, subscrevo - me, etc. etc. »

Ora bem. O que o secretario do Caus.^o
Almeida Ferraz de Carvalho copiou foi ape-
nas o prim.^o periodo da carta; e nem a
proposta nem qualquer referencia ao res-
to da carta constam da acta ou das requisi-
ções.

Lembro-me de que o Laureano Cha-
ves Almeida me disse entao que o velho
Gonçalves gostara muito da carta, especial-
mente pela referencia á Inquirição.

Mas a proposta ... ficou no boteiro
por causa das devidas.

Leudo mais algumas actas, vi que na de 19 de Janeiro deste anno, quando o Vergilio Correia apresentou o 1.º numero da revista e disse que a maior parte do esforço para a sua publicação se devia a mim e propunha que essas palavras, por dever de justiça, se mencionassem na acta — o meu secretario Ferraz de Carvalho omitiu a seguinte allocução; da acta nada consta do que disse o Vergilio...

Pode-se fazer alguma coisa com tal conspiração, tão absurda e perniciosamente?

Que mal fiz eu a estes cavalheiros para assim ser tratado?

Novembro: 16.

Recebi aviso para a sessão do Conselho de Arte, amanhã; traz a nota de que é para eleições de presidente e secretario.

E' claro que não farei lá os pés. Dos poucos, vou deixando de comparecer e far-me-hei esquecido como costume.

Para quê?... para que hei-de andar a reman contra a maré?

Novembro: 24.

No domingo passado, na sessão do Conselho de Arte, compareceram apenas uns 3 ou 4 rapazes e por isso não pude

funcionar. Parece que todos fugiram á responsabilidade da eleição.

Durante a semana fizeram-se varias delibencias no sentido de haver numero para nova pessoa em que se elegesse como presidente o dr. Alberto Cupertino Pessoa. Depois de varias dificuldades vencidas, conseguiu-se tudo — e hoje foi eleito, realmente, o Pessoa, com geral satisfação e, deve dizer-se, justamente.

O Ant. Sup.º Gonçalves, Laurence, da Almeida e Tomás da Fonseca teimavam no meu nome; tudo, porém, se calou e o caso ficou arrematado com satisfação geral.

O Pessoa disse-me que quer já a ajudar varias propostas minhas, entre ellas a de nomear para o dr. Teixeira de Carvalho, declarando sempre que a iniciativa se deve a mim, etc. etc.

Pode ser que sejam só palavras.

Dezembro: 28.

Leu-me de parte, ou de outra parte, quanto aos meus trabalhos.

Lembrei-me de fazer reparatê do es-tudo que vai ser publicado na Revista Militar, nos primeiros numeros de proximo, acerca da marcha do exercito fran-

ção de Massena, em 1811, através do can-
celho de Miranda do Corvo.

Consultei a Tipografia sobre os preços
de 50 e 100 exemplares; a resposta é de
tal ordem que tive de pôr de lado a ideia.

Os meus argumentos não comportam
tais exigências q. acho excessivas.

Mas, enfim, é assim mesmo.

— 1931 —

Janeiro: 2.

Recebi hoje comunicação de que fui nomeado presidente do Juri do Tribunal Militar de Vizeu, p.^o o quadrimestre.

Fevereiro: 3

Vizeu.

Cheguei hoje no comboio da tarde p.^o a grande missão de administrar justiça. Missão ingrata.

Instalei-me no Hotel Portugal, dos Casimiro Taveiros — melhorado consideravelmente.

Na sala de visitas já não estão os retratos do rei D. Carlos e do Sidónio Pais, ao fundo, na mesma parede, separados pitorescamente por uma colheita calçada de raio empalhada — manifestação lealista do proprietario á memoria dos dois monarcas... Agora, encontrei uma simples sala, correcta, com retratos amplificados dos Casimiro, avô e neto; e a um canto um aparelho de T. S. F. para deliciar os hospedes, depois do jantar, com

todas as festas e reuniões que ha por esse mundo alem.

Amanhã vamos começar com a terrivel administração da Justiça.

O que será aquilo?!

Quereiro : 4.

Vizeu.

Tive hoje o prim.^o encontro com a justiça militar — e não gostei.

O tribunal é constituído por gente amavel. O juiz auditor, dr. José Maria da Costa, hennensarrão da Beira, com ar de Artagnan, é destes juizes que estariam melhor no exercito: expedito, voz forte, tom de comando em tudo — e embora adoe esta forma imperativa natural com amabilidades constantes. O defensor officioso e promotor, uns polues diatos que estão a fazer o seu papel mais ou menos discretamente. Nos intervalos conversam de mesa p.^a mesa, com á vontade interessante, sobre politica, casos do dia, juços dos generos, etc.

O primeiro acusado q. appareceu foi absolvido — bom sinal! Era um licenciado do dado por desertar; alegou falta de aviso, etc. etc. Houve de 37 anos, vítima de um intrujad que o levou a empinar —

e daqui, muito naturalmente, veio a deserção. Um pequeno drama que daria para um conto.

O segundo, um rapaz de 19 anos, com cadastro enorme e complicado: roubos, furtos, mentiras, etc. etc. El careano de S. Miguel. Um desgraçado a quem as circunstâncias, de certo, empurraram e que, pelo visto, já não encareira na vida. Foi condenado leveiramente devido á pouca idade.

Tudo é máo serviço, desagradavel e ingrato. O que me vale é que o júri ouve-me bem.

Fevereiro: 6.

Vizeu.

A segunda audiência foi mais movimentada do q. a primeira. Os dois acusados foram condenados.

O primeiro (o 3.º da serie) foi um rapaz alentejano, máo tipo, olhar fixo mas sem expressões; desertor por varias vezes e com a deserção, roubos de artigos do Estado q. os vender depois. Confessou tudo sem difficuldade e sem vergonha. Um desgraçado que tambem já não encareira na vida, como tantos outros que a vida do tropa vem estragar.

O regendo (o 4.º da serie) foi um sar-
gento munitico, acusado de desordem e de
belledeira, na cid.ª da Guarda a cujo re-
gim.º pertence. Minhoto de S.º Tirso; ti-
po pequeno, alvirado, insignificante; ca-
ra sem expressões. Atravez dos autos vê-
se que se embetelhava e batia na mulher.
Mal sabia dizer como os factos se passá-
ram. Uma miseria. Quizeram dar-lhe
lizeira punitiva disciplinar; mas o juiz
que tem a mão pesada deu-lhe quasi o
maximo que podia dar, de farura a inub-
liza-lo. O homem recovou.

Dramas.

Fevereiro: 7.

Coimbra.

Recebi hoje o n.º 3 da Arte e Arqueolo-
gia. Tem um pouco melhor que o n.º 2,
mais homogeneo, melhor colaborado. No
final, numa nota acerca do Cons.º de Arte,
faz referencia á eleição do novo presidente
e tem palavras amaveis p.º mim, e para
o meu esforço na criação da revista.

Como não estou acostumado, admi-
rei-me. Mas enfim, ao menos, sincera-
mente ou não, o Urpilio Correia dá pu-
blico reconhecimento do que eu fiz.

Fevereiro: 11.

Vizeu.

Terceira audiência. Mais dois acusados: uma serie de miserias pessoas.

O primeiro (o 5.º da serie), um soldado, ha pouco dos seus 30 annos, de Lisboa, filho de mulher solteira e educado ao abandono. Operario. Apresentou-se com serenidade, consciente do q. fez, falando sem hesitações. E' desertor pela 3.ª vez e não explica cabalmente as razões e contradiz-se com as declarações do auto. Conhece já as manhas dos tribunais e parecia m.º a vontade. Não houve modo de atenuar.

O segundo (o 6.º da serie), um rapaz novo, alentejano de Saubispo do Baceu. Na apparencia um pobre diabo; cara dura, boca rasgada, sem expressões. Ao de quem fala a verdade, sem preocupações. Conta como tudo se passou, na sua 2.ª desercão com extraneo de artigos como se fosse coisa natural e obedecesse a fatalid. inexoravel. Foi condemnado ha poucos de um anno; e, quinze dias depois de terminar o castigo, desertou pela segunda vez e roubou artigos. Um desgraçado. Não será antes uma vittima do ambiente militar, da má vontade e indiferença dos sargentos, da má organização dos autos?

Tudo isto se presta a considerações va-
rios ácerca do ambiente, da Justiça que se
lhes aplica, etc. etc. É uma triste serie de
reflexões que me deixam perplexo...

Pobre humanidade!

Fevereiro: 12.

Vizem.

Disse-me o capitão José Guimarães
Fischer (q. faz parte do júri do Tribunal)
e confidencialemente que soube pelo irmão
que é, no Porto, chefe de policia de Informa-
ção que foi esta mesma policia q. fez sair
do ministerio o ministro da Justiça Lopes
deouseca, pois se descobriu q. ele era o
inspirador da organização dos Legionarios
da Patria, isto é, dos canelots integris-
tas. Será verdade?

Aqui fica p.^o a Historia.

Fevereiro: 13

Data infeliz... Lei celebre do José
Franco. Em dias como este, franquista,
que justiça se pode fazer? Da data que
carregou na Historia e na Consciencia...

É hoje a audiéncia foi mais uma
prova de que, entre nós, a justiça é mais
ou menos uma burla e os condemnados
pela Lei são apenas creaturas que necesi-

Varism amparo, camprescud, e made mais.

O primeiro (7.º da serie) era um rapaz novo, estremenho de Alfeizerão; seus olhos largos mas cranio pequeno, ligeiramente disforme. Era de folhe diabo, alquem tanto succumbido. Tatuado no pulso direito, com letras entrelaçadas em ramos. Gágo. Enfim, um predistinado p.º estas audacias e q.º a socied.º ajuda a perder. É' desertar pelo 2.º vez; tem suas campanhas de amendo, e explica a deserção porque «the "deu na cabeça desertar...»

O segundo (8.º da serie) é outro tipo. Rapaz forte, do concelho de Aveiras, boa figura, mesmo rapaz perfeito. Tatuado com uma estrela na mão esquerda. Pela leitura do registo disciplinar vê-se que é violento, insubordinado, facil nas rixas, valente e possivelmente provocador. Fala com facilid.º e clareza. É' sempre gabico e no seu passado nada indica seu caracter. Outra vitima do ambiente militar onde estes temperam.º são incansavelmente e mal tratados em vez de encaminhados. Veio ao tribunal por deserção a seguir a uma desordeu em Alentejo onde era sold.º ardeheiro; explica-a porque patria que tinha a mãe

doente em amares, paratífica, e queria ir vê-la e calculou que a desordeu em que se envolveu o levaria á prisão. Esta explicação não será verdadeira, mas ao falar da mãe velha e doente teve os seus assômos de consoção que lhe levaram lágrimas aos olhos. Que se havia de fazer em seu favor se a prova era completa?

Um dos castigos da folha era m.^{to} curioso: « Por ter ofendido uma mulher em termos violentos e de fazer a produzir-lhe ferimentos sem q. para isso ela tivesse dado razão, etc. »

Tive muito medo de não conseguir q. o mandassem embora. Não foi possível.

Fevereiro: 20.

Hoje, naí da audiência em pouco de mal com a consciencia — mas que lhe havia eu de fazer?

O primeiro julgado (o 9.^o da serie) era um sold.^o artíficeiro desertor, também acusado de extrair de artíficos. A eterna historia! Um ruinhoto de Barcelos, quasi ruí crocefalo, ar ruide, com qualquer coisa de anormal. A expressão era má e fez dizer ao auditor, durante o interrogatório, e pouco protocoladamente que: «... a sua

"bola parece não regular muito bem..."
 Em todo o caso falou com desembaraço e
 ar decidido. Meu problema para os neuro-
 logistas. Explicou a desercão com a resolu-
 ção de não andar mais tempo na vida mi-
 litar; deixou o quartel de Coimbra para on-
 de fora transferido a seguir ao cumprimento
 duma pena no Forte da Graça e foi
 trabalhar para o Bombaral onde sem-
 pre se acantelou com a Guarda Republi-
 cana — o que o fazia, ás vezes, afastar-se
 para outras terras. Um dia, porém, nas
 Caldas da Rainha foi preso e entregue á
 autorid.^{de} militar. Explicou tudo tão cla-
 ram.^{te}, sem deixar dúvidas. Quanto ao
 extraviio de artigos, é a eterna história
 de nos quartéis se afrouceitar a desercão
 destes incorregíveis q.^{os} se lhe carregarem
 artigos velhos como se fossem novos e
 outros artigos q. ficáram para acertar a
carpa da campanha como se os tivessem
 levado.

E o que mais me impressionou foi
 o ar indiferente com que, no fim, o juiz
 auditar o interpeleou sobre a sua conde-
 nação — explicando-me depois que tem
 modado q. alguns sold.^{os} saíam do tribunal
 sem saberem se foram condenados ou
 absolvidos!...

Que comentarios se poderiam fazer sobre estas coisas! Que tristes comentarios!

O segundo acusado (o 10.º de serie) foi um 2.º sargento do Regimento n.º 12, da cidade da Guarda, de apelido Santa Eufémia, acusado de abandono de posto da guarda de que era comand.º e de insubordinação para com um capitão, ao tempo official de serviço no quartel. É homem alto, 44 anos, beirão de Vilar Formoso, pele avermelhada, de alcoolico. Ab de desalento, de creatura gasta. A defesa chegou a alegar que o réu não estaria no uso completo das faculdades mentais quando commetter o crime de insubordinação...

A audiencia foi estendal de misérias: misérias da vida particular do sargento, casado com uma mulher doente e pai de uma ranchada de filhos; misérias da vida na cid. da Guarda, passada entre o jogo e o alcool; misérias da vida regimental, seu completo abandono dos elementares preceitos de disciplina, de terro, de puerbe-nôr. O official participante foi, nos outros tempos sargento com o réu, trata-se por tu com ele... E no fim da audiencia vim a saber que esse official, capitão Abel Teixeira, vem brevemente a este Conselho

de guerra como réu por um caso estranho de se envolver em desordem com o mestre de carneiros do regimento, do qual levou, em publico, uma carga de pancada ria! ... Que maior miseria?

É meu aqui este desgraçado sargento, vítima do ambiente, acusado de dois crimes que, de mais a mais ~~ocorreu~~ confessou com clareza! É tene de ser condenado!

Eu, por mim, absolvia-o. Mas o júri, fiel á linha traçada, não se inclinou p.^a tal solução. Os officiaes que, aliás, são conscienciosos, têm todos os preconceitos da classe; e daqui as respostas aos quesitos que fizeram com q.^o o auditor (que tem a mão pesada) lhe arrumasse com 14 dias de prisão disciplinar agravada — o que lhe traz como consequencia não poder ser readmitido.

Triste fim dum episodio originado pelo ambiente desgraçado do quartel e em q.^o a vítima foi quasi o innocente. Não sai bem com a consciencia, embora veja que o meu unico voto nada faria em favor do homem; e não quiz influenciar demasiadamente no espirito dos officiaes.

Offinal, miseria do militarismo.

Fevereiro: 23.

Coimbra.

É como só tenho, ultimam^{te}, falado dos julgamentos no Cas.º de Guerra, vou a propósito dizer que esta situação tem um outro aspecto: o dos pedidos para benevolencia.

Ninguém se tem atrevido a pedir absolvição; apenas se pede a benevolencia. É uma fórmula como outra qualquer.

Logo para a 1.^a sessão tive carta de um official do Quartel-general de Coimbr^a; referia-se a um rapaz que absolvêmos. Depois, aqui, fui procurado pelo ten.^{te} coronel Flaminio Teix.^a de Azevedo que me pediu por um outro que ainda não foi julgado; e no dia 19 do corrente fui procurado, a noite, pelo ten.^{te} coronel Alberto dos S.^{ts} Pereira Monteiro que pediu por um outro que também vai ser julgado em breve.

Este Monteiro, até, como foi o presidente do júri anterior, esteve a contar-me coisas do Tribunal, tendências, de certo, a deixar em mim a ideia má do seu pessoal. Percarias, afinal de contas, de que se fez eco, não sei quem porquê.

É a respeito de pedidos: o mais interessante deles é o de um advogado, o professor do Liceu de Coimbra, dr. Manuel

Sernas Pereira que vai defender um soldado que roubou a Cooperat. Militar; ouviu uma especie de memorial aos vogais do jury a pedir clemencia... Com tão poucas cartas ele tem a defesa que vai fazer!

Atende assim, tenho sido peripato; mas os vogais do jury recebem poucas cartas com peditarios.

É um dos vicios nacionais.

Fevereiro: 24.

Audiencias curtas, as de hoje. Deixaram vir possadamente nos comboios da tarde p.^a casa.

Foram julgados casos repetidos; e como já temos a mão assente, a resolução foi relativamente rápida.

O primeiro (11.^o da serie) era um soldado licenciado, do regimento da Covilha, acusado de faltar á convocação de licenciados p.^a acudir á repressão da revolta de Fevereiro de 1927. É homem do campo, creado de lavreira, de S. Vicente da Beira; 30 anos; crâneos curioso de negro, mas de côr morena natural. Falador, expõe com desembaraço e explica tudo com facilidade. O curioso é que, depois de ser dado como desertor, foi a duas revistas de inspecção de licenciados nos D.P.P. e não

deram com a falta! Só em 1930 é que lhe disseram que era desertar!

O rapaz, em vista disso, apresentou-se logo e esteve preso quasi 6 meses!... Bom serviço, o daquelle D.P.R. e bom funcionamento da justiça!

O rapaz, é claro, foi absolvido; mas o certo é que miopucou lhe tirou do lombo os peio meses de prisão.

O outro, o segundo do dia (12: de série) era outra coisa bem diferente. Clarim de Eupentia, dos pontoneiros; rapação perfeito, tipo manual; tatuado ligeiramente em ambas as mãos. Natural da Couva de Lavos, da Figueira da Foz, de onde choveram empunhos, um dos quaes por intermedio do cavalleiro tauro-matico José Casimiro. Acusado de deserção, extraviio de artigos e recuda dos mesenos alem de tripa com empregados ferroviários em Alfanelos, numa occasião em q. pretendia viajar sem bilhete. Anteriormente, respondera duas vezes em tribunais civis onde foi condemnado. Fala com facilidade mas procura emburthar os assuntos; mistura as culpas; suborna novo, com 22 anos, parece pratico em responder nos tribunais. Vê-se que é de temperam. independente que o leva

a dizer simplesmente «o capitão» ou «o juiz» ou «a tropa» ou ainda «os tardes dos ferroviários...» etc. etc.

Mais outra vítima, possivelmente. Quem sabe se esse diripido não seria um excelente sold.º e um bom cidadão?

Fevereiro: 28.

Ontem, audiências movimentadas que fizeraem com que viessemos no comboio da noite e chegassemos a casa ás 2 h. da madrugada de hoje.

O prim.º réu (o 13.º de serie) era um sold.º de Infant.º, rapaz de 24 anos, tipo leiro, boa presença, manual. Acurado de deserção, extravio de artigos, furto a um civil e fuga da cadeia. Já foi condenado duas vezes em tribunais civis por furtos com arrombam.º, fuga de prisão, brigas, etc. Beirão de Vila da Igreja, com celho de Sátan. É dessembaçado, conhecido do ambiente, calejado já nos tribunais e fala com dessembaço, com certa ironia cívica que está em contradição com o ar simplorio q. apresenta. A sua maneira de responder faz desesperar o juiz auditor que saiu da sua natural gravid.º para dar murros na mesa e exigir mais respeito. Vivemos que

que responder a 25 quesitos; foi resposta difícil que demos com o maior cuidado e com a maior jurid. Foi condenado pela desercão e extrairio de arbijos; o resto não se prova.

O segundo réu (o 14.º da serie) era um 1.º cabo de baçadores; 19 anos, quasi imberbe, elegante, simpatico, um tanto ou quanto "Don Juan", de costureiritas. Accusado de desflorar uma rapariga de 17 anos, de Tomar — com quem casou já. Pessão secreta, por consequencia. Da pessão pareceu concluir-se que os dois se envolveram em brincadeira; da brincadeira passou o caso a certo calor e entusiasmo e daí a desfloração. Afirmação, duas creanças, ele da Marinha-Grande, ela de Tomar. Foi condenado em prisão maior celular e um conto de reis, de dote, para ela. Pensa suspensa durante 5 anos.

... Para ele saber que se não brinca com o fogo...

Março: 4.

Outrem, nova audiencia e, desta vez, com a novidade de aparecer um advogado civil. Foi o caso dum sold.º da Guarda Nacional Republicana (o 15.º da serie) q.

era acusado de se envolver em desordem e desrespeitar um 2.º sargento referenciado dono de uma taberna no Carregal do Sal. O sold. é de tipo manual, beirão de Seia, alto, moreno, mas com má cara; fala com desambaraço, mas respeitoso, de maneira que se percebe trazer o recado estudado. Antecedentes ruins, deixou-me a impressão de q. não é boa rez. Foi condenado depois de quasi duas horas de discussão na sala do júri onde vi, pela prim. vez as opiniões divididas; tive de me valer das minhas habilid. para conciliar tudo e para que as respostas fossem dadas por unanimidade.

O advogado, dr. Francisco Teles d'Almeida é rapaz novo, cara rapada, cabelo corado lançado p. traz e que, segundo a opinião do juiz auditor, é o mais inteligente e culto advogado da comarca. É fluente, tem gestos solerios; parece q. procura influir no auditorio pela maneira branda de falar, quasi peripica. Achei-o simpático e gostei de o ouvir.

O segundo réu (o 16.º da serie) era soldado da aviação em Paucos; não compareceu a recrutar em 1924 e quando, no ano seguinte, devia comparecer p.º novo período de instrução, não appareceu. Desertar

por consequencia. Rapaz forte, expressão dura; natural de Terras Novas; altitude firmada, nervosa, commoção visivel que explodiu ao dizer q. era casado e tinha filhos. Solucou abertam.^{te} mas de fazer q. que deixou certas duvidas acerca da sinceridade do choro. Enfim, miserias.

Já respondera em tribunal civil e condemnado por bripa. Meu desgraçado como os outros. Euari foi absolvido: apenas levou 15 dias de prisão, o que correspondeu á libert.^{de} Meu ovo por um real.

Março: 6.

Hoje, a 9.^a audiencia, teve tres novidades: a primeira foi a presença de um juiz substituto, por motivo de doença do auditor. E' ele o dr. Silverio Alencar, rapaz quasi do meu tempo de Coimbra e actualm.^{te} Conservador do Registo Predial em Vizeu — e por consequencia juiz substituto por obrigação. Pessoa grada na terra, já indigitado ministro da justiça em uma das muitas reconstituições da actual situação politica. Cretura ultra-conservadora, pessoa m.^{to} bem educada, simpatica. Contrasta com o auditor.

Outra novid.^e foi a do primeiro seu (o 17.^o da serie) ser um invertido. Rapaz

moço, pálido, ar acretado; sold.º de esquadria acusado de abandonar o seu posto de serviço em Paucos. Salvo de Louza de Cima (Loures) mas sem o tipo da região; de certo produto cruzado de várias legem resceúcias. Explica a deserção por medo de ser preso quando lhe disseram q. eram conhecidos os seus vícios contra-natura a que ele chamou «homo-oxidacão» (sic). Mais um desgraçado, quem sabe se vítima do sangue e do ambiente propício ao desenvolvimento das tendências.

A terceira movid.º foi a do segundo réu (o 18.º da serie) sem civil acusado de uso de arma do exercito. Era um caixeiro de Lisboa, natural de Pedrouços, rapaz de 21 annos, acusado de ter em seu poder uma pistola Savage em uso no exercito, que ele disse ter achado no Parque Eduardo VII depois da revolta de Fevereiro de 1927. Necessidades da vida levaram-no a Pombal onde pretendia vender a pistola, não só para se desfazer dela como para fazer dinheiro; porém, o homem a quem ele se dirigiu foi logo denunciado e as duas testemun.º de accusação q. ha no processo são os dois soldados da Guarda Nacional Republicana que o prenderam a seguir á denuncia!

Quando o júri reuniu para este requerido caso, notei como os oficiais que o constituíam se sentem agarrados á dita dura como pedras a rochedo. Viam no rei um autêntico e facinoroso "evolucionario civil," e aquella pistola seria instrumento de tremendos crimes futuros... O caixeiro de Lisboa era quasi simbolo de tempos ominosos, quasi malfeitor, etc. etc.

Tive de fazer, meusam.^{te}, o possível para os convencer do contrario; mostrar-lhes que a lei q. regula o assunto era uma lei politica, que não se provava nada de máu contra o homem, que a pistola tanto podia servir para o mal como p. o bem, etc. etc. — e por aí fora, conforme podia.

O capitão Gonçalves, de Cavalaria, do regimento de Nelas, foi o primeiro a concordar; depois o José de Guimarães Bischoff; mas o Ant.^o Azevedo Correia da Cruz estava agarrado ao facto de o rapaz possuir uma arma que, mesmo antes da ditada não podia possuir — e isso era, para ele, motivo necessario de condemnação. E quando este, por fim, se deu por vencido, ficou o tenente Azevedo Castelo- Branco, fidalgo de brasaço no auel e de mais a mais da Beira que falava alto e com o

maior desfofuro contra "toda essa cana-
lha de Lisboa", e quasi accusava o rapaz de
detentor de bombas e gases asfixiantes...

Foi o ultimo que se submeteu para
nao destoar dos outros; mas ~~seguiu~~ de-
veria ter estado me.^{to} a dizer que absol-
via tal laudido...

Mas, enfim, triunfou a razão e dé-
mos o facto como nao provado. O juiz
olhou, com rapido olhar de espanto, no
momento em que lhe disse q. o absolvir-
mos. Calcularia ele, no seu conserva-
tismo reaccionario, que nós pediriamos
as penas severas ou mesmo brutais da
lei para aquelle pobre diabo, vittima de de-
nuencia tao réles?

E para terminar: a quarta novidade.
A sessao terminou ás 14 h. e 30 m. Este
juiz interino faz sentenças relampagos;
o auditor leva sempre muito mais tem-
po.

Março: 10.

Decima audiencia e de novo com o
juiz substituto, Dr. Silveiro Alencar,
o que equivale a dizer q. a sessao termi-
nou cedo.

O primeiro réu (o 19.^o da serie) era
outro civil acusado de possuir uma pis-

Vota Sauvage. Tipo de homem do campo, pequeno propriet.º de Arzede (Cantanhede); magro, macilento, cara de doente. A pistola appareceu num sítuado, encobrida por um grupo de crianças; mas foi logo "voz publica", que ela era do acusado. Misérias da aldeia, malquerenças de vizinhos; ninguém viu a pistola na posse do réu — mas todos ouviram a "voz publica"... E' claro, foi absolvido.

O outro acusado (o 20.º da serie) era sold.º da administração militar, do Grupo n.º 2, de Coimbra. Rapaz de Torim do Meio, freguesia dos Olivais. Tipo desempenado, bem fardado, bem barbeado; ar desembraçado, mas maneiras e mas falas. Acusado de briga no Cyparejo e de ter, com uma pedra, aberto a cabeça a um rapaz do Chão do Bispo e de tal forma que o ferido foi três paesado e esteve seis meses impossibilitado de trabalho. Oripano do conflito: o etar no feminino. As testemunhas quer as de defesa quer as de accusação dão o rapaz como tripão e provocador. Foi condemnado — mas como tinha o seu espirito-paulo de arelha, recorreu da sentença. Quêstas de protecções no Tribunal superior levaria o rapaz a recorrer.

Março: 13.

A audiência de hoje, a que já compareceu o auditor, abarrecou-me muito. O júri também me abarrecou. Seria má disposição da m.^a parte? Umas ou duas audiências como a de hoje e tratarei de me afastar por qualquer modo. Serviço ingrato e levado dos diabos!

O prim.^o réu (o 21.^o da serie) era ferreitor de Anteharia, homem de 38 anos, acusado de deserção e extraviado de artigos. Tipo estranho, olhos oblíquos e tipo de pedoso, a mesopolica; mas o perfil era bastantem.^{te} accentuado, arculoso, craves de freemido. Não sei o q. um antropologista diria a este estranho exemplar. Creatura com máis precedentes; foi julgado no tribunal civil de Santarem por furto e com a folha do serv.^o militar cheia de multas e variados castigos: furtos, ausencias, faltas ao serviço, etc. Ribatejano de Santarem; um desgraçado, quasi um farrapo.

O segundo (o 22.^o da serie) era soldado do Grupo de Metahad.^o n.^o 2 acusado de ofensas corporais em um civil. Rapaz de tipo merenal, bem fardado, boa disposição. Natural de Castro Daire onde se deu o incidente. Negou a accusação com firmeza e naturalidade; e na verdade o processo

é uma amalgama de contradições. O ho-
mem tem q. ser absoluto.

Março: 17.

Depois de assistir, ontem, em Vizeu,
à representação da farsa Boa noite, Senhor
Borges em que é principal actor o Vasco
Ferreira — fui hoje, bem disposto com a
serie de folias representadas, para a 12.^a
audiencia. O mesmo scenario. Apenas
no auditorio o visconde de Busto com a
esposa e uma sobrinha que iam assistir
ao julgamento. Bem afilhado, davam certa no-
va differente.

Este afilhado era o 23.^o da serie, um pol-
dado de Benef.^o de Saude de Coimbra, acusa-
do de desercção por se não apresentar a
uma convocação extraordinaria como li-
cenciado. Rapaz ruivo, reforçado, tipo
mural; certo ar espantado, e acanhado
na maneira de falar. Explica a falta por
ter ido p.^o Lisboa procurar trabalho e não
the chegar lá a noticia da convocação. Foi
absolvido como os outros em iguais ou
idebicas circunstancias.

Movimentaram-se pedidos p.^o este caso;
p.^o mim foi o coronel-medico Flaminio de
Azevedo. E o juiz auditor foi com certa
apertado porp. tratou muito bem o reu e

desfer-se em atenções para com o ar. vis-
conde — o qual visconde é irmão do au-
têntico juiz auditor do Tribunal.

Tragédias humanas.

O outro réu (o 24.º da serie) foi o mu-
lher da festa. Solt.º referiu do seu virtude
de gases asfixiantes absorvidos na guerra
e de ficar debaixo dum abrigo numa oca-
são de bombardeamento; 37 annos, natu-
ral de Silvalde, conc.º da Feira, mas resi-
dente, actualm.º, na Arrifama de Poiares.
Mau tipo, um tanto ou quanto anormal;
falador, procura palavras difíceis e confes-
sa mesmo que tem genio irascivel e é
violento. accusado de ter de mais, de
bater na mulher a ponto de uma vez lhe
quebrar uma costela; de proferir em pu-
blico palavras desceus e em especial de-
ante das filhas e ás veres, até, dirigidas
ás filhas. Durante o julgam.º surgiu um
estêndal de misérias: o alcool e a malan-
drice a fazereu das suas; o homem como
vem, de referer, 400\$00 mensais, dedica-
re ao vinho e diz que o trabalho é bom pa-
ra os outros. Dapoi toda a desarmonia de
familia, a paucadaria e as desceuidades;
dapoi a intervenções da vizinhança, as va-
rias queixas á autênt.º, etc. etc. A sessão
foi secreta porque tivemos de ouvir toda

a serie de descozidas que o homem
houve por bem proferir.

Por fim, o rei pediu « perdão das
suas culpas » como no Santo Officio; e
querendo puxar a lagrima e palavras di-
ficais disse que, depois que quebrou a cor-
ta á mulher, deixára de beber e estava
« degenerado ». O homem, com toda a cer-
teza quereria dizer regenerado. Foi conde-
nado em 3 meses de prisão, sentença de
que recorreu no acto da leitura com pala-
vras que, de certo, lhe susinaram.

Março: 18.

Fui hoje receber os "coupons" do em-
presbimo de 1923, 6½% annuo; na reparti-
ção do "visto" estavam dois individuos muí-
to dedicados á situação actual e falavam
acerca da mesma.

Entre varias coisas, sem grande im-
portancia, disseram q. o governo estava
ao facto de todas as manobras revolucio-
narias e que conhece bem os elementos
suspeitos, etc. etc. E quando um deles per-
guntou ao outro: « Lembas porque é que
"não se deita mão dessa gente?" », ouvi a
resposta, em voz baixa: « Bem né que
"não é facil prender meus exercito..." » Eu
fiquei-me distraído; mas achei demais

a expressão. Meio exercito?... Não acredito. Creio que é ainda um pequeno militar que não concorda com a ditadura.

Pelo menos é o que dá a m.^a observação. O resto deve ser retórica.

Março: 20.

Vizeu.

Fiquei em Vizeu porque a audiência terminou tarde. Foi a 13.^a sessão. Eu não saí de serie por ser a decima-terceira q. saiu tão anormal?

Começou porque o secretario do Tribunal, um tenente do Secretariado Militar q. é um idiota, ignorante e me disse ser jornalista, appareceu com botas altas, novas, brilhantes, espantosas, de cabedal amarelo. Depois seguiu-se o incidente de o promotor protestar contra o facto de os dois réus comparecerem "à paisana" — o q. deu incidente bastante. E por fim, na reunião do jury, p.^a a sentença do 2.^o réu, me exaltei-me com os officiais e disse coisas violentas que não deveria ter dito.

Influencia do n.^o 13, meu devida...

Vários por partes.

O 1.^o réu, (o 25.^o da serie) era um pobre rapaz, meio-carconado, turbeculoso,

ar um pouco de imbecil; 32 anos, natural de Macieira de Cambra. Desertou em 1917, levou alguns artigos e agravou a deserção com o facto de abandonar posto de serviço; foi para o Brasil, trabalhou, morreu de febre e tuberculizou-se — e por fim resolveu vir morrer á terra; ao chegar, porém, a Justiça tomou conta dele. A deserção foi abrangida por varias amnistias publicadas, mas o que o trouxe ao Tribunal foi o desvio dos artigos. Ficámos todos com dó do homem cuja fala era, até, bastante difficil; o proprio juiz auditor pediu benevolencia — caso unico! E realmente foi absolvido.

O segundo (o 26.º da serie: duas vezes treze!) foi um segundo carp.º reformado por motivo de castigos no Ultramar. Cara dura, com traços de energia; 32 anos, natural de Mafarnade, conc.º de Gaia. Máis antecedentes, julgado já em Tribunal militar por desobediencia, mas absolvido. Acusado agora de, quando estava em Luanda, no deposito de degradados, ter bandido com um cavallo marinho num vadio degradado, no Tribunal Civil, com escandalo publico. Ele explicou com clareza, com certa dureza, até, como o caso foi: por qualquer circumstancia futil, cha-

meu o radio a um rio de esada para não ter testemunhas e ali o agradei e eu o cavallo marinho, á valentona, chamando a atenção do pessoal judiciario que veio acudir. Alegou em defesa que este procedimento é usado corrente em Africa: corrente e necessaria...

Ora na reunião do júri, os officiaes inclinaram-se á atenuante da pancada nos degradados ser necessaria e corrente. Eu protestei. O capitão de Caval.º e o Tenente Cast.º Branco disseram que todos faziam aguilos e quizeram meesmo explicar a necessid.º de tal tratamento. Eu então indignei-me, berrei, dei murros na mesa e eu pouco exaltado.

Os officiaes ficaram visivelmente admirados com a m.º exaltação — pois imbuídos no espirito de classe e, no momento actual, no da ditadura, achavam a coisa mais natural deste mundo. Disse-lhes q. não poderia admitir que a decisão do júri influenciasse a noção a Typa do capitão-mór e a noção de bandidismo com q. nós todos vamos para a Africa; e muito meesmo a desculpa de q. a Inglaterra e a França procedem pior do que nós. Quasi gritei coisas q. eles não são tão habituados a ouvir e que, diga-se de

passapasse, elles entraram por um suvi-
do e saíram por outro.

Contudo, estou convencido de que con-
seguirei evitar a absolvição do homem e de
que conseguirei desviar o problema que o ju-
ri queria resolver como de simples disci-
plina. Queriam armar a violencia em
sistema; a paucadaria com cavallo mari-
nho como processo para resolver tudo... etc.
etc. Não vale a pena comentar.

Março: 22.

Coimbra.

O Alveida Moreira tem-me encontra-
do em Vizeu e faz de conta q. me não co-
nhece... Anta-ontem, no Hotel, estive na
sala com uns amigos e umas senhoras e
teve a habilid.^{de} de fingir que me não viu.
Resultado, certamente, da queixa que o
Chaves Alveida fez ao Cons.^o Superior
Judiciario, na qual o nome dele era visa-
do como defensor do Ant.^o Viana. E deve
ser assim porque o secretario do Conselho
Sup.^o Judiciario é natural de Vizeu e de-
via-lhe ter dito o que houve. Isso é dos li-
vros.

Miserias dos "grandes homens". Não
se sente bem na m.^o presença. Antes assim.
Sua alma, sua palma.

E já agora, duas anedotas para variar um pouco de assunto.

Contou-me o Dr. Joaquim de Carvalho no Museu Mach.º de Castro que ha uns dez annos, pouco mais ou menos, auiu uma conversação entre os professores universitários Eusebio Carnaghini e Egas Ferreira Pinto Bastos acerca das qualid.º que devia ter a creatura q. se propuzesse a leute da Universidade; e o Egas, além das qualid.º de intelligencia e saber, exipia que o candidato fosse capaz de pegar teiros... isto é, fosse homem valente, capaz de saltar para a cabeça dum boi.

Isso é exacto: pôde ficar p.º a História.

A outra anedota é de caracter politico. O Dr. Domingos Lara foi nomeado Director dos Serviços de assistência aos Tuberculosos; e o Diario de Coimbra trazia a noticia da nomeação de certa maneira insidiosa. Ora, afinal, o que foi?... Foi o Dr. Bissainha Barreto q. arranjou o cargo para o dar ao Lara sem que este o percebesse porque o Dr. Lopes de Carvalho é que o propoz e insistiu p.º que aceitasse. E porque? Porque o Dr. Domingos Lara tem combatido muito a politica do Bissainha Barreto e a sua obra a favor dos tuberculosos e diz deste colera e legartos. Parece tudo ser, pois, uma vin-

gauchasinha do dr. Bissais, feita, ná lá!
com certa elegancia.

E o mais curioso é que o Domingos
Lara accitou e vai tomar posse.

A noticia do Diario é esta:

DR. DOMINGOS LARA

Foi nomeado director dos serviços Gerais de
Assistência Nacional aos Tuberculosos, com a gra-
tificação mensal de 1.800\$00, o senhor Dr. Domingos
Lara, grande influente republicano do nosso meio
e nosso presadissimo assinante.

Felicitamo-lo sinceramente pela merecida dis-
tincção que acaba de lhe ser concedida pelo go-
vêrno da Ditadura.

Como se vê, está feita com certa dose
de veneno.

Coisas da vida.

Março : 24.

Hoje audiencia m.^{ta} curta que deu azo
a vir para casa no rapido.

O prim.^o reu (o 2.^o da serie) era um
sold.^o do regimento de Inf.^o n.^o 2 accusado de
desercção e extraneo de arbijos. A eterna
desercção das fileiras que ele justifica com
a frase "porque lhe deu na cabeça..." Ra-
paz de 23 annos, de prep.^o dos arbijos, de Lis-
boa; sapateiro, tipo ~~comum~~ anormal,
cranso disforme visto de frente, achatado
entre duas linhas rectas no sentido ver-
tical, com a linha dos olhos a meio da al-
tura; o perfil não é irregular mas o

crâneos, para trás, tem protuberâncias
exquisitas. Ueu desgraçado, afinal, que
seria melhor entregue a exame medico-
legal do que a este Tribunal. No entretan-
to deu-me a impressão de que está conhe-
cedor do ambiente e que quiz fazer-se
passar por parvo.

Misérias.

O segundo reu (o 28.º da serie), solda-
do licenciado que se não apresentou á cha-
mada de 1927, ao tempo da revolta de Fe-
vereiro no Porto. Rapaz de S. João de
Arcias, conc.º de S.ª Barbara-dão. Tipo nor-
mal, falador, que deu boa impressão. Foi
caso conhecido e fácil de resolver.

Março: 27.

Audiencia mensal. O primeiro reu
(o 29.º da serie) era um sold.º artilheiro, de
ruí cara, excessivam.º propuata, olhar
torvo, gingão no andar. Mandou pedir
p.º por condemnado para a Africa. Accusado
de deserção e extravio de arbijos. Já fora
condenado nos tribunais civis por duas
vezes, no Porto, por furto e abuso de con-
fiança. Aleitejano de Evora, 25 anos; fe-
la com clara e conhecim.º dos termos ju-
diciais; homem pratico nestas andan-
ças desagradaveis.

O segundo réu (o 3º da serie) sobre
leirões de Pensumacôr era um licenciado
que não compareceu à chamada extrasi-
dinaria q. o regimento fez. Tipo normal,
nascido, 22 annos, ar firme, quasi infan-
til, aspecto respeitadôr. Vívima do meu
seu pessimo serviço dos regimentos e das
administrações dos concellos. Absolvido.

E com esta audiencia se interrompe
a serie para gozarmos as ferias da Pás-
coa que, por uniformismo se chamam fe-
rias judiciaes. O júri recolhe, pois, ás
suas situações anteriores.

Março : 28.

Coimbra.

Dormi ontem em Vizeu e vim hoje
de manhã pela linha do Vale do Vouga
a Aveiro e daqui a Coimbra.

Seus tres tres horas se passaram nes-
te trajecto ! Seu belera de caminho ! E
que excelente que estava o dia !

Enfim, vá lá ! meu tudo é meu e
faço neste recundo de realdades ...

Abril : 9.

Como está marcada p. amanhã mais
audiencia no Tribunal fui ao Quartel-Ge-
neral, ás 14 h. para receber a respectiva

quia. Fui prevenido de que as audiencias estavam suspensas até novo ordem, por causa da situação anormal creada pela revolta na ilha de Madeira.

Não percebi bem as razões apontadas mas, é claro, nada disse e voltei para casa. Reparei, contudo, que no Quartel General havia certa barafunda e certo ar de inquietação e de mistério.

Abril : 13.

Vai por aí grande barafunda por causa da revolta na Madeira. Boatos, rumores, confidencias, o diabo.

No Quartel-General ha uma guarda com metralhadoras; e ouvi dizer que, de vez em quando, mandam substituir a força por outra.

Recios de pouca firmeza?

Hoje, entre outros boatos, havia um curioso pela inumerosissima : que está manhã o quartel do batalhão de Metralhadoras esteve p.^o ser assaltado por gente vinda de fóra, de colaboração com gente de dentro. Isto ás 9 h. da manhã!

Acho fantasia demasiada — mas ao mesmo tempo injeriosa. No entretanto isto quer dizer q. alguma coisa haverá que os incomoda.

Abril: 15.

Dizem os jornais que em Espanha
foi proclamada a Republica, autem.

O rei abandonou o país entregando
os poderes, etc. etc.

Que sejam felizes.

Abril: 20.

Por esse país fora, tem havido mos-
quitos por cardas. Revoltas, prevenções,
concentrações, o demonio!

Hoje, na Universid.^a, os rapazes
correram á batata o dr. Ferras Vital; e a
coisa foi a tal ponto que o reitor teve que
chamar o command.^{te} da policia para o
protejer á saída da aula e da propria
Universid.^a E depois de os rapazes sai-
rarem em manifestação, o reitor requisi-
tou forças policiaes.

Realmente, quando ás 14 h. fui co-
mo de costume p.^o o Arquivo universita-
rio, vi grande quantid.^e de policia arma-
da de espingarda, no Pátio da Universid.^a
tomando posições. Creio que nesto, o dr.
Carrisso não deu certo e teria desgostado
os rapazes.

Vi passar a manifestação de acadé-
micos, pela Avenida Sá de Bandeira, re-

riam M. R. e meia — estava eu na Associação Commercial a visitar a exposição de quadros do pintor Fausto Gaudes. Ao ouvir a algazarra dirigi-me ás janelas com o pintor e vi o regate de rapazes descendo a Av. Rida, com uma bandeira nacional enrolada em répes e aos vivas "à Republica", e quaisquer outros que não conseguí entender.

Ao nosso lado appareceu o Brito e Cunha, professor de desenho da Universidade, creatura extremam.^{te} reaccionaria; quando se viu distintamente aclamar a Republica disse com ar sarcastico:

— Viva a Republica! e' claro! nem podia deixar de ser . . .

Ao que, do outro lado, o P.^o Estrela, juiz de Santo Antonio dos Olivais, tambem chegado no momento acrescentou:

— O que elles não querem e' estudar!

E aqui está como se commentou a manifestação.

Ouvi depois dizer que nas ruas da cidade baixa houve prauchada da policia perante os gritos de "abaixo a ditadura!" e que foi encerrado o café de Brasileira por que foi nessa altura que a manifestação augmentou e se tornou intensa. Gritaria de rapazes que não deve durar mais

to; teve a almas perto da boca e o entusiasmo pouco duradouro.

Entim, veremos.

x

Os jornais do dia 17 fizeram a reprodução de uma gravura dos jornais es-



Os dois ministros do Governo Provisorio, Marcelino Domingo (à esquerda), e Indalecio Prieto (à direita), na «gare» de Orsay, em Paris, com o sr. dr. Alonso Costa, no momento da sua saída para Madrid

pauleis em que figura o dr. Afonso Costa e que tem feito rabiar os monarchicos segundo parece.

Leu brei-me de a arguinar por alguns curiosid^e. Os monarchicos e os honreiros da situação tiram desta gravura certas conclusões curiosas relativas á falta de patriotismo do dr. Afonso Costa.

ahi fica p.^a lembrança.

Abril: 22

Vim a saber em relação ao q. contei no dia 20 do corrente, que o dr. Luis Carrico não requisitou a policia p.^a a Universidade. Parece q. alguém a requisitou sem o conhecimento da reitoria.

Ha certo mysterio em tudo isto.

Abril: 30

Acabou-se hoje o quadrimestre judicial e não voltei a Vizeu. Disseram-me no G.^l General que o motivo da suspensão das audiencias foi o de não quererem o Car.^{al} Joaquim Torres, presidente do Tribunal, afastado da Pauprithosa — para o que deesse e viesse... Razões de estado.

Acabou-se, pois, a m.^a deliberação no Tribunal. Por curiosid.^e fica aqui a nota dos proventos que tirei com tais audencias:

Ajudas de custo - - -	2:123 #00
Despesas - - - - -	<u>1:029 #50</u>
	1:093 #50

É para ficar ainda para lembrança, direi que tive mais dois pedidos de benevolência além dos que atrás mencionei: um do coronel de Engenharia, meu contemporâneo na Escola José Celestino Têgalos e outro do António Placem de Melo (Tay), de Agueda. Estes pedidos eram relativos a dois accusados que não cheguei a julgar.

É ainda receti uma carta dum outro accusado que iria ser julgado em 10 do corrente mês; a carta vinha com preocupações literarias. Citado, outros o julgarão.

Mais: 7.

Estes ultimos acontecimentos que se deram na ilha da Madeira têm-me feito lembrar varias coisas — acerca das quais aqui vou deixar apenas um esmentario á accção da nossa aviação maritima.

Pelo tenente-aviador Adelino Mota, já falecido, sabia que havia um compromisso entre os officiais da aviação maritima para não entrarem em revoluções fossem de que natureza fossem e para, no caso de lhes ser ordenado o lançamento de bombas sobre quaisquer forças revolucionárias.

rias, elles disseram categoricamente que não.

Lembro-me, para provar esta informação, de que em 1919, quando foi da minha margem do Porto, o então 1.º tenente Santos Moreira que pilotava um hidro-avião de S. Jacinto (Aveiro) quando se lhe apresentou a ideia de lançar uma bomba sobre os centros de tropas monarchicas, elle dissera claramente que não — possivelmente em harmonia com o facto já nesse altura feito.

Lidei com esse official de marinha, nesse tempo: homem baixo, ligeiramente atarracado, vivo, ar desembaraçado e com certo prestígio na aviação. Impunha simpatia e confiança.

Agora, parem, a aviação maritima lançou muitas bombas sobre a Madeira; um diario dum official de tropas "fideis" publicado no Primeiro de Janeiro diz até: «a nossa querida aviação, a luz dos nossos olhos, etc. etc.»

Declarar-se - is o facto firmado?

Paralelamente a este facto cuja contradição com o affirmado pelo Adelino Mota julgo digno de noticia, ocorre-me um outro que tambem julgo merecedor de ligeira noticia.

Este Santos Moreira, aiudo 1.^o tenente, ha bastantes annos, teve qualq.ue questionavel com o então ministro de Marinha (creio que o Pereira de Silva) de que resultou o ser castigado. Como resposta á punição pediu a licença illimitada ou a demissão de official — não sei bem, e foi negociar para o Porto onde é socio duma industria e dum estabelecimento commercial.

Ora ha coisa de uns 6 meses, creio eu, voltou ao serviço; e esta gente q. agora ainda não só lhe aceita o regresso como lhe deu a pena dos vencimentos que deixou de receber enquanto andou por fóra — qualq.ue coisa como cento e tantos contos, nem mais nem menos.

E para concluir: este mesmo Santos Moreira foi o chefe da aviação maritima que combateu os revoltosos da Madeira e por consequencia dos aviões que lançaram bombas sobre as tropas revolucionarias...

Tudo isto se presta a varias considerações que poderia aqui deixar se não tivesse receio de me exceder. Ficam, porém, as noticias simplesmente; e quem quizer, q. faça as considerações que entender por bem. Bem calo - me.

Mais : 16.

Deixo arquivado um discurso feito por um meu contemporâneo da Escola do Exército, Lires de Moraes — para uma futura autópsia da ditadura militar. Fica sem qualquer comentário para não perder o sabor...

É necessário apenas explicar que o caso passou-se no Porto, no regresso das tropas que foram combater a revolta na ilha de Madeira. ⁽¹⁾

Mais : 25.

Os jornais de hoje trazem notícias circunstanciadas da manifestação que os ditadores promoveram entre em Lisboa — da qual foi centro o general Carmona.

De tudo, o que notei como digno de nota, foi a colaboração dos estudantes das três universidades que se intitulam racionalistas — enfemismo de integracionistas. Segundo os relatos, os rapazes esforçaram-se por dar vivas á ditadura e murras á Maçonaria, aos traidores de Paris e ajuda á união ibérica; e no seu entusiasmo foram fazer uma manifestação

⁽¹⁾ Ver adiante, a pag. 326

á policia da "informação", e á embaixada ou legação italiana vitoreando o fascismo; e p.^o fecharam com chave de ouro foram des-
 tirar a redacção e parte da tipografia do jor-
 nal A Republica, unico jornal republica-
 no que actualmente se publica.

Isto é o que eu acho importante e in-
 teressante na manifestação de ontem.

O resto nada vale.

Mais: 26.

Hoje, o dr. Vergilio Correia contou que
 passando no Rossio, em Lisboa, no domín-
 go, á hora a q. a manifestação dos estudan-
 tes estava no seu auge, viu estes dois casos
 curiosos:

a) os rapazes juntaram quantos jar-
 mais espanhóis havia pelas portas das taba-
 carias e quiosques e queimaram-nos no
 meio de alarido e alegria — evocando os
 velhos autos-de-fe';

b) agrediram um cidadão qualquer que
 lia um jornal espanhol e que o não quiz
 largar para a fogueira; o qual cidadão era
 um espanhol que se indignou com a vio-
 lencia e que ameaçou queixar-se á em-
 baixada do seu país.

Entusiasmados juvenis de patriotas
 q. a policia fingiu não ver.

Julho: 16.

Miranda do Corvo.

Neste possêgo ainda estou há uns dias, quero lembrar coisas anteriores da vida, mas quasi não posso.

A tranquillid.º desta paisagem é um verdad.º calmoante.

x

Deixei os jornais traziam os discursos de abertura das Constituintes republicanas em Espanha; Alcalá Zamora, no discurso oficial teve uma frase formidavel que eu aqui quero arquivar:

«Entrepano-vos a liure do caudillesmo militar que era em Espanha o que se oppunha a toda a expansão liberal. Os militares são desnecessarios como protectores e, como dominadores, impossiveis. (Grandes ovacões).»

Perfeito. Não se pôde dizer melhor.

Setembro: 2

Caldelas.

Aqui estou há uns dias na calma tão apetecida há onze meses. Não sei o q. há neste ambiente q. me deixa indiferente a tudo o que vai por esse mundo.

Seria bom viver por aqui e deixar correr tudo é revellia?

Fico-me ás vezes a pensar que poderia isso ser a felicidade...

Ha dias nova revolta contra a ditadura militar; e essa revolta que foi violenta e em q. foram chefes alguns ~~meus~~ meus condiscipulos e amigos — parece que me deixou indiferente. Este Caldeas tem o seu quê de amartecedor de pensamentos...

Li um jornal apenas, dois dias depois e não senti desejo de ler mais. E' este ambiente, esta grande paisagem que nos amolece de todo?

Hoje, é que a minha atenção foi apenas atraída por uma nota officiosa do Governo que anuncia, como é natural, repressão; e nessa nota fixei uma frase que é lafriadar:

« Sendo a ditadura um regime de honesta legalidade... »

E com esta leitura, termino a leitura das grossas sobre a revolta.

A paisagem é tão doce! O ambiente é tão aticiadôr! A paz tão completa!

Viver aqui com simplicidade e esperar a morte neste vale tão verde, não seria bom?

Eu sei lá o que é bom nesta vida!

Setembro: 29.

Paz, Mafra.

Ha uns oito dias aqui, neste retiro
em q. o nome supae um pouco...
Sofri a minha "crise das aguas", com
dois dias de cama, mas passou.

Compra-se o possêgo dos vinte dias
de Caldelas com dois dias de cama.

Tanta coisa p. registrar neste papel de
ha uns mêses para cá — e eu sem quasi
poder escrever!

Só consigo ler litteratura tipica, co-
mo quem não quer caçar os miolos
com leitura passada de mais.

Defesa natural...

Novembro: 5.

Coimbra.

De novo em Coimbra — ai de mim!

Hoje o dr. Joaquim de Carvalho, na
Imprensa da Univ. de Coimbra, veio com
gras seus livros, e convidou-me p. ser
um dos organizadores da edição dos Pa-
peis relativos á Guerra da Restauração e
Independencia de Portugal com q. ele de-
seja comemorar o 3.º centen.º de 1640.

Já em tempos me falara no assun-
to, mas como é pessoa que pensa tres ve-

zes ao dia e se erguee au mundo de afri-
nião outras tantas vezes, eu não mais
me importo com o caso.

Agora, será a serio? Ele sempre
me fare proxima entrevista.

Vamos a ver.

Novembro: 20.

Ante ontem lá abrimos mais um
ano (o 8.º! parece impossível) da Univer-
sidade Livre.

La fiz o meu discurso de abertura,
cheio de alcações, proprio para a situação
actual e p.º os merinos integralistas q.
sempre não esfriar o que lá se passa.

Depois falaram o Alvaro Vianna de
Lemos e o Tomás de Figueira, no mesmo
tom. E no fim o licenciado Adesdato Bar-
reto fez um pequeno discurso, muito
interessante e muito literario.

Parece que caíram bem as nossas
afirmações de tolerancia; o ambiente é
favoravel. Vamos a ver. Os jornais fo-
ram amaveis. Guardo aqui a noticia
do Diario de Coimbra que parece querer
chepar-se p.º nós... Os outros jornais
afirmaram pelo mesmo diapasão: ama-
veis mas, á cautela, sem exageros e
prometedoras.

Mas o que vale a pena notar e veri-
ficar é como durante sete anos conse-
guimos manter aberta, sem novidade,
apesar de toda a guerra surda e ás claras,
a instituição liberal q. nunca deixou de
ser e continuará a ser.

Tirado o caso da conferencia do Brito
Carnacho em Janeiro de 1930 a que aqui
me referi, não houve qualquer entrada e
mesmo ~~mesmo~~ o contratempo resul-
tante daquela conferencia ficou apenas, co-
mo se viu, nas ameaças.

Este ano lectivo, queremos ver se
se consegue alguma coisa de effeito. Já
a prox.^a conferencia deve chamar a aten-
ção com o auto e piano, além de projec-
ções; trata-se de descrições e evocações de
Traz-os-Montes feitas pelo bach.^{al} José Via-
na, transmontano entusiasta segundo
parece.

Daquelle a noticia tirada do Diario
de Coimbra, do seu n.^o de ontem:

Universidade Livre

Como havíamos noticiado realizou-se, ontem,
na respectiva sede, na Torre de Almedina, a abertu-
ra do ano cultural da Universidade Livre.

Na sessão inaugural, que resultou brilhantís-
sima em virtude das pessoas que nela tomaram
parte, usaram da palavra os srs. tenente-coronel
Bellsário Pimenta, Alvaro Viana de Lemos, Tomaz
da Fonseca e dr. Adeodato Barreto, tendo todos
feito referência à obra até agora realizada pela

Universidade Livre e exortando os estudiosos a cooperar na tarefa assás patriótica que aquela prestimosíssima instituição se propõe realizar em favor da cultura popular.

Todos fizeram ressaltar a necessidade que existe de que a missão da Universidade Livre seja divulgada, compreendida e auxiliada por todas as pessoas que reconhecem a necessidade de se promover a educação do povo.

Iniciou, pois, a Universidade Livre uma nova etapa na sua vida de utilíssimo labôr cultural. Recomeçou ontem a sua actividade em favor da divulgação dos multiplos conhecimentos do saber humano, em beneficio da cultura do nosso povo.

Bom será que todos que tenham a nitida compreensão da utilidade da existência da Universidade Livre a auxiliem cooperando activamente nas suas realizações ou concorrendo para a expansão das suas iniciativas.

Novembro: 26.

Ha dias houve aí uma busca ás livrarias feita pela policia "da informação", da qual resultou a apreenderem diversas e muitas centenas de livros.

Diziam os homens que a ordem era geral contra os livros de caracter social e em especial contra os que falassem por qualquer forma, da Russia.

Contudo apreenderam, por ex.^o, todo o fundo da edição de Questões Brasileiras, de Brito Camacho; de Tolerancia de Aragão e Melo, official de marinha; e outros livros de assuntos mais ou menos equivalentes. E para se ver o real do acto e de quem faz o serviço, levaram de uma livraria um exemplar de Psychologie des Jou-

les de Gustavo Lebon e quizeram levar
tambem a edição dos Tremores de Terra de
Paul Mirauda, ~~em~~ volumezinho de vulga-
rização científica.

Foi necessario explicar devidamente
o que era o assunto p.^a evitar mais essa
saugria.

Tremores de Terra... Multidões...

Compreende-se bem até onde chega
o medo.

Dezembro: 17.

Em 9 do corrente e ontem fiz, na Uni-
versid.^e Livre duas palestras acerca de ba-
lathões academicos.

O meu plano era falar mais do au-
sente academico do que enumerar e his-
toriar propriamente as formações mili-
tares dos estudantes. Mas é difficil regu-
lar o assunto p.^a certo espaço de tempo
principalmente p.^a quem não tem, como
eu não tenho, hábitos de prelectar. E as-
sim, a prim.^a palestra, no dia 9, saiu
talvez um pouco confusa, creio eu, com
alguma falta de nexo até.

Ed de ontem, como ia já mais preve-
nido, saiu melhor e fiquei mais satis-
feito; creio mesmo q. o auditorio ficou
muito impressionado.

Fiz no final uma evocação a' Liberdade de ensino « reivindicação eterna e permanentemente » (frase de Sampaio Bruno) e acompanhhei-a dumha projecção dumha aguarela de Alberto de Sousa em que um estudante, de espiçarda na mão, é levado por figura alada, de barrete frigio.

Embora houvesse poucos gente no auditorio, os aplausos sentiram-se mais queentes e vibrantes — não de certo a mim, mas ao que a figura representava e possivelmente á intenção com que foi apresentada.

Foi um desabo...

No dia 10, no dia seguinte ao da primeira palestra, as duas luminarias da imprensa comimbricense falaram deste modo:

"BATALHÕES ACADÉMICOS"

Sob o interessante titulo de « Batalhões Académicos », realizou, ontem à noite, na séde da Universidade Livre, na Torre de Almedina, uma conferência o sr. tenente-coronel Belisário Pimenta, illustre presidente daquele prestimoso Instituto de cultura popular.

A conferência que foi brilhantissima sob todos os aspectos, cheia de evocações do passado e repleta de descrições da tradição académica, mereceu por parte do público que enchia por completo a sala, o melhor interesse, tendo no final o illustre conferente merecido calorosas palmas e saudações por parte da maioria das pessoas que assistiram á sua magnífica dissertação.

(Do Diario de Coimbra).

Universidade Livre

Na sede da Universidade Livre, á Torre de Almedina, e perante numerosa assistencia, realizou on-

tem uma conferencia, sob o t ma *Batath es Academicos*, c tenente-coronel sr. Belizário Pimenta.

A conferencia, interessante sob todos os pontos de vista, foi acompanhada de projec es.

(Da Gazeta de Coimbra).

Mas o mais curioso   que hoje nem um nem outro disseram uma palavra... ber-se-iam referido   evoca o final a' liberdade e a censura entender que devia contar a noticia?

  possivel.

Dezembro: 19.

Ha dias encontrei o dr. Clemente Falcão o velho e respeitavel republicano de Miranda do Corvo, medico distinto e homem de caracter que eu sempre respeitei pela sua integridade e intransigencia.

Falou-me acerca de qualquer occorrenca e disse-me ele que pouco sabia do que ia pelo mundo porque não l a A Voz unico jornal que lhe entrava em casa e que, mesmo assim, nem sempre l a.

Tem creio que ao ouvir isto não dei qualquer sinal de estranheza, mas confesso q. fiquei profundamente emocionado.

O dr. Clemente Falcão não l a A Voz do Fernando de Sousa, e disse-me isso

com um ar muito claro e muito esvaziado ! como se fosse a coisa mais natural deste mundo !

Como o tempo muda os homens e que mudanças os homens fazem ! Com franqueza, não percebi.

Andei o dia inteiro a pensar no caso e não me conformei.

O que teria havido naquella cerebração tão brilhante, naquella intelligencia tão objectiva ?

Dezembro : 20.

Ha tempo, o Victorino Demeris que se prepara para o doutoramento em Letras, disse-me que estava a preparar a sua dissertação acerca de Alexandre Herculano e pediu-me para eu lhe dar uma ou outra indicação de fontes onde estudar o assunto.

Disse-lhe que sim — e fui ver os volumes respectivos : havia neles grande quantidade de fontes. E como elle, Demeris e a mulher têm delirado na minha poltrona gressa fazendo, até, um pouco de troça do que elles chamam a m.^a cultura e a minha erudição — resolvi dar-lhe todas as notas que tinha pois o obrigaria assim, naturalmente, a dar a saber e

possivelmente a conseguir na obra o auxílio que lhe dera.

Mau dito, meu feito.

Ontem estive cá em casa. Mostrei-lhe os manuscritos e desenvolvi-lhe a serie de nomes: Carrilo, Fialho, Barnalho Orbião, Eça de Queiroz, Oliv. Martins, Antero, etc. etc.; revistas, as melhores de ha 50 annos para cá; estrangeiros como Bossis, Meunier y Relais, Goucaud, Dias, etc. etc. — tudo com as indicações de paginas e capitulos, edições, etc. bem explicado.

Ele, ao começo interessado, deixou escapar a sua admiração e por fim, com gesto desalentado chegou a dizer:

— Não tenho direito a aceitar tanta coisa!

— Porque? perguntei eu.

— Porque esses elementos são de tal modo importantes que chegam a ser colaboração inbima... E eu não quero abusar da sua franqueza e da sua generosidade.

Tive a impressão de que ele recuava para me não ligar muito inbimamente á sua obra; e isso seria um pouco desairado para os seus livros de haueu de letras e de futuro professor universitario. Pensei rapidamente que seria estes escrúpulos que o fariam hesitar — e então resolvi

Rir uma vinhaçazinha e disse - lhe muito naturalmente mas a rir:

— O sr. Nemesio leva tudo isto e eu prometo guardar segredo...

Ele compreendeu muito bem a ironia e talvez percebesse a intenção de vinhaça; mas respondeu com ar calmo:

— Pois bem!... mas o sr. fica ligado á dissertação e eu tenho obrigações de o deixar consignado.

— Não é necessario, observei. Leria que não tenho ambições e muito menos literarias. Póde levar tudo e aproveitar o que lhe parecer.

Ele, depois de ver com atenção as indicações dos verbetes, disse com pausa:

— Isto altera-me um pouco o plano, vai até dar-me mais um capítulo que não entrava nele, o capítulo relativo ás opiniões dos homens de letras contemporaneos e posteriores a Placulano

— Ainda bem!... respondi. Para alguma coisa serviram as minhas leituras e o trabalho de compilar...

E com estes cumprimentos e ironias prometi a copia de todas as referencias e a de dois originaes: uma carta de Placulano (autographa) e outra de Paulo de Moraes p.^o ele (copia).

deu a cabeça ou depois levar-lhe-sei tudo; e aqui está como ele se separou e veio a cair numa esparrela.

Vamos a ver o que ele fará depois.

Dezembro: 22.

No domingo passado veio a Coimbra o ministro do Interior. Esperava-se a vinda dele com curiosidade por se dizia q. no banquetê que a Câmara lhe oferecia se fariam afirmações políticas de importância e ao mesmo tempo o dr. Bissais Barreto daria a sua adesão á União Nacional.

No fim de contas, quanto a esta ultima parte, o Bissais Barreto ofereceu o seu concurso á ditadura mas não disse claramente que adería á União Nacional; fez um discurso muito mau mesmo, disse que sim mas que tambem — subor, de forma clara e categorica affirmasse que abandonava os seus antigos careerionarios políticos.

Foi esta a unica affirmação categorica. E a meu ver, que pode ser erroneo, fez uma triste figura...

E é pena.

A respeito das affirmações políticas tambem a expectativa ficou lograda; o ministro manteve a affirmação de que é

necessário crear um Estado Novo forte, que se oponha á tirania dum Estado fraco e teve duas frases q. aqui deixo registadas pelo seu valor:

« Não é o exercito que sustenta a ditadura com a força das suas espadas; é antes a ditadura que sustenta as gloriosas espadas... »

E outra:

« Se a Republica é indesejavel, muito bem; Patria, Republica e ditadura não a mesma coisa... »

Esta ultima é soberba. O haurem q. a propria bem se vê que professa altos principios...

Outro assunto:

Fui hoje ao Torim e falei com o Lourenço Chaves Almeida.

Encontrei-o me.^{to} zarpado porquê, segundo ele, o Tomas da Fonseca quer vender uma imagem gotica, do virgem beijada, que depositou no Museu Machado de Castro ha tempo e o Virpilio Corrêa não se opõe e, até, pelo contrario, autoriza. Quer fazer questão do caso e até "levantar escandalo..."

Ora isto incomodou-me porque não só acho o caso (a ser vert.) um pouco exquisito da parte dos dois, mas tambem

porque o Laureuço não gosta nada do Tomás e não vai muito com o Vergílio Correia e terá assim maneira de levantar uma questão que desprestigia o Conselho de Arte e Arqueologia (já há muito, aliás, bastante desprestigiado) e deixa ficar real deio vultos de certo nome e com certas responsabilidades.

Tentei acaluar o Laureuço de Almeida. Dei-lhe razão e prometi interessar-me pelo caso. E consegui que, antes do proximo domingo ele não faça qualquer deliquência.

Outra trapalhada que se levanta e que eu não sei se conseguirei levar a bom termo ou pelo menos a termo razoavel.

Outro assunto ainda p.º acabar bem o dia...

Recebi hoje um officio da Revista Militar com a comunicação de que ontém fui eleito socio da Empreza Revista Militar; o officio meu assinado pelo capitão-tenente Botelho de Sousa e cheio de expressões amáveis não sei se as usuais p.º tais casos se provocadas pelo Pires Monteiro.

É claro que isto é uma atenção que terei de considerar por meos atreito que seja, como realmente sou, e estas vaidades e capatelas. Amanhã responderei; a noite não é má caseira...

Dezembro: 23.

Lá vai resposta p.^o a Revista Militar.
O Pires Monteiro quer transformar a revista numa espécie de academia suas creio que o não conseguirá. Tirante uma coisa na meia-duzia, quais são os militares capazes de manter tal empresa?

Terfim, lá vai a carta:

« Lee.^{mo} M. Cap. Tenente Botelho de Sousa:

" aturo a recepção do officio n.^o 155/31 de 21
" do corrente q. V... teve a atenção de me di-
" rixir; e apresso-me a agradecer-me a su-
" lida finura de comunicar ao Lee.^{mo} General
" João Martins de Carvalho e á Assembleia Ge-
" ral da Empresa da R. M. o meu muito
" sincero agradecim.^{to} pela honra com que
" me distinguiram e de qual me não julgo
" merecedor. — Não tenho as qualid.^{es} que
" V... apontam e imaginam; mas o officio
" meu em termos tão amáveis q. eu me
" julgo obrigado a não dever recusar a
" distincção conferida. — Dentro da minha
" insignificancia procurarei o mais pos-
" sivel corresponder á intenção de V...
" com dedicação e leald.^e. — Reservando os
" meus agradecim.^{tos} e afirmando a minha
" muita consider.^{ão}... etc. etc. »

Dezembro : 24, noite.

A igreja de S. Bento, afinal, sempre vai a terra. Isto lembrou-me agora, não sei porquê — talvez por ser noite de Natal...

O Dias Pereira levou a sua avante e lá vai desaparecer mais um monumento de raridade.

Puxando das notas do tempo em que fui presid.^{te} do Cons.^o de Arte e Arqueolopia, revejo como as coisas se passaram e aqui deixei mais ou menos descriptos os principais episodios no dia 31 de Agosto de 1928.⁽¹⁾

Neste verão passado, o Dias Pereira e o actual reitor do Liceu, o dr. Arnaldo do Amaral Cabral conseguiram verba p.^a começar a aprear a igreja, começando a obra pela capela-mór; e p.^a tiveram por seu lado os clericais, entraram em negociações com a gente de Fatima p.^a a mesma capela-mór ser colocada na basílica que lá andam a construir — e assim não só se não perdia a obra de arte como também teria destino que lhe daria certo renome... Compensar-se-ia assim, um pouco, a Car-

⁽¹⁾ Neste vol. a pag. 4-14.

baridade... E a obra começou a fazer-se para carvalho.

Porem, em 8 ou 9 deste mês, o professor da facult. de Letras João Providencia e Costa, foi a Lisboa e ao falar com o ministro mostrou estranheza pelo facto da demolição de obra tão notavel e parece que disse qualquer coisa acerca do seu valor. O ministro, amou seu nome e entendido e rigoroso, mostrou-se admirado e mandou logo ordem telegraphica p.^a suspender a demolição.

Surpresa no Liceu!

Mas em 10, á tarde, no rapido, o Dias Pereira e o reitor partiram p.^a Lisboa e lá foram mexer os cardelinhos e trazer á baila o parecer do Instituto, do q. tambem já falei atraz. O Dias Pereira o que quer é q. se não diga q. perdeu a sua importancia politica; mais monumento, menos monumento, isso não importa.

E nada mais sei.

Dezembro: 25.

Dize-me hoje o dr. xxxx que o ministro da Instrucção mandou uma circular a todos os estabelecimentos de ensino determinando que, quando tiverem que publicar qualquer anuncio, dos papeis, fi-

zesseu sempre publicar com deles no jornal Diario da Manhã.

Este Diario é o órgão da actual ditadura que felizmente nos rege...

Dezembro: 26.

Fui entregar ao Vitorino Almeida a serie de notas bibliograficas que lhe prometteira acerca de Alexandreerculano. Agradeceu muito e depois de uns momentos de silencio em q. parecia pensar, disse-me que os elementos bibliograficos eram tantos que estava resollido juntar ao livro um apendice bibliograf. com as m.^{as} notas para que — acrescentar — embora se não utilize de todos os elementos dados, poderiam estes aproveitar a outros que se dedicassem ao estudo deerculano.

Disse-me, de novo, que se não fosse passe comigo; que aproveitasse o que quizesse e rasgasse o resto. Quiz-me parecer, pois, que, com o tempo, meditar sobre o caso e ainda a procurar maneira de mostrar ao respeitavel publico que os meus elementos lhe serviriam para pouco e simplesmente serve de intermediario para os estudiosos.

Será assim? Estes honreiros de letras valem um dinheirão.

Dezembro: 30.

No domingo passado, 27, fui ao Museu Machado de Castro encontrar-me com o Laurencos Chaves de Almeida para ver o que havia acerca do caso da estatua a que ha dias me referi.

Disse-me ele q. escrevera uma carta indignada ao Vergilio Correia — o que indicou que continha revilante. Fiz-lhe ver que devia temperar esse ardume; mostrei-lhe os perigos de levantar em publico uma questao dessas, a ameaca duma sinedicancia q. os honreus da actual situacao militar aproveitariam para publicitar o Conselho de Arte por outro composto de cônegos e tenentes, o desprestigio q. todos nós que, alem de desprestigiados sairiamos sujeitos por força da sinedicancia local, etc. etc.

A nada se moveu! E como um obstinado, repetia-me:

— A imperio não ha-de sair do Museu!

Ele tem razão; mas em tudo isto o que haverá além de razão?

E assim, vendo que nada conseguia, resolvi-me a procurar o dr. Alberto Cupertino Pessoa, presid.^{te} do Conselho — a

quem expuz hoje o caso para o prevenir e para ver se, com o seu bom senso, elle saberia desviar os perigos.

Ao expor-lhe o assunto vi que elle, tão sereno sempre, de temperam.^{to} tão calmo, e pronto sempre p.^o encontrar o lado comico das coisas, se irritou um pouco, teve um ou outro gesto denunciador de má disposição. Dominando-se, objectou:

— Bem! o homem quer tornar-se celebre, pelos vistos. Pois que se torne celebre! Faz-se-lhe a vontade!...

Ponderei-lhe que as coisas não levariam esse caminho, que o escandalo não viria p.^o o publico.

— Deixe-o vir p.^o publico! continuou elle irritado. Eu bem sei quem é que escreverá os papeis ao Alameda!...

— Quem é, doutor?

— É o João Gaspar Simões!

Fiquei um pouco aturdido...

Percebi, com as miúdas palavras e com o poder que teve em se dominar, o dr. Pessoa acalmou-se; e terminámos a conversação por achar melhor esperar a vinda do Vergilio e ver o que este diria, ao certo, acerca do caso.

E despediu-se, já sereno, agradecendo o meu aviso.

O Gaspar Simões que o dr. Pessoa
acuseu, é solteiro, por afimidade, de An-
tonio Augusto Gonçalves; não gosta do To-
más da Fonseca apesar deste se interessar
pela sua situação em tempos, e também
não gosta do Vergílio. Dá-se muito bem
com o Laurencos de Almeida; e como este
não sabe escrever, calculou o dr. Pessoa q.
reja ele o autor das grossas accusatórias.

Calculou, se a afirmação q. o dr. Pessoa
faz não tem qualquer base segura.

Ele vê-se tanta coisa!...

~ 1932 ~

Janeiro: 1

Começou o ano com temperatura mínima, no meu termómetro exterior, de 3,5 abaixo do zero.

De manhã, ás 9 h. ao levantar-me, accusava o mesmo termómetro ainda 1 grau abaixo do zero.

Segundo a tradição popular, pode dizer-se que o ano se anuncia frio — o que prognostica, certamente, pouco calor em Portugal.

Assim seja.

Janeiro: 3

Disse-me hoje o João Gaspar Simões que o Vergilio Barreira respondera ao Lourenço de Almeida sobre o caso da imagem gótica do Museu Mach.º de Castro. Dizia na carta que, segundo lhe parecia, não houvera oferta da imagem mas simplesmente deposito e que ele, Vergilio se esquecera de dar o documento respectivo ao Tomás da Fonseca. Contudo, quando regressasse veria o caso com todo o cui-

dado, etc. etc. Pelos vistos era uma carta habil que pode servir para todas as hipóteses.

São uns grandes ratões!

Mas ainda o Gaspar Simões me informou de mais: na carta, o Vergilio dizia ao Lourenço que preparasse o Gaspar Simões para receber a ordem de despedida de conservador do Museu porque não tinha verba para continuar a dar a gratificação que lhe dava (200/00 ou 250/00) a partir de 1 de Janeiro corrente.

Ora visto deve haver história...

O Museu tem verbas mais do que suficientes; o Vergilio é que não quer continuar a auxiliar o rapaz.

Enfim. Eu nada tenho com o assunto.

Janeiro: 4

Recebi ontem uma carta que muito me admirou. Era do general Vitoriano José Cesar, presidente da Comissão de História Militar, e agradecia-me os favores que lhe tenho dispensado e os serviços prestados á Comissão, bem como os trabalhos de história m.^{ar} que tenho publicado. Anuncia-me a comunicação dum voto de louvor, etc. etc.

Fiquei admirado da carta e do teu

familiar e quasi submisso em que está escrita.

Parece que ele não tem o meu trabalho publicado ultimamente na Revista Militar em que lhe vou á mão em varias passagens, nem se lembrava de um dia de jrisão que me quiz dar em 1815...

Está velho e doente e quer reconciliar-se com todos. Antes assim.

Hoje recebi a comunicação official do voto de leuvar. Cá fica arquivada como deve ser.

Quandá responderei a tudo.

Janeiro : 5.

Veui hoje na Gazeta de Coimbra um artigo do Alvaro Viana de Leuvs relativo á igreja de S. Bento. Está bem feito, ponderado, judicioso. Não tem muita resposta mas os partidarios do Dias Pereira hão de rir-se á rucapa.

Não importa.

Janeiro : 8.

Hoje, novo officio da Revista Militar em que está agradece o em aceitar a eleição para socio da empresa e em que se manda a mandar um retrato para o "album de honra" e a escrever um artigo sobre qual-

quer assunto para ser publicado no n.º de Abril, na altura da ratificação da minha eleição.

Praxistas, como se vê.

É o Pires Mont.º, num cartão, deita foguetes e insinua para que o artigo seja sobre a influencia do estudo da historia na formação dos officiais.

É possível q. accite o alvitre. Pode incluir como barreões de filosofia e uma ou outra virada em latim — para enternecer os velhotes.

Válha - me o Supremo Architecto!

Janeiro: 10:

O reitor do Liceu José Falcão veio á estacada a propósito do artigo do Visconde de Lemos acerca da igreja de S. Bento. Perdeu a cabeça e escreveu o que a sua rainhasinha lhe ditou e o que lhe mandou o diao Pereira. Foi um prete como outro qualquer.

A resposta veio na Gazeta de Coimbra, de ontem, n.º 2832, e em art.º de fundo. Não o guardo porque não vale a pena. Cito apenas passagens interessantes:

«... mesmo que esta igreja fosse um
"exemplar de valor architectonico muito
"superior aquelle q. exageradamente lhe
"atribuem os innumeros arqueologos e

"críticos de arte que pedulau em Coim-
"lura ... »

« Quando tanto se exaltam o ar, a
"luz e o sol... procurou-se... impedir a
"remoção dum edificio inutil... »

« Viu-se o critério inteligente e justo
"... »

« ... meu pai artista por temperamen-
"to ou pequer ao mesmo por decreto... »

« ... afirmo que o valor artistico da
"igreja de S. Bento está muito aquem daque-
"le que lhe attribuem... »

Et. etc.

Vou lembrar ao Tomas da Fonseca uma
conferencia na Univ. de Liure.

Janeiro: 12.

O dr. Rocha Brito anda a fazer um
trabalho sobre as gafarias e encontrou
documentos em papelinho no cartorio
do Hospital da Univ. de Liure relativos á fun-
dação e funcionamento da gafaria de
Coimlura.

Diz que uns conseguem ler, mas eu
tiro não. Veio bater-me á porta — e eu
apesar de deshabituado ha anos á letra do
sec.º XV, cá ando a "traduzir-lhe" tres dos
que ele não conseguiu decifrar. Irei até
fazer-lhe uma revisão dos outros porque

ni que ele leu os documentos em poucos á lãa, e ao calhar.

O caso interessou-me.

Janeiro: 14.

Ontem lembrei ao Tomás da Fonseca a conferencia acerca da igreja de S. Bento. Achou bem e diz que vai pensar no assunto.

Lembrei-lhe tambem que a Univ. sid. Livre deveria comemorar o 1.º centenario do cerco do Porto e ofereci-me para expôr numa confer.º o aspecto militar. Propuz os nomes do dr. Joaquim de Carvalho e do Vitorino Nemésio para fazerem uma especie de razão de ordem e encardirem o aspecto politico. Achou bem e tomou notas.

Lembrei ainda que se poderia dar noticia nos jornais p.º ficarmos com a prioridade da comemoração. Tambem achou bem a ideia e tanto ele como o Manuel Monteiro prometeram interessar a imprensa.

A conferencia do Quintanilha, ontem, na Univ. sid. Livre foi, sem exagero, fortissima. Os graficos que apresentou, tremendos. As conclusões que tirou, irrespondiveis. Anunciou a queda da socie-

dade capitalista como quem anuncia
uma cheia no Mondego...

O que diriam os conservadores que
assistiam á conferência?

E o que é que virá, da parte das au-
toridades?

Janairo: 16.

Nos jornais de hoje já veem a notícia
da comemoração do cerco do Porto. Todas
elas dizem o mesmo:

« Cerco do Porto. Comemorando o cen-
" tenario do cerco do Porto, a Unversid^d. Li-
" ure vai promover uma serie de conferen-
" cias p.^a a realização das quais couvidou va-
" rias individualidades de destaque nos meios
" liberais do país. »

Foi chapa entregue aos illustres jorna-
listas. Vamos a ver se se começa em Maio
conferencia a m.^a profrota.

Quanto á igreja de S. Bento, o Visua
de Leues lá respondeu ás considerações
do reitor do Liceu ha dias referidas, em
artigo saído ontem na Gazeta de Coimbra.
E' artigo feito com seriedade, cortezia
e bom humor. Tem até alguma graça.

Não dá nenhum resultado. Tem de se
deixar correr tudo á vontade...

Janeiro: 17.

O caso da imagem da virgem que o Tommas da Faureca depositou no Museu e quiz vender ao Ernesto Vilheua, de Lisboa, está resolvido com a entrega que o director mandou fazer ao depositario.

Assim me disseram hoje o Chaves de Almeida e o Joao Gaspar Simões no Museu onde fui p.^a saber o que havia.

O Almeida, mais franco, gesticulou e berrou; quer fazer um protesto perante o Conselho e outro nos jornais da terra; exaltado com a recusa do Tommas aos 500\$00 que o Virgilio Correia propoz, declarou que aquelle era, nem mais nem menos do que um pulha. Etc. etc.

Voltéi a martelar nos inconvenientes desse barulho, do mau resultado para o Conselho — afinal por uma coisa q. não tem a importancia que ele quer attribuir, etc. etc.

Creio, porém, que o não demoverei. E a bomba reventará com prejuizo para todos. Ha misto tudo raiva pessoal, e ... pronto! Que fazer?

O silencio do Gaspar Simões perante toda a discussão e o seu ar sereno, quasi indifferente, fizeram-me lembrar

do que me disse o dr. Alberto Pessoa em
30 de dezembro ultimo.

Será?

Janeiro: 17.

Tive ontem uma grande decepção...
Recebi um officio do administrador da Re-
vista Militar que me communicava ter
à m.^a disposição a importancia da colabo-
ração durante o anno de 1931; e pedia-me
recibo ou « declaração de desistencia a
"favôr dos fundos da revista..." » Termi-
nava o officio por indicar a importan-
cia que eu tenho ao meu dispor: 70#80.

Setenta escudos e oitenta centavos!

Fiquei desolado.

Porque é que a Revista se não calou
e não declarou que um trabalho daque-
les valia apenas 70#80?!

O trabalho é a campanha de Mar-
seu em Portugal. Capítulos de monogra-
fia local, publicado nos 1.^o numero do
anno passado e eu estava convencido de
que valia algumas centenas de escudos,
pelo menos.

Antes ficasse na ignorancia de que
obra de desasete ou de oito annos, com
dados inéditos, rectificações importantes,
investigações quasi exaustiva — valia

apenas a modica quantia de setenta es-
cudos e oito tostões!

Miseria condição a do investigador,
mesmo q. seja amador como eu!...
Desgraçado exercito que tem um órgão
quasi official que taxa assim os seus
laboradores!

Enfim...

Lamentações?... Adeante. Mas o
certo é que ontem tive um dia aborreci-
do. Que diabo! porque não guardaram
silencio?

Amanhã responderei desistindo dos
honorarios.

Ato menos... faço de generoso!

Janeiro: 19.

Ainda o caso da imagem do Museu.
Falei hoje ao Tomas da Fausca e fez-
the o caso com clareza e pedi-the para
me responder tambem com clareza.

Disse-me ele que a imagem não
era do Museu, mas sim dele e apenas
depositada; que o Verpilio Correia enten-
de não ter valor por aí alem; que ele,
Tomas, conseguiu a imagem por troca
com coisas repetidas que o Museu the
daria mas nunca deu; que, como está
sem o lugar de professor ha anno e tanto,

tem falta de dinheiro e ajouzei-teu vende-la a uma creatura q. the ofereceu certa quantia importante; que o Vergilio autorizou tudo isso, etc. etc. E mostrou-se indignado contra o Lourenço de Alen.^{da} que diz querer comprometê-lo por invejação pessoal; que este alousou da sua competência não só não deixando sair a imagem do Museu como não consentindo que ele, Tomás, tirasse uma fotografia da mesma; que o vexou por intermedio dos seus preparados que se viram obrigados a comunicar-lhe as ardeus recebidas; que possivelmente levará o caso ao Conselho na prim.^a reunião, etc. etc.

Não me deu novidades com a sua exposição e na verd.^{de} parece que o Lourenço quer comprometer o Tomás — e disso resulta porcaria p.^a todos.

Parei um ultimatum ao Lourenço?
Dará resultado?

Janeiro: 28.

No ultimo domingo, 24, houve reunião do Conselho de Arte. Não fui part.
estava na cama com "grippe". O que teria havido? Haveria barrasca?

A m.^a falta deveria ter sido considerada como fupa.

Janeiro : 30.

O general João Pereira Bastos foi atingido pelo limite de idade : 67 anos. Escrevi-lhe uma carta q. deixei copiada no respect.º volume.

Ele merece-me esta atenção. No Porto, em 1919, faz agora 13 anos, quando meu command.^{te} de Divisão, teve sempre comigo muitas atenções — e depois, onde quer que me encontrasse, manteve sempre a mesma correcta cordialidade.

Fevereiro : 16.

Desde os fins de Janeiro até agora uma "grippe" intestinal obrigou-me a estar de cama algum tempo e fez com que saísse dela arrasado bastante. Agora, convalescente, ao ler os jornais atrasados e a correspond.ª acumulada, verifico q. as coisas do Cons.º de Arte não de real a girar.

Em Janeiro soubera pelo Gaspar Diniz que o António A. Gonçalves mandara um officio para o Conselho a-proposito de certas transformações que o Vergilio Correia fizera no Museu; nesse officio (de q. me prometera uma copia) expunha a sua orientação na formação do Museu

e extranhava a mudança que a nova direcção pretendia fazer.

Ora eu vi logo que esse officio, embora m.^{to} voluntariamente feito pelo Gonçalves, fôra obra das constantes insinuações do Chaves Alu.^{to} e do Gaspar Dimas que, diariamente, lhe não escheciam os ouvidos com coisas desagradáveis a respeito do Vergilio Correia e possivelmente do Tomas da Figueira. Não fiz commentarios e resolvi esperar pela sessão do Conselho.

Esta foi convocada para 24 de Janeiro; não assisti como apezado mais não sabia do q. se passou. Chegara, ao ler os jornais vi, na Gazeta de Coimbra de 2 de Fevereiro, um artigo do Gonçalves com o titulo «O Museu das Pratas» — artigo infeliz pela forma e pela intenção. Vêem-se ali as agulhas ferrugentadas e ao mesmo tempo nota-se dolorosamente a decadencia do autor. A allusão ao Vergilio é directa e, talvez, um pouco injusta.

No n.^o seguinte, no de 4 de Fevereiro, o Vergilio respondeu com uma carta escripta rudemente, demonstrativa de que se sentiu com a allusão. Faz referencia ao artigo sem citar o autor: «Fendo apparecido no seu jornal um artigo intitu-

lado... etc. etc.» É mais abaixo uma alusão aos «gloriosos do arcos...» mostra que o autor se deveria ter contido muito para não esbravejar.

É como as tólicas veem sempre atraz umas das outras, o Gonçalves voltou a escrever no n.º immediato, de 6 de Fev.º outro pequeno artigo com o título «Tesouro da Fé», mais infeliz ainda do q. o anterior — mixto da antiga polémica em que foi mestre e da desconexão causada pela decadencia cerebral. Uma pena, tudo isto.

Para que é que the instilam más vontades, quando, na situação dele se deve fazer o contrario? Obrigam-no assim a vir a publico mostrar o seu desseram.º e a patentear a decadencia perante publico geralmente hostil.

É simplesmente doloroso.

Ora não sei se por isto, em 13 deste mês, sabado passado, receli novo aviso de convocação do Conselho p.º 14. Extranhei porque o presidente actual não costuma fazer convocações tão proximas — e estou convencido de q. não devem audar alheios a tão repetidos conselhos os artigos infelizes de que falei.

Estão, pois, a para, com curiosidade de saber o que houve; e logo que saia

Rei-de ver se consegue averiguar o que se passou p.^a fazer, só p.^a reunir os devidos comentários.

Polere Gonçalves!

Fevereiro : 22.

Ontem inaugurou-se aí uma sessão de delegação da Liga 28 de Maio de que foram iniciadores e fundadores os estudantes integralistas que se envolveram com o esquemismo de "nacionalistas".

Disseram-me varias pessoas que o caso passou despercebido na cidade; e a unica coisa que chamava a atenção foi o aparato policial na Estrada da Beira onde é a sede da Liga. A policia, em grande força, armada de espingarda rodeava a casa e afastava quem não fosse convidado.

Foi este o traço dominante. O mais curioso, porém, foi que, durante a noite, alguém assaltou a casa e destruiu a mobiliaria e apoderou-se de toda a documentação existente — tal como o livro dos socios, correspond.^{ta} etc. etc.

A policia investiga o caso que tem o seu quê de cinematografico.

Vica aí a noticia dum jornal, na parte relativa á assistencia á sessão; de mais, através dos discursos viu-se bem que a

Liga é contra o dr. Bessaia Barreto. As
moções aprovadas foram bem claras carac-
terísticas para ele e nos discursos foi verba-
rada a sua adesão á ditadura por ter sido
feita com intuito reservado...

Questões de família.

COIMBRA, 21—Na sua sede, na Avenida Emi-
dio Navarro, onde esteve instalado o Sport
Club Conimbricense, foi hoje inaugurada a de-
legação da Liga 28 de Maio, a cuja sessão as-
sistiram, vindos de Lisboa, os srs. capitão Da-
vid Neto, capitão Luna de Oliveira, tenente
Carvalho Nunes, representando o sr. Presiden-
te da Republica; commandante Fonseca Montei-
ro, tenente Bazilio, administrador do concelho
de Silves; tenentes Carrasco e Romão, etc.

Estavam representadas as delegações da Liga
de 28 de Maio de Agueda, Anadia, Cantanhede,
Ançã, Leiria, Estarreja, Gouveia, Viseu, Figuei-
ra da Foz, Covilhã, Alenquer, Barcelos, Fafe,
Pensacova, Polares, Gendelxa, Lousã, Mealha-
da, Aveiro, Mira, Avô, Boís, Oliveira do Hospi-
tal, Povoia de Varzim e Guimarães.

Pouco depois das 15 horas, entraram na sala
os elementos preponderantes de 28 de Maio,
que são recebidos com palmas, e vivas á Dita-
dura, ao capitão David Neto, dr. Oliveira Sala-
zar.

O sr. dr. Pedro Bravo, antigo ministro, em
nome da delegação da Liga 28 de Maio, de

Coimbra, saudou a assistência, e, em especial,
os srs. Presidente da Republica e dr. Oliveira
Salazar.

Convidou para presidir, representando o Che-
fe do Estado, o sr. tenente Carvalho Nunes,
que tinha como secretarios os srs. dr. Albino
dos Reis, governador civil deste distrito, e dr.
Lopes da Fonseca, antigo ministro da Justiça.

Os lugares de honra são occupados pelos srs.
dr. Euzébio Tamaguinta, dr. Pacheco de Amo-
rim, dr. João Porto, dr. João Pinto da Costa
Leite (Lumbrales), dr. Carlos Moreira, dr. Ma-
rio Brandão, dr. Lucio Rocha, tenente Carrasco,
capitão Monteiro; tenente Carreira, secretario
do sr. governador civil; alferes Barroso, depu-
tações das delegações da Liga 28 de Maio; ma-
jor Ferreira do Vale, dr. Coelho Sobral, José
Gouveia Leitão, Duarte Carvalhão, D. José de
Tavora, dr. Moura Relvas, dr. Mario Cardia,
conde do Ameal, Solano de Almeida, Farja Ma-
chado, tenente Sergio de Castro, tenente Carmo,
capitão Luna de Oliveira, tenente Meirinho, dr.
Lopes de Almeida, major Monteiro Leite, capi-
tão David Neto e capitão D. Luiz de Melo.

Do Diario de Noticias, de Lx., de hoje, 5.ª pag.ª

Fevereiro : 25.

O arbiço para a Revista Militar a que
agora me referi em 8 de Jan.º está ainda
quasi no mundo dos impossiveis.

Com a "grippe" que me arrazou fisica
e moralmente, fiquei não só com o tem-
po perdido desde 23 de Janeiro, como tam-
bem com certa incapacid.º de escrever.

Em 15 deste mês comecei a ralisar
mas com a cabeça tão fraca que me pas-

recis não ter ideias... Lá fui amontoando períodos sem vontade, emperrando aqui, tropeçando acolá de modo que o ar tipo ia saindo côxo e desconexo. Tisquei e raliseiquei — até que, em 22, após sete dias de parto, terminei e datei como de costume.

Mas quando, ante-ontem, o li, seguidamente, p.^a sentir o efeito, tive impressões desagradavel...

Aquilo não valia p.^a nada. Era coisa sem conexão e, apesar disso, com tendências tão avançadas que eu não o publicaria nem eu eu teria qualquer pensabaria.

Nessa noite dormi mal. Senti-me incapaz de fazer qualquer coisa em termos e pensei em escrever ao Pires Monteiro desligando-me do compromisso, tanto mais que o tempo aperta e já não tenho muito pau p.^a muitas.

Mas ontem, com remorsos, lá comecei a escrever de novo, com certa gana de levar a coisa ao fim. Vamos a ver o que agora pái!...

Fevereiro: 29.

Fui hoje ao Quartel-General receber o soldo; e ao ir á 1.^a Rep.^{ta} saber qualquer coisa, fui avisado de que fôra tomado em ordem do Exército.

Realmente, na O. E. n.º 3, 2.ª serie, de 22 deste mês, vem a portaria de 4 do mesmo mês, emanada da Repart.^{ta} do Gabinete, que levou 3 vagas auxiliares da Comissão de Hist.ª M.ª entre os quais a m.ª pessoa « em virtude dos trabalhos historico-militares que tem realizado á sua custa p.ª a mesma comissão, manifestando assim a maior dedicação por esses relevantes serviços e um acendrado patriotismo. »

É curioso o levar p.ªp. embora seja a consequencia do que aqui ficou exposto em 3 de Jan.º passado, a portaria não indica a proposta da Comissão de Hist.ª e dá a impressão de que saiu espontaneamente da propria Repartição do Gabinete.

É assim o levar vem da mesma estação que me afastou do serviço...

Um official tão dedicado, tão generoso para com o Estado, e de tão acendrado patriotismo, mereceu o afastamento do serviço. Se não fosse um caso serio, seria quasi motivo p.ª reclamar — ou do levar ou do afastamento...

Ainda com nota p.ª acabar o dia que fez o ano bisexto.

Em 25 do corrente o ministro do Interior reuniu os governadores civis para

thes ter um largo discurso sobre as bases da organização do p. eles chamavam o Estado Novo. Foi um grande discurso, com o picante de vir recheado de ameaças.

Arqueiro aqui um período por simples curiosid.²

Quem não quizer sinceramente a disciplina e concordia civil que o Governo deseja, quem tramar contra a Ordem ou a perturbar, terá o destino merecido pelos seus actos criminosos. A severidade do castigo poderia ir até onde não foi ainda, não por vontade do Governo, mas por terem escolhido essa dura sorte. A sociedade portugueza não pode estar sujeita aos males de preparações revolucionarias e de insurreições perturbadoras e ruinosas.

O que é que o homem querará dizer?
 É a pena de morte q. anuncia?
 Que diabo será?

Março: 5.

Vem hoje nos jornais a noticia de que vai sair nova reforma do ensino artistico e dos serviços das Belas-Artes.

Entre as medidas, sobresai a extincção dos Conselhos de Arte e Arqueologia — mas faculta a criação de comissões municipaes voluntarias. Concentra tudo em Lisboa em ~~um~~ um Cons.º Nacional de Belas-Artes para, como diz o jornal, não haver dispersão de funções; e cria uma Academia de Belas-Artes, equivalente á velha Academia de Ciencias, etc. etc.

Nomeia já o Conselho central e o nucleo instalador da Academia. Tem qualquer

deles ha gente de Lisboa e do Porto, fredo-
meirando, é claro, Lisboa; mas de Coim-
bra meu cum! O José de Figueiredo con-
seguiu excluir até o Vergilio Correia — pro-
fessor de Estética e Hist.^a da Arte na Facul-
dade de Letras.

Quanto a mim... só digo que estou
satisfeito. Fico livre de preoccupações e de
aburrecimentos.

Março: 7

Acabei hoje a 2.^a edição, correcto e re-
fund.^a do meu já celebre artigo para a Re-
vista Militar. Combino, parem, a julga-
lo inviavel, isto é, a não estar no caso de
ser publicado.

Está cum tanto ou quanto bolchevista...
É certo q. ficou cum pouco mais harmóni-
co — mas ainda está ruim. Decidida m.^{te}
vou-me escusar. Tem que ser. Aquilo
não presta e... gastei em quasi quinze
dias!...

Março: 11.

Tive ontem á noite a visita do Floro
Sleuipnes, regressado da sua deportação de
4 annos e 3 meses — quasi como as depor-
tações do tempo de D. Miguel. Gastei de o
ver. Veiu mais queimado, tabues, mas

bom de saúde e até dá a impressão de q. os 4 anos de descauço forçado lhe fizeram bem.

E notei uma coisa curiosa: os 4 anos de deportação e os prejuizos que daí lhe vieram, não lhe tiráram o seu feitio fantasista. Até, talvez, mehta mais agarrado ao sistema antigo de julgar as coisas por prismas diferente do de toda a gente. Isto é sinal de firmeza de animo e de caracter rijo que não foi abaixado com tanta trapaçada e danos correspond^{tes}.

Agora, aí anda a tratar da questão judicial contra o seu antigo socio Paul Fernandes, que parece que o esfoliou com unhas e dentes, abusando da boa fé da esposa do Floro q. cá ficou com procuração completa. E o caso anda por m.^{ta} centena de contos — uma brucadeira.

Março: 12

A proposito da visita do Floro, lembrei-me do dr. Fernando Lopes que é o seu advogado na questão a que acima me referi. E lembrei-me dele quero aqui deixar o seguinte:

O Fernando Lopes, em estud.^{te}, foi anarquista; sustentou um jornal anarquista, fez propaganda anarquista; quando se pro

clamou a Republica pertenceu á celebre « falange demagógica » que praticou o chamado desacato á sala dos capelos e ao vestuario dos leutes, em Outubro. Depois de formado, casou civilmente com a afilhada do velho democrata Frederico Graça e manteve-se sempre republicano liberal e começou a sua vida de advogado acompanhando os chamados « democraticos » em politica e depois da cisão, acompanhou o Alvaro de Castro.

Por morte do Graça, herdou toda a sua fortuna; hoje é rico não só por isso mas porque ganhou o dinheiro que quer na especialidade de Direito commercial em q. é distinto.

Pois bem. Ha uns meses casou religiosamente; baptisou os filhos que estavam somente registados; e na Quinta das Florneiras, do velho Graça e que ele herdou, está restaurando a capela que este transformara, ha mais de 1/2 seculo, em arrecadação ou celeiro.

Motivo? Ha versões: uns dizem que por causa do ambiente actual, favoravel a essas mudanças; outros q. por causa do casamento da filha com o filho dum brasileiro leão que só deixa casar o filho com gente catolico-apostolica...

Podará ainda haver terceira versão. Estas, parecem, chegam p.^a avaliar a evolução dum exaltado anarquista.

Março : 13.

O Conselho de Arte e Arqueol.^a foi convocado p.^a hoje — e p.^a encerrar definitivamente os trabalhos. O Presid.^{te}, dr. Pessoa, deu conhecim.^{to} do decreto que o dissolve, mandou laurar a acta, fê-la ler e aprovar e... pronto! deu por findos os trabalhos com os agradecimentos do estilo e algumas palavras cautelosas.

Eu, por taracha, propuz uma lagrima pseudida, mas não foi aceite...

O Pessoa, depois de encerrada a sessão, propoz que o Cons.^o fosse o núcleo de uma Socied.^e de Amigos do Museu, para contrapor ao propósito que houve da criação de comissões concelhias em que predominavam os parochos. Foi aceite a ideia com certa boa vontade.

Uma coisa q.^e me admirou foi o Director Geral ter dito ao Vergilio Correia que a revista do Conselho, a «Arte e Arqueologia» devia continuar e passaria a ser propried.^e do Museu; e levou a availability a conseguir da Junta da Educação Nacional a dotação de um conto de reis

para ajuda das despesas. Foi uma campanhação...

Março: 18

Miranda do Corvo.

Aqui estou, desde 15, a arar, estendendo em cima de campanha ou em cadeira de lona, contemplando as encostas cobertas de pinheiros do Valepo e do Calveço, as oliveiras do monte frondeiro, da Igreja, ou ainda a vila com seu casaredo monótono por sobre o qual se presê, p.^a o nascente, a alegria dos campos férteis.

Esta vida p.^a aqui, resolvida á presença por motivos de saúde, não deixou de agradar. Esta vida de aldeia, estes ares de campo e de serra, este sossego e athenm.^{to} da cidade, parece ser p.^a muito mais natural do que o viver cidadão.

Atavismo?... Influência da mocidade aqui passada, naquele período em q.^o as impressões se fixam mais e melhor? Propensão para a vida sossegada, quasi solitária? Afroximação da melhiore?...
Sei lá! O que sei é que me recosto na cadeira ou me estendo na campanha e que não sinto vontade de me levantar; e o meu desejo é ficar a olhar

para a natureza á volta, a ouvir em baixo o murmurar do rio sobre as pedras do leito e a sentir vontade de fechar os olhos e dormir...

Beatitude, enfim.

No prox.^o domingo ha aqui a festa dos Passos, festa rija que, pela despesa que traz no' se realiza de 2 em 2 annos; anda a vila alvoroçada com a perspectiva da festa; e todas as manhãs se juntam grupos de homens no adro da Igreja, esperando o abrir das portas para se censerem — pois seria inumerosimil que o Sr. dos Passos saisse da sua residencia lá do alto e desse a heura de descer á vila e encontrasse os polvos mortais com a consciencia rija e sem a devida absolvição.

Levantam-se altares em certos pontos das ruas para os «passos» do Senhor; fazem-se torrecimentos de canestiveis; lavam-se as casas; fazem-se covites.

Ha um couboio especial de Coimbra, para os devotos e para os paudepos.

Etc. etc.

Mistura-se o sagrado com o profano, ganha-se dinheiro e sempre se mantém a fé dos nossos maiores...

Março : 20.

Recebi hoje carta do Pires Monteiro em resposta á minha de 14 deste mês. ⁽¹⁾

Fiquei desolado... não percebeu a m.^a culpa epistola!

Faz considerandos m.^{to} avanços para mim e diz que lá me espera em 12 de abril prox.^o (dia da sessão da Assembleia Geral) e que leve eu o artigo!

Então não me expliquei sufficientemente? O P. Mont.^o é, ás vezes, um tanto ou quanto distraído; e como a carga era grande, não a teria lido com a devida atenção?

Que hei-de eu fazer?

Março : 28.

Recebi hoje nova carta do Pires Monteiro, appreciando com o meu silencio. dá explicações avançadas e faz considerandos sobre o tema do meu artigo — q. já se vai tornando célebre.

Vou responder amanhã, também, é claro, avançadamente, tanto mais que, lendo hoje de novo o artigo, após 15 dias de gaveta, pareceu-me melhor e que,

⁽¹⁾ Copiada no vol.^o respectivo.

com tipos retos e seus aditamentos, poderia finalmente escapar.
Vou fazer esse esforço.

Março: 31.

Coimbra.

Cá estou, de novo, em Coimbra, após quinze excelentes dias de aldeia. Cá estou, pois, metido na superegrua costumada.

Encontrei em casa o 1.º vol.º dos Arquivos de Dermatologia e Sifilografia, do Rocha Brito, com dedicatória au.º au.º. Mas quanto a referências às pessoas q. lhe ajudaram a ler os documentos que publica acerca da Gafaria de Coimbra... nem uma!

Por isso há dias o Vitorino Nemesio me dizia:

— Não sabia que o Rocha Brito era paleografo...

Mais uma lição q. recebo, p.º vez se não me deixo cair neutra.

Abril: 1.

Correu ontem por aí, com insistência, que o dr. Bissais Barreto ia ser ministro do Interior na recomposição ministerial q. se aproxima. Ela quem afirmou e ha quem negue.

Os q. afirmam dizem que ele quer ir para dar amnistia total e marcar eleições.

Ora se assim fôr — é uma nêr uma ditadura.

Vou, pois, por aqueles q. negam.

Abril: 3.

O demônio do artigo que o Dires Monteiro me sugeriu e que devo apresentar p.^a a Revista Militar em obediência ás juntas estatutárias, tem-me feito mal.

Desde q. cheguei de Miranda e procuro emenda-lo e jô-lo em estado de ser inserto no órgão da classe, a cabeça voltou, de novo, a fraguejar e os nervos, em tra nêr, a alvoroçarem-se.

Abril: 7.

Vou mandar amanhã o artigo, o celebre artigo, para a Revista Militar.

Já o copiei. Estou tanto mais, tarde ou nunca se indireita. Vai assim, com seiscentos diabos! Não quero pensar mais no caso — mas tenho quasi a certeza de que o não publicam.

É isso se operão os sagrados deveres da classe e os cânones da revista.

Abril: 8.

Recebi hoje o aviso convocatório para a assembleia geral da Teuista.

Não tenho interesse em ir. Gasto dinheiro q. me faz falta e vou ser comparada numa comedia qualquer, embora comedia innocente.

A mania das cerimoniaes! Qual será o meu papel no meio daquela gente toda: uns velhos agarrados aos prejuizos de classe, outros mais novos cheios de embófia da farda e do saber dos super-homens do Estado-maior, e ainda outros, reaccionarios, que me olharão de revés! E terei que discursar?...

O aviso menciona duas partes: a 1.^a é p.^a o Elogio do falecido General João Martius de Carvalho; a 2.^a p.^a proclamação dos novos socios efectivos e apreciação do parecer do Cons.^o Fiscal sobre o relatório da gerencia de 1831.

Vamos a ver se me resolvo.

Ora hoje, no Arquivo da Univeridade succedeu um caso curioso que mostra até certo ponto a competencia de certos funcionarios que se tem na conta de insubstitueis e não admitem que quem quer q. seja mais do que eles.

Foi he pouco colocado no Arquivo, como conservador, na capa aberta por patifaria do Ferraud Pimentel de Almeida, o Ant.º Gomes da Rocha Madahil, funcionário da Biblioteca Geral.

Este Madahil tem uma garofia muito grande do seu saber e uma forma de falar atinca em matéria de erudição. Não ha assunto que lhe não seja familiar, segundo parece, etc. etc.

Ora hoje veio ele falar-me á mesa onde eu estava trabalhando e mostrou-me uns docum.^{tos} que disse serem duma enorme colleção oferecida ha pouco ao Arquivo e que ele estava catalogando. E perguntou-me se eu conhecia a assinatura do rei D. Miguel.

Disse-lhe q. sim e que, por sinal, o he mesmo assinava Migel ... Mostrou-me, então os documentos informando-me de que eram realmente do rei mas que não percebia o resto da assinatura.

Eu olhei ... a assinatura era de D. Miguel Pereira Farjaz e as datas eram de 1816 e 1818!

A duvida do Madahil vista da assinatura estar escrita assim: D. Miguel P.^{ra} seguida de Farjaz, á pressa, quasi em breve, uma garatúja, enfim.

Ele dizia-me, com certo tom de certeza:

— D. Miguel Primeiro não se lembra q. é; mas o resto? Não há maneira de perceber...

Eu não quiz logo desemparrar-lo e respondi:

— Mas veja V. Ex. que, de D. Miguel 1.º não poderá ser perg. as datas não anteriores ao reinado. Nesta altura, o D. Miguel que tudo mandava em Portugal era o Pereira Farjaz... E olhe V. Ex. que deve ser a assinatura deste... Não lhe parece?

Ele ficou passado. Vi-lhe na expressão que ficou encanacado e arrependido... Que poderia eu dizer se contasse o caso cá por fóra? Que responha para um esmeruader paleografo! Não saber ter uma assinatura tão simples e não ver que em 1818 D. Miguel não era rei!

Teve um gesto que se não define. Foi quasi até á janela, olhou vagamente a paisagem e disse-me, já um pouco refeito do abalo:

— Mas não V. Ex. ... Eu sabia muito bem quem era D. Miguel Pereira Farjaz... Mas com esse conhecim.º do poderio nesse tempo, só V. Ex. que é especialista em historia militar... Por isso eu confundi...

Não insisti p^o não atrapalhar mais e mudei de conversa. Fui generoso...

E a propósito...

Em Dezembro de 1827 deu-se outro caso não direi semelhante mas que me ocorreu agora.

Era então conservador do Arquivo o licenciado Brito e Silva, reaccionario que a Faculd. lá por não sei por que leulas e q. o dr. Ferraud de Almeida, ha pouco, couseguiu pôr fóra p^o dar lugar ao illustre M^o d'ahil. Um dia mostrava eu umas fotografias que tirára na Trófa, dos tumulos dos Lemos, ao dr. Gencalves Cerejeira, então professor na Faculd. e a ele, Brito e Silva. A mostrar a que tem um cavaleiro ajoelhado e que foi publicado no n.º 1 da Arte e Arqueologia, o Brito e Silva, m.º naturalmente, exclamou:

— Que bonita! Nunca vi uma estatua jacente como esta!

O Cerejeira fez um gesto exquisito; e lançou um olhar tremendo ao outro. E eu p^o que me não chamassem logo disse o mais mansam.º possível:

— Creio q. os artistas não chamam a esta especie de estatuas precisam.º estatuas jacentes...

E voltando-me p^o o Cerejeira:

— ... creio q. lhes chamaem arantês...

O Berejeira esboçou um gesto vago; e com um vago assentim.^{to} de cabeça, fechou o incidente:

— Realmente, é uma beleza!

E comparou com um tumulto que tinha visto em Itália, salvo erro.

O finario!

Vê-se, pois, que os conservadores do Arquivo são escolhidos como se quer.

Abril: 9.

O monumento aos mortos da G. Guerra, em Coimbra, tem dado que falar. E a má língua já obrigou o escultor Luis Fernandes a dizer de sua justiça em publico.

Publicou uma carta curiosa, na Gazeta de Coimbra, de ha dias, que aqui conserva como documento de certa ordem.⁽¹⁾

Em todo o caso, creio que e' gastar cêra com ruins defuntos.

Abril: 11.

Final, sempre me resolvi a ir a Lisboa, e cessado da Revista Militar.

Acabou-se. Vamos a ver o que pái de tudo isto.

⁽¹⁾ No fim do vol.^o, a pag. 327.

Abril : 14.

Cheguei hoje, de Lx.^a, no sapido da sua
nhã. Ueuho, afinal, satisfeito...

As coisas não correram como o meu
pessimismo calculou; e não estão arrepen-
dido.

A' hora marcada, lá estava na Revista
Militar, em sobre-toja um pouco acanha-
da, mas meus mal arranjada, com pas-
sadeiras e oleados pelo chão, quadros pelas
paredes, retratos dos directores e revista
meas notaveis, etc. etc.

Procurei o Pires Mont.^o e o meu prim.^o
cuidado foi perguntar-lhe pelo arbispo, o cele-
bre arbispo. Ele disse-me, com o ar serio
um tanto ou quanto catêdratico que ás vê-
zes toma, que o arbispo seria publicado, que
não havia razões p.^a o contrario.

— Mas o Pires Mont.^o leu-o?

— Li-o e tambem o leu o nosso Gene-
ral Beix.^o Botelho. Está um trabalho serio,
reflecte a opiniao de pessoa culta e não tem
coisa contraria á nossa orientacao.

— Bem, antes assim... e'ndaus pres-
cupado com o diabo do arbispo...

— Pois descauce. O nosso General até
gostou.

E como entrasse gente, a conversa

desviam-se e começaram as apresenta-
ções. O Teix.^o Botelho festejou-me muito,
com a maneira afidalgada q. lhe é usual
e que é m.^{to} apreciavel.

Entraram generais, uns reformados,
outros do activo; outros ministros, velhos
políticos, gente cuidada p.^a ouvir o elo-
gio histórico do general João Martins de
Carnalho. Entraram senhoras da família
do elogiado, enchou-se a casa. E eu rumi-
di-me a um canto da sala, ao pé do Ferrei-
ra Lima.

Presidiu o velho almirante Ramos da
Costa; depois do Teix.^o Botelho dizer umas
breves palavras, o car.^{al} do E. M. Correia Alva
desceu o Elogio Histórico a seguir ao que
o Teix.^o Botelho voltou a falar.

Tudo isto com a retórica correcta de ha
50 annos, retórica pura como seria natural.
Depois assinou-se um auto em portugue-
zês, comemorativo — e tudo com ar sé-
rio, m.^{to} correcto, sem nada que fuzasse
ao comico.

Depois desta parte mais solene, seguiu-
se a proclamação dos novos socios. O almi-
raute fez breves discursos de congratula-
ção e de felicitações; dirigiu aos novos so-
cios palavras amigas, de encitamento,
chamou-nos "rapazes", etc. etc. Seguiu-se

o Teixeira Botelho: justificou a escolha dos 4 novos socios, mas sobre mim recaiu a maior parte do discurso dizendo coisas q. eu não contava ouvir. Falou dos meus trabalhos históricos, especialmente dos militares; classificou-os de notáveis (embora ainda não devidamente apreciados) pois como dizem "um caso novo e à parte na nossa historiografia"; e acrescentou que nesses trabalhos havia critica séria, investigação levada a um apuro pouco ou quasi nada usado, uma forma literaria curiosa que denunciava cultura larga, etc. etc.

Quando terminou, pedi a palavra. Levantou-me mais ou menos preparado uma ligeira palavra; mas, perante o q. ouvi tive de modificar e, francam.^{te}, não sei bem o que disse. Agradei, protestei modestamente, como é regra, contra os louvores, disse q. não merecia aquelas honras e afirmei a lealdade e boa vontade para com a Revista. Acabei por afirmar a inutilidade dos meus trabalhos mas pedi, ao mesmo tempo, q. não exigissem de mim mais do que eu poderia dar... etc. etc.

É difficil reproduzir a m.^a fala. Mas foi isto um pouco mais ou menos. De improvizo não sei falar, e por isso disse acima q. não sei bem o q. disse...

Feita a leitura do relatório da Direcção e do Causo Fiscal, a sessão foi encerrada. E eu fui então centro de cumprimentos dos circunstantes, a começar pelo Teix.^o Botelho e almirante Ramos da Costa.

Especializarei pela maneira affectuosa como me falaram: o Freitas Soares, antigo ministro da Guerra; o dr. M.^o Aguiar, coronel medico; o general Pereira Bastos, o major Costa J.^o e o velho official do Est.^o maior Dom Ant.^o José de Melo.

Enfim, fiquei satisfeito e pensei na verd.^o do dito do evangelho: cumpriram e profeta na sua terra...

E hoje, ao ir ao Quartel-general dizer que já cá estava, e ao contar a uns officiaes o q. se passára, acrescentei:

— Foi pena q. o sr. command.^{te} da Região não estivesse lá p.^o ver se me ficava conhecendo... Parece q. os de longe me conhecem melhor do q. os da terra...

E isto foi dito p.^o que lho repetissem.

E com o dia de ontem, 13, passado no Barreiro, acabei a m.^a excursão a Lisboa.

Abril: 17

Escrevi aos general Teix.^o Botelho e D. Carlos Monteiro cartas de agradecimentos, refer-

caudo os agradecimentos que pessoalmente
~~meu~~, em 12, lhes apresentei. Foram estes
 dois os promotores, com certeza, da minha
 entrada p.^a a Revista.

Abreil: 20.

Fui hoje ao enterro do dr. Augusto Me-
 des Almeida de Castro que anteu morreu ás
 6 h. da tarde, quasi de repente.

Quinta e sete annos de trabalho modesto,
 perseverante, dumo probidade a toda a
 prova; uma vida de honrada levada, ás ve-
 zes, á inutilidade; uma erudição que fi-
 cou quasi inedita. Classicismo, bibliogra-
 fia, historia portugueza, em especial histo-
 ria de Coimbra — em tudo era palheiro se-
 guro, mas sem atirar o que sabia á cara
 dos outros, sem atropelar ninguém, enco-
 nhecendo-se sempre á passagem de quem
 quer que agitasse os guizos do "cá estau
 eu!..."

Ainda me lembro do caso dos docu-
 mentos relativos ao côro da igreja de Santa
 Cruz que o dr. Teix.^o de Carvalho aproveitou
 abusivamente...

E quantos casos como este teriam acon-
 tecido sem se saber!

Belo exemplo de vida, esta — embora
 não seja para aconselhar.

E afinal... o entêro teve tres duzias de pessoas, na mais parte indifferentes ao valor do homem. Funcionarios dos correios como antigos colegas; funcionarios das finanzas como colegas dum rolzinho por afinid^{de}; estudantes como colegas dum outro rolzinho por afinidade mais remota; os caupueadores da Loja das Flores dum felicido irruão; mais duzia de amigos e... pronto!

Onde estavam os professores universitarios que tantas vezes o procuraram para se servirem das suas indicações? os honreus de letras? os...

Adiante!

Num dos turnos de bolas, no cemitério, tiveram de chamar um policia aposedado, amonueuse da Junta Geral porque não havia já quem completasse o ultimo.

E basta.

Valerá andar uma vida inteira com honradez; ser escritor de probidade intelectual e moral; ser pessoa de boa-fé e deeser sempre ser util?

Atraz do caixaõ do polve velho, pensei nisso — mais não cheguei a tirar qualquer conclusão.

E que conclusões poderia tirar?

Abril: 22

Não quero esquecer um caso curioso, bem curioso, se bem que nada de extraordinário...

O Humberto de Araújo, antigo anarquista, exaltado liberal que casou civilm.^{te} e apenas registou as filhas; republicano « de princípios »; q. com o andar dos tempos se fez advogado seu escriptor e para agarrar uma herança casou religiosam.^{te} ha pouco e baptizou as filhas, etc. etc. deu ha dias a maior prova do seu valor moral com a inauguração do retrato do ministro Salazar na esquadra da policia de Coimbra.

O n.º do Diario de Coimbra em que se descrevia a festa é de 11 de Abril e alem da noticia traz um artigo de fundo assinado pelo Araújo (com fac-simile da assinatura q. não deixar duvidas) e intitulado O Primeiro de Todos...

Este artigo de fundo é soberbo e quasi me tentou a arquivar-lo. Mas para quê? Valerá a pena gastar tanta e tempo com tais estafemos?

Basta este periodo para se avaliar o resto do artigo, que é, afinal, como que o desenvolvimento do tema: « É' aquele es-
"pirito creador e profundo, á volta do qual

"gira toda a inortalid^{de} de uma raça, sim
 "bolsa apuro e supremo da inteligência e
 "das virtudes do nação." »

Na inauguração do retrato, na esquadra, discursou e entre outras frases teve esta que meede bem a craveira do orador:
 «... o pouco que vai dizer é a expressão
 "reubida de sua sinceridade, do seu afre-
 "mo de homem q. sabe sentir não deixando
 "nunca envenenar os seus reubidos.» E
 mais adiante: «Oliv. Salazar é hoje o
 "maior português, não o diz por servilis-
 "mo, afirma-o porque ele é um português
 "de lei.» Etc. etc.

Falando no caso ao Tomás da Fonseca, que foi meu amigo, noutros tempos, do dito Araujo, vi-lhe um ar irritado e disse-me que tambem tinha lido tudo. E terminou com a conversa:

— O Araujo julga que o Salazar não é um homem inteligente...

Tambem a mim me doeu este caso um tanto ou quanto. Noutros tempos não desgostei do rapaz e cheguei, confesso, a acreditar nele.

Confim: a verdade é que ninguém está livre de se enganar.

E não parece mal a confissão.

A' noite. É a propósito do dr. Augusto Meudes Simões de Castro.

Logo no dia do enterro deste, o Antonio Gomes da Rocha Madalil me disse que pensára num In-memoriam e iria lançar a ideia.

Eu approvei e ofereci o meu esforço.

Hoje, no Arquivo, disse-me que falára com o Pinto Laureiro, director da Biblioteca ~~comunicou~~ Municipal para que publicasse um n.º ou um volume do Arquivo Coimbra em homenagem ao velho inextinguível. O Pinto Laureiro, porém, pôz inumeras difficuldades a ponto de considerar o caso impossivel; argumentou com a necessid. de publicar trabalhos já começados, com os relatórios, as faltas de verba, etc. etc. E o Madalil, desolado, concluiu:

— Nada feito...

Dr. o Pinto Laureiro é homem pratico: a homenagem ao dr. Augusto Meudes não lhe traria proveito.

Sue diabo! Enquanto o velho escritor foi vivo, serviu-se dele para leitura de documentos, para indicações de fontes, para tudo, enfim, de que necessitasse; mas agora, morto o homem, para que lhe servia ele? Marreu, marreu! pronto. Nada

de maçadas — que o presente é o que vale e o que não é útil jõe-se de lado.

O mundo está para estes cavalheiros e estes é que triunfam.

Mas, continuando com a conversa, lembráramos-nos (eu e o Madahil) do Justicuto e da Arte e Arqueologia. Em qualquer das duas revistas ficavo bem a homenagem. E isto para não ter que fazer um volume á parte que talvez nenhum editor accitasse.

O Madahil ficou de falar ao Dr. Joaquim de Carvalho; eu, ao Virgilio Correia. Calculo, porém, que o utilitarismo dos dois nos dará resposta idêntica á que deu o Pinto Laureiro.

Vamos a ver.

Abril: 23.

Fui ontem ouvir uma conferencia do poeta Casais Monteiro, na Associação Académica, a propósito duma exposição de desenhos feitos por estudantes.

O título era: A arte contra a Ordem; e o assunto foi desenvolvido sobre a seguinte frase: « o verdadeiro artista não se deve subordinar a regras. »

Foi conferencia interessante, cheia de rebeldia contra as formulas, de criti-

ca liberrima aos conceitos normais da arte. Mas para mim, foi prejudicada pela forma literaria que lhe deu, abundante em typos comuns, sem brilho de expressões e monotona.

E eu fiz depois o comentario, aliás facil de fazer, de que por muita innovação que tentem (e talvez com razão) sempre não cair nos processos normais que já vêm de traz.

Certas passagens, contidas, foram arrojadas de mais, se não foram simplesmente paradoxos.

Abril: 24.

Fui hoje visitar o Antonio Augusto Gonçalves. Que doloroso é ver a decadência dum homem como este!

Sentado a um canto, emburrado, entre quatro paredes, ali passa os dias aquele homem de raras qualidades de acção!

Dizia-me ele, desalentado:

— Aqui estou á espera!... Veja lá... Eu julguei que isto fosse depressa, mas afinal estou a ver que isto vai de vagar de mais... É o diabo!...

E como eu me risse e dissesse qual quer frase vaga de amabilidade, ele concluiu:

— Não, não creia que eu melhore...
 Isto é o fim. Mas vai muito de pagar.
 É uma maçada. E aqui estarei à espera
 da hora, muito maçado e a maçar os
 outros...

A memória está a falhar - he muito;
 faltam-me palavras repetidas vezes; e vê-
 se claramente que aquêle cerebro vai a
 perder a pouco e pouco a sua força.

Falei ainda no caso do Vergílio Bar-
 reira a que aqui alludi em fevereiro últi-
 mo. E resumiu:

— O Vergílio é creatura muito espe-
 cial e muito mal creada. Conheci com
 ele, por-lo de lado. Faltou-me segun-
 da vez ao respeito e já estou velho para
 aturar rapazes malcreados...

E teve ainda o velho gesto de ener-
 gia. Mas é doloroso ver uma decaden-
 cia assim.

Sai de casa incomodado.

Abril: 26.

Comencei ontem a escrever uma con-
 ferencia que tencio ter na Universidade
de Livre e que intitularei: Nunez,
chefe militar.

A conferencia pretende demonstrar
 que Nunez sabia o que fazia e não

necessitava do polirenatural para conseguir as vitórias. E nem a propósito duma discussão levantada sobre a mudança do nome da rua 24 de Julho, em Lisboa, para avenida Neuastrucos.

Baher ná causar algum escandalo.

Maio: 5.

Ontem a conferencia na Universidade Livre foi feita pelo advogado José Pinto Laureiro.

Como lá appareceu o "celebre" Dias Pereira, amigo pessoal daquele e actualmente seu companh.º e creio que confidante no « Grupo de Estudos Democraticos » eu tentarei-me de o pôr a presidir á sessão — com o que ele se julga muito honrado.

A presidencia correspondia, pois, ao conferente.

Mas o mais interessante é que o Pinto Laureiro antes de começar a conferencia, no exordio costumeado dos agradecimentos e das afirmações de modestia, fez referencia á minha pessoa na verdade com poucos descaídas e que eu não compreendi muito bem. « Fiquem austeros de militar », « estudioso das coisas do passado », « frequenta-

dôr assiduo das bibliotecas e arquivos...»
etc. etc. num rosario de amabilidades
que não esperava dele e que se não aju-
stavam ao momento.

Mas ainda o mais curioso foi que o
Dias Pereira, no final, ao agradecer e ao
elogiar a conferencia, que, diga-se a verd.^a
foi boa, tambem se referiu á mi.^a pessoa,
num elogio caloroso, elevando a voz como
nos comicios, procurando tirar efeitos re-
toricos em tom algum tanto desconcertado.

Que diabo querem estes cavalheiros?
Achei que as amabilidades eram esmola
grande de mais...

Serão mais dos tempos?

Eu ainda disse ao ouvido do Tomás de
Fonseca:

— Querem eles meter-me nos «Es-
tudos Democraticos?»

Mais: 6.

Recebi carta do Pires Monteiro, sempre
atencioso e infatigavel. Felicita-me pela
conferencia acerca de Numalvaras que ten-
ciouso fazer e que comencei a escrever em
26 do mês passado. E lembra-me que a
deveria repetir na Universidade de Lis-
boa. E' boa ideia, mas...

Mais : 7

Meu dito, meu feito.

Ontem fui ao cinema ver a fita sonora do Chevalier « O Tenente Redutor. » Quasi ao pé de mim, estava o Binto Laureiro q. num dos intervalos me disse que no próximo domingo o Grupo de Estudos Democráticos de Coimbra ia dar a ultima demão aos seus estatutos e em breve elegeria os seus corpos gerentes — para os quais o meu nome está indicado.

— Eu ?...

— Vêc. mesmo. Temos tencão de eleger presidente da assembleia-geral o dr. Anselmo Ferraz de Carv.º e Vêc. para vice-presidente. Como vê, damos-lhe um lugar sem responsabilidades de direcção, mas o mais honroso possível — aliás ainda abaixo dos seus meritos...

Vieram-me á ideia os elogios na noite da confer.ª na Univ.ª de Livre. Que grandes maristas! Julgam-me que me levam assim com essas blandicias.

E como me excusei e lhe disse que o meu espirito não se contenta com as limitações do programa do Grupo, ele, como advogado, saltou logo com replica, por sinal bem infeliz:

— Então... para a Rússia? Mas isto não é democracia, mas despotismo!

— Quem disse a V. Ex. que eu evoluo para a Rússia?...

E com sorriso:

— Eu nunca vi de Portugal... E creio que ha poucas doutrinas e poucas condições sociais além dos do Grupo e dos da Rússia...

Etc. etc.

São uns grandes ratões.

Mais: 8.

Ontem, na Gazeta de Coimbra, veio a noticia da confer. do Pinto Loureiro com as referencias que este me fez; diz o seguinte:

« O sr. dr. P. L. iniciou as suas considerações por se referir á obra cultural e educativa da Univ. de Coimbra promotora de conferencias, e pôz em relevo os nomes dos srs. coronel G. P. e professor Tomás de Figueira que áquella instituição têm presta do o melhor do seu esforço... » etc. etc.

E segue um resumo da conferencia e outro das considerações finais do dia Pereira. A noticia é, evidentemente, de autoria do Pinto Loureiro.

Mais : 8.

Um outro caso curioso que se deu com o António Gomes da Rocha Madalil actualmente conservador do Arquivo da Universidade, confirma uns outros casos dos anteriormente.

No Arquivo mostrava-me ele uma carta de D. Maria Anália Vaz de Carvalho que lhe pareceu ali foi parar com uma grande collecção epistolar oferecida pelo João Jardim de Vilhena — carta que, por sinal, deixa ver que entre ela, a autora, e o poeta Tomaz Ribeiro (a quem era dirigida) houve relações que não foram só espirituais.

Mas lia-me ele a carta, muito naturalmente, quando no passo em que a autora se referia por duas vezes, muito afavelmente, ao « nosso querido Tomás de Carvalho » interrompendo a leitura me disse com a maior naturalidade:

— Fala duas vezes neste Tomás de Carvalho que não sei quem é... Naturalmente qualquer amigo comum ou parente.

Explicuei-lhe melhor ao fim quem era Tomaz de Carvalho e de maneira tal que me pareceu que ele ficou arrependido da observação.

Pouco depois, a propósito dos meus trabalhos no Arquivo, mostrou-me uma carta do Campos Andrade que vai fazer a biografia de José Jorge Laureiro, e lhe pediu a nota da sua vida académica:

— Não sei quem é este senhor... De certo algum illustre desconhecido...

Expliquei-lhe também quem era José Jorge Laureiro e dei-lhe indicações de que vive ainda em Portugal, o Paul Silvão Laureiro, meu condiscipulo na Escola do Exército, actualm.^{te} tenente-coronel e chefe de qual quer repartição no Ministerio da Guerra:

O Madalil ficou mais uma vez arrependido de declarar que não sabia quem era José Jorge Laureiro...

E aqui está o credito conservador do Arquivo universitario!

x

Terminei hoje a conferencia sobre Nuvalvares, apesar de me sentir fisicamente muito abatido.

Creio que não ficará má; é natural q. agrade aos espiritos desempoeirados e q. venha a causar engulhos aos reaccionários. Trato o assunto com cautela e com certa "politica"; mas falo claramente.

Deve ser lida aos 18 deste mês.

Mais : 11.

Disse-me hoje o Vergilio Carneiro que o ministro da Instrução não autorizou a formação em Coimbra duma instituição que fosse um mixto de academia arqueologica e artistica e de amigos do Museu Machado de Castro.

Quando o Vergilio explicou os fins do instituto, dos quais o principal era a manutenção da revista Arte e Arqueologia, o ministro manteve-se na recusa. Nada de resurreição do Conselho de Arte e Arqueologia! O que o ministro quer é a formação de tal comissão consultiva em que terão maior influencia os padres.

Essa é que deverá ser formado e instalado brevemente.

Mais : 13.

Dia da penhora de Fatima! Dia glorioso!... E tanto que recebi algumas novas do meu celebre artigo para a Revista Militar e com ellas um cartão do Pires Montei-ro em que insiste na repetição em Lisboa da minha conferencia sobre Quinquenares. Diz que tem falado no caso a muitos liberais e todos apoiam a ideia.

O Pires Mont.º é levado dos diabos.

Mais : 16.

O meu sobrinho Henrique da Costa Ferreira tem umas concepções da vida e da família muito curiosas.

Disse-me hoje mi.ª Irene que está doente, com um zuluão atacado, que o filho, há dias, em conversa com ela e a respeito da doença lhe dissera claramente e duramente: « que aquilo era a arte da vida, mas havia nada que estranhar; que ela, a Mãe, já vivera; ele, que era novo, é que necessitava de viver... Os novos precisam de lutar dos velhos... » E assim sucessivamente, com dureza e clareza.

É afinal um rapaz feliz.

Creio, mesmo, que já tem dito que, em se apANHando a ganhar dinheiro, não quer saber de ninguém. O mundo será só ele e... pronto!

Se tiver saúde, deve ser homem para a vida e, por consequência, para triunfar. Os outros que se governem.

Mais : 19.

Sempre fiz antes a anunciada conferência a que give o título: Amaluanos, chefe-militar.

Fiquei satisfeito. Fui ouvido com a maior atenção durante uma hora e dez ou 15 minutos. A sala da Univerrid: Liure estava cheia e disseram - me que algumas pessoas não foram por causa da escadaria de entrada que é, realmente, muito má.

Julgo que a palestra agradou. O Sr. más da Fonseca não se contém no fim e foi ao tablado dizer coisas: que a conferencia foi um modelo de logica, de critério historico, de argumentações, de forma literaria, etc. etc. e que deveris ser repetida em local onde coubesse m.^{ta} gente ou publicada em folheto para ser distribuida pelo País e em especial pelo professorado...

Enfim, teve uma daquelas explosões de ingenuidade e sincerid.^{de} em que exaggera como qualquer creança.

Os aplausos tiveram certo calor. E o mais curioso é que os jornais da terra nem uma linha noticia deram! O silencio completo!

Seria a censura que conta? Não é natural. Deveria antes ser o silencio dos jornalista muito proposito a meu respeito - como ha tempo se nota. E é preferivel que assim seja.

Maio: 27.

Receti ha dias uma circular impressa e assinada pelo meu antigo condiscipulo Paul Loureiro, que convida a uma prox.^a reunião do curso para celebrar o 30.^o anniversario da saída da Escola do Exército.

Respondi hoje ao Loureiro numa carta real-humariada. A carta fica arquivada no volume da "epistolografia, me al-tura competente e de certo vai causar nos promotores da reunião certo pasmo e certos empulhos.

A verdade, porém, é que um curso que se reúne para celebrar velhas amizades, confraternizar, etc. etc. e que deixa ha cinco annos desterrado o Helder Ribeiro que é um dos meus brilhantes condiscipulos; que não teve uma pequena atenção comigo; que se tem encontrado em revoluções em campos opostos; que em entrevistas nos jornais se mostra dividido e até accuse inimizadas — esse curso não tem direito a reunir-se á volta duma mesa, em boa e sincera paz.

Alguns sustentáculos da actual situação entre os quais o Passos e Sousa, hão-de apparecer. Com que cara lhes falarei eu e que valor tem o natural alarço do encontro? Essa afropoada confraternização será uma

burla ou um contrasenso. Nada, pois,
de pseudiras!

Não iréi e o caso fica arrematado.

Mais: 30

Veiu hoje a m.^a casa o Tomás da Fou-
reca dizer-me que ha dias, no Porto, deixá-
ra encaminhado o comitê para eu lá ir
repetir a conferencia sobre os ungueres. E
disse tambem que em 28 e 29 deste mês fô-
ra a Leiria e Batalha com uma excursão
de professores do conc.^o de Montagua e falan-
do em Leiria acerca da dita conferencia,
viu em alguns amigos o desejo de me fa-
zerem idêntico comitê.

De parte que tenho em perspectiva o
comitê para o Porto, para Leiria e para a
Figueira — sem contar com o de Lisboa,
conferme a insistencia do Pires Monteiro.

Ora isto é celebridade de mais. Contem-
tar-me-ei com Leiria e Figueira. E' coisa
mais modesta e abandonarei as duas ca-
pitaes ás suas ~~suas~~ notabilidades.

Mais: 31.

Uma anecdota...

Hoje, no estyrio da Univ. de L. apa-
receu o dr. Antonio de Vasconcelos que,
ao passar pela sala de leitura que é a da

entrada, me veio falar á mesa onde eu estava e a uma rapariga do 2.º anno de Letras que la tem ido ultimamente estudar e gradicar paleografia. E' claro que lhe servia de candidato reverente o illustre conservador Madahil.

A rapariga, que é classificada, aproveitou a occasião para fazer certas perguntas ao dr. Vasconcelos acerca d'um docum.^{to} do sec.^o XII que tinha em frente; e intermeado com as perguntas foi affirmando o auxilio que lhe tem prestado o Madahil com as suas luzes, competencia, boa vontade, etc. etc. A rapariga, com habilidade, ia lisongejando os dois ao mesmo tempo.

Ora o dr. Vasconcelos, com toda a nobreza, afastava de si os louvores e ia-lhe lançando sobre o Madahil a quem dizia multifluamente:

— Vejo bem que o meu amigo não se que as pisadas do seu antecessor...

E ao despedir-se da rapariga:

— Pois tem aqui um grande auxiliar no sr. dr. Madahil...

Eu, com os olhos no Livro de Notas que consultava, tive, no intimo, um assomo de indignação e pensei: que grande maroto! Bem se vê que é teologo... E não sei se á despedida, a minha expressão

acusaria qualquer coisa de anormal.

Eu explico: o antecessor do Madalil o Brito Silva, bacharel em Direito, tornou-se em Letras por conselho e sugestão de Vasconcelos e outros teólogos da faculdade para ir para aquele lugar de conservador do Arquivo por ser pessoa m.^{to} temente a Deus e ao treno caído. Depois, com o rodar do tempo, como tivesse qualquer questão com o Ferrand de Almeida, director do mesmo Arquivo, moveram-lhe guerra á qual se juntou o Madalil que fez a vaga; e guerra foi ela que o rapaz teve que sair independentemente da sentença do Tribunal Administrativo para que recorreu e que o não salvou. Foi, segundo parece, uma perca de tudo aquilo que fizeram ao Brito Silva — cujo fei-
to exigiu, um tanto ou quanto quisi-
tento, poderia ter ajudado bastante.

E agora que o Brito Silva está em más circumstancias (que eles provocá-
ram) dizem-lhe "amabilidades" de costas e com sorriso nos labios...

E ainda por cima, o dr. Vasconcelos que é todo liturgia e incapaz de faltar a uma regra de hierarquia, chamou Don-
tor ao Madalil que é simples estudante da Faculd.^e e ainda relativamente atrasa

do... talvez compracida: o cargo de conservador só pôde ser occupado por um licenciado em Letras; como para lá foi o Madalil sem forma legal e possivelm^{te} por forma ilegal, não-lhe dando o tratamento de doctor para côonestar a nomeações e para... fazer passar os outros por tolos.

Os teologos!... A carja!...

Junho: 3

Hoje, ás 4 h. e $\frac{1}{2}$ da tarde, minha irmã Alice entrou para o Sanatório de Be-las. É a segunda doente que entra para o novo estabelecim^{to} hospitalar.

Junho: 5.

Recebi hoje uma carta de Mr. J. Goulven, historiador do grupo de francezes que estuda a historia da occupação portuguesa em Marrocos e creio que professor do Instituto de Altos Estudos Marroquinos.

Escreveu-me de Casablanca e diz-me que me vai mandar um trabalho relativo ao Infante Santo ao mesmo tempo que me pede colaboração para os seus estudos acerca de Marrocos.

É um bello pretextto para estabelecer correspond^{ça} com esses trabalhadores de

historia que estão fazendo a resurreição do espargo português em Marrocos — sem que isso se saia neste abençoado país.

Mãe sei, porém, se manterei correspondência. Eles pedem tudo e mais alguma coisa; e daqui a pouco seria um agente dos altos Estados marroquinos em Coimbra.

Vamos a ver.

Junho: 12.

A Universid. conferiu ao capitão de mar e guerra Vitor Hugo de Azevedo Coutinho, a honra de capelo honoris causa. E deve dizer-se que não fizeram mais que a obrigação pois aquelle official de marinha rege ha mais de 10 annos, creio eu, umas cadeiras de geodesia e mais não sei o que na Faculd. de Sciencias, parece que com algum presbiterio.

Ora acontece que o Vitor Hugo é secretario da Revista Militar e o general Beixeira Botelho mandou-me um officio, que recebi hoje, para o representar na cerimonia.

Eu protestára, desde estudante, não assistir á cerimonia de capelo: o que se passava na sala historica era simplesmente ridiculo para os tempos de hoje e a minha rebeldia não se conformava com esse

estendal de velharias sem justificação...
 E agora, sempre-me o convite feito por cre-
 dura a quem não devo recusar qualquer
 pedido para não só assistir ao "espectacu-
 lo", como também tomar parte nele!...

No vol.^o da "epistolografia", ficaram car-
 tas elucidativas do assunto. Basta aqui di-
 zer que o caso me arreliou mas, também
 devo dizer que não tive outro remédio...

Pedi as drapomas ao velho am.^o coronel
 Francisco Gomes e lá fui! às 15 h. esta-
 va na reitoria, a explicar as razões da mi-
 nha presença; e lá fui no cortejo com o
 meu grande uniforme, e notando certo
 espanto em m.^h gente que presencava a
 fantochada e me não julgava militar. E
 tive de assistir ao desenrolar da comédia
 como outro qualquer mortal.

E assim quebrei os votos que fizera ha
 mais de 30 anos... Ninguém diga, pois,
 que deste copelo não beberei...

Junho: 13.

O Vitor Iliepo de Azevedo Cavadinho veio
 hoje a m.^a casa deixar um cartão de agrade-
 cimento. E eu fei despedir-me dele á es-
 tacaõ, á partida do rapido.

Só tres ou quatro leules ao tota-jera.
 O novo doutor apresentou a mulher e

duas filhas que o acompanhavam aos professores universitários, isto é, aos cavalheiros seus iguais.

Eu fiquei de fora...

Vi que o capelo e bórta lhe assentaram bem na cabeça. Absorvem facilmente o espírito universitário.

Que lhe presté.

Junho: 14.

Al proposito do Centro Republicano de Estudos Democráticos devo archivar aqui que ha dias disse ao Pinto Laureiro que não queria funções de direcção, pois estava destinado a vice-presidente da direcção — nem mais nem menos! Disse que ficaria apenas como socio e mais nada. Mas como eles quiseram, forçaram-me, dar-me qualquer função, meteram-me, segundo creio, numa comissão de direcção cultural ou coisa que o valha, a que preside o dr. Manuel da S.^a Gaió.

Não sei o que isso seja. Mas, de certo, é comissão que nunca reunirá.

Devo tambem archivar aqui uma opinião de valor. Ha dias, encontrando o dr. Joaquim de Carvalho, falei-lhe no dito Centro e perguntei-lhe o que ele dizia sobre o caso; desciámos ~~o~~ a rua do Que

lira-Costas pacatamente; ele teve um gesto de indiferença e apenas commentou:

— Isso é coisa infameira...

— Infameira?... Em todo o caso quem é reunião de gente cotada que está fora da actual ditadura.

— Sim, é certo. Mas othe que é coisa infameira...

Não insisti e guardei o commentario.

Junho: 15.

Nos jornais de hoje vem o discurso do ministro do Interior em Vila Real de Braz-os-Montes, acerca da politica do governo e da projectada constituição. Não resisto á tentação de arquivar umas passagens que são boadinhos de ouro:

« Em Portugal só não tem paz quem não quer. Evidentemente que, quando annunciámos a Paz ela é para quem enfi-teira ao nosso lado... »

« Esse documento (a Constituição) em-cerra, no seu eclectismo, tudo quanto é preciso para satisfazer as legitimas aspirações do povo português. »

« ... Não nos importa que elle (o documento, a Constituição) seja sujeito ao voto popular embora o referido projecto te-

mas alguns pontos que possam ser, porventura, incumpráveis para o povo. Este, porém, manifestar-se-á pelo coração. [...]... dessa forma o povo português votará por instinto.»

«... E até mesmo a ditadura se revela como um regime profundamente democrático.»

Bocados de ouro... E foram escolhidos ao acaso.

E o que é curioso é que eles dizem coisas destas a sério.

Junho: 22.

Dizem-me hoje o Pinto Loureiro que se fizeram ontem as eleições definitivas do Centro Republicano de Estudos Democráticos — a cuja direcção ficou presidido o dr. Anselmo Ferraz de Carvalho e na Assembleia geral o dr. Arnaldo Leal Gonçalves.

Quanto a mim, fiquei na comissão da Aliança Cultural com o dr. Manuel da Silva Gaió e Viterino Nemésio. É forte de mais, para um pobre diabo, esta aliança; mas tenho a melhor esperança de que a comissão nunca se há de reunir...

Orá hoje, ás 21 h. e 30 m. devia fazer a minha segunda conferencia na Universidade.

Liure o illustre Pinto Loureiro que combi-
naria e dissertar sobre bibliotecas em ge-
ral e a sua em particular. Não sei, pro-
nem, se foi propositado ou não, eias a
verdade é que o publico; bem contado, só
dava 20 pessoas!

Havia meus duzia de nomes: o dr. Ma-
nuel Gaió, o Silvio Lima, o professor Rocha
Brito, o infalivel Dias Pereira, o netho Ma-
nuel Vilaca, etc. Mas as cadeiras ... va-
rias! Concedámos em que era melhor
adiar e assim se fez.

A' saída, eu e o Tomás da Fonseca, fi-
zemos considerações sobre o fiasco. Será
a attitude dubia que o Pinto Loureiro sem-
pre tem mantido em todos os passos da
sua vida que fez afastar o publico? Haverá
qualquer campanha perdida? Será a
presença da noite que convidava a pas-
sarear á beira do rio em vez de ir ouvir
em sala quente uma conferencia que,
depa-se de passapem, seria em parte elo-
gio á obra do autor?

O certo é que ele saiu mu.^{to} abarreci-
do com o caso. E' para que saia ...

A sua vaidade devia sentir-se mu-
to ferida; o seu feitio dominador mu-
to abalado.

Que tenha paciencia.

Junho: 23.

Um pouco de má-lingua...

Outem, na Universidade Livre, appareceu o dr. Manuel Gaió para assistir á conferencia do Pinto Loureiros. Estava falando comigo e a lastimar até a sua falta á minha conferencia sobre Neumatruares quando entrou o Dias Pereira que me.º efusivam.º lhe deu um meio abraço e lhe disse:

— Lá recebi o seu livro; bem haja!

Ainda não tive tempo de o ler, mas é magnifico!

E assim por aí alem. Trata-se do volume O Brevetismo ha pouco posto á venda. E eu fiquei um tanto ou quanto assombrado...

O Manuel da Silva Gaió, o homem superior, de elegancia intellectual e moral — a oferecer o seu trabalho ao Dias Pereira com quem real tem relações!

Quanto póde o prestigio desses aventureiros!

Confesso que nunca imaginei a possibilidade de tal coisa; e confesso que senti vagamente um arrepião de desilusão... Dou direito ao poeta Manuel Gaió de oferecer os seus livros a quem quizer; mas o intellectual que ele é, com veleidades de

mentor literario, a oferecer O Bucolismo a um traficante daquela laia... faz-me supôr que realmente ainda vale a pena per-seuariola...

Julho: 3.

Ouvi hoje dizer ao estudante de letras Antonio Gonçalves, socio do Centro Académico Democracia Christã, sacristão em S. Bartolomeu e jressoa, pelo que se diz, m.^{to} cotada nos meios catolicos, que o ministro de Italia em Lisboa, mandára dizer ao organizador da excursão dos estudantes de letras aquelle país (creio que tambem estudante de nome Mendes de Almeida) que seria conveniente não irem peitão academicos catolicos — pois, acrescentava, os que não são catolicos poderiam sujeitar-se a qualquer coisa desagradavel.

Isô foi dito assim, sem mais nem menos. E como complemento acrescentou que lhe constava que o dr. Vergilio Correa iudicado como director da excursão já não ia pelos motivos acima.

E' claro que a exclusão do Vergilio é natural. Toda a gente sabe que ele não pertence á Madre Igreja Romana.

Aqui fica registado este parmenor na apparencia sem importancia.

Julho: 11.

Ontem fer-se a inauguração do monumento aos mortos da G. Guerra. Eu, é claro, não fui convidado para a cerimónia. Dizem os jornais que o Gomes de Sousa, o general q. comanda a Região, no seu discurso começou pela sua célebre e bem conhecida frase:

— O exercito é a pedra de toque pela qual se avalia a civilização dum povo!

Já conheço, por ele, a frase há uns bons 30 anos. O dr. Joaquim de Carvalho a quem notei a frase, disse-me com o ar mais sério deste mundo:

— Vê-se que é homem de ideias asperas...

Julho: 16.

Sempre irei á reunião do curso. O Paul Loure? estava em termos tão affectuosos e encareceu o Luis Mota e o Alberto Monteiro de me acompanharem que resolvi ir. Parece que se não fará a reunião sem a m.^a pessoa...

Lá não á néla uns 200 escudos com o passeio e a inscrição; mas que diabo! é uma vên em 30 anos...

Julho: 20.

Voltei hoje de Lisboa e pude assistir á reunião do curso. Foi, afinal, uma commemoração interessante e que correu excellentemente.

Um dia no Estoril (Tamariz) e outro em Mafra depois de tomarmos café na Escola do Exército.

Depois de 30 anos, foi romagem que teve seu interesse.

De tudo, porém, o que mais me impressionou foi o ver que os 30 anos não mudaram o espirito da maioria dos meus condiscipulos; com raras excepções são conservadores o mais possível e receiam uma mudança radical nos sistemas de governo. Daqui vem, de certo, a segurança da ditadura e a infirmitade de qualquer tentativa de modificações no nosso quadro politico. Eles reflectem em geral o exercito e em especial a guarnição de Lisboa, base essencial da situação militar actual. O meu falar sem jeias dizem eles que é bolchevismo...

Etc. etc.

E uma outra coisa que me feriu a retina e o ouvido foi a accumulção bestial de material de guerra por todas as

unidades de Lisboa e Escola de Mafra. Os quartéis da capital são fortalezas e a Escola Prática é uma reserva formidável às portas de Lisboa que facilmente percorre os 30 K. de distancia.

Isto é: a ditadura arma-se convenientemente e agora... é pegar-lhe com trapo quente. E por mais que o Salazar dê com um chicote na classe militar, a classe recolhe-se porque antes quer o chicote com o soldo certo no fim do mês do que o revirinho sem a certeza do ditado soldo a tempo e horas.

— Defendêmos a pele!

É a frase que resume um certo numero de argumentos que eu ouvi em resposta a certas lanchas que eu lançava de vez em quando a propósito de qual quer coisa.

E depois, com um ministro que se sujeita a tudo porque se sujeitou a ser general por distincção, promovido por causa do esmagamento de uma revolta militar "as coisas hão de seguir o seu natural caminho para destino ignorado.

E o Jesuíta, por sobre tudo, a abrir as asas protectoras...

" O general Daniel de Sousa.

Julho: 25.

Resolvi-me a responder ao escriptor francês J. Goulven, de quem escrevi qual quer coisa ha pouco tempo. A carta foi em francês, traduzida por m.^a Filha; e juntamente com umas notas dos mss. relativos a Marrocos existentes na Biblioteca universit.^a mandei, pelo mesmo correio, a m.^a monografia sobre o Accão da Praia da Vitoria.

A carta ficou copiada no vol.^o da "epi-
tologia" Ju

Julho: 26.

O Pinto Laureiro pediu-me ha dias um bocado de prosa para o numero quasi especial da Gazeta de Coimbra em que deverão sair os estatutos, socios e comissões do celebre Centro Republicano de Estudos Democraticos.

Deve esse numero ter certo exito. E como deram originais o dr. Manuel da Silva Gago, o dr. Anselmo Ferraz de Carvalho, o professor Martius de Carvalho, etc., eu escrevi umas linhas com a orientação do meu ultimo art.^o na Revista Militar, isto é: a minha maneira de interpretar a historia em geral e a militar em especial.

O Pinto Loureiro, depois de ler, disse-me que gostou.

Que havia ele de dizer?

Julho: 28.

Fui hoje á Figueira eude parece que vou ser colocado.

Na reunião do curso, em 17 e 18 deste mês, ao falar com um e outro acerca da nossa situação perante a prox.^a promoção a tenente-coronel, concluiu-se que esta se aproximava e que seria conveniente tratar do caso.

Eu, é claro, concordava; mas... a minha volta ao serviço é que me traco difícil. Pedir, não peço e a ser reintegrado será por determinação exclusiva do Ministério da Guerra.

O caso, porém, talvez se resolva pois me pareceu que o Paul Loureiro e o Alberto Monteiro se interessam pela minha colocação — não sei se por camaraderagem se por qualquer interesse oculto.

É bom estar sempre de pé atrás...

É certo que o Loureiro, no Ministério, pode mexer os cordeis se quizer; e o Monteiro é natural que deseje a m.^a companhia no regimento. Ontem, até, recebi carta deste ultimo em que dizia que o Paul

Loureiro o prevenira de que eu seria colocado na vaga aberta num batalhão de Infantaria 20; que se o commandante propozesse seria convenientemente feito já e que se o Quartel-general da Região informasse bem, eu seria colocado na prox. Ordem do Exercito. E o Monteiro concluiu que o commandante do 20 me proporia com muito prazer.

Ora em vista do exposto, cumpria-me agradecer-lhe e lá fui hoje á Figueira.

Fui bem recebido. O coronel Artur José dos Santos é bom homem, confiante, de sejo sempre de conciliar e faz um commando discreto, mantendo a officialidade em boa harmonia. O ambiente pareceu-me bom; o Monteiro assegurou-me que não haveria perigo para mim; o coronel tambem me disse que eu estaria lá muito bem porque um ou outro mau elemento que havia, desaparecera.

Confim... vamos a ver. Entrego-me á sorte — que aliás ha muito me persegue. Assim seja.

Agosto: 1.

O Centro Republicano de Estudos Democráticos appareceu finalmente em publico! Post tantesque labores...

A Gazeta de Coimbra, no seu ultimo numero, o 2917 de 30 de julho, publicou os estatutos, os nomes dos directores e dos que constituem as Comissões e varios bocados de prosa alusivos aos fins do Grupo, assinados por nomes de certo nome: desde o Brito Camacho, desceudo ao Dias Pereira até chegar á ru.ª modesta pessoa.

O pizôr foi que o meu bocado de prosa com o título de Historia militar, saiu com gralhas e umas delas foi a supressão de duas linhas do original. É uma prova evidente da confusão da época...

Mas enfim... Aqui fica ^{no} arquivo esse "bocadinho de airo", saído da ru.ª pessoa:

HISTORIA MILITAR

Na resolução do problema da cultura em Portugal está incluída, embora em parte restrita, a maneira de estudar a historia militar portugueza.

Ha, na especialidade, alguns trabalhos de valor; mas não teem tido a influencia que seria necessario ter; uma historia geral menos mal orientada ficou, infelizmente, no começo.

Assim se pode dizer que a historia militar anda ao sabor das correntes politicas; amoldam-se os factos ás preocupações subjectivas; e apparecem explicações consoante conveniências de momento. Não ha uma severidade de critica sem preconceitos; e se alguma discussão surge sobre este ou aquele caso, os contendores tomam uma attitude aggressiva que redundá quasi sempre em questão pessoal.

O problema tem, pois, de ser agitado com clareza e com boa vontade. É necessário acabar com todas as limitações

quer as que nos dão infalivelmente as classes

quer as que nos impõem as ideias políticas ou crenças (ou fingidas crenças) religiosas.

Eu bem sei que é difícil cortar de vez com todos os preconceitos e até com todos os erros. E quantas vezes esses erros e preconceitos veem encobertos com uma boa prosa que nos deleita pela sua musicalidade e pela elegancia dos conceitos!

Mas é preciso pôr o problema a descoberto e mostrar que a interpretação dos factos e da acção dos homens deve ser feita doutra forma despindo uns e outros do sobrenatural que tudo estraga e, sem preocupação anterior, no fito unico de esclarecer a verdade.

E como consequencia de tudo isto, teremos que pôr de lado a admiração pelo passado para só ver nele o que nos possa ajudar para o futuro. «Ce qui est vieux doit rester vieux» como disse, creio eu, Renan.

Só assim libertaremos o pensamento e creio que então é que poderemos estudar sem a obcecação doentia (mas infavel) de que o redentor tem que apparecer numa manhã de nevos.

Julho, 1932.

Belisário Pimenta

Seria realmente gualha tipografica ou a censura politica fareja ou referencia á classe militar? Qualquer das hipoteses pode ser admitida.

Agosto: 3.

Ontem fez-se em Lisboa, com grande aparato oficial e extra-official, o enterro do

muíto sabio, do bom, do excelente, do inolvidavel D. Manuel de Bragança, ultimo rei português; e como se ele não estivesse já alcaudorado na Historia pelas laurarni-nhas dos seus acolitos e dos orgãos de in-jureza dos actuaes ditadores, ainda foi ne-cessario traze-lo solemnemente para o Pan-téon dos seus maiores, com barulho su-surdecedor para que a fama se não dei-xasse adormecer nem as suas trombe-tas ponderosas ficassem enferrujadas...

A manifestação monarchica foi com-pleta, como não podia deixar de ser. Não faltou, segundo os jorna-listas, o pol ale-gre de Portugal, a chispar pelas cantarias da cidade centelhas brilhantes de apoteó-se!...

Com o funeral de ontem fechou-se, conforme disse o illustre presidente Sa-lazar, a ferida sangrenta que a revolu-ção de 1910 abriu no corpo da Nação. A ferida cicatrizou com as centelhas solares e com as casacas solares dos monarchicos reverentes e compungidos.

Ainda bem.

E o que mais impressionou o mun-do e me sensibilizou quasi ao ponto das lagrimas — foi o saber que ás exequias solares em S. Vicente compareceu, de

luto riparoso e aspecto verdadeiramente de sofrimento, a mulher do general Carmona (a muito celebre taberneira de Chaves) acompanhada por uma filha.

Como é costume uma tenura assim!...

E o Corpo diplomático, reverentemente, curvou-se á passagem dessas mulheres com luto riparoso e rosto verdadeiramente alanceado pela dor...

E logo a seguir, ao som de clarins e dos passos rípidos dos soldados do Paul Esteves — appareceu o ataúde do homem que ia entrar definitivamente na historia.

Ora ao meu lado, qualque demonio invisivel, pegada-me:

— Entrou definitivamente na historia ou simplesmente na palçada de S. Vicente de Fora? Vê lá como escreves, não não essas palavras complicar, para o futuro, algum investigador consciencioso...

Quiz responder, mas o demonio era invisivel... Fiquei-me a olhar as illustrações dos periodicos que largamente traçam do successo; e confesso que ao recordar esse rei que era alvo de tanto manijobação de hipocrisia, murmurei:

— Polve rapaz!

Agosto: 7.

Ontem tomou posse do governo civil do Porto o advogado Domingos Moreira, filho do professor Guilherme Moreira que foi protector do Salazar nos tempos de principiante deste como futuro lente e futuro politico.

Mais um monarchico que vem servir a Republica...

Os jornais dão ao acto um enorme relevo. Transcrevem os discursos e por estes se vê a arrogancia com que todos falam — esquecendo completamente a Republica, palavra que se não pronuncia...

Mas o que me levou a apontar o facto, foi uma frase do ministro do Interior ao referir-se á felicidade de que o povo portuguez está gozando desde que vivemos em regime de ditadura reutilizar; disse que era necessario que ela continuasse; e com simplicidade camouflete concluiu:

— Que esse lar, essa grande « cidade nacional » se constitua « pacificamente... » Mas não haja illusões: se a não poderemos construir pacificamente, construir-la-remos « violentamente... »

Felicidade á força!... felicidade pela
violencia!...

Agosto: 10.

Floje, de manhã, o dr. Rocha Brito
chamou-me a atenção para o que o Diá-
rio de Coimbra disse a respeito no nume-
ro da Gazeta que celebrava o aparecim.^{to}
do Centro de Estudos Democraticos.

E acrescentou com ar de rijo:

— Uns réles... uns denunciates...

O artigo tem sido muito censurado.

Fui á procura do jornal porque é
necessario explicar: desde 1 deste mês
que não saio de casa por causa de uma
veimosa bronquite que me agarrou não
sei como e não me quer deixar.

O numero de que se trata é o n.º 765
de 2 do corrente. traz em letras grandes
na prim.ª pagina, um artigo que abraça
tres columnas com o titulo Dos Estudos
Democraticos. Não traz assinatura.

É uma critica trocista ao grupo; faz
considerações pouco inteligentes sobre
a sua formação e passa em revista os
varios artigos publicados. E quasi todos
se dirige com ares de troça paternal e
algumas réles réles; só aponta o ilus-
tre Dias Pereira a quem chama ama-

velocemente « um dos maiores visionários políticos destes tempos. » Sempre é bom per-se transfolineiro...

Com o Dr. Joaquim de Carvalho tem atencões e concorda inteiramente com as suas considerações.

É claro que eu também apauho e devo dizer que talvez seja o mais maltratado; e a Gisca que me lançou é tão es-túpida que a verdade é de rir mais do que tendencia para enjogar. Dizeu eles:

« O sr. F... despreza o sobrenatural o que afastará certamente do Partido Democrático (sic) quem tiver creanças... » e fecha com esta: « Trata-se portanto dum grupo atéu que em nome da Liberdade não tolera creanças. »

São burros ou não?

Quem escreveria aquilo? Compreenderia o homem o que eu escrevi e fez aquella annotação para desorientar? Ou não perceberia e nesse caso não faz mal que lhe chame burro?

O que me pareceu, também, é que ha certo tom de despreso na maneira como me trata. Que mal lhe faria a minha prosa que nada tem de aggressivo e não ofende quem quer que seja?

Agosto : 12.

Fui hoje convidado para ir falar ao Tenente de Infant.º demittido Cesar de Almeida, um dos grandes entusiastas em Braga da preparação do movimento de 28 de Maio e um dos diurnicos officiais dos primeiros tempos.

Dizem-me que é sincero republicano; e como tal, foi um dos desiludidos ás primeiras amostras da situação actual. Desprezado, como muitos outros, entrou nas conspirações seguintes que deram o resultado que todos sabem. Como muitos outros, foi demittido e é procurado pela policia politica. Ando a monte, escaudado aqui e ali por casa de uns e de outros.

Ora foi mesmo dessas casas que eu o visitei, a convite dele. Não o conhecia e achei um individuo simpatico, intelligente, ar de desembaraço, pessoa «para uma pressa» como é vulgar dizer-se, maneiras distintas de creatura habituada a boas relações. Queris ele q? eu me encarnasse, em Coimbra, de organisação, dentro da guarnição, de novo movimento revolucionario, alegando que só o meu prestigio pessoal se-

ria capaz de fazer reunir certo numero de elementos descontentes que cautelosamente se não manifestam, e só eu seria em Coimbra a pessoa com qualidades para dirigir a empresa.

Não sei se o rapaz foi sincero se o que disse seria para me conquistar; supuz que foi sincero e sinceramente expuz-lhe a situação tal como ela me parece e fiz-lhe um quadro dos valores da guarnição quer os que são leais á situação politica quer os que lhe são contrarios; procurei demonstrar-lhe que estes ultimos com excepção dum ou dois, o maximo, são creaturas com quem não conviria ir mesmo f.^o o céu... E ainda fiz-lhe um retrato tão fiel quanto possível da m.^a pessoa f.^o ele se convenceu que não sou eu o modelo de dirigentes de revoluções e m.^{to} meus de aliciadores f.^o o mesmo fim.

Em conclusão: no final da minha longa exposição que me parece ter deixado impressionado o ex-tentante, este ficou convencido de que em Coimbra era melhor não mexer; e se ha vontade e possibilidad.^e de derruir a ditadura não é pela Lusitania que se deve começar — antes pelo contrario...

Ao despedir-me do Cesar de Al-
 meida, pareceu-me pelo ar abatido
 que lhe vi, que ~~me~~ me desobreei mais uma
 ilusão. Vieni a Coimbra com esperança
 de ver um caminho mais ou menos
 seguro; eu tapei-lho com a expressão
 cheia de escepticismo (não nego) mas nem
 por isso menos sincero e creio que veri-
 dica. Sai da casa com jura do rapaz.
 Daquella residencia teria de passar pa-
 ra outra, depois p.^a outra e a seguir ain-
 da para outra e assim successivamen-
 te até... Até quando?

Vim aborrecido com a desilusão q.
 causei; mas não seria melhor assim?
 Para que alimentar esperanças sem fun-
 damento?

Em Coimbra, nada feito. E' melhor
 não mexer... E quanto a mim... digo
 o mesmo: não me mexam, não sei-
 ro p.^a tais audanças.

Polvre Cesar de Almeida! O que vai
 ser feito dele?

x

Outro assunto, agora.

Ontem e hoje assisti ás lições no
 curso de férias da Faculd. de Letras, fei-
 tas pelo Sr. Henriques Cidade sobre literatura
 portuguesa.

Versáram, acerca de Luis de Ca-
mões e foram magnificas de clareza,
de erudição, de interpretações, de conceitos;
porém, a forma, isto é, a exposição re-
sentê-se um pouco do nosso passado
retórico, da tendência catedrática para o
enfático. Será isto proprio dele ou absor-
ção dos defeitos do ambiente?

Foi o unico senão que encontrei nas
lições e fiquei com a impressão de que o
bidade é um autentico valor, ainda no-
vo, talvez, mas que, com o tempo se
afirmará e ainda mais com a idade
— se, é claro, se não esgotar...

Ontem não lhe falei. Esperei que ele
me reconhecesse e se quizesse me vies-
se falar. Com gente de café e barba é
necessario muito cuidado...

Mas ele hoje foi o primeiro a falar.
Estava em no corredor da Faculd. a' espe-
ra, num banco, de hora da entrada, e
por desfastio a escrever num tocado de
papel uma equação do 2.º grau com ter-
mos irracionais, quando senti ao lado
uma voz amavel:

— Como passa V.ª.?

Olhei e vi ao pé de mim o Heruani
bidade. É claro que lhe mostrei muito
agrado e ao diripir-se para a sala das

conferencias, não me deixou passar por
 ra a esquerda e tratou-me reverente-
 mente por « meu coronel... »

Preferiu-me ao meu feitio investiga-
 dor que se deveria confundir no am-
 biente de Coimbra; e quando eu lhe disse
 que trabalhava só por mero prazer espi-
 ritual e não para criar nome porque
 mesmo ninguém dava pelo meu traba-
 lho, ele disse amavelmente:

— Está V... expandido. Ela quem co-
 nheça os seus trabalhos e quem lhes dê o
 devido valor.

E perante um encolher de ombros de
 desdenho que tive, ele continuou:

— Permita-me que lhe conte uma
 anedota... Em Nova York havia um to-
 cador de carrilhão numa velha igreja que
 viveu sempre entregue ao seu sonho
 musical; seu nome ainda se fazia ouvir
 bastante, porq. o bairro onde estava a
 igreja era relativamente sossegado, mas
 com o andar dos tempos, o barulho foi
 aumentando, tomou-se insurdecedor
 e já ninguém ouvia o carrilhão. Contu-
 do, o tocador lá ia, todos os dias, religio-
 samente, tocar as suas arias, compôr
 arias novas, no meio do tru-á-á infer-
 nal da cidade, convencido de que tocava

só para mi e por simples prazer íntimo;
 muito pessoal. Ora um dia, em qual
 quer local ouviu falar do seu carrilhão;
 um indivíduo, com ares de artista, dizia
 que a certas horas do dia largava o seu
 trabalho p.^a ir ouvir, com encanto, a
 musica dos sinos e nesse mesmo dia
 ficára arreliado porque o carrilhão ficá-
 ra mudo e privara-o do prazer ineffá-
 vel da musica. O carrilhãoista, velho,
 curvado ao peso de tantos annos de indi-
 ferença do mundo, endireitou-se ao ou-
 vir o artista; precisam.^{te} nesse dia e
 por caso excepcional não tocára; as lagri-
 mas correram-lhe suavemente; o aze-
 dum de incompreendido transformá-
 ra-se em suavidade bíblica... Othou p.^a
 o artista ternamente, com vontade de o
 abraçar e de o beijar. Não sabia quem
 era. Mas a felicidade estava em saber q.
 no meio do tumulto infernal da cidade
 havia alguém que o escutava; daí por
 diante sentiria a consolação, ao tocar, de
 saber que não tocava só p.^a si, que outros
 ouviam e escutavam e compreendiam...

E o glorioso Cidade concluía que se
 deveria sentir como o velho musica de
 Nova York a consolação que tem os trabalh-
 adores modestos que se não quece-

para com o publico: isto é, a consolação de saber q. duas ou tres pessoas me conheciam e apreciavam os meus trabalhos.

E com este amavel ajolapo nos despedimos para ele comecar a lição. Mas confesso que fiquei sem perceber bem onde ele queria chegar...

Agosto: 27.

Dois factos q. devem ficar registados.

Um refere-se ao celebre artigo do Diario de Coimbra que critica as prozas dos componentes do Centro de Estudos Democraticos # que ha dias deixei no tado, a pag. 329-330.

O artigo foi escrito nem mais nem menos que pelo medico Moura Rebelas, actualmente governador civil... E o mais interessante é que este cavalheiro passa por inteligente.

Sloune quem lhe censurasse o acto e lhe dissesse qualquer coisa aspera — ao que ele respondeu que o artigo fôra apenas uma taracha sem intuios ofensivos e muito menos de denuncia.

Seja como fôr: fica-se sabendo quem foi o autor e que o sr. governador civil distrai os seus ocios recreando tarachas inofensivas...

O outro facto diz respeito ao Dr. Joaquim de Carvalho.

Num grupo de amigos e todos conhecedores do que vale o illustre professor, foi muito censurado o proposito seu que elle está de publicar a obra actual de todos os reaccionarios em edicões da Imprensa da Univ. para (segundo elle) ficarem testemunhos de todas as atitudes mentais do momento. E acrescentava-se: « todas as atitudes mentais dos reaccionarios, mas só as dos reaccionarios... »

E como a conversação deslizou para a falta de cooperação que elle tem dado a qual quer iniciativa liberal, houve quem explicasse:

— Elle agora não fez nada que não se já para ganhar dinheiro. É escusado inter com elle sem primeiro ajustar preço.

E aqui está como são os homens de pensamento entre nós. Pode haver certo exagero no que aí fica, mas ha muito de verdade. O Dr. Joaquim de Carvalho é suspeito á actual situação politica e procura apontar-se com os tagalés aos reaccionarios sem esquecer o necessario mercantilismo... É a dureza da vida de hoje com todas as suas brutalidades.

Agosto: 24.

Acres da m.^a colocação em Inf.^a n.^o 20, nada ha. O Paes Laureiro não me escreveu, o Monteiro catou-se e eu estou a ver que tudo fica na mesma.

O Laureiro tem um feitio muito especial; ~~é~~ é muito capaz de não fazer caso do que prometeu. Não quererá comprometer-se com um camarada suspeito ou pelo menos duvidoso.

Agosto: 25.

Hoje, casualmentê, na Bibliotheca da Univ.^{rsid.} vi entrar entre os livros recebidos do Depósito legal, um volume com o seguinte título: Terceira. A Ilha de Jesus, do terceirense Gervasio Lima.

Vi que era volume comemorativo do centenario e peguei nele, por curiosidade, para ver se falava na accão de 11 de Agosto de 1829 e na m.^a monografia.

No final do volume vem larga bibliographia mas não vi nela o meu trabalho... Procurei a noticia da accão e lá vem, realmentê, em duas ou tres paginas, em linguagem enfiada, com a reprodução de todas as banalidades dos livros e repetição de alguns erros que eu procu-

rei corrigir. Por onde se vê que o escri-
tor Gervasio Lima não quiz proposita-
damente citar a m.^a memoria e meus
mesmos aproveitaram-se do que eu lá di-
zia de novo sobre os successos.

E eu a julgar que o meu trabalho
valeria para alguma coisa!

Já ha dias, no n.^o do Diario de Noti-
cias dedicado ao centenario, que eu es-
creveu acerca da vida da Praia e a accão
de 11 de Agosto fez a mesma coisa que o
Gervasio; mas num jornal não será
muito p.^o reparar, o que se repára é no
livro feito a serio e para ficar.

Do vir para casa e pensando no
caso, lembrei-me de que o Vitorino Ne-
mesio, em 1929, quando andávamos a
organizar o volume do Memorial, me
dissera que o Gervasio Lima é que que-
ria fazer o capitulo da historia da Praia
e em especial o da accão militar de 11
de Agosto.

Deve estar aqui a explicaçào — se
bem que a explicaçào redunde em pre-
juizo mental e moral para o dito Ger-
vasio Lima. Erau, pois, ciuumes de
bairrismo açoreano e ... ciuumes de
historiador! Não poderá ser outra coi-
sa, com certeza.

Polvo Genovasio!... O que ele não sabe é que eu sou incapaz de ter ciúmas dele...

Agosto: 29

Continuo sem saber o que ha a respeito da m.^a colocação no regimento de Figueira. Estão a extranhar e a desconfiar do silencio.

Resolvi ir passar o mês de setembro à Figueira. Se vier a colocação no 20 já lá estarei; se não vier... esperarei os acontecimentos com calma e creio que com indiferença.

Figueira da Foz: Setembro: 8.

Aqui estão, desde o dia 1, na expectativa de que seria colocado em Infantaria 20 conforme as promessas tão amavelmente ditas e voluntariamente oferecidas.

Eu já tenho idade para ter juizo, é certo; mas não fica mal confessar que ainda acreditei na sincerid.^e e na seriedade dos promettimentos...

Passo os dias mais ou menos escondido no recanto entre dois baluartes do forte de S.^{ta} Catarina hoje entregue a uma Societ.^e qualquer de Turismo. O recanto está voltado ao sul, e dele vejo as ondas

bater na muralha construída na prau-
co ~~na~~ na barra, do lado sul; e pelo sim-
to, em baixo, a uns 20 m. de tanto, ba-
tar com zum-zum constante, as ondas
deste lado.

É uma verdade: retiro... espiritual
a que até não falta um padre, ás vezes,
que passa subtilmente embetido na lei-
tura do breviário. É recanto a meu
gosto, onde nem pouca gente, onde ha
por consequencia sossego e — como
neste momento em q. escravo — onde
se disfruta o curioso espectáculo da pas-
sagem das traineiras que afrocitam
a praia-mar para sairem a barra, gal-
gando as ondulações fortes da agua, es-
parrinhando espuma com a jóia agu-
da, simbolo muito batido mas sem-
pre novo da eterna luta.

Aqui tenho lido os numeroes segui-
dos de O Desemprego do Sr. José Agosti-
nho de Macedo que me fazem cismar
em certas verdades que ele diz. Aqui
li A Batalha sem Fim do Aquilino que
me impressionou; e aqui estava ontem
a ler innocentemente o Paulo e Virginia
de St. Pierre e a apreciar a candura do
autor e das personagens do romance,
quando um amigo me mostrou, num

geral, a transcriçãõ da ultimo Ordem
do Exercito pelo qual fui colocado como
2.º commandante do regimento 6, em Pe-
naphiel.

Aqui está no que deu a tão prometida
colocação em Inf.º 20, na Figueira!

Penaphiel!... Canções do Minho, terras
belas, horisontes liúdos e humidos, o
Marão a fechar o horisonte leste, o Douro
ao fundo dos vales arborizados!

Tudo muito bonito, mas o certo é que
só em pouco quanto isto me transtorna
a vida.

Eufim...

Conversando ontem com o coronel
Santos, a quem tenho contado as mi-
nhas relações com o General de Sousa,
ele é de opinião (que me parece judi-
ciosa) de que fui afastado da Região
porque o general, muito naturalmente,
não me quereria sob o seu commando.

Será assim?

Lá irei para Penaphiel qualquer dia,
carrerei mais um canto do país, ve-
rei mais terras, conhecerei mais gen-
tes... O país é o mais mau, como diz
o povo. Que gente será a do regimen-
to? Que tal será o ambiente penafi-
delense? O que me poderá acontecer

perante qualquer tentativa revolucionária?... Vamos a ver.

O tempo dirá se... dissés.

Ontem mesmo escrevi ao Raul Loureiro, muito aborrecido, estranhando o silencio dele e o resultado tão diferente das suas promessas.

Não ganhei nada com isso, mas adeante. E ele, segundo o seu costume, não responderá.

Figueira : Setembro : 11.

Fui ontem a Coimbra apresentar-me. Fui recebido no Quartel-general como o grande Elias : optimamente...

O chefe do Est.^o-maior, o tenente-coronel Salvador Pinto da França é creatura de extrema delicadeza; nunca em Coimbra estive em chefe de Est.^o-maior de tão fina educação. Recebeu-me muito bem mas não aludiu, nem por alto e muito naturalmente, á m.^a situação de momento. Eu é que aludi vagamente aos prejuizos que me causa a deslocação mas ele, delicadamente, não deu láoco.

É filho do meu antigo professor da Escola do Exército, o Bento da França Pinto de Oliveira Salazar, a quem os rapazes

chamavam o Bento da Prussia, embora made lizesse daquilo a que vulgarmente chamamos prussianos.

Lá me deram os 10 dias da demora regularmente e no prox.^o dia 21 irei para Penafiel.

O que tãr porã.

Spueira: Set.^o 20.

Encontrei hoje aqui o coronel-farmacêutico Fernando Paixão, meu patricio e contemporaneo do Liceu.

Na longa conversã que tivemos deu-me a explicaçã da pu.^a ida para Penafiel. Contou que ha certo tempo, estando no gabinete do ministro (com quem tem antigas e boas relações pessoais) assistiu á conversã dele com o seu chefe de gabinete relativamente á collocaçã dos officiaes que estão no Quadro e que ele, ministro, não queria « á boa vida. » Os pedidos foram tantos quando isto contou e de tal forma variados que era impossivel que era impossivel conciliar tantos interesses ameaçados; e daqui veio a soluçã tomada á qual o Paixão assistiu.

Consistiu ella em relacionar, por ambiguidade, os officiaes que se iam collocar e em relacionar as terras onde ha-

ria vagas pela sua importancia e proximidades dos grandes centros. Feito isto, o official mais antigo seria colocado na primeira terra indicada na relação correspondente; o immediato em antiguidade na terra que se requisisse; e assim successivamente. Se foi esta a razão por que vou para Penafiel, concordo. Sou dos mais antigos se não for o mais antigo; a terra é considerada boa (como creio que é); daqui a minha colocação no regimento n.º 6.

Começo a convencer-me de que fui beneficiado... É realmente, não vindo para a Figueira e não havendo nada nos arredores, Penafiel é, de facto, bom lugar.

Vamos a ver o que pái desta minha aventura.

Penafiel.

Setembro: 22.

Cheguei ontem por tarde de barranca que largou aguaceiros de botá-abaixo por essas serras e vales.

A trovoadas roncou ao redor; o vento soprava do sul com furia; nuvens pesadas cobriam o horizonte e tapavam até as cumeadas proximas.

Contudo, vi bem queer no caminho que segue por vales rasos ou riuinhos apertados, queer na subida, de carro, para aqui, e mesmo das janelas do meu quarto — vi bem, dizia eu, que estão no meio do Minho, sem tirar meu pé.

A mesma expressão topográfica, o mesmo aspecto na cultura e arborização; e o aglomerado de casas que constitui a cidadezinha, tanto pode ser quasi Beaufiel, como Guimarães, Fafe ou um bairro de Braga. É o Minho ainda, com toda a sua alegria e o seu pitoresco que a barranca não afeta; as próprias ruínas muito baixas dão novos contornos aos montes, fazem variar o horizonte próximo, dão-lhe uma vez altura de rochas, outra vez encosta arborizada, outra ainda, afastando o recorte final para uma zona que se não define bem por entre a cerração.

Hoje de manhã o sol sempre de quando em quando, parecendo que iria afastar o acastelamento de ruínas baixas; mas não: o vento sul continúa *manter-se* e os aguaceiros continuam com violência e densidade.

A minha impressão, porém, não se modifica; o Minho é sempre agradável

para mim; há em tudo ele um conjunto que me reduz e que me sinto sem saber definir.

Espero que cheguem os dias limpos; e então os meus olhos se espraíarão por montes e vales e poderão embalar-se na harmonia destas encostas e serranias tão alegres e atraentes.

Meia hora depois da m.^a chegada ao hotel, entrou-me pelo quarto o coronel Afonso Henriques Barbeitos Pinto, chefe do Distrito de recrutam.^{to} e reservas n.^o 6 e comandante militar da localidade.

Já o não via há vinte e tal anos; não o reconheceria se ele me não falasse e só a sua voz meliflua, m.^{to} característica, me deu a conhecer. Muita festa para a festa, recordações de outros tempos, referências a contemporâneos, explicações sobre a m.^a vinda para aqui, assuntos é claro operatórios p.^a gente que se não encontra há muito — e eis que ele me começa a contar isto e aquilo, a falar deste e daquele, a pretextar de me elucidar acerca da ~~terra~~ terra e do ambiente onde vinha a cair, p.^a não andar de olhos fechados...

Mas não sempre deste Barbeitos Pinto uma má impressão; já na Escola de

Exercício ele me não era simpático; diziam-se, até, coisas exquisitas a meu respeito; de modo que me vi atenciosam.^{te} Tudo quanto ele entendeu que me devia dizer « para meu conhecimento » e não comentei qualquer das informações.

Damos uma volta pela cidade, depois, quando appareceu uma alberta. Ele lastimou o mau tempo que estava; e como eu dissesse que, apesar disso, as impressões eram boas e como fizesse ligeiros reparos á architectura das igrejas e edificios principais, ele mostrou-se satisfeito com a minha conversação e foi dizer depois que eu gostara mu.^{to} da terra e patria muito de coisas de arte...

É a propósito, não me mencionar que eu era esperado em Penafiel com simpatia. Os estudantes da Universidade, frequentadores da da Universidade Livre e um contemporâneo da Escola do Ex.^{to}, official de Artéria que eu ainda não vi, tem-me feito ambiente favoravel de simpatia, de curiosidade e talvez até de interesse. Percebo isso em todas as conversas e em todos os cumprimentos que me fazem.

É depois... parece que na terra não é muito simpática a situação politica ditatorial; pelo menos assim me tem di-

to e assim tenho percebido. De modo que a m.^a pessoa é olhada com curiosidade amigavel, curiosid.^e que salta aos olhos.

Válha-nos, ao menos, isso.

Quanto ao command.^{te}, o coronel Julio Cesar Gil Iglesias, ainda não posso fazer juizo. Recebeu-me bem, mas sem a natural afabilidade que eu esperava de um contemporaneo da Escola. Foi correcto, é certo, mas com certa frieza.

É verdade que a sua vida particular atribulada dá-lhe feição concentrado e um tanto ou quanto neurasténico; e é tambem verd.^e que poderia não gostar muito que um elemento como eu lhe caísse aqui, no meio desta pacotez de um regimento com 50 soldados e que ele commanda há uns cinco annos e tanto com a confiança e apoio superiores.

Falarei mais de espaço.

Peña-fiel.

Setembro: 23.

Na vespera de vir p.^a aqui recebi uma carta do Tomás de Fonseca com uma carta da secretaria geral do Congresso Bazarão dirigida á Uiversid.^e Livre com convite p.^a tomar parte no mesmo Congresso.

O Tomás mandava-me a carta do Congresso 8.^a em responder e inclusa enviava a resposta particular que ele deu a Mario Ramos, signatário do convite.

Esta resposta particular é excelente e tanto que a vou transcrever para memória:

« Meu caro dr. Mario Ramos. — Ao
 " convite pessoal que já me tinha feito para
 " assistir aos trabalhos do Congresso Beirão,
 " meim agora juntar-se a circular enviada
 " da Junta secretária do mesmo Congresso
 " insistindo no convite. — Agradeço as
 " suas atenções, provas de velha estima,
 " mas as circunstâncias em q. vive a Re-
 " pública Portuguesa dominada ha 6 annos
 " exclusivamente pelos monarchicos e pelo
 " clero, sem liberd.^e de imprensa, de tribu-
 " na e de reunião — caso unico na historia
 " — impedem-me de tomar parte no
 " Congresso que você tão zelosamente es-
 " tá organizando. — Renovando os meus
 " agradecimentos, etc. — Martague, 18-
 " 9-32 — (a) Tomas de Sousa. »

Quanto á minha resposta, em nome
 me da Unversid.^e Livre, quando-a o
 mais simples possível:

« Ex.^{mo} Sr. — A Universidade Livre
 " agradece o convite de V... datado de 16 do
 " corrente e infereus de que não pode, actu-
 " almente, por varias razões, cooperar nos
 " trabalhos do 5.^o Congresso Baiano. — San-
 " de a fraternid.^e — O Presid.^{te} interino — (a)
 " Belisario Pimenta. »

Penafiel.

Setembro: 25.

O tempo continua chuvoso; cargas de
 agua enormes ~~em~~ não caindo sobre es-
 ses telhados de ardósia e zinco com estre-
 pito. Ainda não vi os montes ou cam-
 pos que cercam Penafiel nem os rios de
 cordas de agua; ainda não sei bem o que
 ha á volta de mim — e pomeute me pa-
 rece que, como um dia de sol claro, os
 olhos terão sede correr com prazer, nales
 grandes ~~em~~ em que a verdura lipue sua
 vermente com as encostas; encostas arbo-
 rizadas cheias de casarêdo sede nem-
 que deve polverair umas torre de igreja;
 courelas de milho a amarelecer rodeadas
 de latadas, ainda a teimar na cor verde-
 escura; e no fundo dos valeiros a agua
 deuerá correr com estruendo, de pededo
 em pededo, fazendo-se ouvir até em

cima, com sussurro amavel como o do mar ao longe.

São estas as impressões que colhi nestes três dias, da paisagem local, sempre velada por aguaceiros e névoas. Estes 300^m de altitude em que se está, fazem tornar demoradas as crises de tempo semelhantes. E resigno-me a esperar que o vento rode do sul p^o os quadrantes do norte e noroeste p^o que a luz realce estas belezas naturais e eu me satisfazo no desejo que tenho de ainda aproveitar a frescura da paisagem que, neste declinar para o outono, começa a amarelhar gradualmente.

Esperarei com paciencia que as condições meteorológicas se modifiquem p^o aqui deixar averteadas as minhas impressões pessoais — que poderão confundir-se certamente com a vaga saudade dessa outra paisagem valenciana que a minha retina ainda mantém, ou a doce lembrança desse doce vale de Caldeas que a m^{te} gratidão não poderá esquecer.

Estou no Minho verde e alegre; e tanto basta p^o que eu me sinta bem, p^o ra que eu sinta que me invade uma onda de sossego e que se afasta suave

mente o nervosismo que ultimamente me tem atacado.

Tem compensação, se não sei ainda o que é a paisagem envolvente, sei já a por varias vias, quais são as questões principais da terra e o que se passa nos bastidores regimentais...

Os meus sentidos estão cheios de todas as tricas locais; e como algumas delas são interessantes, aqui ficarão mencionadas successivam^{te} conforme a minha boa ou má disposição para escrever.

Pouafiel.

Setembro: 27.

O tempo, enfim, abriu um pouco o seu sorriso... E eu não me exparei.

Estou, sem devida, no Minho e num dos melhores locais. Ainda esta manhã, do meu quarto que deita ~~para~~ para uma varanda coberta por largo beiral, eu vi, alegremente, as encostas em frente bem rixidas, polverizando-se até á cumeada numa harmonia suave. O casario, por entre a verdura, já um pouco amarelada ou avermelhada; os campanários de igrejas que surpem por entre pinhais cerrados; a crista rochosa dos montes mais altos; o sussurro

do Cavaleiro, lá em baixo, saltando dos pedregulhos e dos açudes das ruínas;
— tudo isto constitui o cenário típico da
provincia, tão característico entre as paisagens
portuguesas, tão agradável aos
meus olhos, tão tranquilizador para o meu
temperamento.

Falarei mais de espaço.

Coimbra:

Outubro: 1.

Vim ante-ontem de Penafiel à Figueira;
ontem acompanhei a familia para aqui;
e hoje aqui estou ás voltas com negocios
e arrelias...

Ao andar pela cidade, não sei o que
sentia de estranho. Sem querer, ao percorrer
as ruas, saltava-me aos olhos a paisagem
que vejo da varanda do meu quarto
de Penafiel; e quasi me sentia estrangeiro
na minha terra...

O succato do Minho aborrecu-me
nos oito dias que lá passei e sinto que
ainda falta muito tempo até a minha
noite, até á hora do comboio que me levará
outra vez para a minha nova residencia.

Será o concelho romano « ubi bene,
ubi patria » a fazer negações á minha
simplificação por Coimbra? Serão feitos

ancestrais e misteriosos de umas costelas miúdas de Guimarães e Vila do Conde, e apagar a viva impressão que tenho da paisagem coimbrã? Será porque em Penafiel a vida corre suavemente, como a água tranquila dum riacho por entre sinuadas pitorescas — e aqui é constantemente agitada por contrariedades e desgostos?

Sei lá!... Adiante de mim há um jalco com um pau corrido. O que virá quando o pau subir?

Penafiel.

Outubro: 3.

Faço hoje 53 anos. Cheguei esta madrugada de Coimbra depois de 4 horas de comboio ronco até ao Porto e de hora e meia de « camionette » do Porto até aqui, em verdadeiro periplo de vida.

Adiante de Valongo os faróis do carro pegáram-se a iluminar a estrada; e aí viemos nós com o foco insignificante que o motor resolveu fornecer, quasi às escuras, por estrada cheia de curvas apertadas e perigosas.

Mas enfim, chegou-se quasi às 3 horas da madrugada; e para pinto-me mais pesado com um ano sobreposto

aquelas que já tinha... Que se ha-de fazer?!

Encho aqui um livro sobre Benafiel que meu de propósito reproduz um caso idêntico. Trata-se de uma poesia de um dr. Rodrigo Beça, medico penafielense, homem culto e dado a humanidades que nas mesmas alturas dos 53 anos trocou veruaculam. É em verso o seu aniversário:

« Meu amigo: Juntei mais um jaseiro
dos meus 52 que antes contava;
E meus desta conta já não levo
Comigo quando for chamado a contás!
Estou velho, que importa? Bagatelas. »

É pegue por aí fora, com considerações variadas e interessantes. Há apenas uma diferença: é que ele diz que passou a vida contente; e eu... muito longe d'isso, muito longe...

« Meio século assim passei contente,
Com tres annos, por cima, de recheio,
E apesar de tudo ainda sou gente! »

Paciencia. Nem todos podem dizer o mesmo.

Esta página vem a pag. 203-206 do
 livro Penafiel. Plântem e floje de Coriolan-
 no de Freitas Bessa, ed. de 1896, Penafiel.

Penafiel.

Outubro: 9.

O tempo, de vez em quando, dá um
 ar da sua graça e descebre a paisagem.
 Então se vê o encanto da região — quer
 a do nascente, que avistó da varanda do
 meu quarto, numa successão proxima
 de encostas arborizadas que se reúnem
 numa baixa onde cabe a freguesia de
 Milhundos, quer a do poente e norte,
 larga depressão de verdura, de aspecto
 calmo, de serenid.^a magnifica que vem
 das ultimas curvas do Sousa e do per-
 fil accentuado da passagem do Baltar e se
 perde na mesma linha das serras do Ge-
 ner por sobre o casario branco da vila
 de Felgueiras.

Nas tardes limpas, as encostas do nas-
 cente são tristes; ha certa melancolia
 na tonalid.^a da paisagem; as modas cên-
 de rjolo de certas latadas que anunciam
 o outono, dão contrastes estranhos; e uma
 calmaria me invade nessas horas de três
 terra, quando me encostó a olhar. O lar-
 go riachão do poente, esse, pela vastidão

que tem, não me dá tanto a impressão de calma; a vegetação variada, a ondulação sem regras, as accumulações de casas que formam povoados maiores ou menores, dão amplitude maior ás emoções, mas concentram num quadro restrito o meu espirito e dispersam por tanta largura o desejo do que talvez possa chamar o possego visual.

Dezê lado, do nascente, sinto-me inquieto ao ver escurecer o cenário, quando os contornos dos montes se confundem e o fumo que sai das casas e se espalha por entre o arvoredo vai apagando todas as paciencias do terreno. Do outro, em tanta largura, nem também uma vaga melancolia, mas a emoção geral não é bem a de calmaria que me dá um quadro mais pequeno.

E depois, este Minho cheio de filaresco é para mim mais atraente em parcelas menores; do alto, em largas miradas, acho que perde muito no seu efeito pictural, a vista abraça contornos vastos, ondulações que se perdem junto de outras ondulações; tapetes de arvoredo que se espalham como mancha igual por um vale ou uma encosta; adivinham-se apenas o leito dum rio ou dum riá-

cho pela inclinação das terras. E não se vê o que me atrai mais nesta rica provincia, que é o recanto que a corrente de agua faz junto de qualquer ruacisso de arvores; é a casa rustica emoldurada em parreirais ou arvores carregadas de vides; é a encosta arborizada de onde pái um telhado escuro ou a torre duma igreja; é o vale ameno onde convergem encostas com lombadas amigavel e onde a vista repousa com calma e ternura e onde se pode ficar a ver desaparecer com o escuro da noite toda essa surrivesaria de matueras.

Por isso em antés quero o panorama mais restrito deste lado do nascente, do que o do largo vale onde se estende paredes, onde vejo inmensa quantidade de povoados, até á igreja de Louzada e á capella branca de Felgueiras na encosta dum alto monte.

Será, da m.^a parte, estreitara de vistas que nega os largos horizontes?

Eu sei lá! O que sei é que o horizonte largo, vasto, indefinido, não me commo-ve; o meu espirito perde-se por tanta vastidão, vai sem freio pelas grandes encmeadas, segue os grandes vales e os valesiros fundos — mas com ligeira curio-

ridade. E depois, é raro que a limpidade da atmosfera faça ver todos os contornos; e assim, de certa distancia em deante, tudo se esfuma e encolhe, e deixa um mistério por detrás.

Até meusos, numa paisagem encolada, os olhos vêem e a alma sente. A poesia de uma arvore de guarda á curva dum ribeiro saltitante por sobre pedras musgosas, valerá a curva larga de uma cordilheira; e o macio tapete de pinhais que dum vale fértil sobe a uma encosta suave, tranquiliza mais a inquietação da vida do que a vasta planície que se perde, ao longe, em qualquer contraforte.

É a paisagem um estado de alma?
Será, será...

Pernapiel.

Outubro: 24.

Ontem assumi inesperadamente o comando do regimento e o comando militar da localidade!

Quer o commandante do regimento quer o coronel chefe do Distrito de Recrutam.^{to} foram chamados p.^a a Escola Central de Officiaes — e aqui fiquei em transformação, subitamente, como nas magias, em capitão-mór de Pernapiel!

Tomei conta do enorme papelado relativa a mobilização p.^{ra} efeitos de ordem publica, quer a do commando militar quer a do regimento, papelado que o coronel Iglesias me entregou com certa relutância... Pelo que vi de relance, parece que tudo está previsto p.^{ra} o caso de revolta contra a ditadura que é afinal o que significa aquele enfermismo de «ordem publica.»

Estou convencido de que o Estado-Maior não tem tão bem estudada a hipótese duma invasão estrangeira... As minucias a que desceem as circulares e as ordens! E depois... não se olha a despesas; a refrizer é que é necessaria antes de qualquer outra consideração; todas as averbadas estão tomadas contra os desgraçados revolucionarios; e se não houver numerario em cofre as ordens dão-se da mesma maneira e o pagamento faz-se-las por cédulas.

É uma organização que me pareceu perfeita; e como a situação de Penafiel é especial — isto constitue uma chave preciosa não só do sul do Minho como de Trás-os-Montes e da alta Beira-Alta. Em fim, aiuto-me penhas de baraco e entelo, de pendão e caldeira ou de ruero e

mixto imperio, como queiram... Ao
passar entre as ruas, sentia a im-
portancia da minha posição, como de
quem diz: "a vossa libert. ~~esta~~, oh meus
fideleuses! está nas mi.ªs mãos; tudo isto
me pertence; eu sou senhor de posse,
quero e mando!..."

É ao ver a população tão desorganizada;
as damas às janelas a ver quem passá-
ra; as devotas a iram p.ª as igrejas onde
havia sessões solenes de importancia pa-
ra as almas; os rapazes entusiasmados
com um desafio de foot-ball, eu pensa-
ria com os meus botões:

— Poderes meus fideleuses!... e... po-
der de mim!

É para lembrança aqui deixo um
decalogue do rélo do
comando militar
de que disponho co-
mo senhor absolu-
to... É a minha ge-
ma e não poder ar-
quejar um ou ou-
tro tratado de « às ar-
mas!... » com que
amavelmente sou recebido ao entrar
no quartel seja a que horas for. É uma
armabid. regulamentar que, de ha um

auso para cá foi ampliada para iguais cumprimentos á saída.

A ditadura cuida, a valer, das apparencias, do culto exterior, da parte espectacular — e sobretudo, pelo visto, do aperfeiçoamento da garranta da soldadesca...

A impressão que faz o pensar que ao leudo de armas e ao toque de recado um quartel inteiro se levanta e fica, em posição de recado, no local em que estava no momento, á espera do toque de "á vontade" — como se estivesse a guardar os minutos de silencio de que agora tanto se usa!

Mentiras constantes com que se vai vivendo.

Pernafiel.

Outubro: 25.

Hoje, por mero acaso, mexendo em documentação confidencial, vi o meu papel que acompanhava os documentos de transferencia de officiais que o general Gomes de Sousa prescreveu para acompanhar para aqui os meus documentos.

Vou transcrever para memoria da lealdade e probidade de tal cavalheiro; e para se ver quanto póde o odiosinho destes jesuitados defensores da ordem:

As respostas aos quesitos são:

1.º: Tem aptidão física? — Sim.

2.º: Tem bom comportamento militar? — Sim.

3.º: Tem bom comportamento civil? — Sim.

4.º: Tem competência profissional? — Ignoro.

5.º: Como desempenha as funções de comando? — Não comanda.

6.º: Procura aumentar a sua instrução? — Ignoro.

7.º: É dedicado pelo serviço? — Ignoro.

8.º: É zeloso na fiscalização dos interesses da Fazenda? — Ignoro.

9.º: Como desempenha as funções de instrutor? — Não desempenha.

Segue-se o chamado juízo ampliativo: « Este oficial tem estado no quadro da Arma sem comissão, razão porque responde ignoro aos 4.º, 6.º, 7.º e 8.º quesitos. — Quartel General da 2.ª Região Militar, 10 - 9.º - 932. — O Informante (a) António Gomes de Sousa, Gen.º »

Aqueles ignoro valeu muito dinheiro! São a verdade para do que se passou pela época das Juntas Militares em

Janeiro de 1919 quando ambos pertenciamos ao regimento 35.

Fez bem em pagar o que devia; não ficou considerado como caloteiro.

Ainda bem.

Penafiel.

Outubro: 28.

Hoje, visita ministerial, anunciada há dias. A perspectiva do terrível militarão que é o general Daniel de Sousa e a interrupção que eu punha aos motivos da visita, deixáram-me certa inquietação pelo resultado.

Mas afinal, tudo correu excelentemente e concluí que o verdadeiro motivo da vinda dele a Penafiel foi um almoço em Amarante, em casa dum discípulo e amigo, ten.^{te} coronel Costa Santos, velho monarchico e actual presidente da Câmara.

Não havia de vir de Lisboa só para almoçar com o amigo; no caminho fica Penafiel; e Braga não fica longe, é só dar uma voltinha pequena... Aqui está, segundo parece, o segredo do caso.

Depois do almoço segue por Guimarães para Braga; e ainda vai apauhar ao Porto o rapido da noite.

E assim se desfazem todos os castelos de intrigas políticas que se estavam a formar a propósito da visita ministerial.

O homem gostou do quartel; disse q. ha muito não vê um quartel tão bem arrumado, aconchegado e limpo. Disse-me que transmitisse os seus pareceres ao comandante, e aos officiais, etc. etc.

Realmente o aquartelamento está sempre em estado regular; mas ontão vi coisas que ainda não vira nas outras unidades por onde andei: os officiais pessoalmente dirigiam os arruamentos e a limpeza; um sargento-ajudante vi em casa com uma vassoura na mão a cusinar soldados a varrerem; o major Santos e Cunha com um espanador vi em casa a limpar os pés de uma mesa no gabinete dele; um tenente limpando por suas mãos o miquelado dumas espadas em arrecadação, etc. etc. etc. Com gente assim facilmente se faz figura...

E foi o caso de hoje.

Mande até inserir na ordem regimental o seguinte artigo:

« O ^{meu} Sr. Ministro da Guerra ao terminar a visita com o Sr. General, com esta unidade, manifestou a sua satisfação pelo ar-

raujo, acciaio e aproveitamento do quartel (como se não há muito); pelo porte da guarda de honra; e pelo valor artístico da banda regimental. Reproduzindo as palavras daquele Ex.^{mo} Sr. ás quais se associou o Ex.^{mo} Comand.^{te} da Região, manifestou também a m.^a satisfação a todos os Srs. Officiais, Sargentos e mais graças pelo boa vontade e cuidado que puzeram no cumprimento das ordens dadas.»

É já agora, uma anedota.

O ministro checou com uma manha muito linda; durante a visita surgiu nervoso e quando ele saía pela porta das armas já as cavalariças e os «parques» já choviscava. Ele olhou para o tempo com ar de arreliado; e vendo a farda um pouco salpicada de chuva murmurou com tom de arreliado:

— Ora!... ora malha-me Deus!...

E depois, no parque não se resolveu a voltar acima; esperou o automóvel e dali mesmo se despediu. Não quiz salpicar mais a bela farda nova...

É verdade que ia para um almoço em casa amiga.

Fragueiras dos militares.

Penafiel.

Outubro : 29.

Para esclarecer a verdade : a viagem do ministro da Guerra, afinal, não foi subordinada ao almeço seu Suarante. O homem vai por esses Traz-os-Montes ver as varias guarnições.

Suam quique.

O Schiappa do Arceado, command^{te} da Região deise-me ontem amavelmente que fosse eu a Coimbra quando necessitasse ; bastava prevenir para o parto, para lá se saber — e mais nada.

Este Schiappa tem atenções que eu não esperava. E parece-me que é, não só, sincero.

A ver uamos.

Penafiel.

Outubro : 30.

Disse-me hoje o major Parada Leitão que vem a Penafiel m.^{te} vez porque tem cá a familia, que ontem em Vila-Real (on de ele está colocado) um dos ajudantes do ministro lhe dissera que este anda de caudeias ás-nessas com o Salazar ; que o Salazar o tem querido despedir do mi-

mistério mas que o Daniel de Sousa tem respondido que não sai. Acrescentou ainda que este está resolvido a não sair e até, na primeira oportunidade a correr com o Salazar pois diz que o "grande homem", se está a expaçar de reais: o deficit está já em 300 e tantos mil contos e para um salvador, com carta branca, acha que é exagerado. O Daniel de Sousa disse até (confiança afirma o ajudante) que a corda quebra sempre pelo mais fraco e que, nestas ocasiões, o mais fraco não é o ministro da Guerra...

O que haverá de verdade neste tudo?

O Daniel de Sousa terá, não nego, boas intenções. Mas parece-me que ele não sabe lidar com quem anda metido. O mais fraco da corda não é o Salazar; não creio nisso. Quem tem por si a Companhia de Jesus pôde rir-se à vontade das farroncas dos generais.

Pena-fiel.

Dezêtuero: 31.

Tive hoje de dar uma informação contrária, em parte, á minha maneira de ver.

Um tenente António Barbeito de Matos Cardeiro, que tomou parte na revolução de 1927, em Fevereiro, e que está com

residência fixa em Penafiel, requerem para fazer serviços neste regimento ou no Distrito de recrutamento 6. É claro que eu não interferei sem perguntar para Caxias, ao commandante o que ele pensava sobre o rapaz. A resposta foi má: que fizesse eu o que quizesse mas ele não concordava com a colocação, etc.

Esta resposta não está bem em relação com o Iglesias já ter accitado no regimento outros suspeitos e até um tenente que tomou parte na sublevação do proprio regimento n.º 6. Mas enfim, resolvi dar a seguinte interferência depois de chamar o rapaz e lhe dizer varias das coisas: desde explicações a conselhos de pessoas mais experientes.

« Embora não conhecesse este official tenho dele boas informações, não só a respeito das suas qualid.º profissionais como a respeito das suas qualidades morais. Julgo, pois, atêndivel a pretensão. Porém, como este official teve quaisquer responsabilidades no movimento revolucionario de Fevereiro de 1927, parecia-me melhor que, durante algum tempo ainda, não fosse colocado nesta unidade mas sim (o que o não prejudica, antes o favore-

ce) no D. P. P. n.º 6 para onde também soliciita collocações.»

Fiquei arreliado com o caso. Se fosse com a ^{re} a valer, a informação ficaria na 1.ª parte; como sou interino e não posso alterar o sistema seguido, tive de acrescentar a segunda parte.

A vida tem destes contraeusos.

Coimbra.

Novembro: 5.

Morreu ontem o velho António Augusto Gonçalves. Acompanhei-o hoje ao cemitério, com uma centena, pouco mais, de pessoas.

Coimbra deixou passar, sem dar por isso, a morte deste homem notável — que o não foi para o grande publico porque se meteu em Coimbra e não adubou a publicidade.

A Camara municipal ergueu a bandeira a meia haste, apenas á hora do enterro, porque houve quem censurasse a speram. É que se não prestasse, ao menos, essa homenagem a um sábio vereador e presidente. A Universidade, essa, nem deu por isso e o proprio reitor, o dr. João Duarte de Oliveira, se negou a dar

auterizações p.^a a bandeira subir na Ter-
re, alegando que o Gonçalves não era ca-
tedrático!...

Etc. etc.

Mas o que aqui fica como inédito e
creio que ficará desconhecido, é a causa
da morte: o Gonçalves suicidou-se com
arsénico.

Na reunião, quando o ia ver, ele dizia-
me invariavelmente:

— Isto está muito demorado!... To-
to é demais...

É ao Laureço Chaves de Almeida,
às vezes, em conversa, falava de suicí-
dio e fazia a sua apologia e lastimava
apenas que às vezes fizesse sofrer as pes-
soas que assim procuram a morte.

Tinha em casa certa dose de arsénico
que ha mais de 20 annos lhe dá o Char-
les Lepierre para matar ratos; e com es-
sa dose, segundo parece bastante forte,
matou-se ontem de manhã. Contou
ele o caso ao dr. Bissais Barreto quan-
do este, chamado com urgencia, ainda o
tentou salvar com lavagens de estôm-
go e injecções neutralizadoras.

— É escusado, doutor! A dose é sufi-
ciente! Isto estava muito demorado, tive
que proceder por minhas mãos...

Deixou escritas determinações puer-
nuciosas: o enterro civil; não queria
coroas, só flores, muitas flores; indica-
va a posição do corpo e a disposições
das cadeiras e mesas da casa onde o de-
positassem; etc. etc. E para cumulo, re-
diziu o cavité para o enterro, o unico
que elle queria que se fizesse e que, na
verdade, foi fixado á porta da rua.

Extraordinario houveu que até pe-
rante a morte não deixou ser superior
aos outros!

E até se distinguiu nas homenagemes
que lhe prestaram na cidade — que fo-
ram muitas...

Não era, felizmente, um insignifi-
cante a quem fosse necessario fazer uma
apoteose.

Crimera.

Novemb.º: 6.

O ultimo trabalho literario que o An-
tonio Augusto Ganeslves fez, foi o arti-
go para o In memoriam do dr. Augusto
Meudes Simões de Castro. Não é livro
que se queria — mas é artigo curioso,
um pouco desordenado, talvez, devido á
fragressa cerebral accentuada — mas que
ainda mostra bem o poder de tal cerebro.

Causemos o original e o bilhete de re-
puesça, como boa recordação de um
amigo.

Pennafiel.

Novemb.º 8.

De volta, ontem, a Pennafiel, por um
bello dia um pouco fresco, envolvido em
aguiros...

Eu creio não ser supersticioso, mas
ontem foi demais! Que quantidade de
coisas se não accumuláram á minha
volta por toda a viagem desde Coimbra
a esta terra! E por mais que eu quizes
se afastar do meu espirito esses acasos
da vida, cada vez eles se accumuláram
mais e me deixáram um tanto ou
quanto aborrecido...

Ao entrar no electrico, em Coimbra,
para descer para a estação, surge o en-
contro dum caixão á cabeça dum mu-
ther; por toda a viagem, no rapido, va-
rios acasos agoiamentos; no Porto, á sai-
da de S. Bento, um subterro profundo
atravessava as ruas e eu, até á Triu-
dade, p.º tomar a caminheta, tive de
atravessar duas vezes a fileira inter-
minavel de carros; etc. etc. até que ao
chegar aqui, ouvi os rinos das tarres

da cidade doleravam plausivelmente
e furiosamente!

Ah, com tanto agouro!

Penafiel

Novemb.º 11.

O Tomás da Fonseca deu-me um pacote de obras suas, a meu pedido, para as oferecer á Bibliotheca Municipal de Penafiel. Intenção cívica de contrapor as ideias do livre-pensador á influencia clerical que aqui abunda.

Supemuit.º parece que não faz real a miopagem...

Das livros do Tomás acrescentei dois meus, sem grande merecimento; eram, ao todo, doze especies e com elles foi o seguinte officio para a Camara:

«Tomo a libert.º de informar V... de q.º entreguei entem na Bibliotheca Municipal desta cid.º, doze especies bibliograficas que adiante não relacionadas. — Aparte dois opusculos sem importancia de que sou autor, são ofertas que em Coimbra, ha dias, conseguí de um amigo meu e de uma instituição de cultura a que mais ou menos estão ligados. — Espero, em breve ter occasião de entregar na mesma

Biblioteca algumas especies bibliograficas que naquella cid.^e me foram prometidas. — Saude e Fraternalid.^e — Pauafiel, 11 de Novembro de 1932. — Ex.^{mo} Sr. Presidente da Comissao Adm.^{va} de Camara Municipal — (a) Biblioteca. »

no mesmo tempo, e por causa das devidas, pedi para que a relação dos livros fosse publicada nos jornais republicanos da terra. Com a noticia p.^a o publico sempre se evita o desaparecimento de um ou de outro livro mais escaudaloso.

Pauafiel.

Novembro: 20.

Alles jacta est! A me.^a conferencia po-
tre Numa Soares lá foi para Coimbra pa-
ra ser impressa. Copiei-a, dei-lhe uns
logos e fiz-lhe um pequeno prefacio. Lá
foi tudo hoje para o Tomás da Fausca q.
estava ansioso.

O que sairá daqui?

E o melhor é que o Tomás da Fausca, em Coimbra, annunciava-me que eu ganharia dinheiro.

Ganhar dinheiro!... E agora que tá
necessario é!

Penafiel.

Novembro: 22.

O Tomás da Fausseca informando-me da chegada do original da conferencia diz-me de Coimbra: « Aquilo nem coisa afimada! Vai ver como os 2:000 exemplares se evaporaram! »

Já em 9 do corrente ele me dizia investigando-me: « É esta a hora de Muraltares... » É realmente o que para aí se está a fazer a respeito do nome do Condestavel é tremendo!

Lembra-me do que o Eça de Gusmão escreveu acerca de Joana d'Arc na altura da sua canonização e que nem no volume Cartas particulares e lithetas de Paris. Guari se podia aplicar a excelente prosa do Eça ao nosso heroi, trocando simplesmente os nomes.

Enfim... Vamos a ver o que se dirá da obra e se levanta polémica.

Penafiel.

Novembro: 24.

Ontem o illustre Salazar deitou targa fala urbi et orbe. Os aparelhos de telefonica sem fios espalharam-na aos quatro cantos.

A mesma história e a mesma canção de sempre!

É ver os jornais: as mesmas distrições contra a Democracia, contra os partidos, contra os políticos; só a ditadura é capaz de salvar o País: « Nós temos uma doutrina e somos uma força. Como fazer? » E compete-nos governar... » Etc. etc. E abandonou ainda os problemas sociais e a existência do partido socialista que condena; e repisa a necessidade de um Estado forte, de uma disciplina energética de cima, e lança as culpas de todas as desgraças actuais á Democracia, a esse ídolo que tanto o afogueia.

Ora tudo isto, estamos a ver que vem já de traz, que é a resultante de todas as espécies de reacções de há 50 anos para cá contra a organização e segurança de Democracia; ~~mas~~ e pouca gente se apercebe, segundo creio, que paira por sobre tudo, a azar negra da Companhia de Jesus inspiradora e protectora...

Assim será.

Isto de um país de ignorantes como o nosso é tão fácil de enganar! Era ver ontem o ar de beatitude com que varias pessoas escutavam os aparelhos de telefonia pelos fios! Pareciam elevados em

música celestial, como quem antevê já a
bem-aventurança!

Curioso, muito curioso. Souso, evi-
dentemente, um povo de sebastianistas.

Coimbra.

Dezembro: 1.

Conheci hoje o professor e filósofo ar-
gentino Navarro y Monzó. Foi-me apre-
sentado pelo poeta António de Sousa o
qual me pediu para mostrar aquele a Tor-
re de Antó.

Nas mínimas parcelas da conversa,
deu-me a impressão duma cultura es-
tupéfica. Extremamente simpático, m.^{to}
simples, de maneiras afectuosas; nada
que diga o extraordinário homem que é.

Tem audado aí a fazer conferencias.
Mas... como os católicos da terra o da-
por protestante, é claro que a sala dos ca-
jeiros onde tem feito as conferencias tem
estado quasi ás moscas, apenas com umas
duzias de ouvintes.

Penafiel.

Dezembro: 6

De novo em Penafiel. Tempo de inver-
no. A paisagem entristece; só a relva
verde alegria o ambiente.

Ontem, ao passar pelo Porto, fui falar ao Schiappa de Arcevedo. Recebeu-me bem, embora com certa reserva de diplomata. Agradei-lhe as facilidades que me deu dado; expliquei-lhe as razões que me levam a encôvidadas novas a Coimbra; falei livremente, sem grandes preocupações de cerimonia. Lembro que ele notou isto...

Mas o mais interessante da conversação foi o ele falar-me de certos real-entendidos com o regimento. E pareceu-me que ele se penitenciaava por ter dado ouvido a intrigas fomentadas aqui por monarquicos; e essas intrigas foram a ponto de ele, quando ministro, chegar a pensar em desarmar o regimento... Enfim, com certa habilidade, aludiu a tudo isto, e terminou por dizer que esse real-estar acabara e que já dera provas disso ao coronel comandante.

E como eu, discretamente, mas com certa ironia dissesse que essas supjeitas teriam recommçado com a minha colocação aqui, ele teve um gesto rapido e acudiu:

— Não seuhar... não seuhar... Está muito bem no seu lugar... O que é seu é o desarranjo que isso lhe causa.

É com esta amabilidade que foi, com certeza, uma amabilidade, e política, despedi-me e desci a escada acompanhado distintamente por um dos ajudantes de ordens.

É hoje, no quartel, ao rever as ordens regimentais destes dias passados, deparei com a novidade de uma mudança de auro de comportamento exemplar com que a munificência ministerial me contemplou.

Já não era meu tempo. Ela quasi 3 anos que me deviam.

A justiça é coisa difícil mesmo quando imposta pelo regulamento.

Penafiel.

Dezembro: 11.

Os jornais republicanos da terra deram a noticia da m.^a oferta dos livros á Bibliotheca Municipal. É claro, só os jornais republicanos.

O órgão dos democraticos O Povo de Penafiel largou, até, artigo laudatório. Veio no n.^o 352 de hoje e cá fico guardado com outros — para boa memoria da minha breve passagem por esta terra que, diga-se, não deve dar grande

vida a creaturas como eu. Salve-se verdadeiramente a paisagem, quasi desaparecida ha dias debaixo do peso constante de violento temporal — mas que é sempre bella e alicianté.

A mi.^a permanencia, aqui, não dá-ria grande coisa. É certo que não tenho razões de queixa: toda a gente com quem tenho tratado por qualquer motivo me recebe bem; sou cumprimentado por varios individuos que não conheço e que não são officiais reformados. O que to jorou é que, ouvindo falar este ou aquelle sobre a terra, eu só oico dizer mal e avisar-me de que me acautèle... com os outros. Quasi ninguém faz qualquer referencia agradável ao meu semelhante; na boca de cada um, o resto da população é uma corja de maldados!

É o que me admira mais é que estas coisas são ditas a um estrangeiro que está aqui ha pouco tempo e estará o mesmo tempo possível. Vê-se, por isto, que é terra superior p.^a intrigas.

É é pena. A natureza é tão bonita! Tudo isto á volta é tão alucinante, tão cativante, tão apeteçivel!

Tu é claro vai ouvindo e acho a tu do mi.^a graça — e de tudo aqui deixarei

aqui as impressões que surgiram, por-
que, já agora, Peregrino ficará na minha
memoria com agrado e nestas notas com
o devido apreço.

Peregrino:

Dezembro: 27.

Fui ontem eleito presidente da assem-
bleia geral do Club Peregrino em lista apro-
vada por aclamação.

Este Club foi fundado há pouco tem-
po depois de uma dissidência provocada
na Assembleia local por uma atitude
precipitada e pouco politica do coronel do
regimento, o Iglesias; uma má interpre-
tação do regulamento da casa deu ocasião
a uma querrelha infeliz da qual resultou
a saída da officialidade toda e de alguns
civis que fundaram a seguir o Club.

O Iglesias foi a alma da questão e com
seguiu com isso abrir certo sulco entre
a guarnição e a população civil, com to-
das as más consequências que se pro-
curou eliminar com a devida cautela pa-
ra não ferir melindres.

Logo de entrada, nos primeiros dias
da m.^a estada aqui, o Iglesias disse-me
que se eu me propozesse sócio da As-
sembleia teria muita pena nas políti-

Paris do comando da Região a m.^o pai do
do regimento. Eu achei tão extraordinária
a fraqueza que, riudo-me, respon-
di-lhe:

— Ora aqui tem o comando ^{da} uma boa
maneira de eu me ir embora... Vou já
amanhã propor-me socio da Assembleia
e o coronel fica livre de mim.

Ele parece ter caído em si e por boas
palavras pretendeu tirar o mau efeito do
seu dito.

Passado algum tempo, os officiaes do
regimento vieram ter comigo e pediram
me que lhes desse a hora de entrar
p.^o o seu club. Eu disse-lhes que dada
a cisão e o mal entendido com a popu-
lação civil, preferia não pertencer a
qualquer das instituições; mas elles in-
sistiram, e com tais provas de estima,
que eu ~~me~~ cedi embora contrariado.
Lá fui eleito socio e agora, como se vê,
p.^o corresponderam á minha transigen-
cia, elegeram-me p.^o a presidencia da
assembleia geral.

E' uma honra para a familia...

Mas enfim, da parte da officialidade,
da qual só tenho que dizer pouco, refuzou
ta uma attenção.

Peça final.

Dezembro: 31.

Termina hoje o ano. Que o tenham
seiscientos Diabos!

É para fechar com chave de ouro, po-
rece-me que não há melhor do que enco-
menda-lo aos ditos seiscientos Diabos...

É porque não?



Cofria = Le^o. Mestre. — "Perdi os velhos hábitos de con-
"vivência com os jornais porque fraco frazer me dá,
"actualmente, a prosa tamizada pelo critério das con-
"viviências jornalísticas," di-lo V. E. no seu bello artigo
do Diário de Notícias, palavras que são a demonstra-
ção evidentíssima do seu espirito sempre moço e do
seu coração arreigadissimo liberal, num tempo estu-
pendo em que vivemos ludibriados, atagantados, tira-
nizados, em Republica, mas sem Republica. — Sou-
be V. E. com tão escaldantes como mobilitantes palavras
gritar o seu nojo e protestar contra aquilo que vilipen-
dia a nossa consciencia de homens livres. — E fe-lo
com a maior das energias dando aos novos um
enormissimo exemplo de grandesa de caracter. — Mui-
tas e muitas felicitações. — Mas... portas a dentro
do estabelecimento que V. E. superiormente dirige
passam-se factos que carecem de ser reprimidos
com igual energia. — Está ai constituido um tri-
bunal veneziano. Os accusadores armaram-se, tam-
bem, em testemunhas e jurados. — Ao pretorio vai
subir um subordinado de V. E., a unica entidade
que, em harmonia com o Regulamento dos fun-
cionarios publicos, podia requerer, instaurar ou
mandar instaurar processo disciplinar contra o
seu subordinado, pedindo elles, a estranhos, uma

sindicancia? — Havendo dificuldades na escolha do inquisidor, os acusadores que não tropas foram também buscar um tropa, monarchico conhecido e que mascararam com o titulo de doutor... Doutor in partibus infidelium. — E assim se pretende roubar o pão a um homem que tem por crime o crime de ser republicano e por agravante, e agravante da altitude que tomou naquelle celebre comicio da Be'... pelo caso de S. João de Almedina. — E' bem certo que os jesuitas não perdoam nunca. Os ventos estão-lhes propicios, e eles vão molhando a vela... enquanto o mar é bonancoso. — Que seja V. Ex. a requisitar a sindicancia e a formular as acusações é logico e é justo; mas que uma entidade estranha o faça, representa tão somente querer passar por cima de V. Ex. o que é inadmissivel visto que V. Ex. é alguem em Portugal, alguem que merece a consideração e respeito e que, por isso mesmo, não pode ser esfesinhado pelos figmeus que V. Ex. fez subir aos pincaes da arte e da arqueologia! — Não, V. Ex. com a sua energia moça, vai, sem duvida, reprimir a afronta e ao depois, requerer contra o seu subordinado a sindicancia. — Os seus amigos e os seus admiradores assim o esperam, pois, revoltando-se V. Ex. contra as "conveniencias policiaes" não pode

deixar de revoltar-se contra as conveniências de
caserna e de sacristia! — Um sincero admirador.

— Dirigida ao Ex.^{mo} Sr. Arb.^o

deputado Gonçalves e rece-

bida em 16 de julho de 1928.

o ^{mo} Sr. e M. ^{mo} Juiz de Investiga-
ção Criminal:

Já ha muito se notava no Museu Machado de Castro falta de certos objectos, especialmente nos que têm estado guardados nas arrecadações á espera de serem colocados nas salas em lugar apropriado. Não havia, porém, indícios que levassem á descoberta de quem os subtraia e da forma como essa subtração era feita.

Casos se deram ultimamente que fizeram chamar a atenção sobre um dos empregados do Museu; e, levado por suspeitas mas sem ter claramente uma prova, o Conselho de Arte e Arqueologia ponderou a necessidade de uma sindicancia aos actos desse empregado, de nome Antonio Viana, suggestivado principalmente pelo facto de ele negociar em objectos antigos e ter relações com comerciantes do mesmo ramo de negocio.

Mas ha factos que, possivelmente se não ligam com o aludido empregado e outros que se ligam com os seus actos mas que, possivelmente, ficariam fóra da esfera de accção e da alçada de

um vindicante; e assim, em nome deste Conselho a que tenho a honra de presidir, e não querendo, por mais tempo, ter o meu nome envolvido em casos que podem atingir a honrabilidade dos vogais do mesmo Conselho (que eu reputo muito acima de todas as suspeitas) tomo a liberdade de recorrer a V.ª E.ª para que se digne tomar as providencias que melhor entender perante alguns factos que submetto á consideração e ao recto criterio que todos reconhecem em V.ª E.ª.

a) O desaparecimento de uma porção de veludo velho, de seda, que estava em arrecadação e que consta ter sido transformado em vestido de amante do empregado aludido e que hoje vive.

b) O oferecimento de grande numero de azulejos mudgares (tipo dos de Si Velha) feito pelo referido empregado ao Dr. Bessaia Barreto e mais tarde ao Dr. Guimarães Pedrosa e ao pintor Fausto Gonçalves. Estes senhores não os aceitaram por serem caros; mas os azulejos que estavam em arrecadação no Museu, foram desaparecendo em grande quantidade.

c) A substituição de uma peça de faianças de sala Teixeira de Carvalho, por uma outra estragada; a substituição é bem clara e o proprio mu-

Diuenub

mero de ordem não é o que estava.

d) A mudança de muitos objectos da residência actual do aludido empregado p.^a casa de uma sobrinha da sua amante, na Moura dos Apóstolos, ao saber que o Conselho de Arte e Arqueologia lhe propunha a sindicancia.

e) O desaparecimento de uma peça de faiança conhecida por "cão de fogo", de S.^{te} Clara, que appareceu á venda na casa de Antiquidades Barjona & C.^a, á S.^{te} Velha. Esta peça de faiança foi restituida ao Museu ao saber-se que o Sr. Director do mesmo ia entregar o caso á policia.

f) A insistencia do aludido empregado perante os guardas e a servente do Museu para permitirem a troca de um dos vasos orientais (actualmente no Museu do Ourivesaria) por um outro que ele tinha em seu poder e que, de certo, não seria do mesmo valor.

Além destes ha muitos outros factos que chegam imprecisos ao conhecimento deste Conselho; verificou-se a falta de muitos objectos em arrecadação; mas verificou-se, agora, tambem, que essa falta cessou desde a suspensão do referido empregado.

Estaremos na presença duma suggestão erra

da e não será ele o autor de alguns dos factos apontados? V.ª com a investigação que superiormente dirigirá e que poderá esclarecer e discernir responsabilidades — pois o pessoal do Museu não constava só do indicado e visado principal nesta participação, mas sim de 4 guardas e 1 servente.

Terminando, ainda informarei V.ª de que as suspeitas se avolumaram e concretisaram desde que o vogal deste Conselho, Sr. Lourenço Chaves de Almeida começou a exercer fiscalização por delegação do Conselho sobre os serviços do Museu, junto do Sr. Director do mesmo.

Se as diligencias a que V.ª se dignar proceder obrigarem a despesas, este Conselho põe à disposição de V.ª os seus fundos.

Lisboa, 11 de agosto de 1928

O Presidente

Belisário Pimenta

IGREJA DE S. BENTO

VENIT TANDEM DIES ?

O *Diario do Governo* acaba de informar-nos que uma comissão, composta de cinco membros, foi incumbida de resolver o velho conflito relativo á igreja de S. Bento — que a direcção dos monumentos nacionais conserva e o conselho escolar do Liceu José Falcão pretende demolir.

Dessa comissão fazem parte dois cavalheiros de Lisboa, que não conheço, dois membros do Conselho de Arte, os srs. drs. Abel Urbano e Amadeu Ferraz de Carvalho, e o reverendo Campos Neves, conego do Seminario!

Tirante os membros do Conselho, que foram bem escolhidos e saberão manter as resoluções unanimes do mesmo, os restantes — que Deus Nosso Senhor me perdoe se calunio! — parece terem sido escolhidos pelo meu querido amigo dr. Dias Pereira, com quem, neste particular, nunca pude entender-me. E o Conselho de Arte ainda menos!

Estranhei a comissão, é claro. E essa minha estranheza parte principalmente do facto de não ver, entre os seus membros, um que de modo algum lá devia faltar — o director dos monumentos nacionais! Ele ou, pelo menos, um architecto qualquer.

Podem objectar-me que foi dignamente substituido pelo reverendo conego do Seminario. Sim, mas para interesse do imovel de que se trata, antes viesse um leigo — em religião e em arte. Porque é de todos bem sabido que os sacerdotes só respeitam os templos enquanto lá está Deus. E naquele já não ha Deus, como bem sabem todos.

Pelo voto do sr. conego, portanto, a igreja vai a terra.

Ficam a segura-la apenas os ombros dos meus colegas e amigos do Conselho de Arte. Pergunto: — Não haverá o perigo de ficarem debaixo, esmagados?

Ah! antes se arrazem todos os monumentos nacionais!

Faço, portanto, votos para que eles se não metam na arriosa, deixando o caso entregue aos três restantes cavalheiros, que não correrão perigo algum, pois que, nesta altura, já devem estar bem com Deus e com o diabo. Até mesmo o sr. conego.

Protestar? Para quê e perante quem, se o titular da pasta da Instrução, por onde correm estas coisas, é o primeiro a baralha-las?

Resta-me rezar-lhe por alma.

Por isso e porque na dita comissão entra um homem de igreja, seja-me licito, desde já, compulsar o *Ritual*, ministrando ao templo beneditino a extrema unção que bem merece pelos martirios que sofreu: — *Per istam sanctam unctionem...*

E porque, decerto, vai morrer, deixem-me rezar-lhe tambem o officio dos mortos: — *Quesumus Domine, pro tua pietate miserere animae famulae tuae... A' porta inferi... Requiescat in pace...*

E você, Dias Pereira, acompanhe-me aqui, neste responso, dizendo pelo menos — *Amen!*

Coimbra, 8 8 928.

TOMÁS DA FONSECA

Liceu José Falcão

O parecer duma comissão sobre a Igreja de S. Bento e as obras ali a realizar

A COMISSÃO encarregada pelo sr. Ministro da Instrução de dar o seu parecer sobre a igreja de S. Bento e sobre as obras a realizar no Liceu José Falcão, em reunião ante-ontem realizada, reconheceu o valor artístico e arqueológico da igreja, perfilhando sob esse ponto de vista o parecer emitido pela secção de arqueologia do Instituto de Coimbra, mas declarando que a questão também tem de ser encarada sob ponto de vista dos interesses do Liceu.

Pronunciou-se contra a adaptação da antiga igreja a ginásio, bibliotéca ou quaisquer outras adaptações que venham alterar a harmonia do conjunto e a feição artística do monumento.

Lamentou que se tenha despojado a igreja dos pulpitos, retabulos, grades do coro, cadeirais e azulejos que revestiam as paredes, cometendo-se assim vandalismos que, juntos ao abandono em que se deixou o edificio, o conduziram ao estado de ruina em que se encontra.

Afirmou que é indispensavel o prolongamento da ala noroeste do Liceu até ao cunhal poente do Jardim Botânico, para se dotar o edificio com 7 ou 8 boas salas de aula indispensaveis á lotação normal de oitocentos a mil alunos.

Afirmou que a iluminação e ventilação das Salas instaladas ou a instalar nesta aula são prejudicadas pela igreja por haver um estreito espaço de 3 metros de largura entre as altas paredes de um e outro edificio.

Declarou também que qualquer que seja a resolução do sr. Ministro da Instrução sobre o destino a dar á igreja de S. Bento, é de toda a urgencia a construção immediata da ala noroeste que vai desde o cunhal do poente, sobre o Jardim Botânico, até á par-ta fronteira ao transepto da igreja, porque se obterão assim, desde já, mais cinco ou seis ótimas salas de aula razoavelmente iluminadas e ventiladas, visto que ficará entre esta parte da ala e a abside da igreja uma passagem com oito metros de largura entre os dois edificios a qual desembocará sobre a mata do Jardim, por uma grande abertura também com oito metros.

A Comissão resolveu ainda chamar a atenção do sr. Ministro da Instrução sobre o parecer ou comunicação

elaborada ha anos pelo douto professor e notavel archeologo Dr. Garcia de Vasconcelos, quando Reitor do Liceu, sobre o mesmo assunto tratado pela Comissão.

Na Gazeta de Coimbra, n.º 2230, de 14 de Agosto de 1928.

— x —

Igreja de S. Bento e Liceu de José Falcão

DAMOS hoje, na íntegra, a portaria do sr. Ministro da Instrução Pública, porque esse documento esclarece devidamente o assunto em questão:

Portaria — Direcção Geral do Ensino Secundario. — Sendo conveniente estabelecer de modo definitivo o plano de obras a realizar no edificio de S. Bento, em Coimbra, onde se encontra instalado o liceu de José Falcão, por forma a completar a sua adaptação aos diversos serviços deste estabelecimento de ensino, em especial aos de educação fisica, que, por enquanto, não tem as necessarias instalações;

Considerando que o plano das obras, anteriormente aprovado pelo Conselho Escolar do referido liceu, sob parecer do Médico escolar, importa a demolição da igreja de S. Bento, hoje em ruínas, e que, por outro lado, o Conselho de Arte e Archeologia de Coimbra se tem pronunciado pela conservação deste monumento, o que tudo deve ser devidamente ponderado;

Atendendo a que a resolução deste assunto impõe o seu estudo sob o ponto de vista pedagógico, artistico, de sanidade e hygiene escolar, acautelando-se devidamente os interesses do ensino da numerosa população escolar do liceu:

Manda o Governo da Republica Portuguesa, pelo Ministerio da Instrução Publica, que sobre o referido plano de obras dê o seu parecer, no prazo de oito dias, a partir da publicação da presente portaria, uma comissão constituída pelo chefe interino da 2.ª Repartição da Direcção Geral do Ensino Secundario, bacharel Victor Manuel Braga Paixão, como representante da referida Direcção Geral; dr. Francisco Pinto de Miranda, inspector de ginástica; dr. Abel Augusto Dias Urbano, engenheiro e professor do Liceu de José Falcão; dr. Amadeu Ferraz de Carvalho, secretario do Conselho de Arte e Archeologia; cónego Campos Neves, professor do Seminario de Coimbra. — Paços do Governo da Republica, 25 de Julho de 1928. O Ministro da Instrução Publica, *Duarte Pacheco*.

Vê-se, pois, que o sr. Ministro conhecia perfeitamente o parecer do Conselho de Arte e Archeologia, contrário á demolição da igreja em ruínas, que o Conselho Escolar do Liceu, sob a presidencia do então Reitor Dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcelos, Professor eminente e archeólogo

distintíssimo. se tinha pronunciado a favor dessa demolição, por unanimidade de votos, com o fim de se poder efectuar a construção de toda a frontaria do liceu, velha aspiração da cidade, e ainda para conseguir que as aulas sejam convenientemente ventiladas e cheias de luz, construindo-se as salas necessárias á numerosa população escolar do liceu, ao tempo 500 a 600 alunos, e actualmente perto de 1000.

Posteriormente a necessidade de educação fisica dos alunos, obrigou o médico escolar e as entidades sanitarias a emitirem o seu parecer sobre o aproveitamento da igreja a esse fim, tendo se pronunciado contra.

¿ O que fez o sr. Ministro?

Nomeou uma comissão para estudar o assunto sob o ponto de vista pedagógico, artistico de sanidade e hygiene escolar, acautelando-se devidamente os interesses da numerosa população escolar do liceu.

¿ As pessoas que fazem parte da comissão são idóneas? São absolutamente competentes e, por isso, o sr. Ministro, fóra das paixões, procedeu com acêrto.

Para o aspecto pedagógico está o chefe da repartição pedagógica, para o de ginástica o inspector respectivo, sob o aspecto sanitário emitiu o seu parecer o médico escolar, sob o artistico já se pronunciou o Conselho de Arte e tambem o Conselho Escolar fez ouvir as suas razões, e, assim, tudo ponderado devidamente, se pode resolver.

Além do chefe da Repartição Pedagógica e do inspector de ginastica, fazem parte da comissão pessoas da maior respeitabilidade e competencia: o coronel de engenharia Abel Urbano, que alia aos seus invulgares conhecimentos como engenheiro as qualidades de professor efectivo do Liceu e membro do Conselho de Arte; o Dr. Amadeu Ferraz de Carvalho, professor de rara probidade e secretario do Conselho de Arte e Arqueologia de Coimbra, sob todos os pontos de vista incapaz de deixar de levar ao conhecimento do governo todas as opiniões sobre o assunto.

O sr. conego Campos Neves, embora não tivesse assistido á reunião, estava bem nomeado porque é pessoa de merecimento e justamente considerada.

Não vêmos, pois, motivos para alarmes ou exaltações de qualquer natureza, a não ser por parte de quem pense exclusivamente impôr a sua opinião, fazendo taboa raza das opiniões alheias, dos interesses gerais e dos professores da cidade de Coimbra.

Segundo a opinião das competencias autorizadas a igreja de S. Bento não é exemplar unico do estilo em Coimbra e hoje está em ruinas, tendo sido votada já a demolição dessas ruinas pelo Senado que saiu da Assembleia Nacional Constituinte. Estudar o assunto convenientemente eis de que se trata.

MONUMENTO

AOS

Mortos da Grande Guerra

Posta de parte, pela respectiva comissão, a ideia de erigir o monumento aos Mortos da Grande Guerra na Praça da Republica, cujo local, apesar das opiniões divergentes, em nosso modesto parecer é aquele que devia ser escolhido e preferido, só nos resta aceitar a evidencia dos factos, curvando-nos reverentemente perante a decisão daqueles que, certamente, com autoridade, tomaram tal decisão, por entenderem que assim era necessario decidir.

Assente, portanto, que o monumento não pode ficar na Praça da Republica, é agora indispensavel, na escolha do novo local, não decidir de animo leve porque o assunto é melindroso e da sua resolução algum beneficio pode advir para o embelezamento duma das arterias da cidade.

Vemos lançada a ideia para que

o monumento fique num dos taboleiros da Avenida Sá da Bandeira.

Discordamos absolutamente desse proposito.

Não sabemos a razão da teimosia de certas criaturas em deixar desguarnecida completamente a parte da Avenida Sá da Bandeira frente ao Teatro Avenida e Escola de Santa Cruz.

Aquilo, como dizem que fica, destoa completamente da beleza que dizem ficar a Avenida Sá da Bandeira.

A tal Praça, como lhe querem chamar, embora, pela sua estrutura enladeirada, nunca Praça possa ser, desguarnecida de arborização e de qualquer outro componente, ficará sempre sem graça nem elegancia, constituindo um local agreste e sem beleza.

Teremos, pois, de pôr de parte caprichos ou conveniencias, se de

facto conveniências ou caprichos existem, para aproveitar o momento, que é unico, para o aformoseamento da importante arteria Sá da Bandeira, que bem digna é de todas as nossas atenções.

O monumento aos Mortos da Grande Guerra ficará muito bem e com todas as condições de estética na Avenida a que nos estamos referindo, mas no terreno que fica entre o ultimo taboleiro do jardim e a Escola de Santa Cruz.

Colocá-lo noutra sitio seria uma barbaridade de lesa estética e perder a ocasião unica de dotar o recinto pobre e abandonado da Avenida com um adorno que seria de grandes e apreciaveis efeitos.

Não somos só nós a pensar assim. O illustre e estimado architecto sr. Silva Pinto, que, pela sua autoridade e competencia, é uma gloria nacional, fazendo parte da comissão do monumento, tambem assim pensa, e não faz sentido que a sua opinião autorizada seja posta de parte.

Dizem que a Avenida Sá da Bandeira, com a transformação que está sendo operada, vai ficar um recinto encantador.

Pois melhor e mais completa ficaria se a parte que medeia entre ela e a Escola ficasse ornamentada.

Não ha argumentos que possam refutar a nossa opinião, que é a opinião de muita gente sensata, e portanto o monumento, muito bem, sob todos os aspectos, deve ser erigido no local que indicamos.

A Avenida Sá da Bandeira, em plano inclinado, como é a Avenida da Liberdade, em Lisboa, com o seu monumento dos Restauradores, ao fundo ficaria belamente decorada, tendo por inicio o monumento aos Mortos da Grande Guerra.

E ainda lá fica grande espaço para comportar os carros, etc., indispensaveis para o serviço do nosso teatro.

Não deixem, pois, passar a unica oportunidade.

COIMBRA MODERNA

Na Avenida Sá da Bandeira

O Monumento aos Mortos da Grande Guerra

ESTA definitivamente resolvido que o Monumento aos Mortos da Grande Guerra seja erigido na Avenida Sá da Bandeira, cujos novos ajardinamentos, em sôrma de delicados e elegantes *parterros* com vistosos jogos de água, vão ser construídos, como se sabe, pela Comissão de Turismo.

A escolha daquela avenida foi feita pela comissão executiva do monumento, e quer a Camara quer a Comissão de Turismo não se opposeram, se bem que pozessem restrições sobre o talhão onde aquele deveria ficar, visto estar em execução um projecto de aformoseamentos do local cuja estética do conjunto era preciso respeitar.

A comissão executiva do monumento, com indicações do júri que classificou as *maquettes*, escolheu o segundo talhão da avenida, a contar de cima, mas, neste ponto, nem a Camara nem a Comissão de Turismo nada quizeram resolver sem ouvir o sr. Jacinto de Matos, autor do

projecto do referido aformoseamento, no que só procederam bem.

Em face da attitude concorde das duas referidas entidades, e tendo a comissão executiva do monumento, representada pelo major sr. Belisario Pimenta, illustre presidente do Conselho de Arte e Arqueologia, tomado dela conhecimento, combinaram convidar a vir a Coimbra o paisagista sr. Jacinto de Matos, o architecto sr. Antonio Varella e o escultor sr. Luis Fernandes, estes ultimos autores da *maquette* do monumento, a fim dos três distintos artistas entrarem num accordo definitivo sobre a escolha do talhão onde o monumento deveria ser erigido, encontro que se effectuou ante-onhem, terça feira, no edificio dos Paços do Concelho.

Felizmente, as discordancias, que a principio surgiram depressa desapareceram, depois de ser demoradamente examinado o projecto dos aformoseamentos da Avenida e duma visita a esta, para melhor conhecimento da disposição dos seus quatro talhões.

Entre o sr. Jacinto de Matos e o architecto e o escultor do monumento foi resolvido, no mais estreito acôrdo, que os dois talhões do centro da Avenida sejam reunidos num só, desaparecendo a rua trans-

versal que fica em frente da Estação dos incendios.

No centro deste grande talhão, é que ficará o Monumento.

Esta resolução foi comunicada á Camara, que agora deliberará aprová-la ou rejeitá-la, tudo nos levando a crer que se dará a primeira hipótese. Na Avenida ficarão as mesmas quatro taças de agua, duas na frente do Monumento e duas na retaguarda, o que não sucederia se o monumento fôsse erigido no 2.º talhão existente, ao cimo da Avenida, porque, neste caso, uma das taças desapareceria e outra ficaria isolada e escondida atraz daquele.

O architecto sr. Antonio

Varela já retirou para Leiria, tendo levado a planta dos novos aformoseamentos da Avenida, a fim de colocar no ponto escolhido o monumento, e feito isto remete-la-ha ao sr. Jacinto de Matos, para o Porto, para que este estude as modificações a introduzir no projecto, e que, segundo as nossas informações, serão pequenas.

O sr. Jacinto de Matos, que conferenciou ontem com a Camara e com a Comissão de Turismo, voltará brevemente a Coimbra, afim de se poder dar começo á construção das taças, para o que trará da sua casa do Porto um habil operário especializado nesses trabalhos.

UNIVERSIDADE LIVRE

A conferencia do sr. dr. Brito Camacho

A UNIVERSIDADE Livre de Coimbra que tão brilhantemente tem desempenhado a sua nobre missão, a da educação do povo, por meio de conferencias, conseguiu a vinda a Coimbra do illustre homem publico e consagrado escritor que é o sr.

dr. Brito Camacho, e que ontem, na Asseciação dos Artistas, proferiu uma conferencia por todos os titulos notável.

Antes da hora marcada para a conferencia já a vasta sala se encontrava repleta de gente que anciosamente aguardava a chegada do sr. dr. Brito Camacho.

Entre a assistencia, uma das maiores que ali temos visto, encontravam-se muitas senhoras, porque elas nunca faltam ás conferencias da Universidade Livre.

O conferente entrou na sala acompanhado pelos srs. major Belisário Pimenta, dr. Costa Mota, dr. Dias Pereira, irrompendo a assistencia com vivas ao sr. dr. Brito Camacho, á Republica e á Liberdade, vivas que eram correspondidos com entusiasmo, ouvindo-se tambem estrepitosas salvas de palmas.

Fez a apresentação do conferente, o sr. Belisário Pimenta que, como presidente do Conselho Administrativo, se congratulava pela honra que o sr. dr. Brito Camacho havia dado á U. L., aceitando o seu convite. Em seguida deu a palavra ao sr. dr. Brito Camacho, a quem se dispensou uma nova e carinhosa manifestação.

O sr. dr. Brito Camacho, usando da palavra, agradeceu a honra do convite e as saudações da assistencia, dizendo que não vinha fazer uma lição, nem uma conferencia, mas sim uma palestra, e que o assunto a tratar nos seus multiplos aspectos daria para uma série de conferencias.

Entrando no assunto da sua conferencia—*Direitos da criança e direitos do homem*—disse que aquella antes de ser gerada já tinha direitos e a propósito citou a prática da velha China de se casar antes de nascer.

Alongando-se em considerações nas quais por vezes predominava o seu espirito

humoristico, disse que o principal direito da criança era viver, mas isto não bastava; era preciso que ela se desenvolvesse e que o homem fosse um animal perfeito e não um perfeito animal. Era preciso dirigir a sua educação fisica para ser um animal perfeito.

Condenou a prática de se alimentarem as crianças como se fossem adultos, dando lhes tambem bebidas alcoolicas. E, a propósito, referiu-se ao facto das pretas amamentarem os filhos durante dois anos, começando depois ao que ellas chamam a engorda, mas nunca lhes dão bebidas alcoolicas.

Afirmou que a mulher não devia casar sem frequentar uma escola maternal.

Referiu-se á mortalidade infantil e ao decrescimento da nossa população, citando estatisticas de alguns países, condenando tambem a emigração para o Brasil, quando ela se podia canalisar tambem para as nossas colónias.

O conferente discorreu em seguida, e largamente, sobre a formação mental da criança, que se devia preparar para raciocinar. Por via de regra, disse, a educação da criança é feita muito superficialmente.

Considerando as religiões como ideia, como sentimento e como tradição histórica, afirmou que ellas como ideia e como sentimento não devem entrar no cerebro da criança e que o ensino dessas reli-

giões só se deve fazer nas escolas, como facto histórico, devendo estas ser fiscalizadas pelo Estado.

Falou largamente sobre as religiões e que estas só deviam ser ensinadas ás crianças quando elas tivessem uma certa liberdade de espirito.

Depois de tratar da criança sob o ponto de vista da intelligencia, tratou da formação do seu character, assunto que abordou profundamente.

O sr. dr. Brito Camacho que falou durante duas horas, foi por vezes muito aplaudi-

do, terminando a sua brilhante conferencia, com a afirmação de que a hora que passa é grave, porque atravessamos um periodo de insuficiencia mental e, mais grave ainda, moral, e que só com unidade moral se podia conseguir a ambicionada paz de espirito e de intelligencia que todos nós queremos.

As ultimas palavras do illustre conferente foram coroadas com estrepitosas salvas de palmas, repetindo-se os vivos á Republica, etc.

No Batalhão de Metralhadoras n.º 3

Às 16,30 horas os contingentes militares deram entrada no historico quartel da Torre do Marco—sedé do batalhão n.º 3 de metralhadoras. Estão presentes os comandantes e muitos officiaes de todas as unidades das guarnição militar do Porto, o chefe do Departamento Maritimo do Norte e seus ajudantes, o commandante e officiaes da P. S. P. e ainda o sr. major Raul Tavares, governador civil interino do distrito.

As forças dispuseram-se em formatura, emoldurando o amplo recinto da «parada», no centro da qual, em lugar de honra, se postou o pelotão de metralhadoras n.º 3, sob o comando do sr. tenente Roçadas.

Um clarim repetiu o toque de sentido. O estandarte desta unidade militar foi conduzido até junto do pelotão de honra, enquanto a banda regimantal de infantaria 18 executava o hino nacional.

Seguidamente, o sr. major Pires de Moraes, commandante de metralhadoras n.º 3, pronunciou o seguinte discurso:

—Soldados do meu batalhão! E' com profunda satisfação e desvanecimento que eu, na qualidade de vosso commandante, cumpro o honroso e agradável dever de vos apresentar os mais entusiasticos e cordiaes cumprimentos de boas vindas. E faço-o em meu nome, em nome de todo o pessoal deste batalhão, em nome de todos os vossos camaradas desta guarnição, em nome de todos os srs. officiaes que vieram ou mandaram saudar-vos, em nome de todo o Exercito que

tambem soube cumprir o seu dever, defendendo a ordem e prestigiando a Patria e a Republica.

E continuou:

—Todos os que aqui se encontram vem espontanea e cordialmente saudar nas vossas pessoas a valorosa Marinha de Guerra e o Exercito que na presente conjuntura se mantiveram unidos e souberam proclamar de um modo altisonante que a verdadeira Republica é a nossa, porque os bons portuguezes querem uma Republica de ordem, de progresso, e de patriotismo e não uma Republica sovietica como os inimigos da situação desejam e proclamam. Não queremos a Republica Federal-Iberica que eles andam a ajustar com os espanhoes, sem o menor respeito pela nossa independencia, vendendo-nos vil e covardemente. Não é uma afirmação gratuita que vos estou fazendo. Encontrais uma prova autentica no jornal «Avante», n.º 4, de 1 de Maio findo, e que reza assim: «Que o 1.º de Maio de 1931 seja de luta energica e contra os inimigos do povo, contra a burguezia, contra a ditadura fascista, que nos esmaga. Que ninguem trabalhe, que todos compareçam ás manifestações promovidas pelos partidos comunistas, manifestando-se bem revolucionariamente contra o capital e contra o desemprego. Perante os combates revolucionarios que se avizinhão em toda a Peninsula Iberica, mostremos a nossa vontade firme de lutar e de vencer rapidamente. Que o 1.º de Maio de 1931 seja uma séria ameaça para a burguezia e para o capitalismo. Nas ruas, neste

dia que é bem dos trabalhadores, gritemos aos exploradores, tão alto que todo o mundo nos ouça: Abaixo a ditadura militar, abaixo a Republica burguesa, Viva a revolução mundial comunista, Viva a Russia Sovietica, Viva a proxima união das Republicas Sovieticas Ibericas».

E comentou:

—Como vêdes prégam uma doutrina de odios, de perseguições, de rancores e de desumanidades. E mais do que isto: prégam a destruição das fronteiras e, portanto, o fim da nossa Patria, que, para o futuro, não poderia governar-se independentemente e ficaria sujeita ao condicionalismo alheio.

Assim se internacionalizava, dum só golpe, o bocado de terra que podemos chamar nosso, conseguido á custa do sacrificio de muitas gerações. Em vez de guerra deviam pedir a união e associação entre o capital e o trabalho, dentro da melhor ordem e disciplina.

E afirma:

—Queixam-se de que a Ditadura os esmaga? Mas quando foi que em Portugal se viu maior liberdade do que agora? A quem é defeso trabalhar e lutar pela vida? Como é que eles pretendem impôr as suas doutrinas como liberais e humanitárias, quando são os primeiros a aconselhar a revolução e a guerra? Queixam-se do desemprego? De facto, é um mal lamentavel, mas não é exclusivo de Portugal, pelo contrario, nós temos proporcionalmente menor numero de desempregados do que a maior parte das nações, isso é uma consequencia da Grande Guerra, é o desequilibrio financeiro de todos os ramos de actividade. Os soldados, dizem eles, não têm o direito de fusilar o povo de onde provém. E certo, mas têm eles o direito de atirarem com bombas para o meio da multidão, matando barbara e cobardemente, quem muitas vezes passa na intenção mais ordeira e pacifica? Os soldados não querem fusilar o povo, os soldados querem apenas manter a ordem, para que o povo possa viver livre e independente.

E proclamou:

—Soldados: não acrediteis em doutrinas subversivas! O ideal seria que toda a humanidade se auxiliasse mutuamente em perfeita comunhão de bens, mas para isso era preciso que todos os homens fossem superiormente

instruidos, que todos tivessem iguais faculdades de trabalho, iguais noções da economia e iguais necessidades, mas como isso é impossivel, pelo menos no nosso actual estado de civilização, caiem pela base todas as doutrinas que pretendem impor-vos ou, por outra, são irrealizaveis enquanto o homem for egoista.

«A necessidade e o estímulo são os melhores incentivos da produção e do progresso, mas a ordem é indispensavel para o trabalho como o trabalho é indispensavel ao progresso.

E ainda:

—Tendo, portanto, vós lutado pela ordem, contribuístes para o progresso e para o engrandecimento da Patria. E, se a vossa acção militar, por pouco duradoura que foi, não deu lugar a rasgados heroismos, se bem que é sempre heroi a renuncia da vida oferecida á Patria, nem por isso deixasteis de ser como todos os outros que combateram ao vosso lado, os heróis da tragedia, porque se pode ser tão heroi na acção como no pensamento, na ideia.

E concluiu:

—Heróis também são aqueles que, perdendo-vos, cobrem a dor que os fere com o orgulho de terdes servido a Patria, como aquele pai dum sargento, morto ao vosso lado, na Madeira, que bem disse o filho que soubera morrer pela Nossa Terra. A todos estes, pois, a Patria aclama e os saúda.

As ultimas palavras do orador foram corcadas dum prolongada salva de palmas, tendo-se manifestado os assistentes em aclamações á Patria, ao Exercito e á Republica.

O sr. major Pires de Moraes saudou depois, em termos de carinhoso elogio, o sr. tenente Roçadas, envolvendo nessas homenagens o alferes Botelho, ferido num dos combates travados com os revoltosos da Madeira.

Os contingentes militares desfilaram, depois, em continencia á bandeira do Batalhão de Metralhadoras n.º 3, enquanto a banda de infantaria 18 repetia os acordes da «Portuguesa».

Finda esta cerimonia, o sr. tenente Roçadas foi efusivamente abraçado por todos os seus camaradas presentes.

Senhor tenente Campos Rego e meu ex.º amigo — Tem-me chegado aos ouvidos que muita gente acha grandes os soldados do Monumento aos Mortos Conimbricenses da Grande Guerra; todas as opiniões são respeitaveis e discuti-

veis, e justamente por isso, sem querer contrariar as maneiras de ver e de interpretar de quem quer que seja, que aliás me merecem o maior respeito, mas no simples propósito de esclarecer o que se me oferece sobre o assunto, venho

pedir-lhe para, da maneira que entender melhor, levar essas pessoas ao conhecimento da intenção que me norteou, a mim, e ao architecto António Varela, quando estudamos a *maquette* que foi a concurso e que eu respeitei na execução das figuras, tanto quanto foi possível:

«Num macisso, que em planta desenha a Cruz de Cristo, simbolo de glorias passadas e presentes, levanta-se um padião, a que se encostam quatro soldados equipados e apresentando armas, numa profunda homenagem pelos seus camaradas que deram a vida em troca duma nova gloria para Portugal. A encimar esse padrão no qual se erguem em prece para o Ceu as linhas duma ogiva de granadas que o caracterizarão como monumento militar, estão quatro escudos, um em cada face.

Num deles, as cinco chagas, lembram a origem da nossa nacionalidade, em dois outros a Cruz de Guerra e a Cruz de Cristo lembram as vitórias portuguezas na guerra, no mar, na terra e no ar; no último, o brazão das armas de Coimbra mostra o preito de homenagem da cidade pelos que gloriosamente souberam morrer pela Pátria.

A legenda de bronze e as corioas, perpetuarão a saudade de todos os portuguezes pelos mortos da Grande Guerra.»

Esta foi a ideia da forma artistica que pretendemos realizar.

Um monumento é um mundo de superficies planas e curvas que se combinam e resaltam umas das outras, pela lei dos contrastes; se as suas massas e os seus volumes se equilibram, os detalhes quasi não são precisos, a não ser como nota anedotica.

A moderna escultura monumental procura uma criação estereométrica da forma, em ligação absoluta com a architectura, pois que a ella se tem de submeter, para que o

conjuncto tenha unidade; foi dentre destas ideias que procurei tratar os soldados do Monumento; não como recursos de expressão architectural, como massas que fizessem valer o volume total do mesmo Monumento.

A sua rudeza, o seu tratamento largo em grandes planos, o seu tamanho e o seu ar pesado, foram as possibilidades de expressão simbólica que melhor encontrei e que me trouxeram para todas as massas a condição de repouso que, intencionalmente procurava, para a realização duma obra especial extática.

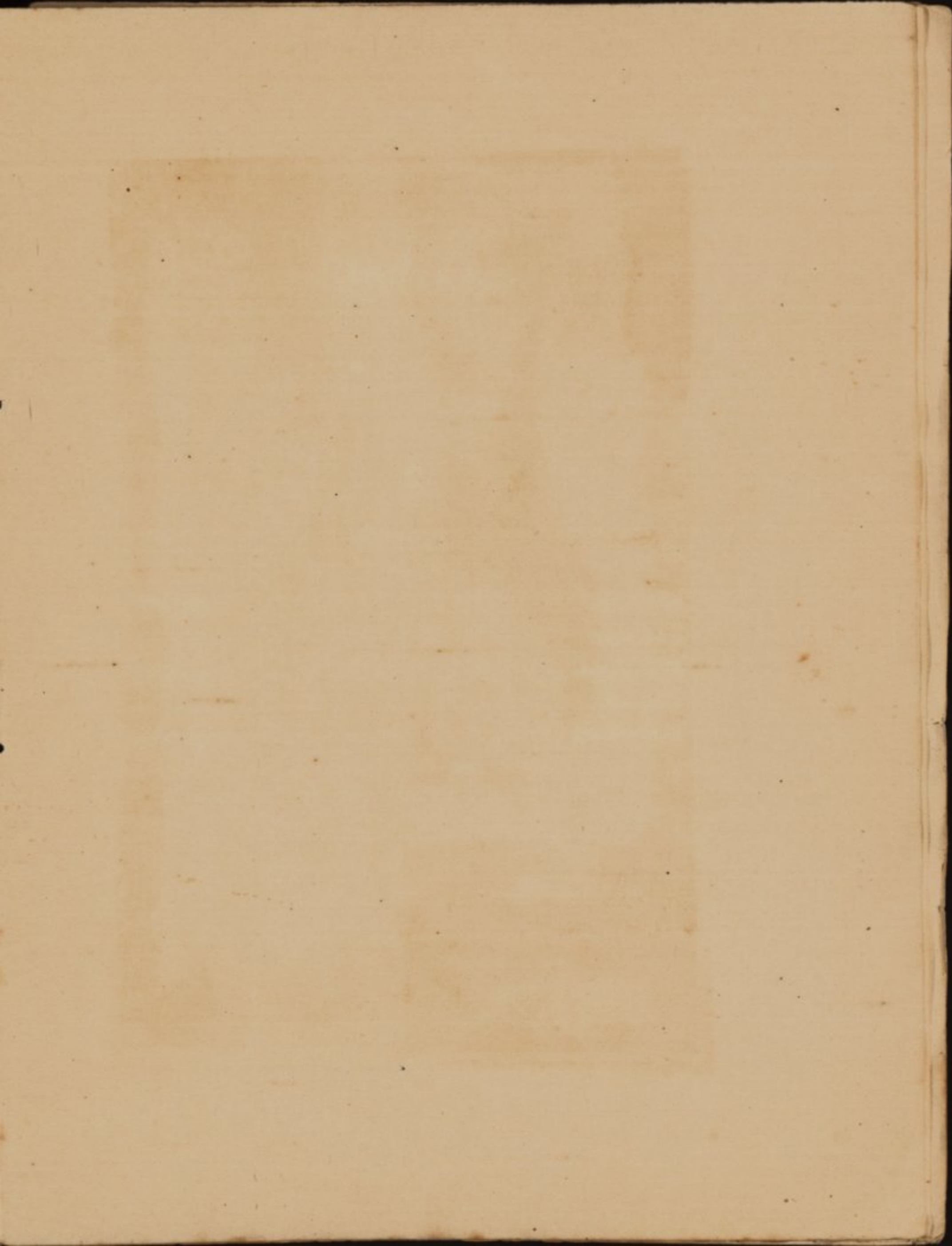
Ao executar esta intenção, que era boa, não tentei copiar soldados do natural, mas apenas criar symbolos, que fizessem lembrar o esforço másculo e viril da nossa raça; o nosso soldado é, em sintese, atarracado e grosso e equipado anormalmente para o frio e para a guerra, a sua figura aumentou de volume; foi neste sentido ainda que pretendi estilizar as suas figuras hirtas, fortes e voluntariosas de vencedores.

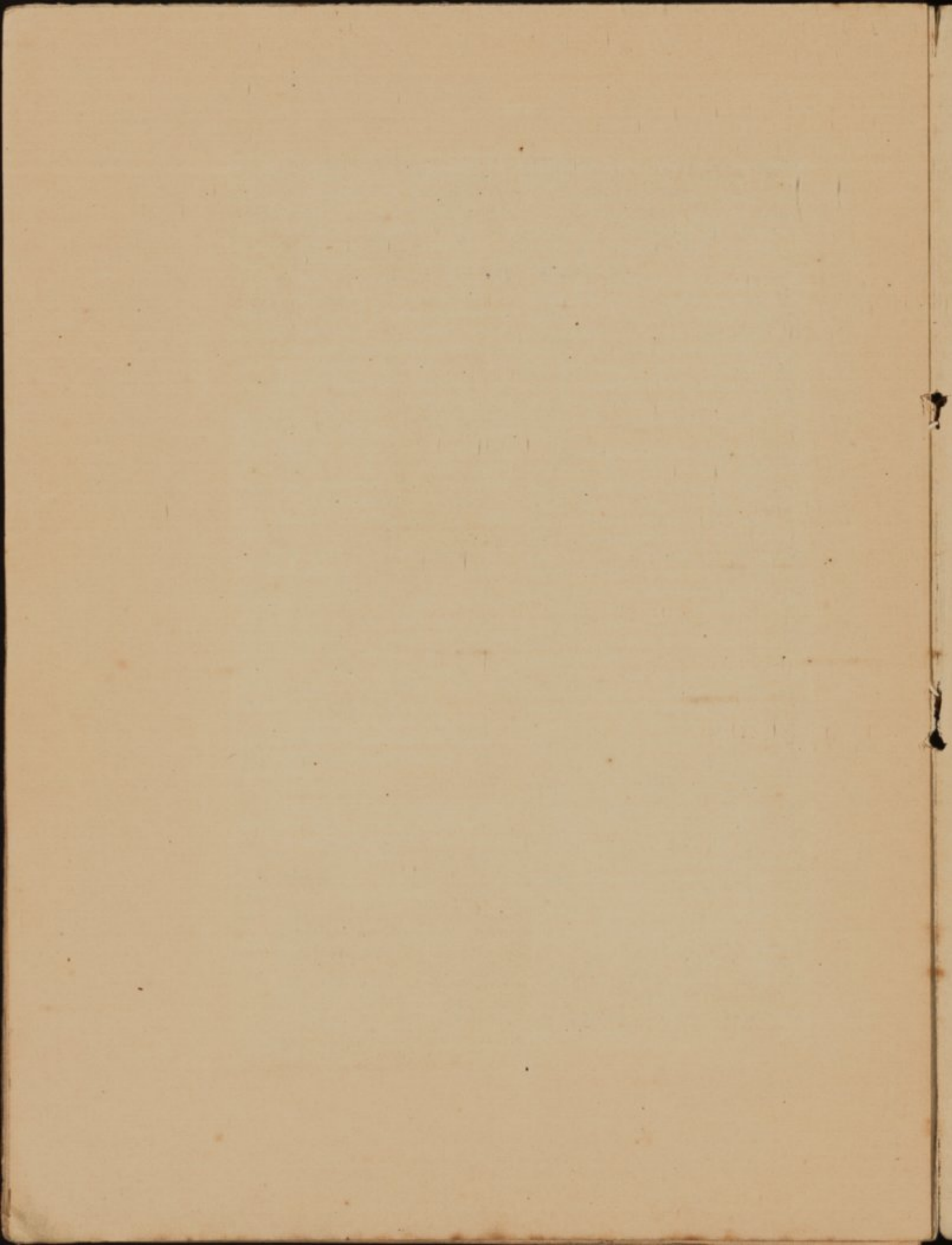
Quanto aos pormenores, se o volume total se equilibra, eles apparecerão com a *patine* do tempo, mostrando as fivelas, as correias, os botões e as armas,

Foram estas as razões porque os soldados saíram como estão. Entretanto, podia ter errado, e se assim aconteceu para alguns, lamentação não ter acertado para todos, tanto mais que puz, no Monumento aos Mortos Conimbricenses da Grande Guerra, o meu maior esforço e a minha melhor boa vontade. E como foi isto o que se me offereceu dizer, em virtude do que ouvi, daqui de longe lhe mando, com um abraço, estes esclarecimentos quo para a minha consciencia julgo necesarios.

Estiremoz. — Seu, Luis Fernandes, escultor.

— X —





Indices:

I

Anos:

1928 :

1 - 29

1929 :

30 - 145

1930 :

146 - 184

1931 :

185 - 250

1932 :

251 - 386

IINomes proprios:

- Alemaes { Dr. Silveiro }, de Vizeu : 202, 206
Aleau { Marques } : 78.
 " { Dr. Franc.° Pêgas de } : 201.
Aleuista { Alexandre de } : 178.
 " { Dr. Antonio José de } : 140, 144, 2
 174-176
 " { Cesar de }, tenente : 331-333.
 " { Dr. Ferraud Bimentel de } : 46-47,
 59, 61, 144-145, 280, 282 e 308
 " { Lourenço Chaves de } : 15, 18, 26,
 32, 38, 39, 41, 43, 46, 50, 51, 53, 80, 100
 104, 107-108, 109, 110-115, 116, 117-124,
 126, 137-138, 138, 139-140, 142, 170, 180, 183,
 214, 242-243, 248-250, 251-252, 258, 260-
 261, 263-265 e 373.
 " { Dr. Mario de } : 63-68
 " { Mendes de }, estu.^{te} : 317
Auaral { João }, Lavago : 83, 98
Auorim { Dr. Diogo Pacheco de } : 149 e 154.
Andrada { Ernesto de Campos } : 301.
Andrade { Dr. Abel de } : 126
Antunes { Dr. Ant.° }, Bispo aux.^{al} : 29, 46 e 59.

- Aragão {Dr. Gilberto Bessa de}: 1, 3, 16-18,
19, 22-23, 24-25, 100, 102, 116-117, 126 e
170-171
- Araujo {Umberto de}: 1, 2, 3 e 220-221.
- Arc {Joana d'}: 378.
- Aurelio {Marco}: 147.
- Azevedo {Dr. Flaminio Teix.^a de}: 196 e 208.
" {Julio Schiappa de}, gen.^{al}: 369, 381-82
- Bandeira {José da Silva}, cor.^{al}: 150-151.
- Barreto {Adeodato}, estud.^{va}: 232.
" {Dr. Fernando Bissaria}: 41, 43, 179,
215-216, 241-242, 266, 277-278 e 373.
- Barros {Dr. João de}, acc.^o XX: 88, 89 e 91
- Bastos {Dr. Egas Ferreira Pinto}: 215.
" {João Pereira}, general; 262 e 287.
- Beca {Gonçalo de Freitas}: 358
" {Dr. Rodrigo de}: 357.
- Bobone {Octavio}, fotografo: 97-98.
- Bocage {Manuel M.^a Barbosa du}: 155
- Botelho {José Justino Teixeira}, gen.^{al}: 284-287,
287-288 e 310
- Braga {Dr. Manuel}: 63-74.
- Brasil {Jaime}: 134-135.
- Brito {Dr. Alberto da Rocha}: 30-31, 255-256,
277, 315 e 329.
" {João Pereira de}, ten.^{te}: 24 e 165.
- Bruno {José Pereira de Saupais}: 236
- Bustos {1.^o visconde de}, Antonio Duarte Se-
reneo: 208.

Calvral (Dr. Arnaldo do Amaral): professor:
245-246 e 254-255

Calveira (Dr. António): 159-160 e 164.

Camacho (Dr. M.^{al} de Brito): 148-154, 154-
155, 156, 233, 234 e 324.

Campos (Eurico de): 1

Cardoso (Ernesto de Sá), gen.^{al}: 144.

" (Dr. José): 146

" (José Maria Correia): 31-43, 107,
122, 125, 137 e 139.

Carlos I (D.): 185.

Carrone (Ant.^o Oscar Traposo): 227-228.

Carriso (Dr. Luis), prof.^{al}: 220-221 e 223.

Carvalho (Dr. Alberto Martins de): 321

" (" Azevedo Ferraz de): 6, 7, 8, 53,
104, 181-182.

" (Dr. Azevedo Ferraz de): 298, 314, 321.

" (João Martins de), gen.^{al}: 244, 279 e 285.

" (Dr. Joaquim de): 46-47, 51, 55, 77,
106-107, 143, 160-161, 161-162, 162-163, 163,
178, 215, 231-232, 256, 293, 312-313, 318,
330 e 338.

" (Dr. Joaquim Martins Feix.^a de): 37,
57, 76, 84, 85, 86, 87, 87-95 e 183.

" (Dr. Lopo de), medico: 215-216.

" (D. Maria Amalia Vaz de): 300-301.

" (Dr. Monteiro de): juiz: 100-102.

" (Dr. Tomás de): 300

Carimão (José) Vourains: 185-186 e 198.

- Castelo-Baraúco { José de Alencar }, capitão de Infant.^a : 81, 204-205 e 213
- Castro { Dr. Augusto Mendes Simões de } : 288-289, 292-293 e 374.
- " { Eupreio de } : 172
- " { Sergio de }, major de Inf.^a : 10, 33, 19-22, 28-29, 54, 55, 58 e 109.
- Cerejeira { Dr. Manuel Gonçalves } : 282-283
- César { Dr. José Julio }, Vizeu : 86
- " { Victoriano José }, gen.^{al} : 159-160, 164, 252-253 e 268.
- Chaves { Dr. Alfredo de Matos } : 16-17 e 30-31.
- Cidade { Dr. Hernani } : 333-337.
- Cordeiro { Ant.^o Norberto de Matos }, ten.^{te} : 370-72
- Carreira { Ant.^o Maria }, eucad.^{ta} : 32, 35 e 38.
- " { Dr. Maximino } : 88, 89, 93-95.
- " { Dr. Virpilio } : 53, 64-66, 74, 76, 78, 88, 89, 91, 98, 106, 108, 108-109, 147-148, 157-159, 182, 188, 228, 242-243, 248, 249, 250, 251-252, 258, 260-261, 262-265, 270, 273, 293, 295, 302 e 317.
- Costa { Dr. Afonso } : 222-223.
- " { Ant.^o Marques da } of.^{al} de Artelh.^o : 56
- " { Dr. João da Providencia e } : 246
- " { Dr. José M.^o da } ~~juiz~~ juiz-auditor : 186, 188, 193, 202, 205 e 208-209
- " J.^o { José Ribeiro da }, major : 287.
- " { Ramos da } almirante : 285-287.
- Cousinho { Vitor Hugo de Azevedo } : 310-312.

- Couto (Dr. João) : 34, 57-62, 75, 91, 105 e 106
- Cruz {Ant.º Azeosa Carneia da} cap.º : 206
 " {Miguel Baptista da S.ª}, gen.º : 165.
 " {Pedro de Azevedo}, major : 23.
- Cunha {Barros e}, cap.º de Caval.º : 68 e 99,
 " {Brito e}, professor de desenho : 221
 " {Santos e}, major : 367.
- Dias {Pereira}, professor da Esc.º Brotero : 37.
- Duarte {Afonso}, Poeta : 75.
- Estêves {Paul} oficial de Engenharia : 327.
- Estrela {Padre}, de S.º Ant.º dos Olivais : 221.
- Falcão (Dr. Clemente) : 175-176 e 237-238.
 " {Dr. José} : 157.
- Fernandes {Luís}, escultor : 65-74, 99, 102, 103-
 104, 105 e 283.
- Ferreira {Alice Pim.ª da Costa} : 303,
 " {Henrique Pim.ª da Costa} : 303.
 " {Dr. José Eusebio Dias} : 144.
- Figueiredo {Ant.º de Mesquita} : 75.
 " {Dr. José de} : 106 e 270
 " {Dr. Mario de} : 21, 58-59 e 61.
- Fischer {José Guimarães}, capitão : 190 e 204.
 " {Jacinto dos Reis}, cor.º : 62-63, 64-
 71 e 99.
- Fonseca {Dr. Angelo da} : 123-124.
 " {Dr. Luis M.º Lopes da}, ministro : 190
 " {Manuel Vilaca da} : 315.
 " {Tomás da} : 1, 6, 7, 10, 11, 24-25, 26,
 37, 38, 50-51, 53, 56, 60, 61, 74, 77, 85, 114,

138, 143 bis, 144, 157-159, 183, 232, 242,
250, 251-252, 255, 256, 258, 260-261, 263,
291, 299, 304, 305, 315, 350, 352, 376-377,
377 e 378.

Forjaz (D. Miguel Pereira): 280-281.

Franca (Paulo de): 344-345.

" (Salvador Pinto de): 344-345.

Franco (João): 120.

Gaio (Dr. Manuel da Silva): 64-66, 172, 312,
313, 315, 316-317 e 321.

Gião (Dr. Manuel): 287.

Gomes (Francisco), car.^{al}: 127 e neg.^{tes} e 311.

Gouveias (Antonio), estud.^{te}: 317.

" (Antonio Augusto): 1, 3, 12, 18,
26, 27, 28-29, 34-43, 50, 51, 53, 54, 61,
64, 76, 77, 88, 96, 104, 105, 108, 110-115,
118-124, 142, 148, 173, 181, 183, 262-265,
294-295 e 372-375.

" (Dr. Arnaldo Leal): 314

" (Fausto): pintor: 107-108, 109 e 221.

Goulven (J.), prof.^{ca} francês: 309-310 e 321.

Graca (Frederico): 272.

Guimarães (Alfredo): 75.

Henriques (Flora): 270-271.

" (Dr. Julio Augusto): 82 e 148.

Herculano (Alexandre): 238-241 e 247.

Iglesias (Julio Cesar Gal), car.^{al}: 350, 361-62,
371 e 384-385.

Julio (Padre), de S.^{ta} Cruz: 25-27, 46-50, 56 e 58.

- Karrodi { Ernesto } : 75.
- Lacerda { Barão de } : 75, 88, 89 e 92-93.
- Lara { Dr. Domingos } : 174-175 e 215-216.
- Lebron { Gustave } : 234-235.
- Leivos { Alvaro Viana de } : 53, 149, 179, 232,
253, 254 e 257.
- Lefriere { Charles } : 373.
- Limra { Archer de } : 75.
- " { Henrique Campos Ferreira } : 130,
132, 135 e 285.
- " { Genvario } : 339-341.
- " { Dr. Silvio } : 161, 163 e 315.
- Lopes { Dr. Fernando }, advogado : 271-273.
- Laureiro { João Jorge } : 301.
- " { Dr. José Pinto } : 292-293, 296-297,
298-299, 299, 312, 314-315, 321-322.
- " { Raul Silvão }, major : 301, 305, 318,
322-323, 339 e 344.
- Macedo { P.^o José Agostinho de } : 342.
- Machado { João }, Pai : 37 e 39.
- Madail { Ant.^o Gomes da Rocha } : 280-283, 292-
293, 300-301 e 307-309.
- Madeira { Dr. José Ant.^o } : 7.
- Manuel { D. }, II : 325-327.
- Matos { Dr. Alvaro de } : 179.
- " { Jacinto de }, jardineiro : 66-74.
- Melo { Antonio Florneu de }, Toy : 224
- " [" José de], oficial do E.M. : 287.
- " { Arapão e }, oficial de marinha : 234.

- Meudes (Carreira), car.^{al} do E.M. : 285.
Miranda (Ant.^o Fernandes de), car.^{al} : 24
 " { Domingos de } : 24, 46 e 108.
 " { Dr. Paul de } : 3, 46, 108, 109 e 235.
Monteiro (Adolfo Casais) : 293-94.
 " { Alberto dos Santos Pereira } : 196, 318,
 322-323 e 339.
 " { Henrique Dires } : 173, 243, 244, 254,
 267, 276, 284-287, 287-288, 297, 302 e 306.
 " { Dr. Manuel }, Braga : 75.
 " { Manuel }, prof.^{on} : 256.
Monzó (Navarro y) : 380
Morais (Agostinho Pires de) : ruajar : 227.
 " { Paulo de }, editor : 240
Morreira (Dr. Domingos), govern.^{da} civil : 328
 " { Francisco de Almeida } : 44, 76, 85,
 111-112, 119-124, 126 e 214.
 " { Dr. Guilherme } : 328.
 " { Santos }, 1.^o ten.^{te} aviador : 225-226
Mota (Adelino), ten.^{te} aviador : 224-225.
 " { Ant.^o da Costa }, Solrinho : 64-66.
 " { Dr. Carlos da Costa } : 149-150
 " { Luis José da } : ruajar : 69, 162 e 348.
Nascimento (Adriano do) : 138.
Nemésio (Vilárino) : 127-136, 238-241, 247, 256,
 277, 314 e 340.
Neves (João da S.^a Campos), conego : 26 e 108.
Olimpio (Araújo da Paz), ten.^{te} : 163.
Oliveira (Dr. Alberto de) : 139, 168-170 e 171-172.

- Oliveira [Antonio Correia de] : 167-168, 168-170 e 171-172.
- " [Dr. Augusto da Cunha] : 77.
- " [Eduardo da Cunha] : 20
- " [Dr. João Duarte de], reitor : 372-373.
- " [Dr. José Rodrigues de] : 85.
- Pacheco [Duarte], superh.^o : 4-8.
- Paes [Sidonio] : 185.
- Paixão [Fernando], cos.^o farmac.^o : 345-46.
- Passos [M.^o de Silva] : 62.
- Pedro [Manuel], guarda do Museu : 36
- Pereira [Alberto Dias] : 4, 7, 30, 34, 31, 344, 245-246, 253, 254-255, 296-297, 315, 316, 324, 329-330.
- " [Dr. Manuel Serras], prof.^o : 196-197.
- Pessanha [Carrilo], poeta : 83 e 84.
- Pessoa [Dr. Alberto Cupertino] : prof.^o : 74, 146-147, 183, 248, 259 e 273
- Pinto [Afonso Fleury^o Barbeitos], cer.^o : 348-349.
- " [Dr. Alberto de Moura] : 151 e 153.
- " [Albino Caet.^o de Silva] : 82, 89, 38 e 148.
- " [Ant.^o de Carvalho da S.^a], architecto : 34, 53, 64-74, 81 e 82
- " [Artur Pereira], da Policia Judic.^a : 14 e 15.
- Pio [Mario] : 40
- Pires [Dr. José Cupertino de Oliv.^a] juiz : 44, 100, 105, 107, 110-115, 116-117, 119-124, 170-171.
- Queiroz [Esa de] : 378.
- Quintanilha [Dr. Aurelio] : 256-257.

- Ramos { Mario Nogueira } : 351.
Raposo { Jorge Augusto } : 124-125.
Rasteiro { Afonso }, fotografo : 32
Regala { José Celestino }, ten. car.^o : 224.
Rego { Ant.^o José de Campos }, ten.^{te} : 19.
Reguas { Dr. Joa^o de Moura } : 337.
Ribeiro { Aquilino } : 342.
 " { Dr. Fernando de Olive.^{ra} } : 43
 " { Helder } : 305.
 " { Dr. Luis da S.^a } : 135.
 " { Dr. Manuel }, magistrado : 43-45.
 " { Tomás }, poeta : 300
Rodrigues { Dr. Ant.^o Luis da Costa } : 20, 54, 55,
 154-155.
Sá { Dr. Octaviano de } : 40
Sacadura { Dr. Carlos } : 124.
 " Botte { Pedro Mascarenhas } : 125.
Saint-Pierre { Bernardim de } : 342.
Salazar { Ant.^o de Olive.^{ra} } : 290-291, 326, 328,
 369-370, 378-380
Santana { Vasco }, actor : 208.
Santos { Artur José dos }, car.^o : 323 e 343.
 " { Cesar da Cunha } : 125.
 " { Dr. Carlos }, medico : 179.
 " { Costa }, ten. e.^o de artilh.^a : 366.
Saraiva { Dr. José } : 75.
Sarmiento { José Estevão do Marais }, gen.^{al} : 159.
Sereu { Ant.^o Duarte } : vide Bustos
Serra { Dr. Adriano Vaz } : 161 e 163.

- Silva {Albino Caet.º da}: vide Pinto.
 " {Dr. Brito e}, Conservador do Reg.º da Uni-
 versid.º: 282-283 e 308-309.
 " {João^{me} Bauçara de Carvalho e}: arqui-
 tecto: 51, 53, 64-66, 76, 77, 83 e 104
- Simões, {João Gaspar}: 50, 53, 249-250, 251-252,
 258 e 262-265.
- Soares {Adelino}, alferes: 23, 109-110 e 155.
 " {Ant.º Maria de Freitas}, cor.º: 287.
- Solinal {Dr. José Colaco Alves}: 115-116.
- Socorro de Gouveia {Cor.º de Eupenh.º}: 95.
- Sousa {Abilio A. Valdez de Passos e}: 305.
 " {Alberto Sousa}, aguarelista: 236.
 " {Alfredo Botelho de}: cap.º-tenente:
 243 e 244
 " {Dr. Ant.º de Sousa}: Poeta: 38
 " {Ant.º Gomes de}, tripul.º: 140-142, 178,
 287, 318, 343, 364-366.
 " {Daniel de}, general: 320, 345-346, 366-
 368 e 369-370
 " {Fernando de}, jornalista: 237-238.
- Tamagnini {Dr. Eusebio}: 215.
- Teixeira {Abel}, cap.º de Inf.º: 194-195.
- Tarres {Joaquim}, cor.º: 223.
- Urbano {Abel Dias}, cor.º de Eup.º: 51, 53, 58,
 60, 68-71, 99 e 104.
- Varela {Antonio}, arquitecto: 65-74, 99, 102, 103-
 104 e 105
- Vasconcelos {Dr. Ant.º de}: 13-14 e 306-309.

- Vasconcelos (Joaquim de) : 75.
Vaz (Julio), escultor : 66.
Veiga (Alberto Botelho da Costa) : 160 e 164.
Viana (Antonio), guarda do Museu : 1, 2, 3
 16, 24, 30-31, 31-43, 44, 86, 100, 105, 107, 110-
 115, 116, 118-124, 125, 126, 137, 137-138, 139,
 139-140, 174 e 214.
 " (Eurico Sales) : 75.
Viêgas (Dr. Santos), prof.^{an} da Univ. : 95
Vilhena (Luiz), oficial da Armada : 258.
 " (Dr. João Jardim de) : 300
Vital (Dr. Feres) : 220.
Zarnith (João de Moraes) : general : 140-142,
 162 e 165.
Zamora (Alcalá) : 229.

III

Varia

- Academia das Belas-Artes : 269-270
Ação (A) da Praia da Vitória : 321 e 339-340
Alma Nova, jornal da Lusitânia : 163 e 166
Aniversários (Os meus) : 356-357.
Arquivo Coimbra : 292
Arquivos de Dermatologia e Sifilografia : 277
Arte e Arqueologia, revista do Curso de Arte e
 Arqueologia de Coimbra : 61, 74-78, 83

101, 108-109, 147-148, 188, 273, 282, 293
e 302.

- Azeiro (Museu regional de): 86.
- Batalha seu fim, de Aguilino Rib.^{no}: 342
- Batalhões académicos de Coimbra: 235-237
- Bucaco (Batalha do), comemorações: 178.
- Bucolismo [O], de M.^{al} Gaio: 316-317.
- Caldelas: 176-177, 229-230 e 353.
- Campesinha [A] de Massem em Portugal, na
"Revista Militar": 259-260
- Carreira de Tiro em Coimbra (A m.^a destituição
de directar da): 23.
- Carrihanar de Nova-York: 335-337.
- Castelo-Branco (Museu regional de): 86.
- Centro Republicano Académico de Coimbra:
160-161 e 162-163.
- " Republicano de Estados Democráticos:
vide Grupo
- Cerco do Porto (Centenario do): 256 e 257.
- Coimbra: Arquivos do Museu de Machado de
Castro: 302
- " : Arquivo da Universidade: 280-283
- " : Associação dos Artistas: 156.
- " : Centro Académico Democracia
Cristã (C.A.D.C.): 167-168, 172 e 317.
- " : Colégio de S. Tomás: 78, 79, 80-81, 82
- " : Comissão do culto da freg.^a de Sau
va Cruz: 19-22, 25-27 e 28-29.
- " : Curso de férias: 333-337.

- Coimbra : Escola Industrial Brotero : 45
- " : Excursão acadêm. à Itália : 317.
- " : Gafaria : 255-256 e 277.
- " : Igreja de S. Bento : 4-14, 76-77, 84, 85, 245-246, 253, 254-255, 256 e 257.
- " : Jardim da Moura : 45.
- " : Monumento aos mortos da G. Guerra : 62-74, 76, 99, 102, 103-104, 105, 283 e 318.
- " : Museu da Junta de freg. de Santa Cruz : 19-22, 25-27, 28-29, 46-50, 58, 86 e 86-87.
- " : " de Machado de Castro : 31, 80, 83, 96-97, 97, 104, 106-107, 107-108, 108, 109, 114, 118-124, 242, 248-250, 251-252, 258, 260-261 e 262-265.
- " : Revolta de estudantes em 1931 : 220-221 e 223.
- " : Sanatório de Celas : 309.
- " : Sport-Club Cominense : 161-162 e 163.
- " : Torre de Antão : 168-170 e 380.
- " : Universid. Livre : vide Universid.
- Começo do ano de 1932 : 251.
- Comissão de Hist. Militar : 159-160, 164, 252-53 e 268.
- Companhias de Jesus : 370.

- Congresso (5.º) Beirões, 1933 : 350-352.
- Coimbrã : 157.
- Conselho de Arte e Arqueologia : 3, 6, 7, 8-10, 14, 19-22, 25-27, 28-29, 45, 46-56, 57-62, 62, 74, 98, 105, 108, 114, 142-143, 143, 146-147, 157-159, 180-182, 182, 183-184, 243, 248, 261, 262-265, 269-270, 273-274 e 302.
- " Nacional das Belas-Artes : 267-270
- " Superior Judiciário : 117 e reg.^{tes}, 170-171 e 214.
- Conspirações contra a situação criada do 28 de Maio : 331-333.
- Constituição de 1833 : 313-314.
- Carvão dos Açores : 135.
- Desengano {0} : 342.
- Despertar {0} : 67, 68-69 e 166.
- Diário de Manhã, de Lx.^a : 246-247.
- " de Coimbrã : 215, 232-234, 236, 329 e 337.
- " " Lisboa : 134.
- " " Notícias, de Lx.^a : 134, 135, 178 e 340
- Ditaduras militares : 229.
- Escola de Cerâmica Ant.^o Sup.^o Gonçalves, em Lx.^a : 173
- " Industrial de Fonseca Benevides, em Lx.^a : 173.
- Exposição bibliográfica comemorativa da Cessão da Vila da Praia : 135.
- Fátima {Senhora de} : 179 e 245.
- Figueira da Foz : 341-346.

Gazeta de Coimbra: 12, 45, 52, 67, 69, 154, 162,
237, 253, 254, 257, 263, 283, 299, 321, 324, 329.

Grupo Republic.º de Estudos Democráticos:
296-297, 298-299, 312-313, 314-315, 321, 323-
325, 329-330 e 337.

Historia Militar: 324-325.

Ilustração (A): de Lisboa: 136.

Infantaria n.º 6: 343, 361-364, 366-368, 381-382.

Instituto (O), revista: 293

" " : secção de Arqueologia: 90/14.

" " de Altos Estudos Marroquinos:

309-310.

Integralismo: 190 e 265.

Lamego: museu regional: 83 e 84.

Legionários da Patria: 190

Liga de 28 de Maio: 265-266

Louvã em O. E.: 267-268.

Madeira (Revolta na) em 1931: 218-219, 219,
223, 224-226 e 227.

Massena (Retirada de) em 1811: 183-184.

Memorial da Vila da Praia da Vitória: 127-136.

Militarismo: 229.

Miranda do Corvo: 124-125, 229 e 274-275.

Nunalvaros, chefe militar: 295-296, 303, 303-
304, 306, 377 e 378.

Paulo e Virgínia: 342.

Paz (Sexta da): 231.

Penasfil: 343-344, 346-350, 352-372, 378-85.

Polícia de "informação": 234-35.

- Povo (O), jornal de Lx.^a : 108
 " " de Penafiel, jornal : 382
 " " " Santa Clara, idem : 40
Presença : revista : 172.
Primeiro (O) de Janeiro : 52 e 165.
Promoção (A minha) a ten.^{te} - coronel : 165, 165-
 166 e 166-167.
Psychologie des fautes, de LeBon : 234-235.
Questão (A) Romana, de B. Cauacho : 234.
Reforma dos serviços das Belas-Artes : 268-269
Republica, jornal de Lx.^a : 228
Republica em Espanha : 220, 222-223, 228 e 229.
Reuniões do curso de Inf.^a : 305, 318 e 319-320
Revista Militar : 183-184, 243, 244, 253, 253-254,
 259-260, 266-267, 270, 276, 278, 279, 283, 284-
 287, 288, 302, 310-312 e 321.
Seculo (O), de Lx.^a : 51 e 134.
Situação política caída de 28 de Maio : 156, 156-
 157, 163, 210-211, 227-228, 228, 230, 234-235,
 241-242, 246-247, 268-269, 313-314, 319-320,
 321-322, 331-333 e 378-380.
Sociedade dos amigos do Museu de Machado de
Castro : 273.
Tenente-Cor.^{te} (A m.^a promoção a) : ver Promoção
Tolerancia, de Arapão e Melo : 234
Tremores de Terra, de Raul Miranda : 235.
Tribunal Militar de Vizeu : 185, 186, 218, 218-219,
 223-224.
Trinta e um de Janeiro^{no}, comemoração : 156-157.

Universid. Livre de Coimbra: 148-154, 155,
179, 232-234, 235-237, 255, 256-257, 257,
295-296, 299, 303-304, 315, 350-352

Vale do Vouga (Linha do): 218

Valença do Minho: 353

Vila da Praia (Acção da) em 1829: 127-136

Vizem: 185 e seq.^{tes}

" : Hotel Portugal: 185-186.

Voz (A), jornal de Lx.^o: 237-238.

